



HENRIQUE EUGÊNIO DE CARVALHO GOMES

**MEMÓRIAS DE PRAÇAS DO BAIRRO DA
PONTA GROSSA - MACEIÓ/AL:
o discurso populista transformado em arquitetura na
"Cidade Sorriso" do prefeito Sandoval Cajú (1961-1964)**

Orientadora Prof.^a Dr.^a Josemary Omena Passos Ferrare

MACEIÓ
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

HENRIQUE EUGÊNIO DE CARVALHO GOMES

**MEMÓRIAS DE PRAÇAS DO BAIRRO DA PONTA GROSSA - MACEIÓ/AL:
o discurso populista transformado em arquitetura na "Cidade Sorriso" do
prefeito Sandoval Cajú (1961-1964)**

MACEIÓ

2021

HENRIQUE EUGÊNIO DE CARVALHO GOMES

**MEMÓRIAS DE PRAÇAS DO BAIRRO DA PONTA GROSSA - MACEIÓ/AL:
o discurso populista transformado em arquitetura na "Cidade Sorriso" do
prefeito Sandoval Cajú (1961-1964)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Josemary Omena Passos
Ferrare

MACEIÓ

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

G633m Gomes, Henrique Eugênio de Carvalho.

Memórias de praças do bairro da Ponta Grossa - Maceió/AL : o discurso populista transformado em arquitetura na “Cidade Sorriso” do prefeito Sandoval Cajú (1961-1964) / Henrique Eugênio de Carvalho Gomes. – 2021.

343 f. : il. color.

Orientadora: Josemary Omena Passos Ferrare.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 193-200.

Apêndices: f. 201-313.

Anexos: f. 314-343.

1. Maceió (AL). Prefeito (1961-1964: Sandoval Cajú). 2. Praças. 3. Arquitetura moderna. 5. Arquitetura popular. I. Título.

CDU: 712.254(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO – DEHA

Henrique Eugênio de Carvalho Gomes

Memórias de Praças do Bairro da Ponta Grossa – Maceió /AL: o discurso populista transformado em arquitetura na “Cidade Sorriso” do prefeito Sandoval Cajú (1961 - 1964)

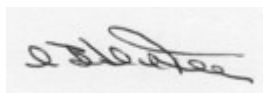
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em 05 / 08 / 2021

BANCA EXAMINADORA



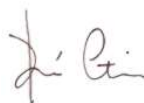
Prof. Dra. Josemary Omena Passos Ferrare
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Prof. Dra. Maria Berthilde de Barros Lima e Moura Filha
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFPB



Prof. Dra. Juliana Michaello Macêdo Dias
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Prof. Dra. Débora de Barros Cavalcanti Fonseca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, ao Gianluca, à minha orientadora,
Professora Josemary Ferrare, e aos professores do
PPGAU.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo produzir reflexões sobre os impactos e as relações desenvolvidas entre moradores do bairro da Ponta Grossa, situado na cidade de Maceió, e o tratamento aformoseador “modernista” que este recebeu nos primeiros anos da década de 1960 através do processo de renovação urbana empreendida pelo prefeito Sandoval Cajú que entregou ao bairro praças e equipamentos públicos no período de sua gestão (de 1961 a 1964), redefinindo a configuração morfológica da paisagem deste local e imprimindo novos significados e conformações estéticas ao bairro. Definidos como prioridades da atuação do político, esses logradouros foram compromissos enfatizados no discurso populista de sua campanha que se propunha a transformar Maceió em “Cidade Sorriso”, *slogan* que adotou para a sua gestão administrativa e o fez imprimir em muitos dos equipamentos urbanos construídos, “batizando” espaços públicos com essa marca sintetizada em um “S” que, embora sabidamente correlacionado à inicial do seu próprio nome, passou a corresponder a uma insigne de modernização posta em bancos e canteiros de praças, chafarizes, abrigos para paradas de ônibus, etc. As discussões aqui apresentadas procuram examinar esses logradouros entendendo tais expressões arquitetônicas provindas do discurso populista do político, como representantes dos anseios de modernidade dos moradores da Ponta Grossa na época, enquanto promotoras de apropriações cotidianas, relacionando-as com as memórias destes sujeitos anônimos valorizando pluralidades como expressões da memória coletiva, ligadas a historicidades e temporalidades. Entende-se ser importante a discussão desse momento histórico relevante para a constituição do “sentimento de modernidade” de um dos bairros de Maceió e a expressividade simbólica deste ideário de concepção “Modernista Popular”, com vistas a verificação das dinâmicas dos processos de confrontação ocorridos entre as praças, o bairro, seus moradores, desvelando os prováveis motivos que as relegaram ao silêncio, visto que muito pouco ainda hoje existe desse acervo de linguagem particular e representativa.

Palavras-chave: Memória. Sandoval Cajú. Praças. Modernismo Popular.

ABSTRACT

The ensuing dissertation seeks to produce analysis about the impacts and connections developed between the residents of Ponta Grossa district, located in Maceió, and the modern embellished transformation that took place in the area in the beginning of the 1960's through the urban renovation process implemented by mayor Sandoval Cajú who introduced squares and public equipments in the area during his governance (from 1960 to 1964), in that way redefining the morphological characteristics of the area and establishing new meanings and an aesthetic shape for the region. The politician chose this place as his priority. It was he who highlighted during his campaign that he will transform the city into a "Cidade Sorriso" – a City of Smiles-, slogan used during his time as mayor and that was also imprinted around the newly built areas and equipments in the shape of the letter "S" which, wisely correlated to his own initial, would be seen as a sign of modernization found on benches and flowerbeds located in squares, water fountains, bus stops and more. The following discussions aim to examine these places, considering the architectural expressions as representative of the yearnings for modernization from the inhabitants of Ponta Grossa at that time since they were the occupants of the area on a daily basis and represented a common wish connecting the places to the memories from these unnamed individuals taking into consideration their diversity as a collective expression. This is considered an important discussion in this moment in time due to the building of a "feeling of modernity" from one of the districts of Maceió and the symbologic expression of the idea of "Popular Modernism" conception with the purpose of verifying the dynamics of the confrontation processes that occurred between squares, the district itself and its residents, uncovering the probable motives that relegated them to silence since today very little of that collection, both in particular and representative language, remains.

Keywords: Memories. Sandoval Cajú. Squares. Popular Modernism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: O bangalô da Ponta Grossa, localizado na Rua Santo Antônio: (a) vista frontal da casa; (b) bilhete escrito de punho, por minha avó Dulce, perguntando as suas irmãs, que moravam fora, o que elas achavam da casa.	19
Figura 2: (a) Meu tio Esdras com meus avós, logo após a mudança para a Ponta Grossa; (b) Meus avós, Pedro e Dulce, na nova casa.	20
Figura 3: (a) Minha mãe na casa da minha avó, em frente à parede de cobogós de louça azul; (b) Minha mãe e eu no jardim da casa da minha avó Dulce; (c) Meus pais, Rogério e Nyra, na rede da varanda reformada da casa da minha avó.	23
Figura 4: (a) Minha foto na frente da TV no "biombo" onde morávamos; (b) Eu brincando na varanda da casa de minha avó Dulce, ao fundo e ao lado esquerdo, os <i>brises-solleis</i> de concreto, elemento moderno inserido na varanda durante a reforma; (c) Eu e um detalhe da parede de cobogós azuis.	24
Figura 5: Foto de parte da família, meus avós e as noras, reunidos no Natal.	26
Figura 6: O bairro da Ponta Grossa durante a pandemia do COVID-19. Fotos tiradas de dentro do carro.	28
Figura 7: (a) e (b): Pessoas usando máscara na Praça Nossa Senhora das Graças; (c) Pessoas usando máscara no ponto de ônibus da Praça Santa Tereza.	30
Figura 8: Mãe e filha (supõe-se) em momento de carinho na Praça Nossa Senhora das Graças. Foto tirada de dentro do carro.	32
Figura 9: Janela do meu apartamento.	33
Figura 10: Mapa da cidade de Maceió	36
Figura 11: Mapa da Ponta Grossa destacando seus limites.	37
Figura 12: Diagrama ilustrativo dos objetivos da pesquisa e metodologia utilizada. .	44
Figura 13: Colunatas e painel de azulejos de Candido Portinari no edifício do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1946.	61
Figura 14: Ministério da Educação e Saúde – Rio de Janeiro. Ca. 1950, Marcel Gautherot.	61
Figura 15: Plano piloto, concebido através da ideia do gesto de quem assinala uma cruz. Um símbolo de conquista, de quem toma posse de um território.	62
Figura 16: (a) (b) Painéis em residência em Cachambí-RJ, 1968 que destacam a visão poética do proprietário, (c) telhado invertido e painéis de pedra em Jacarépaguá – RJ, 1966.	70
Figura 17 : (a) Visão religiosa em residência em Coroa Grande-RJ, 1965, (b) (c) e o caráter visionário evidenciado nos pilares estruturais em destaque da residência em Piedade-RJ, 1965.	71
Figura 18: A interferência na arquitetura moderna livre de obstáculos conceituais presentes (a) na residência em Saquarema – RJ, 1962, (b) (c) na residência em Santa Cruz-RJ, 1962, (d) nas residências geminadas nos subúrbios do Rio de Janeiro (n.d.)	72
Figura 19: Residências exemplares do modernismo popular no interior de Alagoas: (a) São José da Laje-AL, residência com azulejos em pedaços no gigante, barrado em pedra com friso preto e imagem de santo ao centro da fachada; (b) Porto de Pedras-AL, residência com telhado invertido e gigante contornando toda a fachada; (c) e (d) Viçosa-AL, residência com fachada com platibanda e colunas em “Y” que	

sustentam laje em concreto; (e) e (f) Viçosa-AL, residência com coluna circular que apoia a laje do terraço; (g) Porto de Pedras-AL, residência com composição inventiva de fachada.	75
Figura 20: (a) Painel revestido em azulejo colorido com motivo de cultura popular na Praça Sinimbu; (b) Painel com a fonte do "Mijãozinho"; (c) Praça Marechal Deodoro da Fonseca com destaque para a fonte de azulejos coloridos.....	78
Figura 21: (a) Fonte com mapa de Alagoas dividido por municípios e a marca do "S" de Sandoval Cajú revestidos em azulejo colorido e estátuas de índios de tribos alagoana (Caeté) e paraibana (Tabajara) na Praça Centenário; (b) Detalhe do mapa depois de reforma empreendida pelo poder público; (c) Detalhe de banco contínuo e sinuoso presente na Praça Centenário; (d) e (e) Detalhe das figuras dos índios presentes na fonte central da centenário.	79
Figura 22: (a) Caminhos e ponto de ônibus da Praça Santa Tereza; (b) Bancos curvos na Praça Nossa Senhora das Graças.....	81
Figura 23: Mapa da região periférica próxima à Lagoa Mundaú com a localização dos primeiros assentamentos.....	86
Figura 24: (a), (b) e (c) Porto e Canal da Levada no começo do séc. XX.	87
Figura 25: (a) Palácio do Governo, em 1902, sendo inaugurado; (b) Palácio do Governo na década de 1910; (c) Praça Deodoro, em 1907, mostrando a construção do Teatro Deodoro; (d) Teatro Deodoro em 1915; (e) Intendência Municipal de Maceió em 1910; (f) Tribunal de Justiça na Praça Deodoro em 1930.....	90
Figura 26: Praça Euclides Malta, atual Praça Sinimbu: (a) a praça sendo construída em 1905; (b) aspecto geral da praça na década de 1900; (c) a praça no final da década de 1900; (d) estátua do Visconde de Sinimbu e prédio do CATU.	91
Figura 27: (a) Praça Wanderley de Mendonça; (b) Praça Dom Pedro II no final de 1910; (c) construção da Praça dos Martírios; (d) Praça dos Martírios com igreja em destaque ao fundo, em 1911; (e) movimentação de pessoas em passeio na Praça Dom Pedro II, no início do século XX; (f) Praça Dom Pedro II no início do século XX; (g) aspecto da Praça Deodoro no início do século XX.	92
Figura 28: (a) Praça Dom Pedro II, com a Catedral e a Assembleia Legislativa ao fundo; (b) Igreja Nosso Senhor Bom Jesus dos Martírios; (c) novo aspecto da Praça Marechal Deodoro, com o Teatro Deodoro inaugurado; (d) Coqueiral na Praia de Ponta Verde em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949); (e) Coqueiral e jangada em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949); (f) Sítio Catuçaba, coqueiros e barco à vela às margens da Lagoa Mundaú em cartão postal da série Typ. Commercial M. J. Ramalho (1912-1918); Cartão postal da Praça Euclides Malta em 1910-1911.	93
Figura 29: (a) Aspecto da Avenida da Paz após a reestruturação empreendida pelo prefeito Antilópio de Melo- Jayme de Altavila; (b) o coreto inaugurado em 1928.....	95
Figura 30: (a) Famoso castelinho da Rua Santo Antônio – anos 1940, (b) residência localizada no entorno da Praça Santa Tereza com fachada Protomoderna. Os dois exemplares passaram por modificação ao longo dos anos.....	97
Figura 31: (a) Praça das Graças, nos anos 1940, com o prédio do Primeiro Centro de Saúde de Maceió; (b) Mercado Público de Maceió em 1939; (c) Praça Emílio Maya em frente ao Mercado Público de Maceió; (d) Terreno no início da Ponta Grossa.....	98

Figura 32: Pista de pouso de hidroaviões remanescente nas margens da Lagoa Mundaú.	99
Figura 33: Hidroavião no cais do Vergel do Lago em 1940.....	100
Figura 34: (a) abertura da Av. Fernandes Lima com acesso ao bairro do Farol; (b) e (c) Av. Ângelo Neto mostrando o começo da urbanização do bairro do Farol; (d) Casarão onde funcionou o Colégio Guido a partir de 1940, na Rua Ângelo Neto, no bairro Farol.	100
Figura 35: Residências no bairro do Farol, bangalôs e estilo Neocolonial.	101
Figura 36: (a) Antiga Faculdade de Direito de Alagoas exemplar de arquitetura protomoderna em 1940.	103
Figura 37: Edifício Brêda, ícone da arquitetura modernista em Maceió, inaugurado em 1958.	104
Figura 38: Mapa do bairro da Ponta Grossa com as principais vias já constituídas nos anos 1950.....	106
Figura 39: (a) Fachada de acesso do atual Espaço Cultural da UFAL, antiga Faculdade de Engenharia e posteriormente Reitoria. Ocupa o lugar do antigo Lyceu de Artes e Ofícios; (b) Residência Universitária com destaque para a torre do relógio. Ambos os prédios, localizados na Praça Sinimbu, são de autoria da Arquiteta Zélia Maia Nobre.....	112
Figura 40: Praça dos Martírios com a fonte luminosa nos anos: (a) 1960; (b) dias atuais.....	113
Figura 41: (a), (b), (c), (d) e (e): Casas em bairros populares em Maceió que recebem abundante utilização de adornos com efeito modernizador, recursos decorativos estilizados, elementos de composição geométricos. Importante observar também o “gigante” elemento marcante em muitas das fachadas deste período. ...	114
Figura 42: Casas construídas no bairro da Ponta Grossa entre as décadas de 1950 e 1960, com características arquitetônicas adaptadas do estilo moderno (uso de platibandas e detalhes de fachada). Nos seus materiais constituintes, pode-se observar o uso abundante do azulejo colorido como revestimento, além do concreto e revestimento em pedra, materiais em uso na época.....	115
Figura 43: No interior das residências dos bairros populares, a assimilação dos elementos e mobiliário modernistas.	118
Figura 44: Imagem de Sandoval Cajú em seu livro Sonhos e Pesadelos.	122
Figura 45: Primeira página da edição do Jornal de Alagoas de 2 de outubro de 1960	127
Figura 46: Candidatos à Prefeitura de Maceió em matéria do Jornal de Alagoas de 2 de outubro de 1960	127
Figura 47: Peça publicitária da campanha eleitoral de Sandoval Cajú no Jornal de Alagoas de 10 de setembro de 1960. Em destaque, trecho da propaganda do candidato	128
Figura 48: "Santinho" distribuído durante a campanha eleitoral de Sandoval Cajú em 1960.	128
Figura 49: À esquerda, Sandoval Cajú, de branco, em comício para a prefeitura de Maceió; à direita, Sandoval Cajú em campanha, 1960.	129
Figura 50: Matéria publicada no Jornal de Alagoas de 7 de agosto de 1960 com o título "Criminosamente praças e monumentos são depredados à falta de produção: sugestão à edilidade para que repare êrros, construindo alguma coisa de útil em	

lugar de atentar contra o erário". Em destaque, recorte da matéria mencionada mostrando seu título	132
Figura 51: Matéria do Jornal de Alagoas publicada em 2 de fevereiro de 1961, mostrando a posse do então Prefeito Sandoval Cajú	133
Figura 52: Fotos das capas de três livros de Sandoval Cajú.....	134
Figura 53: Localização das praças nos bairros de Maceió entregues por Sandoval Cajú em sua gestão (1961-1964).....	137
Figura 54: (a) Os desenhistas-projetistas Lauro Menezes e José Passos na SUMOV; (b) Retrato de José Passos; (c) Molde em 'papel madeira' do "S", desenhado por José Passos para incrustação no marmorite em que eram executados os bancos e demais equipamentos das praças da gestão de Sandoval Cajú.	143
Figura 55: Exemplos de canteiros marcados por alvenaria alta e delimitador de passeios nas praças: (a) Santo Antônio; (b) Independência; (c) Centenário; (d) Santa Tereza.	144
Figura 56: Exemplos de bancos contínuos sinuosos sem encosto nas praças: (a) Santo Antônio, na Ponta Grossa; (b) Antídio Vieira, no Farol; (c) Guedes de Miranda, na Ponta Grossa.	144
Figura 57: Exemplos de bancos com encostos nas praças: (a); (b) e (c) Visconde de Sinimbú; (d) Parque Gonçalves Lêdo. Observar os "S" incrustados no marmorite dos bancos.....	145
Figura 58: (a), (b), (c), (d), (e) e (f) são detalhes do painel existente na Praça Visconde de Sinumbú, localizado no trecho da praça, batizada por Sandoval Cajú, Jorge de Lima.....	145
Figura 59: (a) e (b) Exemplos de equipamentos de lazer infantil executados com marmorite na Praça Visconde de Sinimbú com outras soluções de uso do ícone "S".	146
Figura 60: Fontes e painéis revestidos de azulejos coloridos: (a) fonte com mapa de Alagoas revestido com azulejo na Praça do Centenário ; (b) fonte com Mijãozinho na Praça Visconde de Sinumbú; (c) painel revestido em azulejo colorido na Praça Visconde de Sinumbú; (d) fonte na Praça Marechal Deodoro.	147
Figura 61: Exemplos de equipamentos de lazer infantil executados com marmorite nas praças: (a) Centenário; (b) Santa Tereza.	147
Figura 62: Exemplos de monumentos ligados a cultura nordestina e alagoana nas praças: (a) Moleque Namorador; (b) do Centenário. O monumento da figura (b) é composto pelo mapa do estado de Alagoas, com a divisão dos municípios de 1960, revestido por azulejos coloridos e estátuas de índio da tribo paraibana Tabajara (à esquerda) e índio da tribo Caeté (à direita).....	148
Figura 63: Exemplos de pontos de ônibus em arcos executados em concreto nas praças: (a) e (b) Santa Tereza; (c) Marechal Deodoro.....	148
Figura 64: (a) e (b) Exemplos de jardineiras luminosas revestidas com azulejos coloridos e base em pedra na Praça Alfredo Maya (3º Distrito), no bairro da Ponta Grossa.....	148
Figura 65: Exemplos da presença (agora residual) do "S" de Sandoval Cajú que identifica a sua atuação em diversas praças de Maceió: (a) e (b) Praça Santa Tereza; (c) Praça Santo Antônio; (d) Praça Alfredo Maya (3º Distrito); (e) Praça Moleque Namorador; (f) Praça do Centenário.....	149

Figura 66: Mapa da Ponta Grossa com localização das praças de Sandoval Cajú (1961-1964).....	154
Figura 67: Algumas das praças de Sandoval Cajú no bairro da Ponta Grossa: (a) Praça Moleque Namorador com o "S" de Sandoval Cajú em monumento central; (b) Praça Nossa Senhora das Graças com caminhos e bancos sinuosos e jardineiras elevadas; (c) Praça Santo Antônio com jardineiras e caminhos sinuosos; (d) Detalhe de banco com encosto em marmorite na Praça Santa Tereza	155
Figura 68: Cinema Lux, prédio com fachada protomoderna.	168
Figura 69: Mapa com percurso dos foliões na Praça Moleque Namorador.....	173
Figura 70: Moleque Namorador, o "rei do passo", homenageado por Sandoval Cajú em praça no bairro da Ponta Grossa.	174
Figura 71: Percurso da Procissão do Senhor Morto.....	176
Figura 72: Situação atual da fonte na Praça Sinimbu, localizada na região central de Maceió, reformada por Sandoval Cajú durante sua gestão.	190
Figura 73: (a) detalhe de banco circular na Praça Santo Antônio – Ponta Grossa; (b) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, onde observa-se o banco com encosto pintado de vermelho e os caminhos com jardineiras altas pintadas em verde; (c) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, onde observa-se jardineira circular alta com “S” semi soterrado; (d) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, banco sem encosto destruído; (e) e (f) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, banco com encosto e detalhe do estado atual deste equipamento; (g) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, detalhe do ponto de ônibus pintado em azul; (h – k) estado atual de algumas construções nos arredores da Praça Santa Teresa – Ponta Grossa.	191

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: A autoria das praças da gestão Sandoval Cajú distribuídos em distritos e bairros de Maceió.....	138
Tabela 2: Praças de Sandoval Cajú no bairro Ponta Grossa com características existentes e equipamentos remanescentes .	156

LISTA DE ABREVIATURAS

APA – Arquivo Público de Alagoas

DENERU – Departamento Nacional de Endemias Rurais

FEB – Força Expedicionária Brasileira

IHGAL – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

MISA - Museu da Imagem e do Som de Alagoas

PPGAU – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

SUMOV – Superintendência Municipal de Obras e Viação

UEP – Unidade Especial de Preservação

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

PRÓLOGO	16
INTRODUÇÃO	35
1.MEMÓRIAS, MODERNIDADE E MODERNISMO.....	48
1.1 Sobre a cidade, o tempo, a história e a memória	48
1.1.1 História Oral e os caminhos da memória.....	56
1.1.2 Modernismo e modernidade no Brasil: do erudito ao popular	60
1.1.3 O modernismo alagoano e suas excepcionalidades	76
2.DAS MEMÓRIAS DA CIDADE DE MACEIÓ E DA PONTA GROSSA ATÉ OS ANOS 1960: CONTEXTO HISTÓRICO, DISCURSO E DESEJO	84
2.1 Maceió, da República aos anos 1960: “modernidades” atreladas as temporalidades locais.....	84
2.2 A Ponta Grossa nos anos 1950: estrutura, pensamento e desejo sob o olhar da população.....	104
2.3 O ideal de modernidade aflora na cidade e na Ponta Grossa	111
3.DAS MEMÓRIAS SOBRE SANDOVAL CAJÚ, CAMPANHA E ELEIÇÃO	122
3.1 Quem era aquele homem que falava no rádio?	122
3.2 De locutor a prefeito. Comícios, discursos e populismo: “vim de branco para ser mais claro”	126
3.3 Construindo a “Cidade Sorriso”: o discurso populista na gestão do prefeito e as apropriações na cidade de Maceió.....	135
4.DAS MEMÓRIAS DO MODERNO POPULISTA DE SANDOVAL CAJÚ, OBRAS E PRAÇAS NA PONTA GROSSA: O COTIDIANO E OS DIAS DE FESTA	153
4.1 As praças de Sandoval Cajú na Ponta Grossa: Novas paisagens	153
4.2 As praças como vetores de novas composições em seus entornos e novo cotidiano	164
4.3 O boêmio bairro da Ponta Grossa – festas populares e religiosas.....	172
4.4 O modernismo populista das praças: de símbolos de modernidade a alvo de esquecimento político.....	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
REFERÊNCIAS.....	193
APÊNDICE	201
APÊNDICE A – Guia de entrevistas e entrevistados.....	201
APÊNDICE B – As entrevistas	205

ANEXO.....	314
ANEXO A - Imagens do estado atual das praças de Sandoval Cajú no Bairro da Ponta Grossa.	314

PRÓLOGO

Histórias e memórias se entrelaçam e propõem significados amplos e entendimentos de um determinado período da história. Sob esta perspectiva, pretendi desenvolver essa dissertação de mestrado, entendendo-a como um contributo das minhas experiências e reflexões sobre acontecimentos que se sobrepõem e se complementam, enquanto traçam um panorama do cotidiano de famílias e pessoas. Relatos que se entrelaçam com fatos históricos de forma contínua, estabelecendo diálogos e transversalidades e servindo como reflexões sobre lugares e temporalidades. Camadas de interpretação de acontecimentos históricos vividos por mim, pela minha família e por moradores do bairro da Ponta Grossa, onde nasci.

Meu pai, nasceu em Anadia, cidade do interior de Alagoas, em 16 de setembro de 1937. Era o filho mais velho de Pedro, funcionário público, e de Dulce, professora primária. Meus avós, se casaram cedo, como era costume na época, minha avó com 18 anos e meu avô com 22. Devido às constantes transferências de meu avô, que trabalhava no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a família Ferreira Gomes precisou se deslocar constantemente, vivendo em algumas cidades da região central do estado de Alagoas. Passaram por Anadia, Quebrangulo, Atalaia e São Luiz do Quitunde. Constituída de meus avós e o filho Rogério, meu pai, a família foi crescendo aos poucos, minha avó, extremamente programada, teve um filho de seis em seis anos. Vieram então, Esdras, nascido também em Anadia em 1943 e Pedro Filho “ponta de rama” que nasceu em Atalaia no ano de 1946.

Em um dia qualquer de setembro de 1948, meu avô Pedro disse à mesa, durante o almoço da família, que Rogério iria morar na capital. O menino, com então 11 anos de idade, que já tinha concluído até a terceira série do primário no Grupo Escolar Rui Barbosa em Anadia e cursado a quarta série primária no Grupo Escolar Messias de Gusmão em Atalaia, cidade onde moravam na época, precisava seguir seus estudos para prestar o exame de admissão que permitia o ingresso no curso ginásial. Os preparativos para a viagem foram intensos, minha avó e sua mãe Maria prepararam um enxoval, dentro das possibilidades da família humilde, para o primeiro filho que iria deixar a família para estudar em um colégio interno na capital. Rogério, levava consigo o desejo de estudar e morar numa cidade maior que lhe desse possibilidades de concretização de seus sonhos. Como dizia meu avô, “o menino estava virando homem”, e precisava seguir sua vida.

Na realidade eu não sabia se viria estudar em Maceió, a vida era para mim uma incógnita naquele momento, eu tinha cursado até a terceira série do primário em Anadia e depois, com a transferência de meu pai para Atalaia, tinha terminado os estudos no Grupo Escolar Messias de Gusmão em Atalaia e para seguir estudando precisava vir, pois naquela época não existia o curso ginásial em Atalaia e em nenhuma cidade próxima. Meus pais sabiam disso e queriam muito que eu me formasse, então num dia próximo ao meu aniversário que é dia 16 de setembro, meu pai disse, na hora do almoço, me lembro bem desse dia, que eu viria estudar num colégio interno em Maceió e que eu precisava ser um bom aluno pois ele estava fazendo um grande esforço para pagar o colégio e minha vida em Maceió, fiquei apreensivo pois conhecia pouco a cidade e não tinha amigos ou pessoas que pudessem me ajudar. Sabe, me dar um apoio, mas eu queria muito vir para Maceió, era um sonho que iria se realizar. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Maceió, parecia para Rogério, um rapaz interiorano, uma cidade enorme, repleta de luz e possibilidades de prosperidade. Logo se habituou com o dia a dia do colégio, afazeres e obrigações. O que ele mais gostava eram os passeios dos finais de semana, as idas ao centro e ao cinema, paixão que nutria desde pequeno. Adorava folhear as revistas “Cinerama” com fotos dos astros de *Hollywood* e sonhar com um mundo que não conhecia, mas que lhe parecia extremamente excitante e desafiador. Os ares vanguardistas da capital, pareciam para Rogério, contrastantes e desafiadores com as novas possibilidades e o cotidiano diferente que estavam se descortinando, as novas pessoas, as novas amizades. Neste contexto de novidade, incluíam-se os passeios nas praças de Maceió, onde, aos finais de semana, se concentrava a turma de estudantes e as “garotas bonitas”, todos arrumados para o “*footing*”, que era como os jovens chamavam aqueles encontros que aconteciam principalmente na Praça Marechal Deodoro, localizada no centro de Maceió.

Maceió era uma cidade grande, fui estudar no colégio Guido de Fontgalland, que era o melhor colégio da época, era um internato também. Lá, logo fiz amizades com outros garotos e me sentia bem enturmado. Nos fins de semana podíamos sair do colégio para passear, íamos ao centro passear na praça Deodoro que era o ponto de encontro dos adolescentes da época. Nós chamávamos de “*footing*” porque ficávamos caminhando em volta da praça e paquerando. Íamos ao cinema, tomávamos sorvete e eu sempre guardava um dinheirinho para comprar uma ou duas revistas de cinema, eu adorava ver essas revistas e acompanhar a vida dos astros de Hollywood. Cinema sempre foi um de meus passatempos preferidos, eu colecionava as revistas e sonhava com a vida daqueles astros” Era muito bom também passear pelo centro nos sábados à tarde, saíamos do colégio que ficava próximo a ladeira da catedral, e íamos andando até a praia da avenida e depois para a praça. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Depois de Rogério, os outros filhos também deveriam ir morar na capital, pois como falava entusiasmada a minha avó Dulce: “quero um filho médico, um advogado e um professor”. Ele seria o professor. Com o passar dos anos, meu avô, pensando nos gastos que tinha para manter os filhos estudando na capital, resolveu que seria

mais acertado se toda a família se transferisse para Maceió. A casa que meu avô tinha conseguido comprar com as economias de uma vida inteira, localizava-se no bairro da Ponta Grossa, escolhido porque ficava próximo do centro, tinha colégios próximos e permitia o deslocamento sem necessidade de transporte.

Eu já estava morando em Maceió, mas o meu irmão Esdras precisava vir então meu pai decidiu transferir toda a família para Maceió, ele veio algumas vezes para ver casas e percorreu alguns bairros onde poderia comprar a casa, ele gostou muito do bairro da Ponta Grossa porque era um lugar próximo do centro e os imóveis tinham preços condizentes com o que meu pai podia gastar, era um bairro popular de famílias “decentes” e trabalhadoras e tinha também comércios próximos. Tinha farmácia, padaria, mercadinhos e ficava bem perto do bairro da Levada onde ficava o mercado público. A Ponta Grossa na época era um bairro bem interessante, tinha ainda muitos terrenos baldios e muita gente do interior ia morar lá. Como meu pai não poderia se transferir logo para Maceió, meus avós que, na época já estavam aposentados vieram para estruturar tudo até eles, meus pais, se arrumarem por lá. Meus avós acabaram ficando em Maceió até falecerem. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

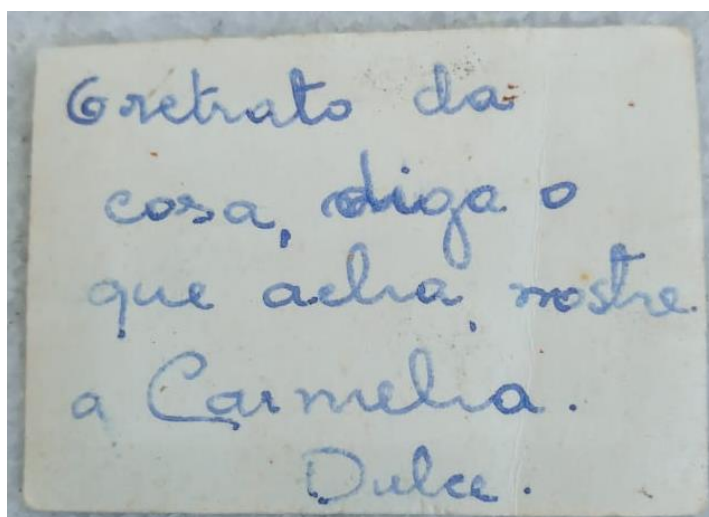
A casa escolhida, um bangalô com terreno que se estendia da Rua Santo Antônio até Rua Félix Bandeira, era arejada e grande o suficiente para abrigar a toda a família. Tinha um hall de entrada, salas de estar e jantar, uma pequena varanda lateral, dois quartos na parte da frente cujas portas davam para as salas, um corredor com o acesso à pequena cozinha e mais dois quartos e um banheiro na parte dos fundos. No quintal havia um “puxadinho” com uma área de serviço que funcionava também como uma cozinha externa e mais dois quartinhos com banheiro colocados ao lado direito. “Era a maior casa daquele trecho”, dizia minha avó animada com a mudança (Figura 1).

Minha avó, só conhecia a casa por uma fotografia que foi tirada pelo antigo proprietário e dada ao meu avô numas de suas vindas à Maceió para procurar o lugar para onde traria definitivamente a família. Ela concordou com a compra, mas já foi logo pensando que teria que reformar a casa para deixá-la como as casas que ela via nas revistas de variedades da época e nas fotos e recortes que recebia nas cartas de suas irmãs que moravam fora, uma em Pernambuco e outra nos EUA.

Minha mãe era caprichosa e voluntariosa, ela queria que a casa se parecesse com as dos almanaques de decoração que ela via e também das revistas que folheava. Ela queria que a casa fosse parecida com as fotos e os recortes que recebia nas cartas de suas irmãs que moravam fora, uma, a tia Berenice morava em Miami e a outra, a tia Carmélia morava em Recife. Meu pai comprou o bangalô da Rua Santo Antônio, mas ela queria reformá-lo assim que pudessem. Quando mudaram para a casa, depois de uns meses, minha mãe contratou um pedreiro e com as revistas que tinha acesso na época, logo começou a reforma. Ela gostava dos ladrilhos em preto e branco no piso e

queria colocá-los na varanda lateral, onde também foi colocado um painel de cobogós de louça azul e ainda uns brises feitos de estuque na lateral. Ela ficou feliz e tratou de aos poucos ir comprando uns móveis bem diferentes para a varanda e para a casa. Os móveis eram simples, mas eram cópias de móveis famosos na época. Minha mãe queria ser uma dona de casa moderna. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Figura 1: O bangalô da Ponta Grossa, localizado na Rua Santo Antônio: (a) vista frontal da casa; (b) bilhete escrito de punho, por minha avó Dulce, perguntando as suas irmãs, que moravam fora, o que elas achavam da casa.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Mudaram-se, portanto, todos para a Ponta Grossa. Chegaram em Maceió no final dos anos 1950 (Figura 2). Tinham que se acostumar com o novo ritmo de vida na nova cidade, esperançosos por tempos melhores e satisfeitos por poderem proporcionar aos filhos a possibilidade de “vencerem na vida”. Foram tempos difíceis de lida. Meu avô percorria o caminho até o trabalho no centro da cidade a pé e passava no mercado localizado no bairro vizinho da Levada trazendo a feira da semana. Nesta

época, minha avó resolveu que não trabalharia mais fora, passando a ficar em casa para cuidar dos afazeres domésticos e acompanhar de perto os estudos dos filhos.

Figura 2: (a) Meu tio Esdras com meus avós, logo após a mudança para a Ponta Grossa; (b) Meus avós, Pedro e Dulce, na nova casa.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Meu pai concluiu o curso ginásial no Colégio Guido de *Fontgalland*, e na sequência foi transferido para o Colégio Estadual onde concluiu os estudos, depois disso prestou vestibular para a Faculdade de Pedagogia e Letras de Alagoas e frequentou os últimos períodos do curso, na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, onde depois veio a ser professor até se aposentar. Nesse período, também prestou

concurso para bancário do Banco do Nordeste do Brasil e ministrava aulas de inglês, ajudando a família financeiramente enquanto estudava para se formar professor.

Depois que meus pais se mudaram para a Ponta Grossa eu deixei o internato no Colégio Guido e me transferi para o Colégio Estadual onde conclui os estudos, indo depois estudar para o vestibular. Passei no vestibular de letras da Faculdade de Pedagogia e Letras de Alagoas e depois pedi transferência para a UFAL. Na época passei num concurso para ser bancário do Banco do Nordeste, onde trabalhei até terminar a universidade. Eu também, nesse período, dava aulas de inglês particular para ajudar no orçamento da família e também para me manter na universidade. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

A vida no bairro da Ponta Grossa era tranquila, minha avó logo fez amizades com os vizinhos e moradores do local, a vida social era intensa. Ela frequentava “religiosamente” as missas de domingo na igreja de Santa Tereza, ou da Casa dos Pobres no Vergel do Lago e realizava encontros de conversa nos fins de tarde, nas cadeiras postas à frente de sua casa, nas visitas para trocar receitas ou pontos de crochê ou nas idas à praça com meu avô para ver o movimento. No rádio, sempre ligado na emissora Progresso, minha avó escutava com atenção o programa de Sandoval Cajú que eram programas animados e repletos de novidades, o que fez minha avó chamar a atenção da família para aquele radialista que falava dos problemas da cidade e exigia ações dos políticos da época para os problemas estruturais que Maceió apresentava.

Minha mãe adorava a Ponta Grossa, adorava ficar na porta, no jardim sentada numa cadeira e cumprimentar e puxar conversa com as pessoas que passavam, todo mundo conhecia a D. Dulce ali na Rua Santo Antônio. Ela também adorava ficar conversando com D. Zenita, a vizinha de frente, e trocar modelos de aplicações de crochê. Também adorava passear com meu pai na Praça Santa Tereza, ficavam sentados lá vendo o movimento. Quando estava dentro de casa ficava sempre com o rádio ligado, foi ela que me chamou a atenção para o programa que o Sandoval Cajú tinha na rádio Progresso, ela adorava aquele homem que falava tão abertamente dos problemas de Maceió e que exigia uma solução dos políticos para esses problemas. Ele falava forte e com um linguajar próprio, cheio de bordões. Foi assim que ele conquistou o voto de muita gente quando se candidatou para a prefeitura de Maceió. Apesar de eu achar ele um pouco estranho. Bem, estranho não, acho que era meio “popularesco”, eu acabei votando nele porque era a nossa única esperança de progresso, sabe, no panorama da política da época. Ele falava que ia devolver o sorriso para a cidade, para Maceió, falava que Maceió estava ao “Deus dará” e que ele ia resolver os problemas que a cidade tinha naquele momento, que não eram poucos, principalmente de estrutura, de calçamento e as praças que estavam largadas e cheias de mato, as que tinham fora do centro, abandonadas. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

No começo dos anos 1960, o bairro da Ponta Grossa passava por diversas mudanças, novas casas eram construídas e outras reformadas. Faltava calçar as ruas

e o bairro possuía grandes problemas de infraestrutura, que eram sempre comentados no programa de rádio que minha avó ouvia.

O bairro crescia e “precisava de cuidados” como dizia minha avó Dulce, a Ponta Grossa estava se expandindo sem que as autoridades da época se importassem em dotá-lo de condições que suportassem toda aquela mudança. Os terrenos eram ocupados por novas casas, e novas ruas eram abertas. Veio então a campanha para prefeito de Maceió e aquele radialista de voz empostada que minha avó tanto gostava era um dos candidatos ao cargo.

A candidatura de Sandoval Cajú logo foi tomando corpo, o que deixava minha avó empolgada. Em todos os lugares, ouvia-se falar dele, seus comícios eram famosos pela participação cada vez maior da população e pelos discursos inflamados do radialista.

Minha mãe ficava toda empolgada quando falava de Sandoval Cajú, ela era uma espécie de porta voz dele, falava o tempo todo que ele sim, iria olhar para a Ponta Grossa como ela precisava, que até que enfim um político direito iria tomar conta de Maceió. Ela adorava ir ver de longe os comícios dele na Ponta Grossa e ficava esperando ele passar em carro aberto pela Rua Santo Antônio. Ela fez com que toda família votasse nele. Na realidade a Ponta Grossa estava crescendo muito naquele tempo e precisava com urgência de um governante que olhasse para aquele lugar. E isso foi o que fez com que Sandoval tivesse muitos votos lá na Ponta Grossa, eu mesmo acabei votando nele. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Meu pai relata que tinha um grupo de amigos que se reunia sempre na praça das Graças ou na antiga Praça do Pirulito na Levada, ou no centro, na Praça Deodoro da Fonseca, onde aconteciam os encontros e as paqueras da mocidade de Maceió, no final dos anos 1950. Estão também presentes em sua memória, os carnavais do clube Fênix Alagoano, onde em 1959 ele conheceu minha mãe, natural de Penedo vinda também com a numerosa família para Maceió para concluir os estudos. Casaram-se em 1965, depois de seis anos entre namoro e noivado, indo morar também na Ponta Grossa, numa casa pequena, localizada no Beco dos Elefantes, onde eu nasci, em 11 de junho de 1966. Se mudaram um ano depois para um pequeno, porém “moderno” apartamento construído por meu avô nos fundos da casa da Rua Santo Antônio (Figura 3), com a frente voltada para a Rua Félix Bandeira.

Conheci a Nyra, num carnaval no Clube Fênix Alagoano, os bailes lá eram famosos, todos os meus amigos iam e começamos a namorar logo depois, ela morava na Rua Buarque de Macêdo, no Centro e eu ia a pé todos os dias encontrá-la. Ficávamos namorando na porta de sua casa sob os olhares atentos dos meus sogros, mas também saíamos para passear no “boulevard” que tinha nas margens do Rio Salgadinho ou íamos ao centro para o cinema

ou algumas vezes íamos para a Praia da Avenida, mas sempre com alguém da família dela ou mesmo minha sogra, Dona Olivia, junto. Casamos em 1965 na Igreja dos Pobres no Vergel do Lago e fomos morar numa casa alugada na Ponta Grossa no Beco dos Elefantes, depois meu pai construiu um apartamento que chamávamos de biombo, nos fundos da casa dele, já que o terreno ia de uma rua a outra, da Santo Antônio até a Rua Félix Bandeira, o biombo era bem moderninho e simples, mas era para ajudar aos filhos quando precisassem. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Figura 3: (a) Minha mãe na casa da minha avó, em frente à parede de cobogós de louça azul; (b) Minha mãe e eu no jardim da casa da minha avó Dulce; (c) Meus pais, Rogério e Nyra, na rede da varanda reformada da casa da minha avó.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Minhas lembranças da Ponta Grossa ainda hoje são nítidas e constantes, lembro da casa moderna de minha avó e do “biombo” (Figura 4), apelido carinhoso que usávamos para designar nossa casa que ficava localizada na Rua Félix Bandeira. Lembro com exatidão das brincadeiras no jardim de minha avó, das idas à missa nos domingos pela manhã e das fugidas que eu dava da igreja para brincar nos escorregadores da Praça Santa Tereza. Lembro de sentar-me nos bancos de Sandoval Cajú para tomar sorvete e ficar olhando aqueles “s”¹ e pensando por que tinham tantos “s”. Lembro de ver o povo assistindo o futebol de domingo na televisão que tinha sido instalada na Praça de Santa Tereza. Era uma gritaria só. Lembro dos carnavais na Praça Moleque Namorador e do medo que eu tinha do “mela-mela” com maisena em épocas de carnaval.

São essas memórias repletas de afetividade que permearam minha vida até os dias de hoje. Lembro dos almoços onde não faltava o feijão da Lú, empregada doméstica e companheira de minha avó de uma vida toda, e do cheiro que era exalado no fogareiro de carvão em panela de barro. Lú, nome carinhoso de Maria Luísa, nasceu em São Luiz do Quitunde e veio com a família para Maceió. Ajudou a criar os filhos, os netos e os bisnetos de minha avó, que depois do falecimento de meu avô encontrou nela uma companhia. Elas eram inseparáveis.

Figura 4: (a) Minha foto na frente da TV no "biombo" onde morávamos; (b) Eu brincando na varanda da casa de minha avó Dulce, ao fundo e ao lado esquerdo, os *brise-soleils* de concreto, elemento moderno inserido na varanda durante a reforma; (c) Eu e um detalhe da parede de cobogós azuis.



¹ Os "s" eram as insígnias colocadas por Sandoval Cajú na maioria dos equipamentos urbanos propostos pelo prefeito nas praças em sua gestão frente à prefeitura de Maceió (de 1961 à 1964).



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Na casa de minha avó, as decorações de natal eram sempre muito presentes, ela adorava encher a casa de luzes e bolinhas que ela mesma fazia. Os almoços de final de ano reuniam toda a família, meus pais, tios e primos para celebração de uma missa católica e uma “comilança” depois. Lembro também das festas juninas e da alegria das fogueiras colocadas na porta de casa, dos “traques” e das fantasias de matuto. Minha avó Dulce morou na mesma casa até falecer, em 2013, contando então com 104 anos. Era uma mulher muito forte, foi por anos a matriarca da família e fazia questão de agregar, de realizar os encontros familiares frequentemente. Ela era conhecida como a D. Dulce da Rua Santo Antônio, porque até seus últimos dias de vida, repetia o mesmo “ritual” de ficar sentada na porta de casa, num banco de cimento que mandou construir embaixo de seu jasmim, cumprimentando e conversando com as pessoas que passavam pela sua calçada.

A Ponta Grossa representa para mim todas as alegrias de minha primeira infância. Lá vivi até os 9 anos quando nos mudamos para o bairro do Farol. Desta forma, nada mais natural e justo, que a escolha do bairro da Ponta Grossa para ser o recorte de minha pesquisa de mestrado onde procurei relacionar memória, tempo, espaço e indivíduo examinando as inter-relações e atravessamentos do tema, porque naquele bairro vivi e experimentei sentimentos tão fortes e verdadeiros de pertencimento (Figura 5).

Figura 5: Foto de parte da família, meus avós e as noras, reunidos no Natal.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Era início do mês de março de 2020 quando tive uma primeira conversa com meu pai sobre sua vida e a história da família Ferreira Gomes, sobre a casa de minha avó na Ponta Grossa e como era a vida no bairro nos anos 1960. Seus contatos com o homem público Sandoval Cajú e o porquê de a família ter votado nele quando da sua candidatura para a prefeitura de Maceió. A conversa, inicialmente informal, acabou se configurando como a primeira entrevista, uma espécie de entrevista piloto para que, a partir daí, conversássemos outras vezes e fossemos abordando mais profundamente o tema.

A pesquisa, naquele momento já em andamento, apresenta como objetivo principal entender a presença das arquiteturas de Sandoval Cajú e suas relações com a população do bairro da Ponta Grossa através da memória de seus moradores, estando, até então, delineada para acontecer utilizando-se fragmentos de memórias

do cotidiano, coletados em entrevistas presenciais previamente programadas, com a proposição de investigação da representatividade da “Cidade Sorriso” proposta pelo político e seus entrelaçamentos com matérias publicadas nos jornais da época, pesquisa documental em arquivos públicos e visitas ao bairro para posterior análise e cruzamento de dados.

Seria a partir dessas conversas, entrevistas sob o método de História Oral e outros aportes estabelecidos na metodologia da pesquisa que a dissertação caminharia para as discussões. Através de encontros com pessoas que viveram no bairro da Ponta Grossa nos anos 1960, seriam examinadas as relações estabelecidas entre as memórias cotidianas dessas pessoas e conseqüentemente da população que habitava o bairro no período, com as praças de Sandoval Cajú. Sobre essas arquiteturas buscava-se entender que as memórias e esquecimentos são agentes que reinstituem o ser social. E ainda, sob esta perspectiva, a memória coletiva é de fundamental importância para a construção de dados historiográficos significativos para a história. Constituía-se dessa forma, um pensamento que possibilitasse expressar e vir a desvelar as dinâmicas de confronto entre essas arquiteturas e a Maceió contemporânea.

Entretanto, logo após a primeira conversa estabelecida com meu pai, o mundo parou frente à pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID19). O “mal” se alastrou rapidamente pelo Brasil e por outros países. Fiquei atônito, sem saber que rumo tomar. Precisávamos manter isolamento social, ou seja, evitar encontros com outras pessoas. A reverberação e o verdadeiro tamanho dos impactos do que estávamos vivendo em março de 2020 ainda não eram totalmente conhecidos. O que aconteceria a partir dali na vida humana, na saúde e na economia era uma incógnita. Naquele momento não poderíamos mensurar verdadeiras dimensões ou conseqüências que estariam por vir no cotidiano das pessoas e na vida nas cidades² (Figura 6).

² As fotos seguintes foram tiradas em visitas ao bairro da Ponta Grossa durante a pandemia do novo COVID-19, no ano de 2020, com as devidas medidas de segurança que a situação exigia: mantendo distância entre o pesquisador e seu objeto de estudo (as praças e o bairro).

Figura 6: O bairro da Ponta Grossa durante a pandemia do COVID-19. Fotos tiradas de dentro do carro.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Seria esse tempo um divisor de águas? Teríamos que sobreviver para entender e processar todas as mudanças e indagações. O certo é que a experiência de estarmos vivos durante um período de pandemia possibilitaria a construção de narrativas e de temporalidades que no futuro se constituirão enquanto proposições a serem avaliadas em vários campos disciplinares das ciências.

Os primeiros dias em casa, mantendo o distanciamento social, foram de angústia e permeados de incertezas. Com o fechamento das instituições públicas, das universidades e órgãos de pesquisa, precisaríamos encontrar novos olhares que se

adequassem à nova realidade, novos termos, novas atitudes, novos fazeres, diante do desenvolvimento da pesquisa, mesmo sem sair de casa.

Eu poderia começar entendendo ou observando o que a história nos mostra sobre outros períodos como esses de pandemias, desde a varíola no Egito Antigo, a peste bubônica na Europa do séc. XIV, a cólera no séc. XIX e a gripe espanhola, no séc. XX. Em todos esses acontecimentos, talvez pelo caráter menos globalizado, e por isso mesmo, dimensões diferentes de percepção do tempo ou até mesmo pelas diferenças de localização, essas doenças se espalharam ou se desenvolveram mais lentamente, foram ocorrências de alguma maneira mais localizadas geograficamente e os tipos de transmissão infinitamente mais restritivos, constituindo cenários bem diversos do que vivemos hoje com o COVID19.

Hoje estamos ligados ou interligados por práticas e modos de vida estruturalmente distintos dos que aconteciam nesses outros períodos da história, onde os recursos científicos eram menos avançados. Hoje uma doença como a que enfrentamos se espalha com enorme velocidade e os estudos e meios para detê-la precisam ser ainda mais velozes que suas curvas de contágio. Atualmente, com as grandes cidades, múltiplos meios de transporte que facilita os deslocamentos rápidos e constantes de pessoas e bens de consumo, não existem mais interposições ou barreiras para a expansão pandêmica de uma doença altamente contagiosa como a que estamos lidando em pleno séc. XXI.

Lockdown, isolamento e quarentena, são palavras que vemos todos os dias na imprensa e nos meios de comunicação como a internet, todas elas referem-se a medidas restritivas de convivência e parecem funcionar como barreiras ou ainda como fronteiras entre a vida no interior de nossas casas e a vida externa ou fora de nossos muros ou paredes domiciliares, elas estão ligadas ao medo, à apreensão das incertezas e são utilizadas como dispositivos de diversos governos para manter a vida dos indivíduos, restringindo-lhes os acessos, guardando as fronteiras e as liberdades individuais e coletivas. No entanto, ao mesmo tempo em que estreitam ou interpõem limites de comportamento e convivência em nossa vida cotidiana, modificando o modo como agimos e atuamos no meio em que vivemos, nossas cidades, bairros, lugares possibilitam, transversalmente outros olhares e outras possibilidades de observação, aquelas que não tínhamos ou que não éramos acostumados a praticar. As observações distanciadas ou que transpassam a ação de estar *in loco* e nos fazem

pertencer a outras temporalidades, outras camadas e outros caminhos para a estruturação de pensamentos e estudos das paisagens, cidades e bairros, criando outros lugares de fala (Figura 7).

Figura 7: (a) e (b): Pessoas usando máscara na Praça Nossa Senhora das Graças; (c) Pessoas usando máscara no ponto de ônibus da Praça Santa Tereza³.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

³ Nas fotos são presentes proposadamente as manchas do vidro do carro, evidenciando barreira entre o pesquisador e o objeto de estudo.

Em um pensamento abrangente, a literatura também nos mostra retratos de mundos distópicos, de controle do estado sobre o ser humano, como por exemplo no livro “A Peste” publicado em 1947 onde Albert Camus descreve, de forma imaginosa e exuberante, uma peste causada por ratos na cidade imaginária de Orã, na Argélia. Na obra o autor narra uma epidemia que rapidamente toma conta de toda a cidade, levando-a a uma situação de quarentena e conseqüentemente submetendo seus habitantes a estados de sofrimento extremo, mas também de consternação diante do medo e do horror de seus pares, uma parábola sobre sobrevivência e resiliência do ser humano perante a luta travada contra “o mal”, relatando o exílio e todas as perdas que marcam o processo, como também a solidariedade como a salvação daquela sociedade.

Lembro aqui também do clássico “1984” de George Orwell publicado em 1949 onde o controle sobre a vida do indivíduo pelo estado autoritário é abordado, relatando a vigilância e os sentimentos de perda do controle individual, enquanto descreve a esperança de um porvir libertário, pontos que podem ser pensados ou relacionados com o que vivemos agora quando olhamos através de nossas janelas para a cidade que tenta se recompor ou se reestruturar à nossa volta, ou quando saímos e temos que lidar com os diversos protocolos de sobrevivência a que somos submetidos pela contingência atual.

Diante desta perspectiva, um novo cenário que se desenha de forma emergente, impactante, angustiante e sem tempo de reflexão ou preparo, como poderia me ajustar para concluir minha pesquisa? Como seria pesquisador em tempos de pandemia? Como poderia exercer o papel de agente transformador de conhecimento e de realidades diante de um inimigo invisível? Face a esse contexto como dar respostas a este desafio? (Figura 8).

Figura 8: Mãe e filha (supõe-se) em momento de carinho na Praça Nossa Senhora das Graças. Foto tirada de dentro do carro.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Precisaria, então estabelecer processos metodológicos híbridos que possibilitassem o andamento da pesquisa, encontrando interfaces tecnológicas capazes de substituir ou pelo menos ajudar nos processos de estruturação do trabalho, ajustar e somar métodos, entender perdas de conteúdos e ressignificar outros possíveis experimentos que o meio digital pode me dar.

Pensar a pesquisa como testemunha dessa temporalidade, perceber os desdobramentos e as transversalidades possíveis que um estudo, mesmo aparentemente distanciado do tema pandemia, teve que levar em conta esse processo em que estamos “contidos” e vislumbrar as “fendas” que existem nas “janelas do meu apartamento” para a partir delas enxergar as várias sobreposições de olhares (Figura 9). Procurar as camadas de tempo e da memória para estabelecer um pensamento viável e plausível. Entendendo que não somos mais os mesmos depois deste processo, nem o mundo, nem as cidades nem as instituições de ensino e cultura.

Figura 9: Janela do meu apartamento.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



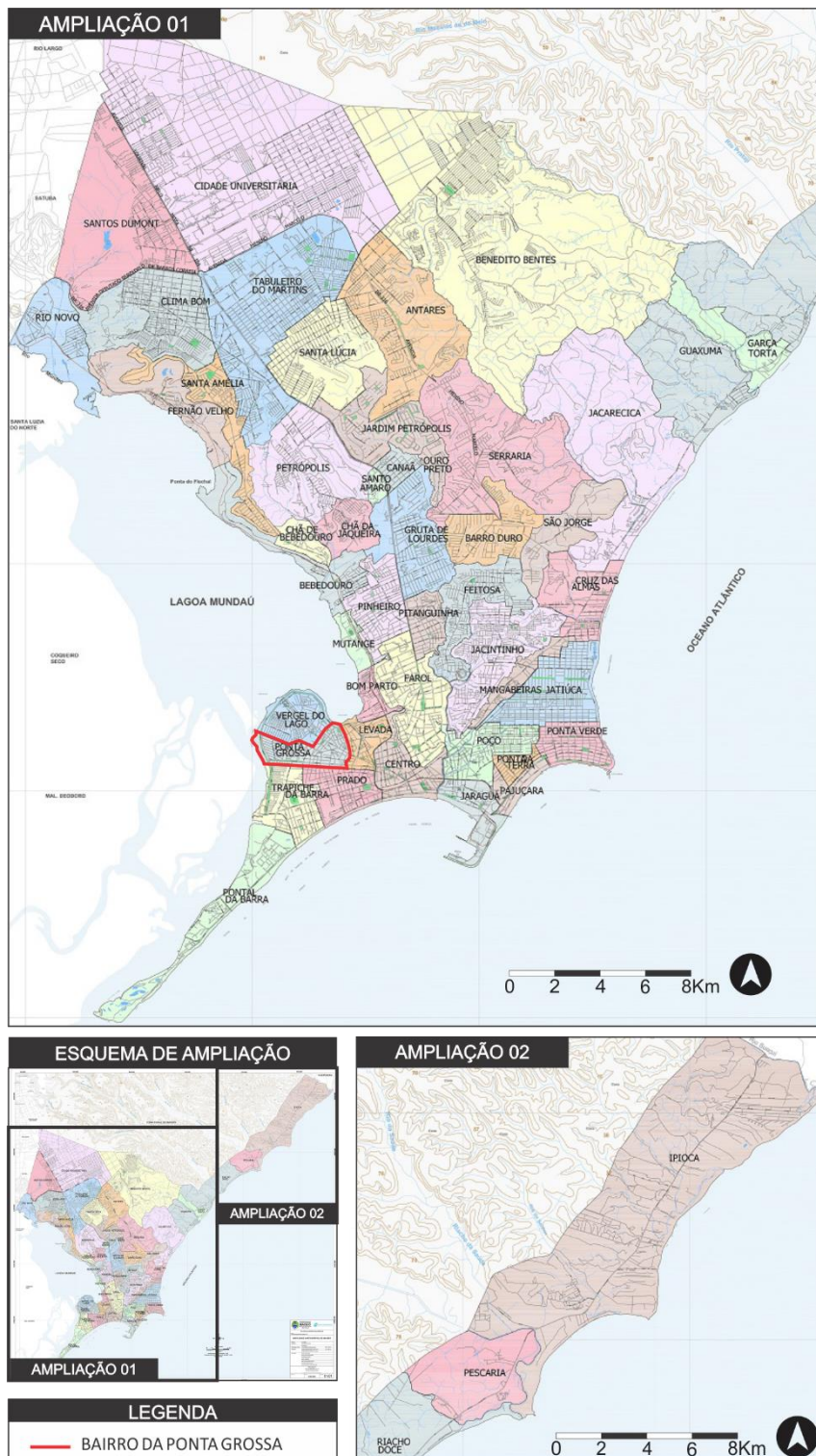
INTRODUÇÃO

Maceió, capital do estado de Alagoas, apresenta população estimada no ano de 2020 de 1.025.360 habitantes. No último censo realizado em 2010, a população da cidade era de 932.748 habitantes distribuídos em 50 bairros e 8 regiões administrativas, ocupando uma área territorial de 509.320 km². (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020; 2010). Conhecida nacionalmente pela alcunha de “Paraíso das Águas” atribuída para ressaltar suas belezas naturais pela política administrativa de marketing de turismo nos anos de 2000, a cidade, também já foi considerada no começo do séc. XX a “Cidade Sorriso”, epíteto dado por poetas, escritores e pela imprensa à época, quando se apresentava para o Brasil como a capital mais bonita da Região Nordeste, e que serviu também de slogan, mais adiante, nos anos 1960, para a campanha política de Sandoval Cajú, para prefeito de Maceió.

Tendo sua gênese alicerçada, principalmente pelas atividades comerciais desenvolvidas pelo porto de Jaraguá e um engenho de cana-de-açúcar localizado as margens do riacho Maçaió-k, que a partir de adaptações orais denominou a cidade, Maceió apresenta em sua geografia, revelo bastante particular, dividido em três níveis distintos: a baixada litorânea que se estende da grande orla com o oceano Atlântico até as margens da Lagoa Mundaú e o platô intermediário onde se localizam o centro do município e os primeiros bairros configurados como o Trapiche da Barra, Ponta Grossa, Levada e a Cambona, se expandindo para o nível dos tabuleiros, antigo alto da jacutinga, até o Tabuleiro dos Martins, onde se estabeleceram os bairros do Farol, Gruta de Lurdes e Pitanguinha, entre outros. Ver mapa de Maceió com os bairros atuais, em destaque o bairro da Ponta Grossa (Figura 10).

As diversas configurações desenvolvidas por Maceió relevantes para que a cidade adquirisse sua conformação atual, determinadas por temporalidades, seus percursos históricos e suas composições e apropriações políticas e sociais, constituem o panorama da pesquisa desenvolvida para esta dissertação, que tem como base a memória e sua importância para a historiografia na investigação que propõe sobre o bairro da Ponta Grossa, recorte espacial do estudo, entre os anos de 1950 a 1960.

Figura 10: Mapa da cidade de Maceió

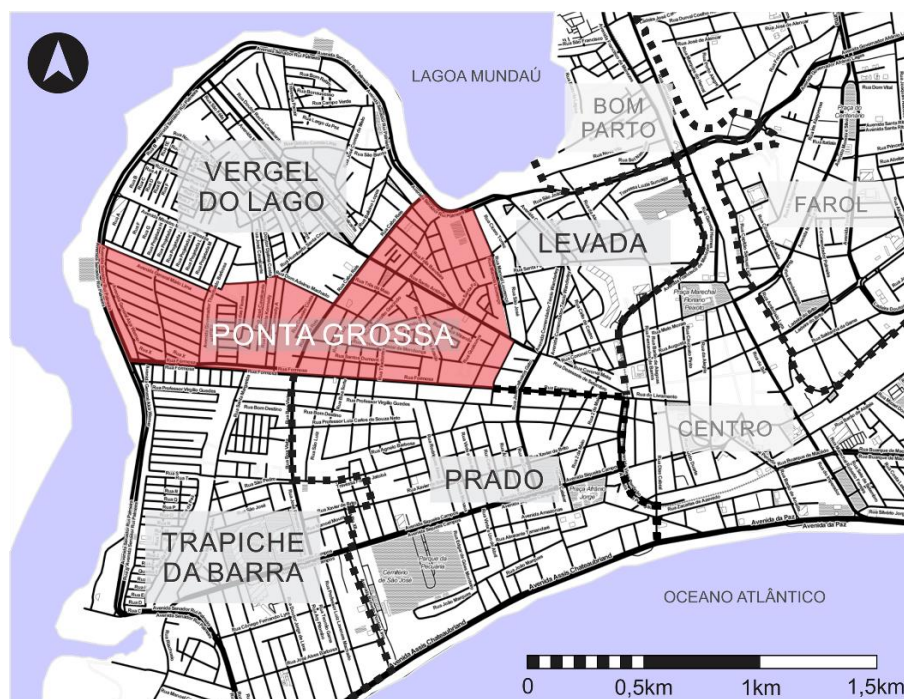


Fonte: Adaptado da Prefeitura de Maceió. Disponível em: <http://www.maceio.al.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/pdf/2018/11/Bairros-de-Maceio%C3%B3.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

Desta forma, a pesquisa entende que estudos da história têm examinado a memória como o universo mental que adquire substância social e estabelece vínculos entre indivíduos, objetos, espaços e meio social. Neste sentido, a dissertação tem como objetivo geral articular reflexões sobre os impactos e relações desenvolvidas entre os moradores do bairro da Ponta Grossa, a partir do tratamento “modernista” empreendido pelo prefeito Sandoval Cajú, em praças no período de sua gestão (1961-1964), que redefiniram a configuração morfológica, a paisagem do bairro e as vivências cotidianas de sua população.

Nos primeiros anos do séc. XX, a Ponta Grossa ainda se constituía como um “arrabalde” habitado por pescadores da Lagoa Mundaú. O bairro foi se conformando aos poucos e por volta de 1940, já apresentava uma configuração parecida com a atual. Ruas foram abertas e a feição do lugar nos anos de 1950 apresentava suas artérias principais constituídas e habitadas. A seguir, podemos ver um mapa mostrando o bairro com sua conformação vigente, onde também se pode observar os bairros do, Prado, Levada, Vergel do Lago e Trapiche da Barra, seus limitantes (Figura 11).

Figura 11: Mapa da Ponta Grossa destacando seus limites.



Fonte: Adaptado de Stamen Maps. Disponível em: <http://maps.stamen.com/>. Acesso em: 8 jan. 2019.

Durante a década de 1960, sob a propositura política e administrativa do então prefeito Sandoval Cajú (gestor entre 1961 a 1964), à região foram incorporadas nove

novas praças, que expunham a sua intenção modernizadora e também o discurso populista difundido por ele durante a sua campanha política. Busca-se, portanto, contextualizar esses espaços públicos historicamente, e considerá-los como parte do conjunto de expoentes da “Cidade Sorriso”, termo do marketing político utilizado por Cajú, para designar a Maceió que desejava “construir”.

A pesquisa desenvolve-se no âmbito do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – Dinâmicas do Espaço Habitado da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, dentro da Linha 1 – conceituação, percepção e representação do espaço habitado, com base fundamentalmente marcada sob as memórias pessoais, a dissertação expõe e entende as apropriações cotidianas do meio urbano como representações de um sentimento coletivo que associa a memória e a história dentro de um cenário carregado de significados e identidade.

Para tanto, foram colhidos relatos de pessoas que viveram ou ainda vivem no bairro eleito como recorte espacial do estudo, com foco nas memórias, impressões e apropriações cotidianas do meio urbano à época do mandato de Cajú como prefeito de Maceió e, também, as ressignificações sofridas por esses espaços até suas posteriores descaracterizações.

Desta forma, relaciona-se a memória e a história num contexto amplo e significativo, que pretende discutir a relevância do que foi proposto e executado pelo político em sua administração, assimilando e valorizando esses depoimentos, memórias coletadas em entrevistas, como documentos relevantes que, em seu arcabouço e pormenores, refletem entendimentos e percepções da população da Ponta grossa frente ao legado modernista diferenciado deixado por Cajú em espaços públicos. Marcas hoje já quase invisíveis devido às modificações e reestruturações instituídas pelas administrações públicas posteriores no decorrer do tempo.

Busca-se, assim, entender o conjunto edificado no bairro, como acervo de um modernismo popular, relacionado com a vida dos moradores e com os emergentes anseios de modernidade pelo qual passava a sociedade alagoana e brasileira no período em tela. Em paralelo, a pesquisa procura também entender a razão pela qual estes exemplares, ícones modernistas particulares, ligados ao discurso do político, não terem sido preservados pelas gestões posteriores já que, como veremos a seguir, representaram para a população do bairro veículo de integração e pertencimento,

modificando o cotidiano e as formas de apropriação desenvolvidas no bairro em questão, enquanto propulsores de um sentimento de modernidade que já vinha se disseminando no local desde os anos 1950.

Ao longo do trabalho, entende-se a história como “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de **"agoras"** (BENJAMIM, 1987, p. 229. Grifo nosso). Ou seja, apesar do foco e do recorte temporal estar situado entre os anos 1950 e 1960, buscar-se-á compreendê-lo na longa duração, por reconhecermos que estudos entre o meio e a sociedade, quando têm o passado como referência, contribuem de maneira substancial para propor os elementos e as respostas a historiografia contemporânea enquanto perscrutam também o que aconteceu depois desse período como consequência de ações políticas e sociais ocorridas nesse recorte espacial.

Com relação ao referencial teórico, este trabalho utiliza-se de considerações produzidas por estudiosos que se debruçaram sobre a temática da memória e da história e suas nuances, a exemplo de Pierre Nora, Walter Benjamin, Jacques Le Goff, Ecléa Bose e Willi Bolle, dentre outros autores cuja contribuição foi essencial para o embasamento dos argumentos utilizados, como será visto adiante.

Percursos metodológicos

A natureza da pesquisa é histórica e qualitativa, de maneira que inicialmente foram estabelecidos como procedimentos metodológicos: visitas ao bairro para estudos de campo com o objetivo de entender as conformidades espaciais particulares das praças “locus de modernidade” e seus entornos; levantamento fotográfico e imagético dos equipamentos remanescentes deste período; aplicações de entrevistas semiestruturadas de História Oral com moradores do bairro à época⁴, que estabeleceram relações com esses espaços com vistas à contribuição deste método para a preservação da história urbana; pesquisa documental e iconográfica em arquivos públicos e privados e hemerotecas para a percepção e apreensão dos pormenores projetuais das áreas físicas e aspectos morfológicos particulares através da leitura de mapas e plantas e, por último, mas atravessando

⁴ Numericamente dentro da abordagem definida e aceitável na metodologia de História Oral.

toda a pesquisa, revisão bibliográfica continuada sobre temas pertinentes ao foco da dissertação.

Entretanto, cabe aqui apresentar as mudanças de percursos e as alterações que precisaram ser realizadas, frente à nova realidade pandêmica e consequente distanciamento social que nos tomou de assalto no início de 2020, alterando a realidade que vivemos.

Um dos primeiros desafios encontrados foi o fechamento das instituições de pesquisa que suspenderam a consulta presencial aos seus acervos e suas interfaces *online* são, em sua maioria, inexistentes ou ineficientes, principalmente no que diz respeito às instituições estaduais ou municipais. Este fato demandou muito mais tempo de trabalho quando as consultas às instituições precisaram ser realizadas por telefone e contar com a especial colaboração dos funcionários para conseguir acesso aos materiais.

Um segundo desafio foi a realização das entrevistas para levantamento da História Oral, método que se desenvolve a partir de um conjunto de procedimentos que iniciam com a elaboração de um projeto e com a definição do grupo de indivíduos a serem entrevistados. Na sequência, acontecem as entrevistas propriamente ditas e transcrição dessas. Portanto, seriam necessários contatos presenciais entre pesquisador e entrevistado, que precisaram ser remodelados para a forma remota ⁵.

Se em uma entrevista tradicional, tendo como base o método de História Oral, alguns critérios teriam que ser observados, numa entrevista remota realizada *online* e gravada em vídeo estas técnicas precisariam ser minuciosamente observadas. Algumas novas abordagens precisariam ser propostas, os estímulos teriam que ser outros, na inexistência da proximidade física, o diálogo deveria se estabelecer ainda mais sincrônico e menos inquisidor, permitindo, mais do que a obtenção de dados

⁵ Neste quesito específico, foi consultada a especialista, professora Dr^a. Clara Suassuna para a realização de adequações desses procedimentos de forma a produzir um material relevante sem se distanciar das premissas do método de pesquisa da História Oral, realizando-se alguns ajustes nas perguntas, na forma como se dirigir aos entrevistados, no plano geral das entrevistas e principalmente na abordagem do pesquisador/entrevistador, que precisava exercitar análises entendendo que o método assim repensado precisaria estabelecer um diálogo ainda mais amplo com os possíveis entrevistados “favorecendo debates internos, comparando e mesclando opiniões, pontos de vista ou fatos revelados em gravações que contenham redes de entrevistados com características próprias” como indicam Meiky e Ribeiro em “Guia Prático de História Oral” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 16).

informativos, entender situações propostas como problemáticas, revisando versões de fatos e ocorrências ou visões de mundo diversos ⁶.

Uma outra questão é que as prerrogativas técnicas restringiriam a quantidade e a diversidade dos entrevistados, visto que teriam que ter acesso a meios e a tecnologias como computadores e ou celulares sofisticados que possibilitem a interação, o entrevistador precisaria extrair do material coletado da História Oral, o maior número possível de informações, através do aprofundamento nas perguntas indutoras e nos diálogos a serem estabelecidos.

Dessa forma, foram realizadas 7 (sete) entrevistas de História Oral temáticas, das quais, apenas 1 (uma) foi realizada de forma presencial ⁷. A proposta do trabalho em tela foi submetida à aprovação da Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, que recomendou a realização das entrevistas de forma remota, com gravação em vídeos em função da pandemia em curso. Seguindo esta recomendação, as entrevistas foram gravadas em vídeo e posteriormente transcritas para depois serem extraídos os trechos que estão citados e intercalados ao longo dos capítulos.

Os entrevistados foram escolhidos a partir de uma rede de contatos que foi estabelecida previamente, observando-se o fato das pessoas terem residido no bairro entre as décadas de 1950 a 1970 – alguns ainda residentes até os dias de hoje – com o intuito de estabelecer um panorama da vida cotidiana do bairro da Ponta Grossa em momentos anteriores à construção das praças, correspondente ao período de campanha do então candidato à prefeitura de Maceió, Sandoval Cajú, e sua subsequente gestão, frente à prefeitura de Maceió, entre os anos de 1961 a 1964.

Procurou-se coletar informações diversas sobre as praças e seus entornos, espaços singulares para o bairro que se modificaram ao longo dos anos, incorporando

⁶ Sobre a comunicação à distância, Kátia Canton (2009) afirma: “a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade e impressões que se contrapõe a um panorama de comunicação à distância e de tecnologia virtual que tendem gradualmente a anular as noções de privacidade, ao mesmo tempo que dificulta trocas reais.” (CANTON, 2009, p. 21).

⁷ Foram entrevistadas as seguintes pessoas: Almira Gouveia Alves Fernandes, 85 anos; Edberto Ticianeli Pinto, 66 anos; José Esdras Ferreira Gomes, 78 anos; Neuza da Silva Santos, 79 anos; Pedro Cabral de Oliveira Filho, 65 anos; Rosenita Gomes Fernandes, 76 anos e Rogério Henrique Gomes Ferreira, 84 anos.

novos usos e configurações, com a finalidade de entender o confronto desses espaços com a contemporânea cidade de Maceió.

Pelo fato das entrevistas terem sido realizadas durante o período de afastamento social, e da forma como foi descrita acima, foi necessário revisar e reestruturar o conteúdo do esquema geral de perguntas, de forma que as entrevistas foram mais longas, buscando obter o maior conteúdo individual possível, na tentativa de solucionar lacunas existentes provenientes do formato de interlocução por vídeo que poderiam provocar inibições e nervosismo por parte dos entrevistados.

A pesquisa faz ainda o cruzamento das informações colhidas nas entrevistas de História Oral, com outras fontes documentais, somando-se às entrevistas: memórias escritas, dados estatísticos, textos de literatura, reportagens e produtos historiográficos que, como dito anteriormente, dado o fechamento dos institutos que contêm acervos a serem pesquisados, precisaram ser buscados de outras formas como em sites, em mídias, dentre outros.

Na sequência, de posse dos dados obtidos através da aplicação dos procedimentos metodológicos acima mencionados, foi efetivado uma análise do conteúdo dentro de uma perspectiva diversificada e heterogênea para o alcance da realidade sócio-política-espacial vivenciada à época, reconhecendo as dinâmicas dos processos de confrontação ocorridas entre as praças, o bairro da Ponta Grossa e a cidade, com vistas a desvelar os fatores que as relegaram ao “silêncio” e ao esquecimento, tão distanciados da proposta discursiva do “sorriso” que intencionavam evidenciar.

Assim, a metodologia dessa dissertação tornou-se híbrida, congregando materiais e métodos que já haviam sido acessados ou desenvolvidos nos meses anteriores ao período de pandemia e os novos elementos atualmente disponíveis, conforme o diagrama (Figura 12) pode melhor demonstrar.

Postas estas questões gerais e metodológicas, com relação à estrutura do documento, o mesmo é composto de 4 capítulos. No primeiro, são apresentados os conceitos fundantes que alimentaram a análise do trabalho a constar: a cidade, o tempo, a história e a memória; adentrando em questões teóricas e metodológicas da História Oral. Abordou-se, ainda, as questões que relacionam o modernismo brasileiro e sua disseminação no Brasil, considerando as prerrogativas da propagação do

“vocabulário modernista” num país extenso e repleto de desigualdades econômicas, políticas e sociais para então discorrer, ainda, sobre as excepcionalidades do modernismo alagoano.

No segundo capítulo, são levantados aspectos históricos de Maceió como base para a estruturação espacial, social e cultural da cidade e seus bairros, com enfoque para o bairro Ponta Grossa.

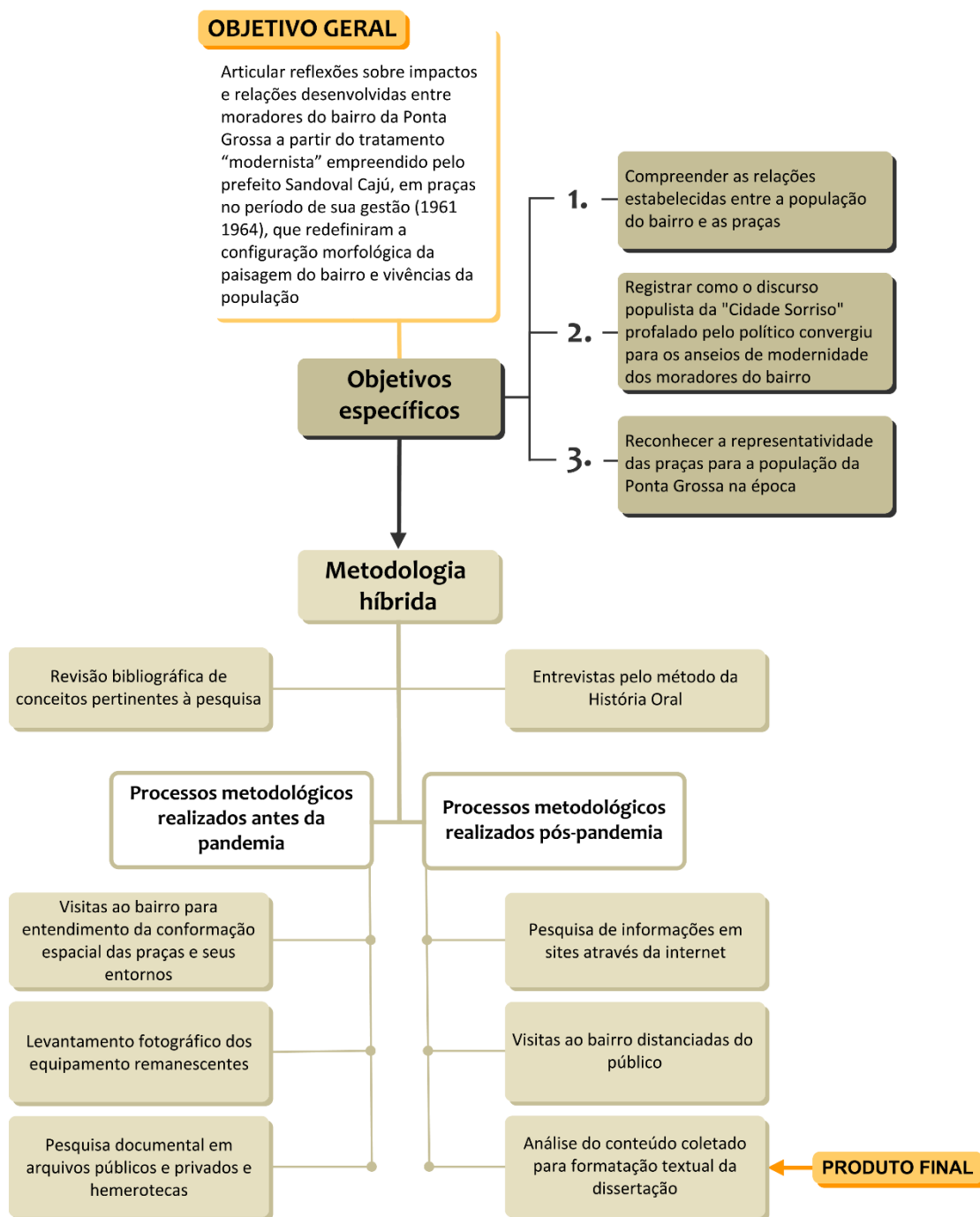
Nesse capítulo, mostrou-se a cidade depois da República e a ação “modernizadora” das gestões higienistas do princípio do séc. XX. A importância das praças nesse período e o embelezamento da cidade saneada que conduziu Maceió ao epíteto de “Cidade Sorriso” dos anos 1930. O capítulo, enfocou também, os pactos políticos desenvolvidos durante os percursos históricos da cidade, as apropriações dos discursos desenvolvimentistas nos anos 1940, e a forma como estes se traduziram em arquitetura, na medida em que, sempre privilegiando as classes sociais burguesas, também foram introspectados pelas classes populares de bairros como a Ponta Grossa até os anos de 1950.

Ainda nesse capítulo, tratou-se da história do bairro, sua conformação física inicial e o surgimento de núcleos de povoamento no local, bem como, o aparecimento de suas artérias iniciais, suas ruas e praças até os idos dos anos 1950. Buscou-se também entender a estrutura espacial e social da Ponta Grossa através de relatos colhidos de alguns moradores do bairro à época, com enfoques em acontecimentos de seu cotidiano. Nesse contexto, foi possível entender o ideal de modernidade presente no bairro entre os anos de 1950 – 1960.

O terceiro capítulo, focaliza a figura política de Sandoval Cajú, verificando a sua história, desde o seu nascimento no interior da Paraíba, até a cassação de seu mandato como prefeito de Maceió pelo regime militar em 1964. Investigou-se então sua chegada à cidade de Maceió, sua atuação como locutor de rádio, o enfoque dos programas apresentados por ele, sua campanha para prefeito e posterior eleição para este mandato. A pesquisa procurou desvelar o caráter populista do discurso desenvolvido pelo político durante sua campanha, através de material colhido em matérias de jornais da época e entrevistas com pessoas que viveram esse período, além de bibliografia disponível em revistas e outros aportes, anteriormente realizados

por pesquisadores, no intuito de compreender a dinâmica desse momento histórico onde Cajú constrói as bases para seu ideário político da “Cidade Sorriso”, em praças e equipamentos públicos construídos em sua gestão. Também buscou entender a reverberação desse *slogan* amplamente utilizado pelo político e sua ressonância para a população da cidade e principalmente para os moradores do bairro da Ponta Grossa, “curral” eleitoral do prefeito.

Figura 12: Diagrama ilustrativo dos objetivos da pesquisa e metodologia utilizada.



No capítulo quatro da dissertação, o bairro da Ponta Grossa é focalizado durante a gestão do prefeito Sandoval Cajú, que implantou 8⁸ novas praças e reformou 1 no período de 3 anos, modificando a configuração morfológica e a paisagem do local elevando a autoestima de seus moradores. A pesquisa observou também através de relatos coletados em entrevistas com algumas pessoas que moraram no bairro nesse momento, a presença constante do político no local e as relações estabelecidas entre a comunidade e as praças. Desta forma, procurou também compreender a importância dessas arquiteturas para o cotidiano vivido no bairro à época (1961-1964) na medida em que verificou as memórias destes moradores e os impactos dessas novas arquiteturas modernistas repletas de significados, que se fazem presentes nesses relatos e que foram agentes de novas formas de relações sociais, culturais, econômicas e simbólicas.

No capítulo, ainda, investigou-se dados historiográficos posteriores a 1964, quando Sandoval Cajú foi deposto do cargo de prefeito pelo regime militar, observando o que aconteceu com as praças, ícones modernistas da "Cidade Sorriso" propagada pelo político, em sua gestão, com intuito de observar as modificações empreendidas pelas gestões imediatamente posteriores nesses locais e em seus entornos. Buscou-se desvelar porque esse legado apesar de tão presente na memória dos moradores do bairro à época, foi, aos poucos descaracterizados em suas conformações arquitetônicas.

Por fim estabelecer-se-á uma análise ampla, alicerçada por todos os aportes utilizados no decorrer da pesquisa, com a finalidade de confrontar essas arquiteturas representativas de uma época, a memória dos moradores do bairro e o esquecimento por parte do poder público, com intuito de examinar a "perda do sorriso" do bairro da Ponta Grossa, visto que pouco hoje ainda resta desse acervo de linguagem particular e representativa.

A partir do que foi exposto acima, a pesquisa pretende arrematar reflexões importantes para a construção de um pensamento sobre o legado modernista-populista de Sandoval Cajú, no bairro da Ponta Grossa, alicerçado principalmente em entrelaçamentos entre o tempo, a história e a memória, com vistas a perceber as

⁸ Foram incluídas no recorte da pesquisa as praças Nossa Senhora das Graças e Santo Antônio pela representatividade desses logradouros para a população do bairro e por serem localizadas no limite entre o bairro da Ponta Grossa e o bairro da Levada.

várias camadas e interposições que constituem essas instâncias para o entendimento da representatividade dessas arquiteturas para a comunidade do bairro e para a cidade, como promotoras de apropriações cotidianas e representantes de um sentimento de pertencimento que relaciona a paisagem com o novo e com a esperança de dias melhores.



1. MEMÓRIAS, MODERNIDADE E MODERNISMO

1.1 Sobre a cidade, o tempo, a história e a memória

As cidades exibem um contínuo e complexo encadeamento de transformações e as marcas desse fenômeno pelo qual se desenha a urbe através da história, caracterizam a paisagem, deixando nela as camadas de intervenções do tempo que são constituídas por atributos de valores socioculturais que permeiam a vida de seus habitantes e assim podem ser compreendidas como “território, como espaço vivo, político e simbólico no qual são trabalhadas e retrabalhadas de maneira dinâmica e criativa, as lembranças e esquecimentos que reinstituem o ser social a cada instante” (BARROS, 2007, n. p.)⁹.

Neste sentido, pode-se afirmar que os elementos arquitetônicos que compõem as cidades na longa duração, mesmo quando ausentes materialmente, compõem a memória dos habitantes, como afirmou Bierrenbach (2013):

[As cidades] estão [então] marcadas pela presença de arquiteturas que são constantemente recordadas pelos cidadãos. Arquiteturas que têm suas partes intactas ou retocadas, marcando suas persistências na atualidade. Arquiteturas que se afirmam diante do presente e que remetem a tempos passados. Mas, as cidades também estão conformadas por arquiteturas do esquecimento. Nesse caso, suas partes estão depredadas ou desaparecidas. (BIERRENBACH, 2013, p. 33).

Os espaços das cidades são constantemente ressignificados em suas materialidades e apropriações. As relações econômicas, políticas e sociais que ocorrem em um determinado espaço, impulsionam e conduzem a cidade nesse movimento de construção e destruição contínuos que como afirmou Milton Santos (1994), desafia-nos na reconstrução dos cenários e da criação de significados através da memória:

A cidade é, ao mesmo tempo, uma região e um lugar, porque ela é uma totalidade; e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano, com a qual se confunde. Na verdade, há leis que se sucedem, denotando o tempo que passa e mudando as denominações desse **verdadeiro espaço-tempo, que é a cidade**. É através desses dois dados que vamos unir a cidade e o urbano. É desse modo que poderemos tentar ultrapassar o mistério das formas e buscar a construção do método, mediante a escolha da fenomenologia a adotar, a aproximação da contextualização, **a reconstrução dos cenários de uma realidade que em parte se esvaiu, a busca do significado e da memória**

⁹ A obra mencionada, "Memória e história" do autor José D'Assunção Barros (2007), trata-se de um *ebook Kindle*, o qual não contém paginação.

que, através desse enfoque histórico, vamos encontrar expungida ao máximo dos filtros. (SANTOS, 1994, p. 67, grifos nosso).

Portanto, as memórias constituídas a partir das relações estabelecidas entre pessoas e um determinado espaço são importantes mecanismos para a construção de um pensamento histórico e identitário que possibilite o entendimento da ação do tempo na cidade ou de um conjunto de acontecimentos históricos relevantes.

O conceito de memória, na sua designação mais comum e cotidiana, é entendido correntemente como “um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado” (BARROS, 2007, n. p.). Porém, é a partir do pensamento de Le Goff (1990) que discutiremos o conceito de memória, segundo o qual é “um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 476). Sendo ainda “uma construção psíquica e intelectual que acarreta [...] uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas dele, inserido num contexto social.” (LE GOFF, 1990, p. 12).

Assim, surge também o conceito de memória social que se firma como novo campo do saber dentro do desenvolvimento da historiografia moderna, e pode ser contraposto e discutido com relação ao conceito de memória individual. Segundo Barros (2007), a memória é uma forma de produção simbólica que constitui identidades e assim assegura a permanência de grupos sociais distintos. Porém, no sentido de memória social, ou coletiva, Catroga (2015)¹⁰, afirma que:

Ainda que somente os indivíduos possam recordar - só por metáfora que poderá afirmar que as "sociedades recordam" -, a interiorização da alteridade permite detectar a existência de uma analogia entre a estrutura subjectiva do tempo (presente-passado, presente-presente, presente-futuro) e a que passou a dar sentido à vida colectiva. (CATROGA, 2015, n. p.).

Na verdade, desde que recoloquemos as expressões “tempo” e “espaço” em uma perspectiva contemporânea, pode-se dizer que ainda teremos nesta tríplice relação entre espaço, tempo e homem o ponto nodal (de intersecção) não apenas do memorável contemporâneo, mas também da imprescindível reflexão sobre memória coletiva e suas relações com a história na atualidade.

¹⁰ A obra mencionada, "Memória, história e historiografia" do autor Fernando Catroga (2015), trata-se de um *ebook Kindle*, o qual não contém paginação.

Ainda sobre a memória social, há de se tratar sobre as dimensões onde a mesma se estabelece “em um espaço-tempo que se relaciona ao mundo humano e no qual se afirmam poderes da comunidade e dos indivíduos sobre si mesmos e sobre outros.” (BARROS, 2007, n. p.). Enquanto que, com relação à memória individual, esta:

[...] requer como instrumental palavras e ideias, e ambas são produzidas no ambiente social. Dito de outra forma, se no caso da Memória individual são os indivíduos que, em última instância, realizam o ato de lembrar, seriam os grupos sociais que determinariam o que será lembrado, e como será lembrado. (BARROS, 2007, n. p.).

Sob esse ponto de vista, a memória seria por definição uma quimera da sociedade, um domínio mental que exprime sentimento social criando vínculos entre o individual e o coletivo, numa linha de trabalho aberta por Maurice Halbwachs, em seu livro “Memória Coletiva” (1990), onde descreve a relação entre memória pessoal, esquecimentos e o sentido de complementariedade que se estabelece entre essas instancias e a memória coletiva quando afirma:

Assim, para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob forma material e sensível, não são necessárias. Elas não seriam, todavia, suficientes. Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstruir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo. (HALBWACHS, 1990, p. 27).

A partir do conceito de memória social, reflexões e questionamentos têm sido propostos por estudiosos, filósofos, cientistas sociais e historiadores, que entendem reflexões sobre memória coletiva e suas relações com a história como possibilidades de “reconstrução” de paisagens já não existentes ou espaços que se reconfiguraram constituindo um importante meio de estudo para as discussões historiográficas. Como explica Pierre Nora, “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.” (NORA, 1993, p. 9).

Também nos estudos de Halbwachs, a relação de sobreposição entre cotidiano pessoal e os fatos sociais são consideradas em dualidade entre memória pessoal e memória social. Sendo a memória do indivíduo percepção reduzida ao próprio intelecto, produzindo visões às vezes distorcidas ou incompletas que o grupo social admite como comuns e suas.

Entretanto, existe a memória individual resultante da “história vivida” por outros, lembranças de momentos vividos por outras pessoas do grupo que são assumidas como memória coletiva ou histórica; e, segundo Halbwachs existe um diálogo intrínseco entre memórias individuais e coletivas que se apoiam criando a consciência de grupo e portanto criando vínculos desses discursos, que transmitidos de geração em geração constroem as vivências de uma época histórica, através de testemunhos e condutas: “as maneiras de pensar e de ser de outrora que se fixam assim dentro de sua memória” (HALBWACHS, 1990, p. 66). Da mesma forma, Fernando Catroga corrobora com o pensamento de Halbwachs, quando relaciona a construção das memórias às experiências de vida acumuladas individualmente ou coletivamente:

Na experiência vivida, a memória individual é formada pela coexistência tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais etc.) em permanente construção, devido à incessante mudança do presente em passado e às alterações ocorridas no campo das re-presentações (ou re-presentificações) do pretérito (CATROGA, 2015, n. p.).

E complementa:

De facto, os complexos, as reminiscências comuns e as repetições rituais (festa familiares), a conservação de saberes e símbolos, (fotografias e respectivos álbuns, a casa dos pais ou dos avós, as campas e mausoléus, os marcos de propriedade, os papéis de família, os odores, as canções, as receitas de cozinha, a patronímia, os nomes), a par da responsabilidade da transmissão do conteúdo das heranças (espirituais ou materiais), são condições necessárias para a criação de um sentimento de pertença, em que os indivíduos se reconheçam dentro de totalidades genealógicas que, vidas do passado, pretendem, sem solução de continuidade, projectar-se no futuro. (CATROGA, 2015, n. p.).

Sobre a conceituação coletiva de memória, Fernando Catroga (2015), situa temporalmente o surgimento das ideias que relacionam sociedade a um ente ou organismo uno, quando emerge mais fortemente a ideia de que o conhecimento do passado era premissa fundamental para o entendimento do presente e como consequência, a transformação do futuro:

No século XIX (e boa parte do século XX) [...] foi a época dos historicismos e em que se assistiu à gradual reificação das “ideias colectivas” (DURKHEIM), tendência que conduziu à **elaboração dos conceitos de memória social e de memória colectiva**, assim como ao correlato **reforço da definição da sociedade como um organismo, ou como uma totalidade**. E, não por acaso, tais propostas teóricas foram condicionadas por mudanças sociais provocadas pela industrialização e pela emergência da sociedade de massas. Processo que, como se sabe, teve como uma das suas maiores consequências a entificação de “sujeitos sociais colectivos” (civilização,

nação, povo, classe, raça) postulados, pelo historicismo ocidental, como motores imanentes do dinamismo histórico. (CATROGA, 2015, n. p., grifos nosso).

Voltando para Halbwachs, localiza-se ainda uma distinção entre memória coletiva e história, observando esta última categoria como uma “compilação de fatos”, que descreve um tema ou uma época como um “quadro total” enquanto a memória coletiva revela-se contínua, como uma corrente de pensamentos sempre em conformação, que convive com outras memórias coletivas se amalgamando e se entrelaçando de forma ininterrupta.

Conforme evidenciado, as reflexões que examinam as múltiplas relações entre memória e história, entendem essas duas categorias através de entrelaçamentos complexos mutuamente enriquecedores para cada uma das instâncias. As interpretações desses domínios produzem meios de reestruturação de paisagens e identidades como também ponderou Michael Pollak (1989) quando se referia ao uso da memória como fonte histórica, quando alertou acerca de que associações são estabelecidas entre uma determinada população e os espaços onde tecem suas relações sociais. Atentemos, porém, para o fato de que, apesar de serem coisas distintas e fornecerem campos de estudo diferenciados, estabelecem saberes ligados de maneira intrínseca e complementar.

Neste ponto, há de se tratar também sobre as possíveis dimensões de entendimentos e as discussões propostas entre as categorias de espaço e tempo. Dentro dessa perspectiva, não é de hoje que os estudos históricos vêm argumentando a relevância das dimensões de espaço e de tempo como elementos que determinam e constituem a memória. Paul Ricoeur (1998) apresenta as duas dimensões e o princípio através do qual ambas se relacionam, “o espaço se dá a ler, o tempo se dá a ver, com o que retomamos a ideia do cronotopo e a uma postura hermenêutica que se dispõe a decifrar sentidos, sobretudo aqueles que nos chegam do passado. ” (RICOEUR, 1998 apud PASSAVENTO, 2005, p. 9). Portanto, se a memória é constituída no presente sobre um tempo passado, pode-se considerar que ela é inseparável da relação entre passado, presente e futuro, que, por sua vez, “não são diferenças puntiformes aritmeticamente somáveis, mas modos temporais com passado, presente e futuro. ” (CATROGA, 2015, n. p.).

As relações entre as três instâncias temporais – passado, presente e futuro, são observadas por Paul Ricoeur (1998) que observa que a memória é sempre de uma pessoa, portanto pessoal ou de um grupo social enquanto se projeta para o futuro. Entendendo, também, as possíveis manipulações da memória por esses projetos e pelos poderes do presente.

À questão temporal, soma-se a categoria de espaço, onde inscrevem-se os lugares da memória, expressão instituída por Pierre Nora (1993), que infere:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. (NORA, 1993, p. 13).

Catroga (2015), também define os lugares da memória como:

[...] (estátuas, edifícios, toponímia etc.) e no lançamento de novas ritualizações da história, objectivações que não se esgotavam numa única linguagem, embora pressupusessem uma análoga concepção orgânico-evolutiva, contínua, acumulativa e finalística do tempo histórico. (CATROGA, 2015, n. p.).

Ainda sobre esse conceito, valendo-se do pensamento de Pierre Nora, Jacques Le Goff os resume em seu verbete “Memória” (1990) os lugares, sob um ponto de vista espacial ou relacionado aos marcos simbólicos:

[Há] os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história. (LE GOFF, 1990, p. 473).

As comemorações, portanto, inscrevem-se na categoria espaço-tempo dos lugares simbólicos quando a um determinado momento, espacialmente localizado, é conferido importância para a formação identitária de uma determinada população que o torna emblemático (BARROS, 2007).

Se vistas sob uma perspectiva historiográfica contemporânea, focalizando historicidades, encontram no ponto de intersecção entre o espaço, o tempo e o homem, reflexões não apenas do que é lembrado, rememorado, mas também aquilo que é esquecido em relatos sobre o cotidiano de indivíduos, contudo, determinam a base para discussões sobre memória coletiva.

Através desses entendimentos, pode-se afirmar que a memória é, além de fonte, um pilar para narrativas possíveis de fatos e de temporalidades que constituem história. Ela estabelece ligações entre o pensamento, as lembranças e o esquecimento e as apropriações de paisagens e todo o espaço constituído e transformado pela ação do homem e do tempo inseridos nesse contexto.

O filósofo Paul Ricoeur, em “A memória, a história e o esquecimento” (2007), discorre sobre o tema observando o esquecimento como parte da atividade de lembrar, ou recordar, atentando para o fato de que o esquecimento seria a ameaça, mas também um plano ou uma instância inquietante presente no fenômeno da memória e, por conseguinte, na “epistemologia da história” (RICOEUR, 2007). Ricoeur expõe as possíveis fraquezas e lacunas que influem na memória numa primeira aproximação, enquanto afirma que o esquecimento não seria um inimigo a ser combatido, mas um recurso que pode ser equilibrado na “medida exata” para que se institua a memória como fonte para a historiografia. (RICOEUR, 2007, p. 424).

Portanto, o exame da memória e o esquecimento inexoravelmente atrelado a ela, aponta direcionamentos que problematizam o memorável como representação do passado e a confiabilidade desta instância como fonte. Seria, desta forma, o esquecimento o estímulo a ser perscrutado, a ausência, a distância, o apagamento paulatino de imagens e como o cérebro age para recorda-las ou porque as evita. Poderíamos compreender essas “sensibilidades orgânicas” que agem como mecanismos para a formação da imagem lembrada ou apagada, como os “discursos neuronais” provindos do cérebro e dos sentimentos ligados o universo psíquico que formatam as lembranças e introspectam e registram fatos vividos ou experimentados por um indivíduo. (RICOEUR, 2007).

A experiência chave, [...] é a do reconhecimento. Falo dele como de um pequeno milagre. De fato, é no momento do reconhecimento que se considera a imagem presente como fiel à afecção primeira, ao choque do acontecimento. Onde as neurociências falam simplesmente de reativação dos rastros, o fenomenólogo, deixando-se instruir pela experiência viva, falará de uma persistência da impressão originária. É esse discurso que tentarei elevar a seu mais alto grau de incandescência, explorando, na esteira de Bergson, em *Matéria e Memória*, a pressuposição inteiramente retrospectiva de um nascimento da lembrança desde o exato momento da impressão, de uma ‘revivência das imagens’ no momento do reconhecimento, uma existência ‘inconsciente’ da lembrança deve, então, ser postulada, independentemente do sentido que se possa atribuir a essa inconsciência. É essa hipótese da preservação por si, constituída da própria duração, que tentarei estender a outros fenômenos de latência, até o ponto em que essa latência possa ser considerada como uma figura positiva do esquecimento

que denomino esquecimento de reserva. Efetivamente, é a esse tesouro do esquecimento quando tento o prazer de me lembrar do que, certa vez, vi, ouvi, experimentei, aprendi, adquiri. É com base nessa perseverança que o historiador poderá, na esteira de Tucídides, edificar o projeto de um “conhecimento adquirido para sempre. (RICOEUR, 2007, p.427).

Nas Reflexões de Ricoeur sobre memória como dialética entre **lembranças e esquecimentos** o filósofo observa os “benefícios da justa memória”, indicando uma memória “esclarecida pela historiografia” e uma historiografia passível de “reanimar uma memória declinante”, ou aquilo que passa a ser esquecido. Como recordação ou esquecimento, presente e passado relacionam-se mutuamente, como afirmou Catroga (2015):

Por tudo isso, ter-se-á de considerar que a memória e o esquecimento se exigem reciprocamente. Se a vida é impossível sem a primeira, nem que seja ao nível da sua acção como proto-memória ou como habitus, ela seria igualmente impossível sem o esquecimento. (CATROGA, 2015, n. p.).

Observando a memória como uma construção e entendendo como as duas categorias, história e memória, interagem para se tornarem um dos maiores desafios da historiografia do presente, é importante entender também a noção desenvolvida pela historiografia contemporânea de que a memória não se refere somente ao passado ou ao presente, mas também ao futuro, ela influencia e é influenciada ao mesmo tempo por temporalidades e historicidades.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1984, p. XIX, grifo nosso).

Depois dessa incursão sobre os temas da memória e da história, surge aqui a noção de lugar de memória que tanto nos remete à ideia de memória, quanto à ideia de história, categorias que Jacques Le Goff (1990) dispõe da seguinte forma: “O patrimônio se situa entre a memória e a história” e nos leva ao estabelecimento de marcos que relacionam o passado, o presente com o futuro que desejamos preservar – em um sentido amplo da palavra – coletivamente. Os processos que visam a conservação destes lugares indicam “um movimento incessante de instrumentalização do passado, da criação de símbolos e, portanto, expressam visões plurais e estratégias políticas acerca da realidade social. ” (PEIXOTO, 2010, p. 59).

Discutir lugares de memória não é tarefa simples. É preciso examinar um grande número de variáveis quando são avaliadas as dimensões histórica, cultural e

arquitetônica e o grau de complexidade amplia-se especialmente quando se considera o papel que a memória social exerce nesta definição. Neste sentido, o edificado urbano que guarda especificidades e singularidades de cidades e regiões, simboliza os ideais de coletividade daquele lugar, construídos a partir de uma seleção de memórias, tornam-se também representantes de temporalidades e de disputas pelo sentido da história.

Assim, relações estabelecidas entre a paisagem, a cidade e o homem, o que é reconhecido, lembrado ou esquecido, acontecimentos e memórias cotidianas, instituem vínculos que, se bem observados, podem recompor um panorama de espaços e arquiteturas – os lugares da memória – representativas para uma sociedade em um período marcado no tempo histórico, mas que pode reverberar na longa duração. Dessa forma, constituem-se as bases para o entendimento dos processos sociais que a cidade desenvolve em seu movimento constante de transformação e ressignificação urbana, a partir da ação do próprio homem.

1.1.1 História Oral e os caminhos da memória

A História Oral é um procedimento metodológico de produção de saberes que abrange vários campos do conhecimento e múltiplas dimensões que envolvem histórias vividas, testemunhos, temporalidades e memórias, conforme definição de Lucília Delgado (2017)¹¹:

Portanto, a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido, o tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades (DELGADO, 2017, n. p.).

O passado é trabalhado e revisitado no presente e reconstituído através de narrativas, sempre com a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos, vividos em um meio, uma sociedade. Como afirmou Ecléa Bosi (1994): “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe

¹¹ A obra mencionada, "História Oral: memória, tempo e identidades" da autora Lucília de Almeida Neves Delgado (2017), trata-se de um *ebook Kindle*, o qual não contém paginação.

social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo." (BOSI, 1994, p. 17).

Sobre a memória e o processo de recordar, enfatiza-se, como dito anteriormente, que inclui também lapsos, esquecimentos, omissões, e ênfases de acordo com o olhar de cada depoente. Neste sentido, atua a questão da temporalidade:

A temporalidade, ou seja, a relação entre múltiplos tempos, também é inerente ao documento produzido. Nele estão presentes o tempo passado pesquisado, os tempos percorridos pela trajetória de vida do entrevistado e o tempo presente que orienta e estimula tanto as perguntas do entrevistador, que prepara o roteiro do depoimento, como as respostas a essas indagações (DELGADO, 2017, n. p.).

A construção de fontes através deste método envolve o entrevistador, o entrevistado e ainda as formas e a aparelhagem técnica utilizada para a gravação dos depoimentos, conforme afirmou Ecléa Bosi em sua obra "Memória e Sociedade: lembranças de velhos" (1994):

Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças. (BOSI, 1994, p. 2).

A interdisciplinaridade permeia a História Oral, que dialoga com a sociologia, a antropologia, e a psicanálise, como meios para a construção de roteiros de entrevistas e para a condução do próprio depoimento que pode utilizar-se de diferentes bases estimulantes da memória do entrevistado, como a música, a literatura, fontes iconográficas, documentação escrita, dentre outras (DELGADO, 2017). Sobre este assunto, Marilena Chauí (1994), na apresentação da obra de Ecléa Bosi, afirmou:

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (...) (CHAUÍ, in BOSI, 1994, p. XXI).

Para tratar sobre a História Oral, é importante situá-la dentro da perspectiva da apropriação da memória como fonte, mas também como objeto de estudo para a historiografia.

A utilização de relatos constituídos através de narrativas orais para utilização na escrita da história, segundo José D'Assunção Barros (2007), remonta ao séc. XVI quando Bernardino de Sahagún, interessado em entender a vida das populações nativas conquistadas pelos espanhóis, resolveu realizar entrevistas e assim registrar seus depoimentos sobre a Conquista da América. Porém, ao longo do tempo, a opinião dos historiadores quanto à utilização das fontes orais pela história variou bastante, conforme observou Barros (2007):

No século XVI, como vimos com Bernardino de Sahagún, este caminho estava aberto aos historiadores e cronistas renascentistas. No século XVIII, declina um pouco a credibilidade historiográfica nos registros orais, sob o peso do padrão de cientificidade e ideais de objetividade almejados pelo Iluminismo. A memória individual, tida como espaço aberto às subjetividades, é colocada sob suspeição por uma ciência que pretende alcançar a verdade e a objetividade (BARROS, 2007, n. p.).

Foi apenas no séc. XX, com o advento da Escola dos *Annales* que se deu um novo processo de expansão de fontes e objetos de estudo que mais tarde permitiu uma aproximação maior das relações entre a história e os relatos produzidos pela memória ¹². A Escola dos *Annales* foi um movimento surgido na França durante a primeira metade do séc. XX, através da qual, a história e a historiografia passaram por grandes modificações metodológicas que reivindicaram um maior conhecimento do cotidiano do passado, através da incorporação de novos tipos de temáticas e de fontes de pesquisa que foram estimuladas no sentido de captar as vozes dos sujeitos comuns ou excluídos da história oficial. Desta forma, os relatos produzidos por memórias ocasionaram o surgimento de um novo setor dentro da historiografia: a História Oral.

Porém, foi apenas a partir dos anos 1980 que a utilização do método de História Oral por historiadores, cresceu e atualmente é certamente um campo da historiografia muito pesquisado e que hoje abarca um número substancial de pesquisadores ¹³ (BARROS, 2007).

¹² Uma outra modificação apresentada pela Escola dos *Annales* foi também a argumentação de que o tempo histórico apresenta ritmos diferentes para os acontecimentos. Da mesma forma, foram incorporados os domínios dos fatores econômicos, da organização social e da psicologia das mentalidades (BURKE, 1991, p. 17).

¹³ Cabe aqui lembrar da invenção do gravador no século XX, um recurso que permitiu registrar e guardar depoimentos para posterior análise e assim motivou as práticas de História Oral (BARROS, 2007).

Portelli, ao referir-se à História Oral e às especificidades que o método possui dentro das ciências humanas, refere-se às suas dimensões narrativas e linguísticas:

[...] a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado, oral indica um meio de expressão. No desenvolvimento da história oral como um campo de estudo, muita atenção tem sido dedicada às suas dimensões narrativa e linguística (PORTELLI, 2001, p. 10).

A memória implica um comportamento narrativo mediado pela linguagem – falada e/ou escrita -, produto da sociedade: “o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural, a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual.” (BOSI, 1994, p. 18). E continua: “As convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da vida coletiva.” (BOSI, 1994, p. 19).

As lembranças abandonam o campo da experiência individual e assumem a possibilidade de ser comunicada, socializada aproximando-se assim da dimensão coletiva. Neste sentido Le Vem (1997) afirma:

As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe **‘criador da história’** a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele reflete sobre sua vida [...] e **se vê como um ator social e ‘criador da história’**. (LE VEM, 1997, p. 220, grifos nosso).

Meihy (2005) corrobora e complementa este pensamento:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, **a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores**, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 2005, p. 19, grifo nosso).

A pesquisa realizada lançou mão deste método de construção do conhecimento, para o entendimento e a visada da preservação da história de comunidades sociais e urbanas, uma vez que institui lugares de fala que fundamentam representações de relações humanizadas entre pessoas e espaços.

Partiu-se do entendimento de que a História Oral constitui territórios e rompe com a perspectiva singular dos fatos, à medida que valoriza pluralidades expressas no cotidiano e nas ações de vida de sujeitos anônimos em suas formas de convivência com espaços habitados. Tal como argumenta Ecléa Bosi: “uma memória coletiva se

desenvolve a partir de laços familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo.” (BOSI, 1994, p. 408).

A aplicação de entrevistas de História Oral com moradores do bairro da Ponta Grossa que mantiveram contato e/ou estabeleceram relações com os espaços das praças escolhidas como recorte territorial, comprovaram a contribuição deste método para o entendimento e a preservação da história de comunidades sociais e urbanas.

1.1.2 Modernismo e modernidade no Brasil: do erudito ao popular

É fato bastante difundido por vários pesquisadores e historiadores, que a arquitetura no Brasil floresceu a partir da década de 1930¹⁴ – alguns anos depois da Semana de Arte Moderna de 1922, com a com a perseguição de uma desejada identidade cultural nacional¹⁵ – quando os ideais de modernidade, em voga na Europa desde o séc. XIX, começam a fervilhar no país.

A arquitetura moderna brasileira erudita, aquela estudada e considerada historicamente representativa desde o surgimento dos seus primeiros exemplares, buscou uma linguagem que além de deter os princípios estéticos e construtivos da arquitetura internacional, notadamente procurava a singularização pela busca de um conceito de identidade brasileira. Como exemplos que expressam essa arquitetura, podemos citar o projeto de Lúcio Costa para a sede do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro – atualmente palácio Gustavo Capanema inaugurado em 1940, nele o então jovem arquiteto associado ao pensamento intelectual e político vigente, propôs uma arquitetura sob a unidade da teoria de uma expressão nativa, a qual logo mostrou-se mais ampla e complexa, estabelecendo gradualmente um constructo teórico que buscava dar sustentação à produção exótica – aos olhos

¹⁴ Neste período, o Brasil vivia um momento economicamente pujante e buscava os ideais de governabilidade dentro de uma perspectiva modernizadora. O governo de Getúlio Vargas, desejava imprimir as marcas desses ideais na construção de prédios e obras públicas para abrigar a nova administração (CAVALCANTI, 2006).

¹⁵ Na Semana de Arte Moderna houve a produção pioneira de uma arte verdadeiramente moderna nas artes plásticas e na literatura. Dentre outras coisas, discutia-se no Rio de Janeiro, Capital da República à época, a adoção do neocolonial como estilo representativo do país (FERRAZ, 2005).

estrangeiros – da escola carioca rumo ao êxito internacional ¹⁶. Conforme mostrado na Figura 13 e na Figura 14.

Figura 13: Colunatas e painel de azulejos de Candido Portinari no edifício do Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1946.



Fonte: <https://epoca.globo.com/a-biografia-do-palacio-capanema-23114692>. Acesso em: 08 mar. 2021.

Figura 14: Ministério da Educação e Saúde – Rio de Janeiro. Ca. 1950, Marcel Gautherot.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3762/ministerio-da-educacao-e-saude-mes>. Acesso em: 07 mar. 2021.

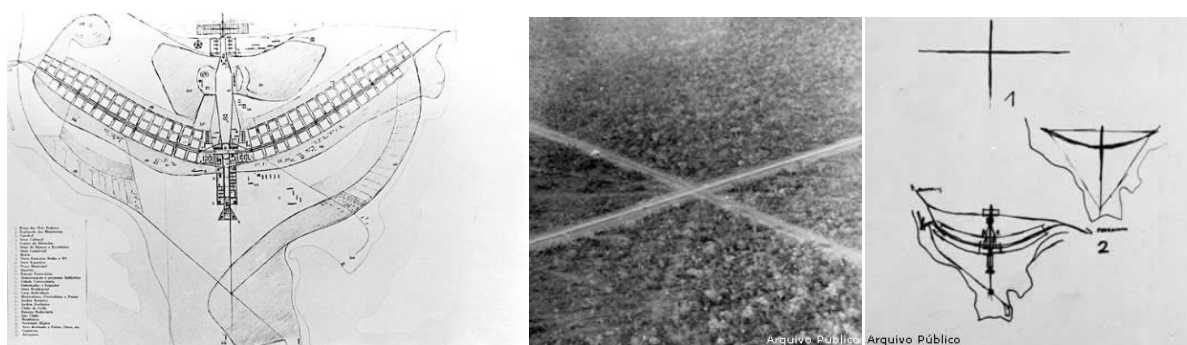
¹⁶ O edifício do Ministério da Educação é considerado um dos símbolos mais representativos da arquitetura moderna brasileira, por ter reunido pela primeira vez os cinco pontos formulados por Le Corbusier: planta livre, fachada livre, pilotis, teto-jardim e aberturas horizontais (janela em fita). Foi também o primeiro edifício desse porte a utilizar cortina de vidro e brises móveis. O projeto marcou a 'revelação' do então jovem arquiteto Oscar Niemeyer, que trabalhava no escritório de Lúcio Costa (1902-1998), no qual integrou a equipe como desenhista.

Desde o governo de Getúlio Vargas na década de 1930, se intensificando na presidência de Juscelino Kubitschek (1956-1961), a sociedade brasileira foi tomada pela ideia de modernização reforçada pelo otimismo difundido nos discursos políticos vigentes, que investiam na concepção de um país moderno e tiveram na arquitetura um dos principais veículos de disseminação desses ideais.

Nos anos de 1950, os principais expoentes do movimento moderno na arquitetura brasileira foram Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, com destaque para a construção da nova capital do Brasil, literalmente partindo do zero, à época do presidente Juscelino Kubitschek, eleito em 1955.

A campanha política de Juscelino baseou-se na noção desenvolvimentista com o lema “50 anos em 5” e propagou um movimento para reformar boa parte do espaço urbano do país. Seu intuito era ‘modernizar’ a arquitetura brasileira e enaltecer os profissionais da área. O projeto urbano-arquitetônico de Brasília teve como plano conceitual a ideia de cidade que abria as suas portas para o moderno, o progresso, o racional e o futurista, com o objetivo de materializar os ideais da “nova nação” e da “nova política” pretendida por Kubitschek (Figura 15).

Figura 15: Plano piloto, concebido através da ideia do gesto de quem assinala uma cruz. Um símbolo de conquista, de quem toma posse de um território.



Fonte: Museu Virtual de Brasília. Disponível em:
http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/plano_piloto.html. Acesso em: 07 mar. 2021.

O ideário de cidade que abria as portas para modernidades progressistas se projetou em todo o país, principalmente das capitais dos estados, onde as notícias chegavam mais velozmente, se difundia entre a população das mesmas e era absorvido e reconhecido como um novo ideal de vida.

Voltando-nos para o modelo urbanístico modernista, explica-se, diante do projeto maior de construção de um novo Estado, e de uma nova nação, com identidade própria, mas ao mesmo tempo internacionalizada, e que também representava o desejo de materialização do pensamento positivista e racionalista, ansiosamente esperado pela elite cultural brasileira. Como afirmaram Vicente del Rio e Haroldo Gallo (2000) ¹⁷:

É esta também a origem do princípio de "tábula rasa", tão caro ao pensamento corbusiano com o qual se alinharam estreitamente a arquitetura e o urbanismo modernista brasileiros. Nega-se a autoridade do passado, substituído pela experiência própria, à luz da razão, desprezando o legado histórico, sobre o qual o modernismo se afirma por negação, numa cidade zonificada e fisicamente sadia para o seu perfeito funcionamento: habitar, trabalhar, circular e cultivar o corpo e o espírito (RIO; GALLO, 2000, n. p.).

Portanto, não foi por acaso que o projeto moderno encontrou campo fértil para expandir-se no Brasil dos anos 1950 e 1960, pois seus preceitos mantinham um diálogo muito próximo com as políticas nacionais de desenvolvimento o que propiciou com que continuasse a servir de modelo a ser difundido em outras cidades brasileiras:

[...] é preciso destacar um seu forte caráter positivo: o ideário modernista serviu para estabelecer entre nós um grande sentido do social e uma unidade de propósitos, por meio da qual foi possível estabelecer, paradoxalmente com o princípio de negação do repertório histórico e da criação de formas novas, uma expressão de identidade. (RIO; GALLO, 2000, n. p.).

Assim, tanto na arquitetura quanto no urbanismo, foi possível estabelecer uma identidade brasileira que, embora referenciando-se inicialmente no ideário internacional, expressou seus valores, diferenciadamente em suas expressões locais. O modernismo, dessa forma, seguiu os diferentes ritmos de desenvolvimento econômico e social das diversas regiões do Brasil e de suas cidades. Como inferem as pesquisadoras Melissa Matos e Ana Maria Gadelha Amora:

Dos primeiros exercícios técnico/compositivos à afirmação e difusão de sua prática por reflexões críticas sempre renovadas, é possível afirmar que, independentemente de sua gênese ou influência externa inicial, a arquitetura moderna brasileira encontrou um caminho singular de desenvolvimento e realização como experiência plástica e construtiva nacional. Desde sua gênese essa arquitetura se adaptou às inúmeras variáveis econômicas e sociais em um país continental: de uma quase ortodoxia corbusiana, a variadas soluções técnicas e climáticas, até um hibridismo formal e técnico decorrente do atendimento de condicionantes variadas em comparação as de seus centros de origem (MATOS; AMORA, 2020, p.108).

¹⁷ A obra mencionada, "O legado do urbanismo moderno no Brasil: paradigma realizado ou projeto inacabado?" do autor Vicente Del Rio e Haroldo Gallo (2000), trata-se de arquiteyto do site www.vitruvius.com.br, o qual não contém paginação.

Portanto, apesar do otimismo desenvolvimentista presente no país, a cidade projetada por urbanistas onde se identificam os conceitos do projeto para a expansão do espaço urbano moderno, terá no Brasil grandes dificuldades de proliferar-se e desenvolver-se seguindo os preceitos estritamente modernistas. Dessa forma, apresentou adaptações em soluções técnicas e formais, perante as condicionantes desigualdades culturais e econômicas regionais. Reforça-se que o Brasil dos anos 1950 apresentava realidades distintas que acabaram por decodificar espaços e paisagens de urbanidades diversas, de acordo com as diferentes regiões do país.

Nesse período, a população brasileira que habitava os núcleos urbanos cresceu exponencialmente, mas as cidades já estabelecidas não estavam preparadas para esse movimento de pessoas. Não havia uma adoção sistemática de políticas públicas de infraestrutura concebidas para absorverem esse contingente populacional. As cidades apresentavam crescimento rápido, "inchando" e expondo seus indivíduos à níveis sociais absolutamente díspares e colocando-os em situação de miserabilidade.

Segundo Milton Santos (1993) a população brasileira das cidades cresceu em demasia a partir dos anos 1940, onde se observa eminente deslocamentos de população para os centros urbanos. A conversão da sociedade brasileira para urbana acontece através de diferentes meios que se particularizam de região para região. No entanto, mesmo sendo o Brasil um país de território extenso e que apresenta aspectos regionais diferenciados em seu processo de urbanização, tanto as grandes quanto as médias e pequenas cidades passaram a oferecer demandas criadas pela economia e pelo sistema capitalista que fizeram com que as populações do campo migrassem em busca de melhores condições de vida (SANTOS, 1993).

Assim, no Brasil, as desigualdades regionais, eram acentuadas e profundas. Nas regiões sudeste e sul, devido a fatores ligados a diversidade de produção de bens e acesso a industrialização, as cidades apresentam uma dinâmica urbana bem diferenciada das regiões norte e nordeste que centralizaram sua economia na monocultura e na agricultura de subsistência.

No sul e no sudeste, onde existe uma rede urbana mais desenvolvida, a interação entre cidades acelera o processo de divisão territorial do trabalho que lhes deu origem e, por sua vez, vai permitir o avanço dos índices de urbanização [...] enquanto isso, os índices de urbanização ficam estagnados ou evoluem lentamente no nordeste [...] a diferença entre as taxas de

urbanização das várias regiões está intimamente ligada à forma como, nelas, a divisão do trabalho sucessivamente se deu, ou, em outras palavras, pela maneira diferente como a cada momento histórico, foram afetadas pela divisão inter-regional do trabalho (SANTOS, 1993, p. 60).

Segundo o censo de 1950, o Brasil apresentava 26 unidades federativas: 20 estados, 5 territórios e o Distrito Federal, com uma população total de 51 milhões de habitantes. Este censo não apresenta dados relativos aos movimentos migratórios, porém, apresenta os números dos habitantes rurais na ordem de 22 milhões.

Uma década depois, no censo de 1960, o Brasil apresentava 27 unidades federativas e, pela primeira vez nos censos nacionais, foi efetuada a pesquisa direta dos movimentos migratórios. Contabilizou-se um total de 72 milhões de pessoas, das quais 32 milhões viviam em regiões urbanas e 30 milhões em áreas rurais, ou seja, um contingente de 53% da população habitando em aglomerados urbanos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1950; 1960).

A partir desses dados observa-se que em um intervalo de uma década, mesmo com o crescimento de 38 por cento em números absolutos, a população das cidades brasileiras duplicou.

Voltamos a Santos (1993) para ratificar que os processos de urbanização diferenciados e regionalizados acontecidos no Brasil entre as décadas 1950-1960, foram determinados principalmente por imperativos de um passado “cristalizado na sociedade e no espaço, ligados a estruturas econômicas, sociais e culturais diversas” caracterizado, portanto, por temporalidades distintas (SANTOS, 1993, p. 63).

Assim, o projeto de um país moderno e unificado, presente no discurso e nos planos políticos desenvolvimentistas, apresentaram grandes e imperativos obstáculos para a sua concretização. Todavia, tanto nas populações das grandes cidades, quanto nas de cidades menores, irá se propagar o desejo de modernidade que se delineia como busca de progresso pessoal, florescimento e prosperidade, atrelada à vontade de pertencer e “moldar” a vida frente ao “novo”. O ideário da modernidade guiaria a crença na autonomia, na autossuficiência e na possibilidade de atuação sobre o meio em que se vivia.

Dessa forma, o conceito de modernidade ou a “modernização de conceitos” de vida cotidiana, disseminado pelos meios de comunicação como as revistas, o rádio, o cinema – sobretudo o americano – e a televisão, consolidaram a chamada sociedade

urbano-industrial, propalando um novo estilo de vida, aos poucos integralizado à população brasileira das grandes cidades. Mas, naquele momento, apesar do Brasil já apresentar um modernismo exuberante mostrado através de exemplares arquitetônicos nos centros econômicos, pode-se dizer que essa modernidade era limitada, pois era acessada apenas por uma pequena parte da população, quando a maior parte estava imersa na modernidade real, devido às grandes desigualdades culturais e econômicas do país (LARA, 2018).

Contudo, os discursos políticos, culturais e sociais locais, permitiram que uma parcela, aquela que estava situada entre os setores médios e presentes em locais que continham processos de urbanização específicos, “consumissem modernidade”, e conseguissem acessos distintos às facilidades da vida considerada moderna, que denotavam “identidade”, desde a forma de portar-se, relacionar-se com o outro, vestir-se, e até a forma do habitar.

Esse desejo do “novo” embutia também a aspiração na sociedade brasileira, de transformar a própria realidade num país repleto de desigualdades. Havia o desejo de retirar-se do atraso para construir um futuro promissor, o que também determinava o deslocamento populacional regional para as grandes cidades; e local com o movimento de pessoas deixando as regiões rurais com destino às cidades mais próximas. Assim, para absorver tamanho contingente, as cidades brasileiras, transformaram-se em “verdadeiros canteiros de obras” criando novas centralidades e ramificações, novas paisagens e formas urbanas inovadoras (LARA, 2018).

Enquanto nas cidades de grande porte e maior circulação de bens como as capitais da região sudeste, o urbanismo de cunho modernista foi amplamente utilizado em prédios e espaços públicos; nas regiões mais afastadas dos centros do poder esses espaços se apresentavam como “representações do estilo racional e moderno vigente”, mas, na grande maioria, não apresentavam planejamento desenvolvido por arquitetos e urbanistas.

Assim se processando, e em um país extenso como o Brasil, a disseminação da arquitetura e urbanísticas modernas se deu atrelada às várias temporalidades e historicidades regionais, que são as peças-chaves para o entendimento da não linearidade ou dos vários tipos ou denominações dadas por estudiosos a esse

fenômeno moderno que se ramifica e apresenta diferentes faces e narrativas (LARA, 2018).

Nessa perspectiva, entre os anos 1950 e 1960, principalmente em regiões e cidades de médio e pequeno porte, são encontradas em todo o Brasil exemplares de edifícios e espaços públicos – como praças e monumentos – projetados e construídos pelas administrações públicas que apresentam ao mesmo tempo feições modernistas em seus materiais, mas que se constituem como apropriações daquele estilo purista desenvolvido pela academia, redimensionados às realidades locais.

Essas adaptações ora eram apenas construtivas, ora eram repletas de simbolismos regionalizados e se estabeleceram como territórios para populações destes *lôcus*, se impondo de maneira significativa através do tempo, na memória coletiva de comunidades inteiras (MATOS; AMORA, 2020). E também, como inferem as pesquisadoras Melissa Matos e Ana Maria Gadelha Amora:

A materialização desse conjunto simbólico de adaptações, que habita a memória coletiva pode ser vista nos mais distantes rincões do território nacional, às vezes levada por profissionais graduados e eruditos em sua criação, às vezes patrocinada por um Estado que lhe acolheu eventualmente como linguagem oficial, mas em muitos casos, como uma construção que se apropria de elementos da gramática formal moderna em condições adversas e que resultam em arquiteturas de faces modernas, desejosas da vivência da modernidade, mas erigidas a partir de um saber fazer empírico em uma relação de singularidade e repetição de elementos modernos (MATOS; AMORA, 2020, p.108).

Esses locais públicos representaram para a população importantes espaços onde desenvolviam-se diferentes formas de socialização e foram esses responsáveis pela condução do olhar da população para a arquitetura moderna e suas relações com os ideais de modernidade presentes nessas comunidades. Dessa forma, a essa arquitetura desempenhou fundamental importância para a assimilação do vocabulário moderno pelas diferentes classes sociais, e assim houve o estabelecimento da relação entre o imaginário de progresso e as paisagens por ele produzidas.

Durante a década de 1950, arquitetos de todas as partes do Brasil ocuparam-se em disseminar o conceito modernista em seus projetos. O país de então, como já dito anteriormente, apresentava um momento único para a formatação de sua autoimagem, já em construção pelo sucesso dos exemplares tradicionais modernistas dos edifícios institucionais e comerciais que exibiam particularidades formais na linguagem instituída, e também pelas adaptações desses modelos para a arquitetura residencial.

Esse movimento de adaptação dos preceitos estilísticos da arquitetura moderna nas habitações se proliferou primeiramente em bairros burgueses das capitais e cidades de maior porte, sendo de modo gradativo absorvido pela classe média e, posteriormente, pelas classes populares nas cidades brasileiras. Como observa, Fernando Luiz Lara no trecho a seguir:

A arquitetura daqueles dias deixou um grande impacto em como as cidades brasileiras se configuram hoje. [...] Percorrendo bairros residenciais nas maiorias das cidades brasileiras, é impossível não perceber a repetição de certos elementos arquitetônicos aplicados em diversas fachadas. Os telhados estão normalmente voltados para dentro. Inúmeras marquises de concreto flutuam sobre as entradas, apoiadas em finas colunas metálicas. Azulejos em cores pastéis revestem grande parte das fachadas frontais das casas. Sombras e ventilação são normalmente proporcionadas pelo uso de brise-soleils ou de blocos vazados em cerâmica e concreto (LARA, 2018, p.38).

A repetição contínua desse vocabulário modernista junto com a tradição provinda da herança colonial na arquitetura brasileira, constituíram uma conjugação arquitetônica com bases de estilo modernista, mas também impregnada de regionalismos, temporalidades e apropriações que distinguem e constituem atributos da produção brasileira sendo, portanto, veículo de aceitação popular num país de dimensões continentais e repleto de características culturais, sociais e econômicas diversas e por vezes díspares, tanto como enfatizam Melissa Matos e Ana Maria Gadelha Amora:

Em um país de extensão continental e em cujo território se testemunha discrepâncias econômicas, sociais e culturais, temporalidades variadas e distintas possibilidades de acesso à cidadania (em suas diversas expressões), também a arquitetura modernista e seu processo histórico de produção não é único ou se manifesta de modo linear. A própria busca por uma identidade nacional já não é fecunda sem que se incorra em alguma generalização reducionista. Na arquitetura, se considerarmos apenas as variáveis de ordem criativa e as condições técnicas para sua realização, encontraremos um infindável universo de soluções técnicas, estéticas e programáticas distribuídas pelo país que, por si, já são capazes de derrubar qualquer tese de uma unidade nacional. Inversamente a essa constatação, temos que parte importante da historiografia de arquitetura moderna brasileira pôs de lado essas discrepâncias em nome da construção de uma ideia hegemônica do que se deveria considerar como 'a' arquitetura moderna brasileira (MATOS; AMORA, 2020, p.111).

Importante observar aqui, portanto, a relação de interconceitualidade presente na arquitetura brasileira modernista onde a disseminação do vocabulário moderno constituiu "em termos práticos, uma troca fértil de informações entre projetistas (arquitetos e práticos) e a população" (LARA, 2018, p.39). Isto se deu na medida em que houve a adequação das influências de arquitetos estrangeiros, como Le Corbusier, e outros, pelos arquitetos brasileiros.

O vocabulário utilizado nesses produtos arquitetônicos foi adaptado à realidade material e cultural do país, ao mesmo tempo que essas trocas de saberes e percepções também aconteceram entre esses profissionais da arquitetura e os “práticos” – desenhistas projetistas, mestres de obras e pedreiros – que foram responsáveis pela disseminação de arquiteturas modernistas com características populares, como afirma Fernando Lara:

A grande maioria das casas documentadas não foi projetada por arquitetos, mas mesmo assim apresentavam elementos modernistas reapropriados. Construídas pelos próprios proprietários com a ajuda de um mestre de obras e/ou operários não qualificados, as casas apresentam uma engenhosa adaptação e aplicação do vocabulário modernista. [...] Apesar dos lotes pequenos, estas casas apresentam composições de fachadas bastante complexas, normalmente com um ou dois volumes principais definidos por telhados de inclinações diferentes e outros elementos secundários completando a fachada (LARA, 2018, p. 43).

E observa mais adiante:

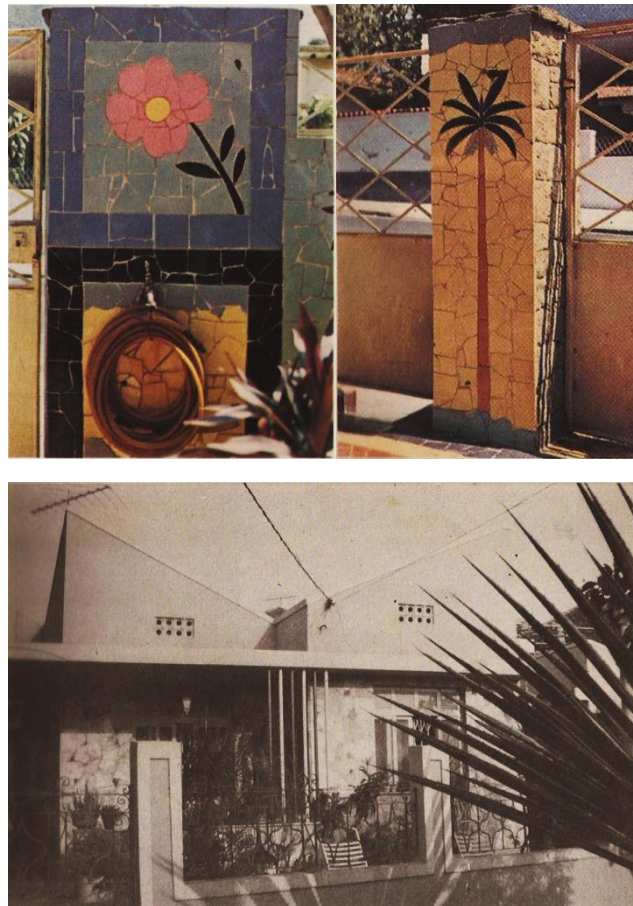
Apesar de ser percebida mais como kitsch/ degeneração que como elogio/sucesso, a ampla disseminação do vocabulário arquitetônico e dos arranjos espaciais levanta pontos muito interessantes. Em relação à conexão entre arquitetura e cultura popular (um dos maiores desafios da teoria contemporânea da arquitetura), percebe-se uma lacuna em ambos os campos (LARA, 2018 p. 53).

Neste ponto, o autor cita a arquitetura alcunhada por Kitsch sobre a qual os pesquisadores Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti, tecem uma análise mais aprofundada, identificando duas categorias expressivas de utilização do vocabulário moderno presentes em residências nesse período, como os seguintes tipos: o “**Kitsch passivo**”, caracterizado pelo consumo, “onde a relação com o meio ambiente se faz principalmente pela busca de um *status* sociocultural, geralmente constituindo-se apenas em imitações de elementos e materiais utilizados pela elite” (GUIMARAENS; CAVALCANTI, p.22). Neste caso, o proprietário utiliza o repertório moderno com a finalidade de parecer atualizado e “padronizado” dentro de um contexto, o que incorre frequentemente em deturpações estéticas e funcionais. E o “**Kitsch criativo**” onde são realizadas intervenções inventivas que adequam elementos às possibilidades do seu utilizador/produtor. Nele, “ao lado de soluções plástico-construtivas originais, são encontrados, retransformados, dados de uma arquitetura oficial, ficando assim sempre assinalado a “marca”, a inventividade do autor” (GUIMARAENS; CAVALCANTI, p.22).

Conforme observamos nas figuras abaixo, selecionadas do livro *Arquitetura Kitsch – suburbana rural*, os autores destacam alguns projetos presentes na pesquisa

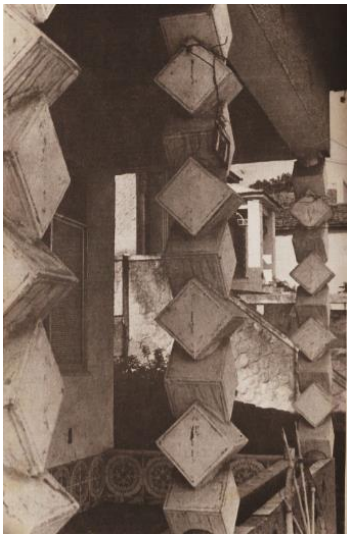
localizados em regiões suburbanas do Rio de Janeiro, onde são identificadas particularidades que os requalificam, são algumas características que os distinguem pela simbologia e personalidade que apresentam, como: a visão poética (Figura 16), o caráter visionário (Figura 17), a religiosidade e a interferência na arquitetura moderna livre de obstáculos conceituais definidos pela força expressiva e singular do empirismo popular (Figura 18).

Figura 16: (a) (b) Painéis em residência em Cachambí-RJ, 1968 que destacam a visão poética do proprietário, (c) telhado invertido e painéis de pedra em Jacarepaguá – RJ, 1966.



Fonte: GUIMARÃES, CAVALCANTE, 1979, n. p.

Figura 17 : (a) Visão religiosa em residência em Coroa Grande-RJ, 1965, (b) (c) e o caráter visionário evidenciado nos pilares estruturais em destaque da residência em Piedade-RJ, 1965.



Fonte: GUIMARÃES, CAVALCANTE, 1979, n. p.

Figura 18: A interferência na arquitetura moderna livre de obstáculos conceituais presentes (a) na residência em Saquarema – RJ, 1962, (b) (c) na residência em Santa Cruz-RJ, 1962, (d) nas residências geminadas nos subúrbios do Rio de Janeiro (n.d.)



Fonte: GUIMARÃES, CAVALCANTE, 1979, n. p.

Entende-se, portanto, que as conexões e trocas entre a arquitetura moderna erudita brasileira e a arquitetura popular – instituída cultura de massa – abrem uma discussão importante na medida em que ambas apresentam formas de reverberação e representações diferenciadas de uma mesma fonte. Com efeito, a arquitetura modernista em seus arcabouços formal e empírico, representa saberes distintos onde por vezes arquitetos se apropriam de elementos da cultura popular em seus projetos, e práticos inventivos, instituem experiências projetuais e construtivas importantes que ressignificam a produção erudita com criatividade em adequações do vocabulário modernista produzidas pelo fazer popular.

Pode-se inferir que várias classificações são possíveis ao se analisar a fenomenologia da arquitetura moderna brasileira, particularizada por diferentes pontos de vistas e universos intrínsecos, considerando centralidades e temporalidades diversas. A historiografia contemporânea tem produzido narrativas que se ramificam

em entendimentos complexos de abordagens e conceituações diferenciadas com a finalidade de perceber relações entre o modernismo brasileiro clássico e as diferentes vertentes deste, num país com multi-culturalidades e historicidades como reiteram Matos e Amora:

Acompanhando essa perspectiva, podemos ver no Brasil, um conjunto de novas classificações, dentre as quais destacamos o **modernismo periférico** (DINIZ, 2017), a **modernidade possível** (TEIXEIRA, 2009), o **modernismo vernacular** (LARA, 2009) e o **modernismo popular** (LARA, 2005), (LARA, 2008). Ao analisarmos as transformações no âmbito da modernidade, vemos que, quanto mais nos distanciamos do epicentro de um fenômeno – seja em termos geográficos, seja em termos temporais – mais interpretações passam a ser consideradas e mais recortes de análises surgem (MATOS; AMORA, 2020, p.111, grifos nosso).

Multifacetado e atrelado às realidades de um país com dimensões continentais, o produto arquitetural modernista brasileiro, instituiu discursos diversos e diferentes abordagens de estudiosos, mas que estão indefectivelmente ligadas às inter-relações de realidades regionais e locais que definem contextos e signos particulares de modernidades distintas em centralidades e ramificações diversas:

Isso posto, nos vemos diante de um paradoxo sempre presente na reflexão sobre a arquitetura moderna na América Latina e que pode ser transposto para a realidade brasileira, qual seja: o estabelecimento das relações de centro/periferia na análise da arquitetura se impõem mais do que como instrumento de distinção, mas como instrumento de medida de nível civilizatório de uma cultura/região sobre outra. O paradoxo reside justamente em se ignorar que: 1) Os centros só se ratificam como centros a partir da existência de uma periferia. O deslocamento de um centro – ou da posição central de um observador – pode lhe atribuir um novo valor, mas perpetua o mesmo estado de coisas em que elementos de análise externos à arquitetura (precedência cronológica, posição geográfica, etc.) vão ser usados para estabelecer que moderno é mais moderno. 2) Como frisou Sperling (2003), introduzindo a reflexão de Silvia Arango, “o centro, ao colocar-se como tal, fecha-se a qualquer manifestação externa a si, considerada não relevante e acomete-se do que ela chama de provincianismo, e as periferias, abertas a receber influências produzem uma visão ampla do mundo – característica que deveria ser fundante de qualquer centralidade” (SPERLING, 2003, Apud MATOS; AMORA, 2020 p.122).

O modernismo popular, periférico e vernacular, constituiu importante parcela do modernismo brasileiro, enquanto aberto à criatividade e à inserção de práticas construtivas de características amplas, livres, portanto, se impondo como prática livre e sedimentada nas feições da cultura popular brasileira.

Neste sentido, salienta-se que, se nos anos 1950, os intelectuais estavam falando de cultura popular, sobre brasilidade e identidade cultural, produzindo um

pensamento que retratava as classes sociais populares em seus discursos, essas expressões provindas da intelectualidade eram consumidas pelas elites e pela própria academia, isto é, as classes populares não tinham amplo acesso a esses discursos.

Contudo, na arquitetura, esse vocabulário que procede do erudito moderno, a citar: os *brise-soleils*, os telhados invertidos ou escondidos por platibandas, os azulejos, as finas colunas e as marquises, dentre outros; foram assimilados pelas classes populares. Entretanto, seus usos ou utilidades foram, na maioria das vezes, reproduzidas ou entendidas de forma diversa e utilizadas como artifício ou elemento aformoseador que promoveram criações livres e dotadas de inventividade, no projeto de casas populares modernistas.

Conforme já relatado, os exemplares da arquitetura popular brasileira no período em tela, não foram projetados e construídos por arquitetos e sim pelos próprios moradores auxiliados por práticos de arquitetura que aprendiam o ofício. O repertório desses “práticos”, se dava fora do meio acadêmico, através de cursos por correspondência ou mesmo por observação de exemplos conseguidos e vistos em revistas e almanaques da época.

Foi, portanto, havendo uma fusão entre a interação de discursos formais/espaciais de vertente modernista assimilados pela percepção destes produtores periféricos e deste mesmo vocabulário com os saberes populares embutidos nessa relação que agregam aos mesmos a empiria construtiva desses indivíduos, as suas inventividades e as possibilidades de reapropriação.

Devido a esta forma de concepção, seriam então esses exemplares menos modernos que os exemplares produzidos por arquitetos modernistas? Esse questionamento é analisado por Matos e Amora:

Se é esta a alternativa, as especificidades locais de produção, condicionantes as mais diversas e particularidades culturais não entram no bojo da análise, então estamos condenados a classificar alguns modernos como mais modernos que outros. Uma planta livre é mais moderna que outra planta livre? Um telhado borboleta é mais moderno que outro telhado borboleta? Se nossa tendência é acreditar que essas perguntas não têm respostas, talvez seja oportuno repensar o estabelecimento de critérios de análise dos fenômenos ligados à arquitetura moderna para além dos centros, a partir de atributos não apenas formais e, menos ainda, a partir de sua “distância” de um centro (MATOS; AMORA, 2020, p.116).

As autoras ainda complementam:

Além disso, a produção arquitetônica moderna no Brasil é tanto resultado quanto agente de um rompimento da ordem linear – temporal ou no sentido de expansão do conhecimento – predominante na narrativa histórica e mesmo na abordagem pedagógica do tema nas escolas de arquitetura. Nesse sentido se reforça a necessidade de, compreendido o contexto geral dos acontecimentos, nos debruçarmos sobre um entendimento aproximado de realidades particulares a partir não apenas de fatores de ordem estilística, mas sobretudo a partir do exame dos processos. Essa abordagem poderá explicitar dinâmicas diversas ou ensejar o exercício de novos olhares que devem ir além da transposição física do ponto de observação dos fenômenos urbanos e arquitetônicos (do centro para a periferia ou da periferia para o centro), mas ousar a transformação no modo de se observar esses fenômenos: não apenas como núcleos receptores da informação externas, mas como regiões com dinâmicas próprias, múltiplas e não lineares de construção de seus modelos de vida e de constituição urbana e arquitetônica modernos. Tão modernos quanto os outros. (MATOS; AMORA, 2020, p.118).

Em Alagoas, assim como em outros estados e lugares do território nacional, verificou-se fortemente as excepcionalidades da arquitetura moderna, popularizada em seus modos de fazer, ressignificar e representar a arquitetura moderna erudita, popularizada em exemplares residenciais construídos pela população proprietária de imóveis, como também em exemplares de uso público que marcaram a história urbana maceioense e de alguns outros municípios alagoanos. Abaixo, na figura 19 observamos exemplares de modernismo popular em residências localizadas em cidades alagoanas, que expressam adaptações do vocabulário modernista de forma marcante.

Figura 19: Residências exemplares do modernismo popular no interior de Alagoas: (a) São José da Laje-AL, residência com azulejos em pedaços no gigante, barrado em pedra com friso preto e imagem de santo ao centro da fachada; (b) Porto de Pedras-AL, residência com telhado invertido e gigante contornando toda a fachada; (c) e (d) Viçosa-AL, residência com fachada com platibanda e colunas em “Y” que sustentam laje em concreto; (e) e (f) Viçosa-AL, residência com coluna circular que apoia a laje do terraço; (g) Porto de Pedras-AL, residência com composição inventiva de fachada.





Fonte: FERRARE, et al., 2005; FERRARE, et al. 2012; FERRARE, et al. 2018.

1.1.3 O modernismo alagoano e suas excepcionalidades

Não podemos falar de Alagoas sem tratarmos da sua economia, secularmente baseada na monocultura da cana-de-açúcar, processada por meio de engenhos, posteriormente, transformados em usinas. O açúcar produzido nessas terras, era levado para a capital, de onde era escoado através do porto de Jaraguá. Nesse

sentido, sempre se manteve uma forte relação entre os meios urbano e rural em Alagoas (AMARAL, 2009, p. 70).

De um lado havia o desejo da manutenção do tradicionalismo marcado pelas relações aristocráticas rurais, mas por outro, a ligação com a capital onde se davam as trocas comerciais, e as notícias dos ideais de modernidade vigentes em outros lugares do Brasil, começavam a ser difundidas em Maceió, refletindo-se inicialmente no campo da literatura, no período de 1922 a 1932 (AMARAL, 2009, p. 93) ¹⁸.

Porém, no âmbito da arquitetura, foi apenas a partir da década de 1950 que as ideias de modernidade começaram a ser expressas em Alagoas. Neste contexto, o período de 1950 a 1964 foi o mais expressivo do ponto de vista da modernização da arquitetura, que coincidiu com os ideais políticos vigentes no Estado e na capital, Maceió, "...buscando acompanhar o projeto desenvolvimentista nacional em voga" (AMARAL, 2009, p. 96) ¹⁹.

Começam, portanto, a surgir obras com caráter moderno com destaque para a utilização de *brise-soleils* de concreto, cobogós e aplicação de panos de vidro nas fachadas. Em 1991, Maria Angélica da Silva, em sua obra "Arquitetura Moderna: a atitude alagoana", organiza a produção arquitetônica moderna no Estado, abarcando vários municípios alagoanos. Segundo a autora: "O Estado empreendedor e organizador esbarra no peso de uma estrutura solidamente sedimentada por séculos de dominação, atraso e dependência. As disparidades regionais, a força do latifúndio, não são facilmente vencidos" (SILVA, 1991, p. 35) e completa:

A modernização arquitetônica e urbana de Alagoas desenvolve-se enraizada num contexto artificial, que contamina o seu produto. A arquitetura moderniza-se, mas, malgrado o papel ativo que cabe ao próprio espaço de gerar renovações, a sociedade a que abriga permanece pouco mudada. Apesar disso, deve-se ressaltar que a experiência da Arquitetura Moderna permanece como fato significativo pois é etapa de fundo progressista no caminhar da produção cultural de Alagoas. Há ganho na afirmação da autonomia do objeto arquitetônico, nas facilidades do conforto e

¹⁸ Nesse período surge um importante grupo de literatos no estado que obterão notabilidade nacionalmente, tais como Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima e Graciliano Ramos. Era um período de dubiedade marcada pela existência, além do Modernismo, do Movimento Regionalista do Nordeste, o qual adverte sobre a ameaça das renovações modernistas para a região nordestina (AMARAL, 2009, p. 93).

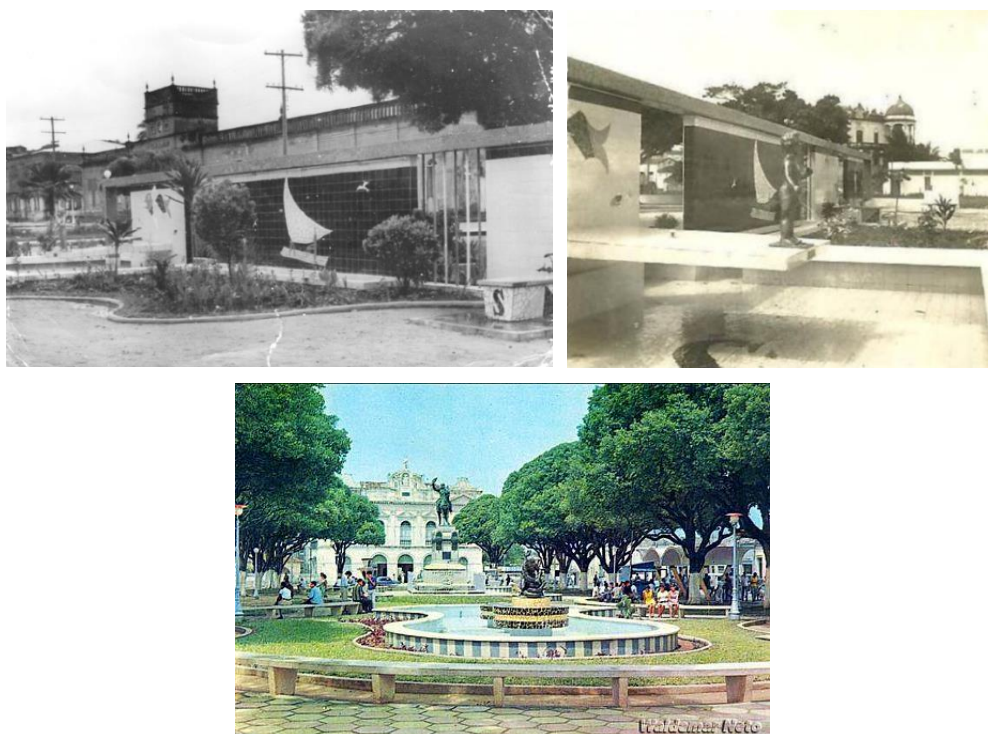
¹⁹ É nessa conjuntura que, em 1961, é criada a Universidade Federal de Alagoas, que incorpora ao seu patrimônio as faculdades existentes na cidade e inicia a construção de edifícios para as instalações de novas unidades funcionais. Destacaram-se no conjunto de obras os seguintes prédios: [como veremos mais adiante] Espaço Cultural da UFAL e a Residência Universitária Alagoana (RUA), localizados na Praça Sinimbu, no bairro do Centro (AMARAL, 2009, p. 97).

funcionalidade que se estabelecem e no saldo de criatividade que normalmente acompanha as renovações estéticas. (SILVA, 1991, p. 35).

Assim, são notáveis as excepcionalidades da arquitetura moderna em Alagoas, e nesse contexto, inclui-se as obras idealizadas e realizadas durante a década de 1960, na gestão populista do prefeito Sandoval Cajú. Sua intenção era devolver a cidade saneada e “aformoseada”, dentro dos princípios higienistas que eram praticados em ambientes urbanos no Brasil desde o princípio do séc. XX.

Na "Cidade Sorriso" idealizada por Cajú, foram implantadas 27 novas praças e promovidas melhorias em outras 22, em vários bairros, centrais e periféricos, tudo isso em um período de 3 anos, correspondente ao seu mandato que foi interrompido com sua destituição do cargo pelo regime militar em 1964. Alguns dos principais exemplos destes *lôcus* de modernidade alagoana são as: Praça Sinimbu e a Praça Marechal Deodoro da Fonseca localizadas na região central da cidade e a Praça Centenário, no bairro do Farol (Figura 20 e Figura 21), ambas receberam modificações pelo político, e ainda hoje figuram como importantes marcos desse período, fortemente presentes nas lembranças da população da cidade.

Figura 20: (a) Paineis revestidos em azulejo colorido com motivo de cultura popular na Praça Sinimbu; (b) Paineis com a fonte do "Mijãozinho"; (c) Praça Marechal Deodoro da Fonseca com destaque para a fonte de azulejos coloridos.



Fonte: Instagram do Maceió Antiga Oficial. Disponível em:
<https://www.instagram.com/maceioantigaoficial/?hl=pt-br>. Acesso em: 01 fev. 2021; Waldemar Neto
(cartão postal) in: FERRARE, 2018.

A promoção das mudanças estéticas no ambiente urbano de Maceió rendeu à Sandoval Cajú muitas críticas, por se tratarem de obras que visavam muito mais o embelezamento do que a promoção de infraestrutura básica para a cidade, apesar de estarem em concordância com as aspirações de modernidade da população.

Os desenhos das praças de Cajú incluíram elementos como bancos e canteiros com desenhos orgânicos e materiais construtivos como o concreto e os revestimentos em azulejo, onde abundavam a marca do "S", alusivo à expressão "Cidade Sorriso", mas também concernente ao nome Sandoval, praticamente inaugurando a utilização de símbolos não oficiais e com fins publicitários para a propaganda pessoal na política alagoana (Figura 21).

Figura 21: (a) Fonte com mapa de Alagoas dividido por municípios e a marca do "S" de Sandoval Cajú revestidos em azulejo colorido e estátuas de índios de tribos alagoana (Caeté) e paraibana (Tabajara) na Praça Centenário²⁰; (b) Detalhe do mapa depois de reforma empreendida pelo poder público; (c) Detalhe de banco contínuo e sinuoso presente na Praça Centenário; (d) e (e) Detalhe das figuras dos índios presentes na fonte central da centenário.



²⁰ Em fala de Sandoval Cajú presente no documentário "Sandoval Cajú: além do conversador", com direção de Pedro da Rocha, realizado em 2011, da produtora Boca da Noite, Cinema e Vídeo, o político descreve como se deu a reforma da Praça Centenário, falando também sobre a fonte em questão: "Tivemos também a Centenário, onde eu encontrei ali um canto com capim, um matagal. Dizem até que os ladrões de galinha se escondiam ali à noite. Fizemos ali 300 metros de banco. Tem um mapa do estado, que aliais, andaram raspando, descascando, com o objetivo velado, escondido, incógnito, de apagar um "S" que existia no pedestal do mapa. Por sorte, ainda está lá. Há dois índios de um lado e do outro e tal, que é o Caeté e o Tabajara, Tabajara e Caeté, Caeté e Tabajara são frentes da mesma fé, ninguém jamais os separa, este povo é Caeté e o prefeito é Tabajara. Era mais ou menos isso que a fonte luminosa que foi instalada lá dizia toda noite".



Fonte: (a) Instagram do Maceió Antiga Oficial. Disponível em:
<https://www.instagram.com/maceioantigaoficial/?hl=pt-br>. Acesso em: 01 fev. 2021; (b-e) Sandoval
Cajú: Além do conversador, 2011

Importante observar aqui, que esse repertório arquitetônico utilizado por Sandoval em suas praças, não foi projetado por arquitetos, mas sim por uma equipe de práticos e desenhistas que trabalhavam na Superintendência Municipal de Obras

e Viação (SUMOV), órgão competente para a construção de espaços públicos à época. Portanto as arquiteturas entregues pelo prefeito em sua gestão, foram fruto de adequações do estilo moderno e da assimilação do vocabulário moderno, e estavam principalmente ligadas ao discurso repassado pelo político. Nelas pode-se observar que apesar dos materiais utilizados com o azulejo colorido, o concreto e o marmorite, a presença dos temas locais ou regionais foram atributos da imaginação desses práticos e/ou por sugestão do próprio Cajú, que propunha nesses elementos e configurações um diálogo fértil entre seu acervo, a população e o estilo moderno clássico.

No bairro da Ponta Grossa, as intervenções de Sandoval Cajú modificaram completamente a paisagem. Um total de 9 praças foram reformadas e/ou construídas, no entanto, as administrações posteriores com um claro intuito de silenciar a sua marca, promoveram descaracterizações e hoje esses exemplares de um momento repleto de expressividade que afirmavam discursos populistas e “modernistas”, estão totalmente modificadas, como é o caso da Praça Santa Tereza e da Praça Nossa Senhora das Graças (Figura 22).

Figura 22: (a) Caminhos e ponto de ônibus da Praça Santa Tereza; (b) Bancos curvos na Praça Nossa Senhora das Graças.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Convém registrar aqui que dessas praças, apenas a Praça Nossa Senhora das Graças e a Praça Moleque Namorador são Unidades Especiais de Preservação (UEP). Porém, apesar da tutela, não recebem o tratamento adequado para a sua manutenção no sentido da preservação do seu desenho, mas mesmo assim,

permanecem fortemente presentes nas memórias coletivas de quem habitou e viveu na região, gerando sentido de território e pertencimento.



2. DAS MEMÓRIAS DA CIDADE DE MACEIÓ E DA PONTA GROSSA ATÉ OS ANOS 1960: CONTEXTO HISTÓRICO, DISCURSO E DESEJO

Inicialmente, este capítulo da dissertação examina, a partir do período da proclamação da República, de forma sintética, heranças históricas advindas das políticas que instituíram o formato de desenvolvimento da cidade de Maceió e as relações estabelecidas entre os atores desse processo, com a finalidade de entender as implicações e reverberações destes fatos historiográficos na conformação da paisagem da cidade, e seus “ecos” no barro da Ponta Grossa. As questões decorrentes deste formato político voltado principalmente para o bem-estar das classes sociais mais abastadas ligadas ao comércio e produção da cana-de açúcar foram determinantes na produção de espaços e temporalidades na cidade, enquanto norteadoras de condições para a reprodução das relações sociais, econômicas e culturais percebidas no bairro.

Na segunda parte do capítulo, os depoimentos colhidos de moradores do bairro da Ponta Grossa entre as décadas entre 1950-1970 são apresentados e começam a distinguir fragmentos do cotidiano como importantes relatos da comunidade, retenções da memória coletiva do local e busca-se através deles descobrir fatos e pormenores que possam contribuir para o entendimento da essencialidade simbólica e material desse espaço urbano.

Nesses depoimentos²¹ fica evidente como se tinha, na época, um senso forte de comunidade. Em vários trechos desses relatos, são expostas as relações de trocas amistosas entre vizinhos, o que significa que entre aqueles moradores existia um sentimento de pertencimento que era traduzido no modo como eram estabelecidas suas rotinas diárias, e suas observações sobre o bairro, como um território repleto de possibilidades, seus anseios e expectativas.

2.1 Maceió, da República aos anos 1960: “modernidades” atreladas as temporalidades locais.

De acordo com Craveiro Costa (1981, p. 3), Maceió tem sua existência documentada primeiramente em 1611. Sendo a Palavra Maceió provinda de

²¹ Depoimentos coletados em entrevistas de História Oral temática.

adaptações orais da denominação do riacho Maçai-ó-k e do engenho de açúcar Massayó (OLIVEIRA JUNIOR, 2009). Maçai-ó-k significa: “o que tapa o alagadiço” (COSTA, 1981, p. 1).

A cidade teve então, teve sua gênese urbana atrelada ao conjunto de três núcleos que coexistiam em fins do séc. XVIII e que se configuraram paralelamente enquanto se complementavam em funções e usos: O porto Jaraguá, O engenho de açúcar Massayó e o *Poço*.

[...] esses três espaços de usos singulares, em conjunto, pelo menos desde a metade do século XVIII, formavam uma unidade espacial que foi o sustentáculo das práticas da vida colonial e que deu origem ao aglomerado urbano setecentista, antes mesmo da criação da freguesia de Maceió em 1819 e da vila de Maceió em 1815. (FORTES, 2018, p. 300).

Desta forma, a importância do Porto de Jaraguá é evidenciada por Fortes (2018) enquanto observa a relevância deste, para o escoamento do que era produzido nas regiões vizinhas, e as trocas sociais e culturais desenvolvidas nesse local. Pois, além de responsável pela distribuição do que era produzido, também era importante posto recebimento de mercadorias que vinham de outras partes do Brasil e do mundo, instituindo-se, portanto, fonte de intercâmbio de “novidades” que chegavam do além mar.

Nesse sentido, a atividade econômica ali desenvolvida pela província fez com que o povoado de Maceió apresentasse um crescimento rápido, conquistando o direito aos privilégios de vila em 1815. Maceió iria então emancipar-se, possuindo organização administrativa própria e autônoma. (COSTA, 1991).

A cidade se espalhou a partir de seu núcleo central constituído no largo do Pelourinho, área da vila onde se localizavam os prédios institucionais e residiam políticos e comerciantes. Os bairros vão sendo construídos e habitados para atender as demandas que surgem da população vinda do campo para trabalhar em atividades de comércio e do setor terciário. Com o aumento da produção e exportação da cana-de-açúcar e as atividades do porto, que recebia produtos de outros estados enquanto escoava a produção local, o comércio trazia prosperidade ao lugar, mudando a fisionomia da cidade.

Os primeiros bairros periféricos foram se configurando para abrigar a população trabalhadora de baixa renda. Surge então o bairro da Cambona que se

estende até a Lagoa Mundaú, o “assentamento” da Ponta Grossa que na época abrangia as terras que iam desde a região do bairro da Levada até a região do Vergel do Lago às margens da Lagoa Mundaú, pequenos povoados em sítios que se estendiam entre a orla da lagoa e as terras alagadiças que separavam aquela área do atual bairro Trapiche da Barra, dentre outros tímidos aglomerados que se conformam em face ao aumento populacional (Figura 23²²).

Figura 23: Mapa da região periférica próxima à Lagoa Mundaú com a localização dos primeiros assentamentos.



Fonte: Adaptado de Stamen Maps. Disponível em: <http://maps.stamen.com/>. Acesso em: 8 jan. 2019.

Esses sítios se constituíram os primeiros núcleos de povoamento daquela área e se estendiam do bairro da Levada até as margens da Lagoa Mundaú. A área, muito alagadiça e recortada de canais era de difícil acesso e, por conseguinte, constituía uma região pouco habitada. Dentre os canais presentes na região destacava-se o canal da Levada.

Importante para a região desde o séc. XVIII, esse canal operava como porto para escoamento de produtos entre Maceió e as cidades de menor porte do Estado.

²² O mapa utilizado, provém do site Stamen Maps, mostra as vias atuais da região apresentada. As mesmas, foram deixadas em marca d'água para facilitar a localização do leitor, o que não retrata a realidade do arruamento no início do século XIX.

Era rota de escoamento de mercadorias até o porto de Jaraguá ²³. A região era então, repleta de córregos e abrangia áreas situadas desde a lagoa até o centro da cidade. “Um dos canais importantes era o canal da Ponta Grossa, como também era chamado o canal da Levada em sua parte navegável” (DUARTE, 2010, p. 30). (Figura 24).

Figura 24: (a), (b) e (c) Porto e Canal da Levada no começo do séc. XX.



Fonte: Site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

A instalação da República no Brasil em 1889, estabelece em sua constituição a obrigatoriedade de realização de uma contagem geral da população do país de dez em dez anos, assim, o primeiro censo mostrou que Maceió tinha 31.498 habitantes, dez anos depois, em 1900 o segundo censo, mostrou que o município tinha 36.542 habitantes. Não foi feito recenseamento em 1910, mas a contagem realizada em 1920 já mostrava Maceió com 74.176 habitantes incluindo os distritos de Ipioca e Meirin, ocupando um total de 15.800 habitações o que verifica que a população urbana crescia em virtude das novas contingências políticas e comerciais vindas com o

²³ “No período anterior a 1839, o crescimento das exportações exigiu soluções para o escoamento mais rápido de mercadorias. Com o principal objetivo de facilitar a comunicação entre a cidade de Maceió e Alagoas (atual Marechal Deodoro). Assim surgiu uma proposta datada de 1828 que previa a ligação do porto de Jaraguá com o Trapiche da Barra, sugerindo o aproveitamento de antigos braços de rios, dentre os quais o braço da lagoa Mundaú que já adentrava no território como canal (canal da Levada). A proposta foi aceita, as obras iniciadas, mas sempre eram suspensas devido falta de verba e a críticas sobre a execução. Assim, devido à má execução a obra exigia constante reparos fato que não permitiu a sua conclusão resultando no abandono do projeto já iniciado” (ROBALINHO, 1998 apud NASCIMENTO, 2008, p. 66).

regime republicano, que abriu novas possibilidades à administração municipal, até então dependentes dos governos provinciais (OLIVEIRA JUNIOR, 2009). Os governos municipais oferecem às cidades possibilidades de orçamento e rendas próprias, e conseqüentemente, de progresso (DIEGUES JUNIOR, 1981).

Assim, segundo Diegues Junior:

Era preciso construir a cidade. Maceió cresceu desordenadamente, sem ritmo, sem método, sem estilo [...] a cidade manteve sempre o seu aspecto defeituoso. Realmente a capital alagoana que o Império legara à República vinha já com seus defeitos característicos da época colonial. Defeitos para aqueles que queriam tudo renovar e **modernizar**; era preciso acabar com as biqueiras, com as janelas de xadrez, com as casas de taipa, surgem assim as novas edificações. (DIEGUES JUNIOR, 1981, p. 200, grifo nosso).

A cidade de Maceió precisava então se renovar. Para isso vários casarões construídos de taipa foram derrubados, principalmente na região central da cidade, as pessoas que habitavam essas casas foram removidas para áreas mais afastadas. Vários bairros passaram por reestruturação, como os bairros de Bebedouro, Jaraguá, Poço, Trapiche da Barra e Levada (Ponta Grossa).

As construções encontradas nesse período apresentavam características provindas da época do segundo reinado, como cita Diegues Junior:

[...] o gosto pelos azulejos²⁴ nas fachadas; os enfeites no alto das casas – as pinhas, as figuras mitológicas, os abacaxis; as casas impressadas umas nas outras, quase sem ar, sem ventilação, contrastando com aquelas casas largas e cheias de janelas do tempo da colônia: eis aí alguns dos traços mais evidentes nos tipos de construção em Maceió. (DIEGUES JUNIOR, 1981, p. 201).

A administração municipal, inaugurada com a República, realizou grandes mudanças na cidade com o intuito de renovar os ares de passado que apresentava. A partir da oligarquia Malta (1900-1912) que empreendeu, apoiada pela nova classe social em ascensão, os comerciantes, pactos de poder que procuravam remover o aspecto colonial da cidade, executando em espaços públicos o mesmo aspecto já presente em algumas construções particulares de inspiração europeia, até os anos 1930, onde a capital recebe várias obras estruturais visando a formatação de um conceito de ordenação urbana e estabelecendo, novos espaços de modernidade (AZEVEDO, 2018).

²⁴ Esses azulejos a que se refere Diegues Junior, eram provenientes de Portugal e apresentavam as cores azul e branco em suas estampas, preponderantemente dedicadas a composições delicadas de arabescos ou a imagens de temas bucólicos ou sacros. Diferentemente dos azulejos lisos, coloridos apreciados para uso depois do modernismo.

Já em 1927, novas ruas e praças são construídas em toda a cidade. Nos bairros, novos palacetes foram erguidos e casas foram construídas mantendo o alinhamento das ruas que foram alargadas. As praças apresentavam novo aspecto, apresentando estátuas de homens e bichos e monumentos centrais. Essas praças eram inspiradas nos bulevares parisienses e procuravam representar o que havia de mais atual no momento. A nova Maceió republicana, será mostrada para todo o país, através de fotografias de cartões postais, como a Maceió reconstruída e ressignificada pelo poder público (AZEVEDO, 2018).

Maceió cresce, e “tenta se integrar à modernização sem abandonar as velhas tradições da aristocracia rural” (AMARAL, 2018, p. 139), entre os senhores de engenho que se articulam e estabelecem alianças familiares e comerciais com os usineiros e com os comerciantes. Constitui-se, dessa forma, a burguesia do Estado, quando a cidade impele seu caráter urbano e sua expansão espacial e demográfica. Com isso surgem problemas de infraestrutura que precisam ser atenuados ou mesmo embuçados pela administração, que realiza obras de higienização pública principalmente nas regiões centrais e bairros habitados pela classe burguesa.

Símbolos da Maceió higienizada e limpa, a República trouxe para a cidade, a vontade de que as pessoas utilizassem os espaços públicos, que eram palcos de todo os tipos de manifestações políticas e culturais. As praças representavam o ideal de democracia social, nelas todos eram bem-vindos, desde os cidadãos mais abastados até os de classe social mais baixa. Enquanto simbolizavam a opulência do poder público em pacto político com a elite comercial, propondo esse aspecto “moderno” em espaços públicos, e negando a própria denominação do lugar em tempos coloniais, a Maceió da República se afastava ou mais, se opunha à Massayó de terras alagadas.

Esse ideário de sanitarização da cidade de Maceió já havia sido observado em documentos do começo do séc. XX, que mostram a necessidade de implantação de um conjunto de ações de saneamento do terreno da cidade devido a insalubridade que várias áreas apresentavam naquele momento e inferem que a beleza da paisagem do litoral e a imponência dos palacetes erguidos pelas famílias poderosas de Alagoas não condiziam com o aspecto desolador dos ambientes públicos, portanto, indicam que a cidade deve ser drenada, limpa, com ruas arborizadas, niveladas, alinhadas e com calçadas para a circulação de pedestres, o que foi realizado nas gestões dos Maltas (1900 - 1912).

Nessas administrações vários prédios públicos importantes são construídos, como o Palácio do Governo (1902), o Teatro Deodoro (1910), o Prédio da Intendência Municipal (1910) e o Tribunal de Justiça (1912), (Figura 25). Como também novos ares são dados às praças já existentes e a novas praças criadas, como a Praça Wanderley de Mendonça (1905), a Praça D. Pedro II (1906), a Praça dos Martírios, (1908), a Praça Euclides Malta (1908) e a Praça Marechal Deodoro da Fonseca (1910), (Figura 26 e Figura 27) (AZEVEDO, 2018).

Figura 25: (a) Palácio do Governo, em 1902, sendo inaugurado; (b) Palácio do Governo na década de 1910; (c) Praça Deodoro, em 1907, mostrando a construção do Teatro Deodoro; (d) Teatro Deodoro em 1915; (e) Intendência Municipal de Maceió em 1910; (f) Tribunal de Justiça na Praça Deodoro em 1930.



Fonte: Site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Figura 26: Praça Euclides Malta, atual Praça Sinimbu: (a) a praça sendo construída em 1905; (b) aspecto geral da praça na década de 1900; (c) a praça no final da década de 1900; (d) estátua do Visconde de Sinimbu e prédio do CATU.



Fonte: Site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Figura 27: (a) Praça Wanderley de Mendonça; (b) Praça Dom Pedro II no final de 1910; (c) construção da Praça dos Martírios; (d) Praça dos Martírios com igreja em destaque ao fundo, em 1911; (e) movimentação de pessoas em passeio na Praça Dom Pedro II, no início do século XX; (f) Praça Dom Pedro II no início do século XX; (g) aspecto da Praça Deodoro no início do século XX.



Fonte: Site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020); site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020); site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020); site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020); site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020); Cardoso, 1908 (apud AZEVEDO, 2018); Imagem publicada no calendário 2008 FAPEAL (apud AMARAL, 2009).

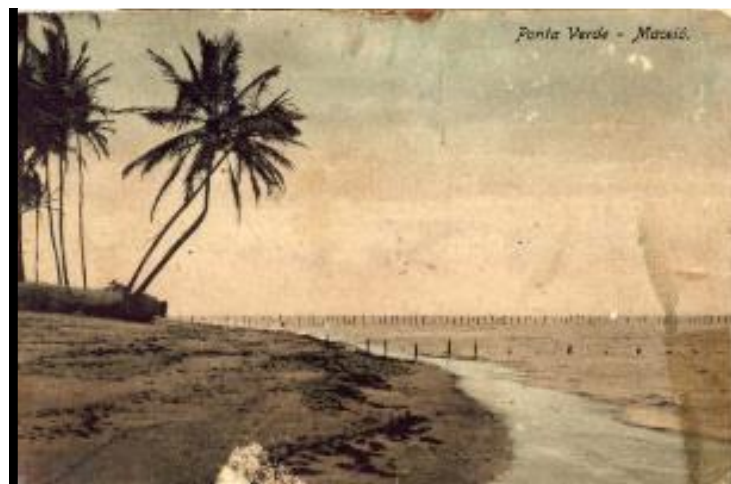
A nova face empunhada por Maceió será divulgada em fotos de cartões postais, distribuídos no Brasil e no mundo, mostrando a cidade organizada e limpa, a

cidade aformoseada pelo poder público com o suporte e aval da elite burguesa, das famílias de posses da cidade que avalizavam as gestões desses políticos. Neles são mostrados amplamente, a nova face da cidade, os monumentos e edifícios públicos como também as paisagens naturais das praias e lagoas (Figura 28). É quando Maceió conquista o epíteto de “**Cidade Sorriso**” dado pelos poetas alagoanos no final desse período (1930), a mais bela capital do nordeste do Brasil. Cidade saneada, símbolo de “modernidade”, com edifícios e praças repletos de elementos estéticos europeus. Como infere Campelo, 2010:

Neste sentido, é a imagem da Maceió republicana que se plasma nestes pequenos recortes de paisagem para atravessar fronteiras e correr o mundo. Imagem de peso porque construída com a participação ativa do público, numa situação que se caracteriza como de alto consumo pela ampla circulação que têm os cartões-postais. Público composto, na sua maioria, por moradores da Cidade que assume esta como sendo a sua Cidade. (CAMPELO, 2010, p. 32).

Figura 28: (a) Praça Dom Pedro II, com a Catedral e a Assembleia Legislativa ao fundo; (b) Igreja Nosso Senhor Bom Jesus dos Martírios; (c) novo aspecto da Praça Marechal Deodoro, com o Teatro Deodoro inaugurado; (d) Coqueiral na Praia de Ponta Verde em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949); (e) Coqueiral e jangada em cartão postal da série Casa Ramalho (1927-1949); (f) Sítio Catuçaba, coqueiros e barco à vela às margens da Lagoa Mundaú em cartão postal da série Typ. Commercial M. J. Ramalho (1912-1918); Cartão postal da Praça Euclides Malta em 1910-1911.







Fonte: IHGAL, s/d (apud AZEVEDO, 2018); APA, 1905 (apud AZEVEDO, 2018); IHGAL, s/d (apud AZEVEDO, 2018); Belchior, 1949 (apud CAMPELLO, 2009); IHGAL, s/d (apud AZEVEDO, 2018); IHGAL, s/d (apud AZEVEDO, 2018); site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020).

Nesse momento, um dos importantes marcos dessa nova face que a cidade apresenta é a urbanização da Av. da Paz, na orla de Maceió, empreendida pelo então prefeito Antilófilo de Melo - Jayme de Altavila (Figura 29). Assim, em 1927, foram construídos:

[...] 680 metros de meio fios, longo calçamento acompanhados de muros de arrimo no sentido longitudinal da praia, arborização, ajardinamento (sendo aí derrubadas as antigas gameleiras que compunham a paisagem daquele litoral, mesmo a contragosto da população), bancos de cimento, 22 condutores de ferro para a iluminação dos logradouros, feita mediante cabos de eletricidade subterrâneos, construção de uma escadaria, enfim, todo um novo desenho para a orla da Av. da Paz. (FERRARE, 1999, n.p.)²⁵.

Figura 29: (a) Aspecto da Avenida da Paz após a reestruturação empreendida pelo prefeito Antilófilo de Melo- Jayme de Altavila; (b) o coreto inaugurado em 1928.



Fonte: Site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

²⁵ A referida citação faz parte de artigo não publicado de autoria de Josemary Ferrare, inserido no projeto de restauro de 1999 do prédio do Museu Théo Brandão, Maceió-AL, item "Histórico do prédio".

Compondo também o novo panorama, o “coreto da avenida” (Figura 29) foi inaugurado, próximo ao aterro de Jaraguá em 1 de janeiro de 1928, e passou a aglutinar pessoas que vinham participar das comemorações, festas oficiais e retretas nos fins de semana que haviam no local (FERRARE, 1999).

Nos anos de 1930, é notável também o impulsionamento na construção de palacetes de arquitetura eclética, que surgiram na cidade a partir do século XIX, e que se impunham na paisagem por seu caráter arquitetônico imponente e profusão de detalhes, diferenciando-os dos conjuntos existentes à época. Eram as residências de famílias da burguesia maceioense e se localizavam na região central, mais especificamente na Av. da Paz, no bairro de Bebedouro e depois, a partir da década de 1940, no emergente e “inovador” bairro do Farol, como descreve Lages (2010):

Essa **modernidade** e dito avanço tão apregoados nos escritos da época, também passariam a refletir-se no espaço do morar, imprimindo o desejo de estar em consonância com as novas tendências nacionais e internacionais. Na década de 1930, após a revolução, Alagoas já sob intervenção federal, apresentou relativo crescimento e modernização. Mas, manteve as antigas tradições da aristocracia rural, que resvalariam para a classe burguesa em Maceió juntamente com os prósperos comerciantes. Os palacetes de gosto eclético, alguns menos outros mais excêntricos, já haviam rompido em parte com a predominância das casas geminadas de meia-morada, revelando a nova feição civilizada da cidade e a ascensão da burguesia. Graças à exigência de ventilação e iluminação direta em todos os cômodos determinada pela reformulação do Código de Posturas do Município datado de 1911, os recuos e jardins laterais já eram habituais nessas edificações ecléticas. (LAGES, 2010, p. 36, grifo nosso).

Assim, as edificações ecléticas desse período vão definir os pactos de modernidade estabelecidos entre a burguesia dos comerciantes, os produtores de cana-de-açúcar e a política local. Essa arquitetura identificada principalmente pela opulência de adornos e pela indefinição exata de classificação conceitual estilística, constituiu, naquele momento, um dos principais pilares representativos da forma como a população de Maceió teve acesso, mesmo que aparente, ao estilo moderno de vida presente na cidade, principalmente nos bairros de elite.

Enquanto que nas regiões sudeste e nos grandes centros, a arquitetura moderna começava a proliferar, impulsionada pelo ideário político de progresso atrelado à modernização, em Maceió esse discurso chegava readequado a estrutura da sociedade local, apenas como notícias em jornais ou no rádio. A modernidade então, nesse momento, aqui estava vinculada às ideias políticas ainda provincianas e

às heranças enraizadas do processo de colonização e distribuição de renda num país de grandes dimensões e temporalidades diversas.

Esse estilo de morar burguês, terá ecos e representatividade em bairros de classe média e também nos bairros populares, onde são construídos exemplares ecléticos de menor porte e estrutura mais tímida, mas que tentam imitar os grandes palacetes ecléticos da burguesia local.

Nos anos 1940, o bairro da Ponta Grossa se desenvolvia e crescia, no entanto, sem ser dotado pelas administrações públicas de infraestrutura necessária para abarcar o aumento constante de sua população. Novas habitações foram construídas e apresentavam modelos de arquitetura simples e sem adornos, contudo, em suas ruas principais era possível observar exemplares inspirados nos modelos ecléticos como também de arquitetura protomoderna. Essas casas representavam, portanto, vinculações de ideias entre classes sociais diversas, constituíam as adaptações possíveis executadas pelos moradores do bairro inspiradas nos prédios localizados em bairros da burguesia e estavam ligadas, principalmente, à vontade de parecer moderno, de mostrar uma vida com novos horizontes, almejada pelas classes populares que habitavam o bairro (Figura 30).

Figura 30: (a) Famoso castelinho da Rua Santo Antônio – anos 1940, (b) residência localizada no entorno da Praça Santa Tereza com fachada Protomoderna. Os dois exemplares passaram por modificação ao longo dos anos.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A população do bairro se avolumava, apresentando uma composição complexa relevante composta principalmente por pequenos comerciantes locais, pessoas que trabalhavam no comércio, feirantes e funcionários públicos em sua parte central, nas principais vias já constituídas à época enquanto que, em suas bordas, configuradas pelas regiões mais próximas à lagoa Mundaú, o bairro apresentava uma população pobre, aglomerada em pequenas casas, ruas estreitas e morando em péssimas condições sanitárias. Em épocas de cheias da lagoa, essa parte do bairro era muito afetada e os moradores eram socorridos em prédios públicos, instituições religiosas e colégios.

Centralidades diversas e vários panoramas populacionais caracterizavam o bairro da Ponta Grossa dos anos 1940. Contudo, essa diversidade de classes, de cotidiano e ideais de vida plurais, compunha o arcabouço social e cultural do bairro convivendo e utilizando os mesmos espaços públicos, se socializando nas poucas praças existentes no local.

Na Praça Nossa Senhora das Graças, limite entre os bairros da Levada e Ponta Grossa, foi construído em 1948 a Unidade de Saúde Pública de Maceió. O prédio com arquitetura protomoderna, de linhas limpas e austeras, com volumetria compacta e simétrica (MONTEIRO, 2018, p. 157), representou na época, um marco para a população do bairro. No mesmo período foi construído o prédio do Mercado Público no bairro da Levada, e a Praça Emilio Maya em frente ao mercado, próximos aos limites dos sítios da Ponta Grossa. (Figura 31) (NASCIMENTO, 2009).

Figura 31: (a) Praça das Graças, nos anos 1940, com o prédio do Primeiro Centro de Saúde de Maceió; (b) Mercado Público de Maceió em 1939; (c) Praça Emilio Maya em frente ao Mercado Público de Maceió; (d) Terreno no início da Ponta Grossa.





Fonte: Site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Em 1942, com a Segunda Guerra Mundial, foi aberta uma parte do terreno do Vergel do Lago para a construção de uma base militar americana que lá se estabeleceu até 1945, com isso foram aterradas e alargadas as ruas que davam acesso a esse local nas margens da Lagoa Mundaú. Próximo a lagoa foram construídos os galpões que serviam como base militar e guardavam o combustível para abastecer os hidroaviões que ali pousavam (Figura 32). Assim, por causa do envolvimento do bairro com a Segunda Guerra Mundial, a Avenida Monte Castelo ganhou essa denominação em 1955, em homenagem a Batalha de Monte Castelo na Itália. Em 1951 a base do Vergel do Lago, doada ao estado após o término da guerra, serviu de abrigo aos mais pobres que tinham suas casas invadidas pelas águas das cheias da Lagoa Mundaú (OLIVEIRA JUNIOR, 2009).

Figura 32: Pista de pouso de hidroaviões remanescente nas margens da Lagoa Mundaú.

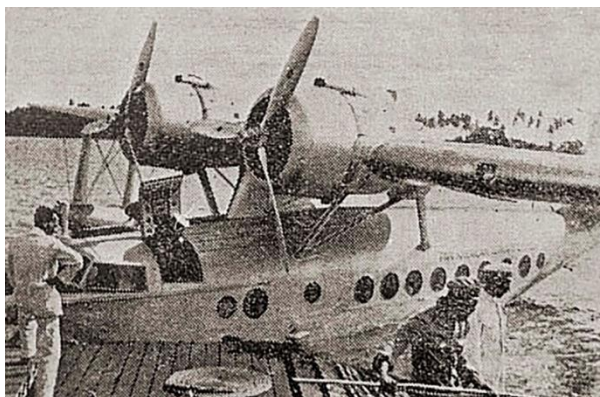


Fonte: Adaptado do site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

A Panair, empresa aérea brasileira, entre outras empresas de menor porte, realizavam pousos de hidroaviões na Lagoa Mundaú (Figura 33), em um cais construído para essa atividade que tinha seu acesso através das Ruas Santo Antônio e Félix Bandeira, a empresa para facilitar o acesso ao seu cais, pavimentou a Rua

Santo Antônio. Porém as ruas circunvizinhas continuavam sem calçamento ou infraestrutura de esgoto; durante as cheias da Lagoa Mundaú várias ruas eram bloqueadas e alguns colégios serviam de postos de acolhimento a pessoas que tinham suas casas parcialmente ou totalmente inundadas (FERNANDES A. informação verbal, 2020).

Figura 33: Hidroavião no cais do Vergel do Lago em 1940.

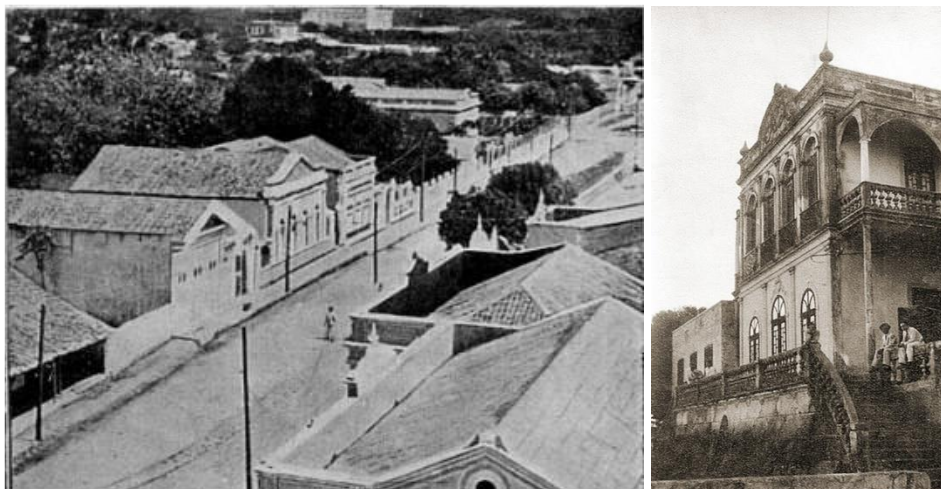


Fonte: Site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Enquanto Maceió se expande, novos vetores de crescimento permitem que a capital se espalhe (Figura 34). Novas avenidas são abertas, como a Fernandes Lima, em direção à parte alta da cidade e a avenida à beira mar de Pajuçara. Nesse momento esses locais são ocupados pelas famílias de posses do Estado, que migram para os novos territórios da cidade ainda na década de 1940, onde são construídos suas casas e palacetes. A arquitetura presente nesses grandes casarões da burguesia apresentavam feições dos bangalôs, neocolonial e *Mission style* (Figura 35) e distinguiam seus moradores pelas diferenças, pelas excentricidades estéticas. (LAGES,2010)

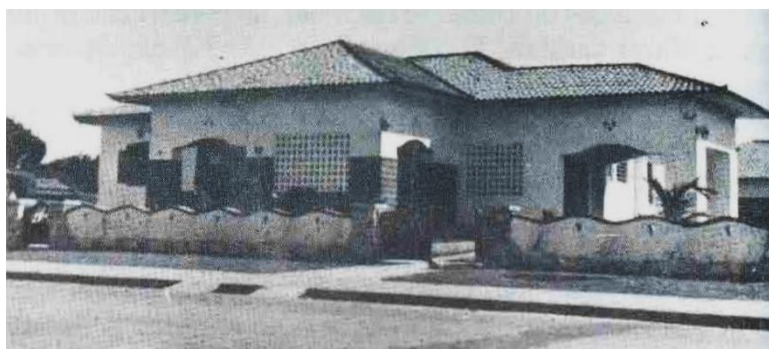
Figura 34: (a) abertura da Av. Fernandes Lima com acesso ao bairro do Farol; (b) e (c) Av. Ângelo Neto mostrando o começo da urbanização do bairro do Farol; (d) Casarão onde funcionou o Colégio Guido a partir de 1940, na Rua Ângelo Neto, no bairro Farol.





Fonte: Site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020); MISA, s/d (apud AMARAL, 2009).

Figura 35: Residências no bairro do Farol, bangalôs e estilo Neocolonial.





Fonte: Silva, 1991

As praças centrais foram pouco renovadas em seu aspecto e estrutura espacial, já apresentavam morfologia predominantemente eclética em sua estrutura, e em algumas poucas foram anexados novos elementos e adornos de feição moderna.

Era interesse da administração pública que as praças fossem utilizadas pela população, assim com o crescimento demográfico da cidade e a implementação de espaços privados frequentados pela burguesia, as praças passam a ser ocupadas por populares. Nelas acontecem a socialização das classes menos abastadas, existe aí uma vontade dos políticos da época de socializar esses ambientes e de trazer as classes menos favorecidas para os espaços públicos (TENÓRIO, 1997). Como afirma Lages (2017, p. 37): “Foi uma época em que a vida social apresenta-se intensificada e os espaços públicos de convívio, como praças e mirantes foram mais utilizados pela população”.

Em 1950 a população da cidade de Maceió já era de 120.980 habitantes distribuídos em cerca de 9 bairros, em 1960, a população da cidade já chega a ter 170.134 habitantes, sendo sua densidade demográfica de 334,9hab/km² (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1950).

Na década de 1950, aparecem as primeiras construções de linguagem modernista na cidade. São, primeiramente, casas particulares com fachadas simples, grandes aberturas e elementos decorativos sóbrios em seu exterior, mas com interior constituído com elementos novos, como cores de paredes fortes, pisos de marmorite, revestimento de áreas molhadas de azulejos lisos ou decorados, revestimento de paredes em pedra e cobogós cerâmicos. Nos prédios públicos a linguagem

apresentada pelos projetos de arquitetos e projetistas até o final das décadas de 1940 é o protomodernismo (Figura 36), sendo o primeiro marco do estilo modernista propriamente dito em Maceió, o edifício Breda inaugurado em 1958 (Figura 37).

O estilo modernista esteve inicialmente ligado na cidade às construções particulares, inverso do que aconteceu nas cidades de grande porte em outras regiões do Brasil, onde a produção moderna foi primeiro apresentada em prédios e logradouros públicos. Em Maceió, uma cidade que se ampliava sem planejamento urbano específico, as obras de caráter estritamente moderno foram primeiramente projetadas e construídas por particulares, para tardiamente serem introduzidas em espaços e equipamentos públicos. Somente nos anos 1960, a arquitetura modernista foi introduzida nesses espaços, já repletas de adaptações regionais em seu arcabouço projetual.

Fruto dos anseios de modernidade presentes na população da cidade e do otimismo difundido pelos meios de comunicação e pela política vigente, em bairros periféricos também o vocabulário modernista começa a proliferar nos anos 1950 se constituindo através de adaptações formais e materiais em residências e pontos comerciais de forma fecunda em exemplares da arquitetura popular como iremos ver mais adiante.

No começo da década de 1960 a linguagem modernista já havia sido assimilada pela população da cidade como símbolo de prosperidade e atualização. Essa linguagem se estende, portanto para os prédios e residências construídas em bairros periféricos da cidade como a Ponta Grossa e adjacentes. (AMARAL, 2018).

Figura 36: (a) Antiga Faculdade de Direito de Alagoas exemplar de arquitetura protomoderna em 1940.



Fonte: Site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Figura 37: Edifício Breda, ícone da arquitetura modernista em Maceió, inaugurado em 1958.



Fonte: Amaral, 2009.

2.2 A Ponta Grossa nos anos 1950: estrutura, pensamento e desejo sob o olhar da população

Nos anos de 1950, a planície lagunar onde se localiza o bairro da Ponta Grossa, de acordo com um livro de bolso encontrado no Museu da Imagem e do Som pelo pesquisador José de Oliveira Junior, contava com 26 ruas, 2 praças, 1 travessa e 9 vilas, segundo o pesquisador não existem referencias desse livro em outras bibliotecas da cidade e se referia a um guia da cidade e dos bairros de Maceió (OLIVEIRA JUNIOR, 2009).

Não foram encontrados registros de contagem da população do bairro até os anos 2000, quando os recenseamentos do IBGE passam a ter estratificação de contagem populacional dos bairros de Maceió, entretanto nos anos de 2000, o bairro já contava com uma população de 24.186 habitantes e, segundo os dados do IBGE, no censo de 2010 a Ponta Grossa apresenta uma população total de 21.796 habitantes. Essa diminuição dos valores absolutos de moradores no bairro se deve, principalmente, porque nesse período, o bairro apresentou um crescente êxodo por parte de seus habitantes, devido à falta de investimentos ou descaso do poder público

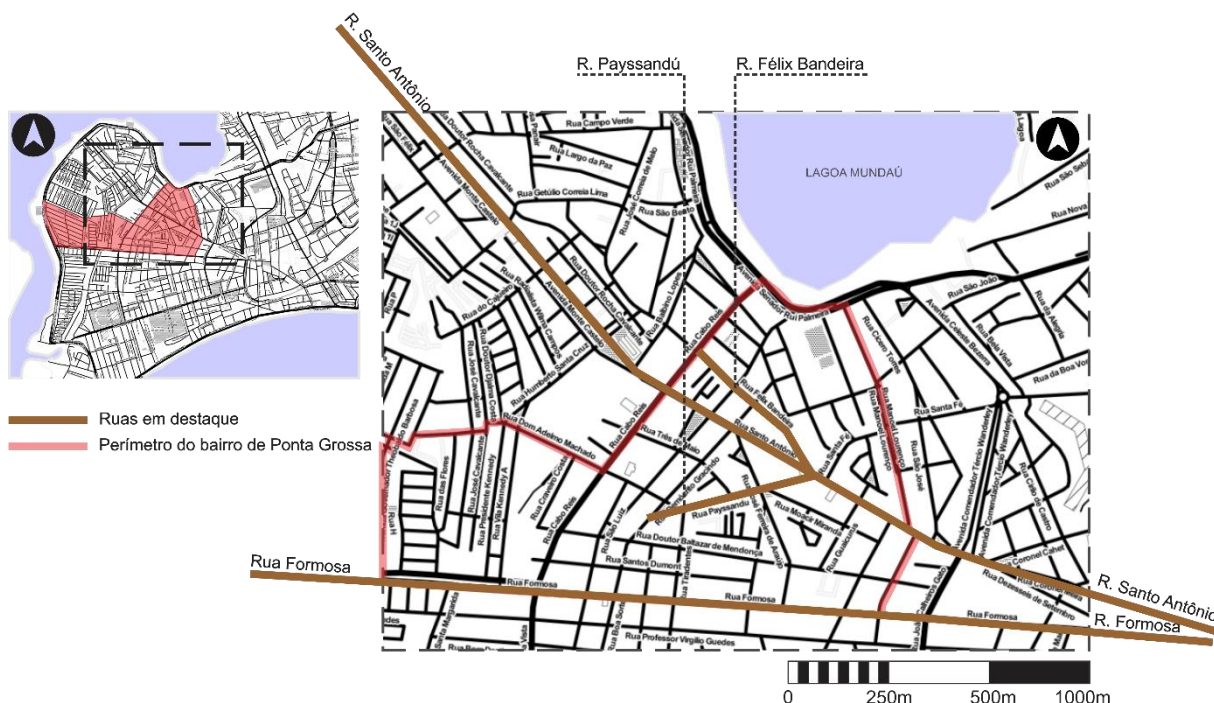
com o local, o que fez com que seus moradores migrassem para outros bairros na cidade que apresentavam melhor estrutura e equipamentos e proporcionavam melhores níveis de vida. Outro fator importante a ser destacado é o empobrecimento gradual da população do bairro, hoje, predominantemente, formada por pequenos comerciantes, aposentados e feirantes, como indica os dados do IBGE que mostram um achatamento da renda *per capita* na ordem de 30,4% entre os censos de 2000 e 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000; 2010).

Esse quadro de movimento populacional observado a partir dos anos 2000 é contrário ao panorama que o bairro expunha nos anos de 1950, quando apresentou grande aumento da população devido à chegada de famílias vindas de cidades menores do Estado que se estabeleciam no bairro, como também de moradores maceioenses que procuraram a região como moradia, devido principalmente a Ponta Grossa se localizar próximo ao centro da cidade e ao Mercado Público da Levada.

O bairro da Ponta Grossa, nos anos 1950, apresentava como principais vias a Rua Santo Antônio, a Rua Félix Bandeira, a Rua Formosa e a Rua Payssandú (Figura 38), amalgamadas com a conformação do bairro. Foram as primeiras artérias abertas para acesso à Lagoa Mundaú por volta de 1940, portanto, com o crescimento do bairro essas ruas foram as primeiras povoadas, nelas podia-se observar casas de alvenaria simples, a maioria sem recuos frontais ou laterais enfileiradas, em terrenos que variavam entre 10m e 20m de frente, de estilos e conformações diversas que acompanham o modo de construir popular. Os terrenos, onde antes se localizavam os grandes sítios que deram origem ao bairro, foram sendo divididos e subdivididos, vendidos à crescente população que habitava o bairro, foram ocupados por ruas ora de calçamento ora ainda de barro batido. (DIEGUES JUNIOR, 1981).

A partir de relatos feitos por pessoas moradoras há bastante tempo na Ponta Grossa, pode-se acompanhar como era a conformação urbana presente nos anos 1950, os pontos referenciais e os fluxos de circulação e comércio naquele momento. Pode-se observar também, através da lembrança de fatos cotidianos como se estabeleceu as relações frente ao crescimento populacional que o bairro experimentou nos anos de 1950 e as transformações urbanas, culturais e sociais advindas desse fato, que imprimiram novas formas de viver e propagaram a “modernidade”.

Figura 38: Mapa do bairro da Ponta Grossa com as principais vias já constituídas nos anos 1950



Fonte: Adaptado de Stamen Maps. Disponível em: <http://maps.stamen.com/>. Acesso em: 8 jan. 2019.

Em seu depoimento para esta pesquisa, o jornalista Esdras Gomes fala de como era o bairro nesse período e descreve a rua onde morava, além da Praça Nossa Senhora das Graças e ainda lembra do serviço de bonde que funcionava no local:

Naquela época a Rua Santo Antônio era bem mais romântica, ainda existia aqueles casarõezinhos antigos e tal, não existia praça naquela região. Só existia uma praça, que era a Praça das Graças na entrada que era pra chegar na Rua Santo Antônio, que era onde começava a Ponta Grossa. Na época, quando nós chegamos lá, ainda tinha bonde. Ainda tinha o bonde que ia até o largo do cinema Lux. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

A rua Santo Antônio. Exatamente, ela era famosa pelo terminal do bonde, que tinha um nomezinho: Mané Caixão. Esse senhor, ele tinha uma venda, um estabelecimento comercial, que hoje no local é um posto de gasolina, na esquina para você descer para a Praça Moleque Namorador. Ali era o final do ponto do bonde. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

O serviço de bonde executou suas funções em Maceió de 1914 até o final dos anos 1950, sendo um importante meio de transporte na época, ligando alguns bairros da cidade ao centro. Segundo o jornalista Floriano Ivo Júnior, no livro “Crônicas e Depoimentos”, a frota totalizava vinte veículos que transitavam pelas linhas do Farol, Bebedouro, Ponta da Terra, Mangabeiras, Trapiche da Barra e Ponta Grossa e

atendia tanto a passageiros como também ao escoamento de produtos para o comércio (IVO JUNIOR, 1992). Na Ponta Grossa, o bonde circulava da estação do bairro da Levada que se coligava com as estações centrais. Até ser desativado, o bonde tinha sua estação final da Ponta Grossa no entroncamento das Ruas Santo Antônio, Félix Bandeira e Payssandú, onde também acabava o calçamento.

Desse ponto até o bairro do Vergel do Lago, na época não existia transporte público e somente a Rua Santo Antônio tinha sido pavimentada, o asfalto dessa via foi executado em 1940 pelo governo com verba vinda dos Estados Unidos especialmente para esse fim, pois os americanos possuíam uma base militar no bairro do Vergel do Lago, próximo à Lagoa Mundaú, durante a Segunda Guerra Mundial. Em trechos de suas entrevistas, Rogério Gomes Ferreira e Esdras Gomes explicam como funcionava o bonde e como eram as ruas do bairro naquele momento:

Lembro de ir para o centro de bonde e como era bom ir vendo a paisagem até a Levada e de lá para a estação perto da Praça dos Martírios, era um passeio bom do fim de semana e uma “mão na roda” durante a semana pois era bem rápido. Na Ponta Grossa era a estação final, o bonde saía cheio de gente durante a semana, era também cheio de gente com sacos de verduras e frutas que iam para o mercado municipal. Durante a semana as vezes eu preferia sair mais cedo e ir andando até o centro para não pegar o bonde cheio de gente. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Ah... Aquilo ali era uma tristeza. Você só tinha calçamento até o Mané Caixão, que era aquele largo onde hoje é o posto de combustível pra Praça Moleque Namorador. Da minha casa, o calçamento ia até um pouquinho adiante. De lá acabava o calçamento. Era barro batido. Aquela área ali descendo Rua Félix Bandeira, tudo aquilo ali era mato. Era mato não, era barro. Porque no final daquela rua, no Vergel do Lago, na Rua Formosa, ela se tornou mais larga, porque no final da rua era onde, durante a guerra, foi construído o campo de pouso dos hidroaviões, que era lá na lagoa. Ainda existe o pedaço da pista velha, lá. Entendeu? Ainda existe lá. Aquela Praça Santa Tereza, não existia não, aquilo ali. Tudo era mato, era barro. Entende? Só era asfaltada a Rua Santo Antônio que foi asfaltada pelos americanos. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

Em trecho de seu depoimento Almira Fernandes destaca a época em que o exército americano tinha uma base militar no bairro do Vergel do Lago e explica o que ocorreu depois com este local que foi abandonado sendo invadido por pessoas que tinham suas casas atingidas pelas cheias da Lagoa Mundaú. Descreve ainda a sua participação no serviço assistencial desenvolvido pela Sociedade de Amigos do Vergel do Lago – SAVED, ligada ao Departamento Nacional de Endemias Rurais – DENERU.

Nessa época, fizeram no Vergel do Lago, depois da Casa do Pobre, era um terreno desocupado que ia sair na beira da lagoa e eles fizeram nesse local, eles fizeram o quartel do Exército. Então eu me lembro muito bem da

movimentação, asfaltaram toda a nossa rua e passavam muitos carros do Exército. [...] assim, o pessoal do Exército fez muita amizade também com o pessoal da escola, do Grupo Escolar e eles até forneciam sopa para os alunos que iam lancha no Grupo, o Exército fornecia sopa e era uma movimentação muito grande na rua. Quer dizer, essa movimentação do Exército fez muito movimentar a rua e melhorar a rua. Era uma das poucas, eu acho que única rua de Maceió que era asfaltada, era a nossa Rua Santo Antônio. Teve esse detalhe. [...] E depois disso, quando acabou a guerra ficou abandonado lá, chamavam os galpões do Exército e o povo tomou conta, invadiu. Nesses galpões eu cheguei a trabalhar depois como estudante de Serviço Social organizando...

Era uma pobreza, um descaso muito grande e os galpões eram divididos por esteiras, aquela coisa toda, muitas famílias morando. Então nós fizemos um trabalho lá [...] porque na época eu era estudante de Serviço Social, tinha orientação do pessoal da escola, dos assistentes sociais da escola e foi fundada lá, quando eu estava estagiando, a Sociedade dos Amigos do Vergel do Lago (SAVEL), não sei se ainda existe, se não existe mais, mas eu era estudante de Serviço Social e fui quem formei com o grupo lá, o grupo de moradores do Vergel.

Mais ou menos em 1957. [...] o DENERU dava assistência lá, o posto do DENERU funcionava na Casa do Pobre e lá eles tinham assistência médica para fazer tratamento com clonidina para esquistossomose, essa coisa toda, dos moradores. E o nosso trabalho também era ligado ao DENERU. Departamento Nacional de Endemias Rurais.

O Vergel movimentou muito aquilo ali, a comunidade que foi criada e a época da guerra com o Exército lá e depois mesmo quando terminou, quer dizer, aumentou muito a população e muita gente se socorreu nessas casas, nesses galpões do Exército e foi muito mais movimentado. [...] e a rua ficou muito movimentada depois dessa fase pós-guerra, mesmo com a saída do Exército, a rua ficou muito mais movimentada. (A. FERNANDES, 85 anos, 2020, informação verbal).

A Ponta Grossa, na década de 1950, era um dos bairros mais procurados pela população que vinha habitar a cidade, oriunda de áreas rurais, em busca de novos horizontes e perspectivas de trabalho, vinda do campo onde as atividades nem sempre proporcionavam a estabilidade financeira almejada devido aos processos advindos de heranças colonizadoras desumanas, como já foi observado no começo deste capítulo, onde tratamos dos modelos de formação da cidade de Maceió e seus bairros.

Em busca de estudo e trabalho, essa população, em sua maioria constituída de pessoas de classe média trabalhadora e de pessoas de baixa renda, migrava à procura de emprego no crescente setor terciário da capital ou a procura de meios para concluir os estudos devido à carência de estabelecimentos de ensino médio, profissionalizantes e universidades nas cidades do interior do Estado, como destaca Rogério Gomes Ferreira em trecho de sua entrevista:

A Ponta Grossa, nos anos 1950, estava crescendo, chegava muito vizinho novo por lá, muita gente vinda do sertão para trabalhar no comércio, eu

lembro de uns vizinhos que chegaram para morar numa casa que antes estava fechada, era o Sr. Antônio Pinho, ele tinha uma família bem grande com muitos filhos e eu fiz amizade com o Tadeu, filho dele que veio estudar e trabalhava numa loja no centro. Tinha muita gente indo morar lá porque era fácil chegar no centro, naquela época eu acho que era 1954 mais ou menos, a Ponta Grossa já tinha muitas casas nas ruas principais, principalmente na Santo Antônio, na Rua formosa, na Paysandu, as outras ruas ainda eram de barro, só mais adiante, acho que foi o Sandoval que calçou muitas ruas por ali, quando ele foi prefeito. Mudou tudo muito rápido, era praça nova e tudo mais. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Era constante também na Ponta Grossa, nesse período, a chegada de famílias que vinham constituir seus próprios negócios. O bairro estava repleto de novos pequenos comércios. Na época, nas suas principais artérias, surgiam a todo o momento, novos mercadinhos, farmácias, panificações, quitandas e armarinhos, uma espécie de lugar onde se comercializava alimentos, itens de vestuário, produtos de limpeza pessoal e até peças de marcenaria. Serviam também de ponto de encontro das donas de casa e dos mais velhos que se reuniam nesses locais para uma boa “prosa”. Em seu depoimento Rogério Gomes Ferreira enfatiza esse aspecto do bairro:

Na Rua Santo Antônio tinha um armarinho do Sr. Euclides, eu sempre passava por lá para ver as coisas, ele vendia de tudo e ainda servia uma bebida que ninguém sabia como era feita, acho que era com cravo da Índia, e eu às vezes passava para tomar um gole. Lá durante o dia, até umas 4 horas da tarde se encontravam as mulheres para conversar e ver os cortes de tecido que a esposa do Sr. Euclides vendia, mas depois das 5 horas os homens iam chegando para tomar a “lapinha” e depois ir para casa. Era um local de encontro principalmente de homens mais velhos, mas tinha uma moçada que se encontrava lá às vezes. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Portanto, no bairro se estabelecia também o comércio informal. As vendas e pequenas mercearias, farmácias e panificações facilitavam as compras do dia a dia, e a proximidade com o bairro da Levada; onde se localizava o Mercado Público deu ao bairro essa feição mista de bairro residencial, mas, também, com importante presença de pequenos estabelecimentos comerciais.

Em seu depoimento, Rogério Ferreira expõe, como a Ponta Grossa crescia nos anos 1950. No relato, explica ainda como os novos ares de modernidade se espalharam rapidamente, e como era entendido e expressado esse desejo crescente dos moradores, evidenciado e representado pela população do bairro em suas casas e construções:

No começo dos anos 1950, a Ponta Grossa cresceu muito, porque vinha gente do interior morar no bairro e também muitas pessoas de outros bairros se mudaram para lá. A Ponta Grossa era um bairro popular, mas se localizava bem próximo do centro o que era ótimo, e na minha visão, fez com que o bairro crescesse rápido. Já naquele tempo você via muitas casas sendo

construídas e reformadas, todo mundo queria uma casinha reformada e com novos ares. A maioria das pessoas copiava nas casas o que viam nas revistas. Aquele tempo foi um tempo de novos ares na Ponta grossa, porque a gente ouvia as coisas no rádio e via as casas que eram construídas na Pajuçara e no Farol e queria copiar [...] Verdade mesmo, sendo menor né, mas se construiu muito naquela época na Ponta Grossa, e era como se isso fosse levar as pessoas que moravam lá, a serem mais ricas entendeu? Ou a mostrar que também podiam ter uma casa nova e parecida com o que tinha na revista e nos bairros de gente rica. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

A Ponta Grossa, era um bairro de gente trabalhadora, morava lá desde feirantes, nas partes mais próximas a lagoa até funcionário público. Eu acho que essa mistura foi que fez com que o bairro crescesse muito. Todo mundo naquela época queria melhores condições de vida, e isso a gente sentia lá. Cada um, como podia, ia reformando sua casa ou construindo uma casa nova. Nessa época mesmo com muita rua de chão batido ainda, a Ponta Grossa se desenvolveu, isso sozinha viu, sem o governo. Faltava muita coisa, como as praças para gente ficar, mas era um tempo que sobrava um dinheirinho pra pintar a fachada da casa ou pra botar um azulejo e muita gente fazia. As pessoas pensavam em trabalhar para ter as coisinhas melhores. O rádio novo, a geladeira da moda, a roupa nova para o fim de semana ir para o cinema e passear. Era isso. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Nesse sentido, a Ponta Grossa, nos anos 1950, era um bairro em transformação. A chegada de novos moradores e a abertura de pontos de comércio dava ao bairro novas conformações. Residências eram construídas e muitas outras reformadas continuamente. Segundo Fernando Luiz Lara em “Excepcionalidade do Modernismo Brasileiro”, no Brasil, nas décadas de 1950 e 1960 “a grande maioria das casas não foi projetada por arquitetos, mas mesmo assim apresentavam [...] uma engenhosa adaptação do vocabulário modernista” (LARA, 2018, p. 43). Essas edificações construídas mesmo por leigos ou por desenhistas reproduziam a estética moderna em vigor no Brasil e em outros países, adaptada à realidade material e cultural local, refletia os anseios de progresso de seus moradores ²⁶.

Com a chegada dos anos 1960, a Ponta Grossa experimenta, em sua conformação espacial, ares de modernidade, prometidos inclusive em campanha por Sandoval Cajú, o bairro constituiu uma das grandes áreas de influência eleitoral do então candidato à prefeitura de Maceió, que ali realizou inflamados comícios, obtendo representativa quantidade de votos quando de sua eleição, agraciando o bairro com novas praças, reformadas e construídas entre 1961 e 1964, período de sua gestão. Além de dotar o bairro de equipamentos públicos como posto de saúde, lavanderia

²⁶ A pormenorização destes aspectos e importância dessas construções como representantes dos anseios de modernidade presentes na população de Maceió e, em especial, nos moradores do bairro da Ponta Grossa irá ser discutida e detalhada no item 2.3, “O ideal de modernidade aflora na cidade e na Ponta Grossa”.

pública, posto policial e escolas, e ainda de obras de infraestrutura com a implantação de calçamentos de ruas secundárias, que até a sua administração eram de barro batido. O político que tinha o bairro da Ponta Grossa como um dos seus “currais eleitorais”, mudou tanto a estrutura física quanto dinâmica da vida de seus habitantes. Um novo cotidiano se estabeleceu a partir das idas às novas praças recebidas com alegria pelos moradores ²⁷.

2.3 O ideal de modernidade aflora na cidade e na Ponta Grossa

A partir dos anos de 1950, fim do Estado Novo e a eleição por voto direto do primeiro governador de Alagoas, Arnon de Melo, acreditava-se que finalmente a modernização estava chegando em Alagoas. Seu discurso de campanha se comprometia em fazer do Estado uma terra moderna, falava em mudança de hábitos e dizia que a “pavimentação” iria transformá-lo. Aparentemente, sua gestão foi bem-sucedida na realização de suas promessas, pois, ao fim do governo foram entregues mais de 150 quilômetros de rodovias asfaltadas, além de obras de açudagem e serviços de águas (SILVA, 1991).

No entanto, a decadência econômica em que se encontrava o Estado à época e as dificuldades no meio rural impulsionaram a migração do campo para a capital. Maceió não apresentava estrutura para abarcar esse novo contingente populacional e apresentava quadros preocupantes de índice de qualidade de vida em seus novos assentamentos e bairros, crescendo de forma desordenada.

Apesar de dificuldades para acompanhar o plano econômico e político do Brasil, devido aos aspectos provindos da história da região, como foi apresentada no item anterior do capítulo, a cidade de Maceió modernizava-se, através de políticas públicas e obras sociais como a abertura, alargamento e pavimentação de vias além da construção e reformas de praças já nos anos 1960. (AMARAL, 2018).

O ritmo da modernização no Estado decorre lentamente. Alguns importantes prédios públicos construídos nesse período são os exemplares mais expressivos do estilo modernista, responsáveis pela assimilação do novo formato e apropriações

²⁷ As praças construídas e reformadas pelo prefeito Sandoval Cajú no bairro da Ponta Grossa serão apresentadas, com seus pormenores referenciais e importância para a comunidade moradora do bairro no capítulo 4 desta dissertação, que focaliza a construção, aspectos morfológicos e a representatividade desses espaços de convivência para o bairro da Ponta Grossa.

simbólicas pela população como, por exemplo, os edifícios da recém-criada Universidade Federal de Alagoas (1961), com destaque para a Faculdade de Engenharia da UFAL e a Residência Universitária (Figura 39), ambos localizados na Praça Sinimbu, região central da cidade ²⁸. Conforme Amaral (2018, p. 147): “A chegada de novos profissionais de arquitetura e engenharia civil contribui para a difusão modernista em Maceió”.

Figura 39: (a) Fachada de acesso do atual Espaço Cultural da UFAL, antiga Faculdade de Engenharia e posteriormente Reitoria. Ocupa o lugar do antigo Lyceu de Artes e Ofícios; (b) Residência Universitária com destaque para a torre do relógio. Ambos os prédios, localizados na Praça Sinimbu, são de autoria da Arquiteta Zélia Maia Nobre.



Fonte: Amaral, 2009.

Em 1961, o governo do Estado é assumido por Luís Cavalcante, quando é proposto o Plano trienal de Desenvolvimento em concordância com o Plano de Desenvolvimento Nacional. Desta forma, ações de infraestrutura e planejamento urbano são desenvolvidas com intuito de traçar o rumo da “Nova Alagoas” (SILVA, 1991). Obras estruturais são executadas como por exemplo, abertura e pavimentação de vias públicas.

Um dos principais marcos arquitetônicos desse período, representante simbólico da gestão de Cavalcante, foi a reforma da Praça dos Martírios e a construção de sua fonte luminosa, que funcionava aos fins de semana, atraindo muitas pessoas e famílias que se dirigiam ao local para desfrutar do “espetáculo” de águas e luzes que acontecia na referida fonte (Figura 40).

²⁸ Ambos os prédios projetados pela arquiteta pernambucana, Zélia de Melo Maia Nobre, já residente em Maceió.

Figura 40: Praça dos Martírios com a fonte luminosa nos anos: (a) 1960; (b) dias atuais.



Fonte: Biblioteca digital do IBGE, 1962; site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 15 dez. 2020).

À época, o prefeito eleito Sandoval Cajú, que venceu uma acirrada eleição e propalou, desde a campanha, a tônica de modernidade (1961-1964)²⁹. Assume, promove reformas e constrói praças que apresentam uma nova roupagem, constituídas por elementos modernos com forte teor simbólico e materiais em voga no período, como o marmorite, o cimento e os azulejos coloridos. Cajú renova as praças centrais e leva para a periferia seu repertório modernista, edificando novas praças comprometidas com seu *slogan* da “Cidade Sorriso”, que passa a ser reutilizado nesse momento, pelo político como marketing de sua gestão, em bairros como a Ponta Grossa.

Com relação às edificações particulares, desde os anos de 1950, novas casas eram construídas e outras reformadas ao gosto das novas feições em uso. Esses exemplares,

[...] representaram as intenções de modernização e progresso diante do quadro de desenvolvimento nacional. Apesar de a agroindústria da cana-de-açúcar perseverar ante a industrialização, a recepção do vocabulário moderno chegou a ser positiva entre as elites locais, em resposta à aceitação nacional da linguagem moderna e a sua incorporação aos hábitos construtivos como expressão do novo e libertação do passadismo colonial, mesmo que destinado apenas às aparências estéticas da cidade. (AMARAL, 2018, p. 160).

Nestas construções incorporam-se elementos modernistas, definidos pela funcionalidade de suas plantas baixas, pelo uso de *brise-soleils* em concreto, panos de vidro e cobogós. “Associado a isso, permaneceu na produção moderna alagoana

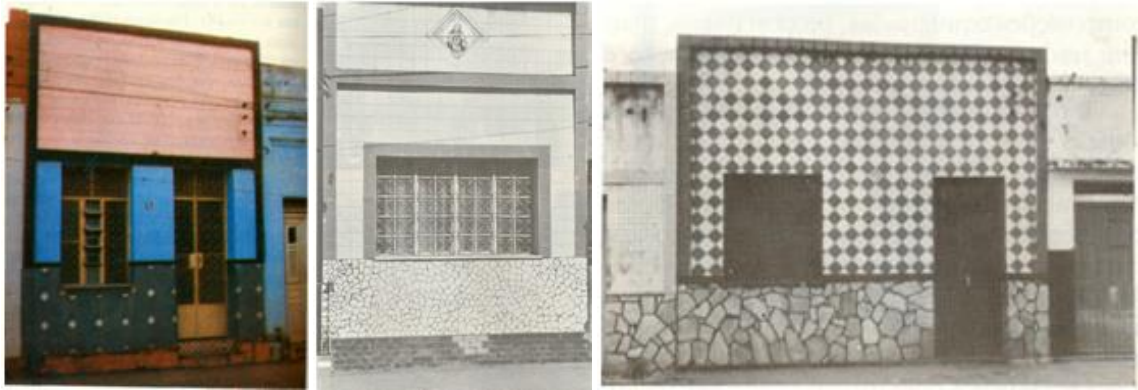
²⁹ O perfil do governante e os principais marcos de sua gestão serão abordados no capítulo 3 desta dissertação.

a utilização de elementos construtivos particulares, tradicionais da cultura luso-brasileira como as venezianas, telhas canal, os beirais amplos e o revestimento cerâmico” o que denota particularidades nesta produção que por vezes apresenta adequações do estilo moderno como “neocolonial”. (AMARAL, 2018 p. 160).

Esses prédios são representantes dos ideais de modernidade e progresso da sociedade, que permeiam as classes sociais da cidade na época. Nas classes abastadas, representava a aceitabilidade de novas posturas políticas além de confirmar a vontade de renovação e de novos ares que vinham das capitais maiores e mais desenvolvidas do país. Nas camadas populares, em casas projetadas pelo próprio morador ou por práticos como mestre de obras, desenhistas e pedreiros, o vocabulário moderno foi sendo também incorporado, com a presença de alguns elementos de cunho modernista como os gigantes, e os barrados em pedra com frisos pretos, os *brise-soleils* de concreto e os cobogós, além das platibandas e dos azulejos coloridos (Figura 41).

Figura 41: (a), (b), (c), (d) e (e): Casas em bairros populares em Maceió que recebem abundante utilização de adornos com efeito modernizador, recursos decorativos estilizados, elementos de composição geométricos. Importante observar também o “gigante” elemento marcante em muitas das fachadas deste período.





Fonte: AMM, s/d (apud SILVA, 1991); JPM, s/d (apud SILVA, 1991); JPM, s/d (apud SILVA, 1991); AMM, s/d (apud SILVA, 1991); JPM, s/d (apud SILVA, 1991).

Essas adaptações são encontradas comumente nos bairros periféricos, nas anteriores ruas de casas de meia morada ou porta e janela, construídas em fila e sem afastamento entre elas, como se configuram grande parte das ruas na Ponta Grossa. Nas décadas de 1950 e 1960, muitas habitações receberam adornos com efeito modernizador, recursos decorativos estilizados, elementos de composição geométricos onde percebe-se a expressiva e abundante utilização de azulejos coloridos, com contrastes fortes (Figura 42).

Figura 42: Casas construídas no bairro da Ponta Grossa entre as décadas de 1950 e 1960, com características arquitetônicas adaptadas do estilo moderno (uso de platibandas e detalhes de fachada). Nos seus materiais constituintes, pode-se observar o uso abundante do azulejo colorido como revestimento, além do concreto e revestimento em pedra, materiais em uso na época.





Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Identifica-se, desta forma, o desejo dessa parcela da população em manter-se atualizada dentro de suas possibilidades e percepções de assimilação do vocabulário moderno repassado por revistas e filmes estrangeiros, sobretudo americanos. Esses exemplares representam, de forma definitiva, a experiência da “modernidade possível” presente nas aspirações dessa população que tenta imprimir nas fachadas de suas casas os ideais que fomentavam para seu futuro. O acesso a vida moderna. (LARA,2018).

Contudo, as plantas das casas “modernistas”, presentes nos bairros populares, continuavam apresentando a mesma feição das antigas heranças espaciais, onde apenas eram utilizados artifícios que modificavam ou ainda, renovavam as fachadas com novos materiais e elementos que representavam a atualidade.

Assim, essas arquiteturas, muitas vezes resvalavam nas redundâncias estilísticas do Kitsch³⁰, no manejo dos recursos estilísticos modernistas que aparecem superdimensionados ou utilizados apenas de forma decorativa, sem função definida, uma das prerrogativas do movimento moderno purista.

³⁰ O Kitsch recebeu várias contestações de críticos de arte nos anos 1960 e 1970. Era entendido como antiarte e portanto, distante do que a estética definia até então, como conceito de beleza e equilíbrio. “Oriundo do verbo alemão kitschen/verkitschen (trapacear, vender alguma coisa em lugar de outra), o termo kitsch adquiriu o significado de "falsificação" a partir de 1860. Porém, a palavra kitsch foi usada pela primeira vez na metade do século XX, na obra do sociólogo francês Edgar Morin (1987, p. 17) intitulada *Espritdutemps*.” (SÊGA, 2010, p. 54).

Pode-se dizer que a arte na Arquitetura Moderna em Alagoas falha no objetivo primeiro de torna-se coparticipante da vida do homem comum. A produção acadêmica define limites precisos que separam o palco de exibição da peça moderna e o local onde se instala sua plateia. Público e atores não chegam a confraternizarem-se. Para que o produto cultural gerado se torne acessível às aspirações das diversas camadas sociais, é submetido a várias releituras que simplificam seu conteúdo. (SILVA, 1991, p. 229).

No entanto, se considerado o kitsch como um fenômeno cultural característico de transição entre o popular e o oficial, decorrente de apropriações e desejos de ascensão social de segmentos de média e baixa renda ao acesso à cultura de elite, podemos observar que, mesmo que essas releituras formais possam ter, em Alagoas, sido consideradas pela academia apenas como simplificações do erudito modernista, elas representam, sob outro ponto de vista, um manejo de recursos possíveis para a concretização de um desejo, mesmo que distante e atrelado a prerrogativas históricas, como foi visto anteriormente no decorrer do capítulo.

Neste sentido, a arquitetura kitsch, estaria relacionada, a autoconstrução, a espontaneidade e a junção de saberes populares ao modelo formal constituído, transmitindo a visão de mundo e o estrato social de seu criador, se apropriando de repertórios estéticos de modo criativo e profícuo. Portanto, apesar de exibir sempre um uso excessivo de materiais decorativos, o uso de processos construtivos sem conhecimento de seus princípios e a utilização da cor e contrastes fortes entre elas, representa em seu arcabouço formal uma experiência rica e inventiva de apropriações desse vocabulário. Esses elementos são reconhecidos principalmente pelo caráter personificado e individualizado dos espaços produzidos estabelecendo um diálogo entre erudito e popular, entre a academia e o vernacular. (GUIMARAENS; CAVALCANTE, 1979).

O diálogo entre arquitetura popular moderna e a arquitetura moderna erudita, ou projetada por profissionais, estabelece uma relação profícua no Brasil. A ampla disseminação do vocabulário moderno arquitetônico, revela pontos interessantes nessa conexão, uma relação volátil, mas representativa entre erudito e popular, como uma troca de ideias e tendências dos dois polos. Se não forem somente entendidas como uma degeneração do estilo moderno, mas uma conformação deste, dentro da perspectiva de que saberes diversos e experiências dispares, podem apresentar um caráter de complementariedade fértil para os dois extremos. (LARA, 2018).

No interior das casas nos anos 1950 – 1960 em bairros populares como a Ponta Grossa, os ambientes foram renovados em sua feição, cores e mobiliário (Figura 43), que eram réplicas dos móveis utilizados nas edificações modernistas e que eram adquiridos em movelarias da cidade. Essa forma popular de agregar modernidade ao seu cotidiano está ligada principalmente aos anseios de melhoria de vida e na forma como se estabelece as relações entre vizinhos e parentes nesses locais. As casas eram renovadas segundo o que se via e era propagado como atual nas fotos publicadas nos almanaques e nas revistas de alcance popular.

Figura 43: No interior das residências dos bairros populares, a assimilação dos elementos e mobiliário modernistas.



Fonte: JPM, s/d (apud SILVA, 1991).

Assim, o entrevistado Esdras Gomes descreve a reforma feita por sua mãe, numa casa no bairro da Ponta Grossa:

Ah, quando minha mãe veio pra Maceió. Quando ela veio, aí ela resolveu, né, conversou com meu pai e resolveu fazer exatamente a reforma, [...] fechar aquela parte, que antes era aberta e colocaram aqueles cobogós de louça.

Tudo foi ela. Tudo foi ela que fez. Da colocação das janelas de vidro, aquele portão grande, aquela porta da sala toda de vidro, tudo aquilo foi ela que quis. Tudo ali foi da cabecinha dela. Ela quando vinha falar com você pra saber, ela já tava com a ideia na cabeça. Já tava querendo aquilo e não adiantava você discutir muito com ela [não entendido] que ela já tava com aquilo lá decidido. Ela via uma coisa na revista ou no almanaque, minha mãe adorava a revista O Cruzeiro, ela recortava as partes que mais queria e guardava numa caixinha, para depois usar. Era para a casa ou eram receitas.

Ela tinha visto aqueles brises numa revista e ela quis fazer na varanda, Os Brises ela queria só no oitão. [...] outra coisa: o forro, [...] ele era todo de madeira, não era aquela madeira tradicional de forro, era compensado, era compensado. Ela aí resolveu tirar aquilo ali, só que na época se usava muito

uma coisa chamada estuque. Então a casa, ela colocou estuque. Fez primeiro a sala, depois da sala foi feito o quarto, foi feito a sala de visita, aí ela resolveu fazer logo o corredor. Os quartos foram feitos foi na segunda etapa. Então, só tinha concreto armado mesmo na cozinha e no banheiro, o resto era tudo o que se chama de estuque. E na varanda também. Porque na varanda foi feito uma laje, que até teve uma época que a gente quis fazer um sótão ali em cima pra ficar, mas meu pai disse: "Não, de jeito nenhum, tá bom como tá, vai ficar aqui embaixo mesmo!" E ficou aquilo que tá lá.

Na varanda foi feito marmorite no piso todo ali. Foi feito aquele piso de marmorite. Eu me lembro que o serviço era feito no local. Não era comprado as pedras como hoje, né. E era feito com uma máquina lá pra dar polimento e tal. Minha mãe adorava! Ela tinha doença por limpeza e por arrumação. O design de arrumação da sala, da sala de jantar, ela, cada mês, dois ou três meses ela fazia uma arrumação diferente. Tirava os sofás e botava de um lado, botava do outro. A mesma coisa na sala de jantar. Nos quartos não se fala. A posição de cama todo mês quase ela mudava. [...] Eu achava aquilo lindo quando chegava, porque parecia que você tava chegando numa casa diferente. A maneira como ela arruma a coisa.

Tudo foi feito por um pedreiro que ela contratou. Ela ia conversando com ele e ia mostrando o que ela queria, muitas vezes eu chegava em casa e ela estava mostrando os recortes de revista para o pedreiro. Eu não me lembro do nome dele, mas ele era um mestre de obras que se dava muito com meu pai. Ele morava, esse mestre de obras morava na Praça Santa Tereza. Disso eu me lembro, agora o nome dele eu não consigo lembrar. Foi ele quem fez aquilo, foi ele que fez o piso. Aquele piso de marmorite lá. Tudo foi ele que fez.

Quando ficou pronta a reforma o pessoal gostava muito! Minha mãe tinha uma facilidade de fazer amizade com as pessoas muito grande. Então o maior prazer dela era levar D. Léa lá, levar Almira, levar D. Eníde, o pessoal pra ver a casa. [...] Era um Carnaval! Mostrava a todo mundo entusiasmada. Entendeu? Mas tudo aquilo era da cabecinha dela.

Os móveis novos da varanda, os móveis novos da sala de jantar, quando ela comprou. Aqueles móveis de cana da índia e também as cadeiras de ferro fininho entrelaçado que ela comprou numa movelaria do centro, as espreguiçadeiras, tudo tudo. Sabe de uma coisa, as caqueras muitas ela fazia, comprava de barro passava cimento branco eu acho ou era gesso, não sei e ia preenchendo com caco de azulejo colorido e pedaço de louça que quebrava, ela guardava e depois fazia as caqueras da varanda, assim, né? Eu achei excelente! Achava lindo aquilo. [...] Agora tinha uma particularidade: ela detestava cores! Todas as casas onde minha mãe viveu, que eu me lembre, ela adorava cor bege. Aquele begezinho bem clarinho. Pode observar que toda a casa nunca teve uma parede de outra cor. Até as portas tinham a mesma cor. [risos] Ela não era ligada em cores assim. O negócio dela era o bege. "Ô Pedro, botar um begezinho, né?" "Então tá bom, tá certo." [risos] Ele nunca... deixava que ela comandasse o barco. Eu não sei o que tem, ela com toda cor bege, que os filhos gostaram tanto de cores. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

De modo bem particular e espontâneo, o bairro da Ponta Grossa foi formalizando ruas com muitas "frentes de casa" com detalhes modernos, muitas azulejadas e coloridas. Os elementos introduzidos nessas arquiteturas constituíram importante conjunto componente da nova feição do bairro à época e, aparentemente, se amalgamam com as arquiteturas, composições e agenciamentos propostos nas praças de Sandoval Cajú, num discurso de retroalimentação que se estabelece a partir

dos materiais utilizados, das soluções estruturais praticadas, nas cores e no aspecto muitas vezes exagerado presente em ambos os exemplares de modernidade.

Tanto os arranjos das habitações, quanto os das praças, são expressões de um desejo de progresso e desenvolvimento, presentes nos anseios da população do bairro e no discurso populista do prefeito, ambas, projetadas por leigos ou práticos, estando em suas conformações físicas e estéticas, distantes do academicismo. Mas aproximadas pelo desejo, pela ampliação de horizontes sociais e culturais e principalmente indissociavelmente impregnadas por ideias de modernidade, portanto, constituídas por pactos identitário estabelecidos entre seus agentes.

Portanto, as relações formais entre as praças de Sandoval Cajú e as fachadas que vinham sendo construídas ou modificadas no bairro da Ponta Grossa à época, são identificadas principalmente pela estética utilizada em sua típica conformação e pela forma de apropriação de estruturas construtivas. Nas fachadas atualizadas a partir da década de 1950, observa-se o uso do azulejo, herança da arquitetura colonial que até então só era utilizado no interior das casas, como infere Silva (1991, p. 246): “são reconduzidos à fachada pelas mãos da arquitetura popular”, [...] essa opção se converte num traço da arquitetura local”.

A solução de revestimento de fachadas de casa de meia morada, esteve presente na maioria das ruas do bairro da Ponta Grossa e caracterizaram, junto com os outros materiais citados, o tratamento modernista que também se estabeleceu nas praças em questão. Ainda voltando à Silva (1991, p. 246), “A prática popular do uso de azulejos em composições geométricas nas fachadas [e em cores] aproxima-se das composições figurativas das praças na medida em que representam respostas paralelas a um tempo de mudanças”.

Portanto, as formas de apropriação do estilo moderno expressas, tanto nas habitações quanto nas praças de Sandoval Cajú no bairro da Ponta Grossa, estão relacionadas às imagens provindas de uma conjunção de fatores expressivos, que influenciaram essa produção.



3. DAS MEMÓRIAS SOBRE SANDOVAL CAJÚ, CAMPANHA E ELEIÇÃO

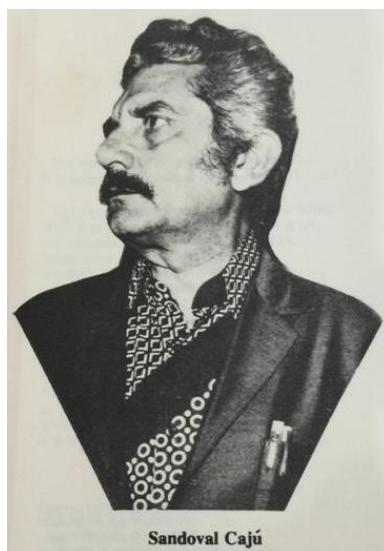
Sandoval Cajú, o prefeito eleito por voto direto em 1961, apresentou uma trajetória singular como homem e político. Observar esse percurso se faz imprescindível para a assimilação da sua representatividade para a Maceió dos anos 1960, como também para o entendimento do objeto da pesquisa que se desenvolve aqui.

Portanto foram utilizadas algumas fontes importantes para a investigação do tema, a citar: o documentário em vídeo "Sandoval Cajú, além do conversador" de autoria de Pedro Rocha, produzido em 2014; o livro "O Conversador" (1991), no qual o político conta trechos de sua história; a Revista Graciliano (2011) lançada em abril/maio de 2011 que traça o perfil do político; além da dissertação de mestrado "As praças da gestão de Sandoval Cajú na 'Cidade Sorriso': Maceió, Alagoas, 1961-1964" de autoria de Myllena Azevedo (2018), que complementaram o acervo de dados coletados nas entrevistas de História Oral, empreendidas no âmbito da pesquisa.

3.1 Quem era aquele homem que falava no rádio?

O paraibano Sandoval Ferreira Cajú, colecionou durante sua vida muitas histórias envolvendo sua figura (Figura 44). Homem de personalidade forte, autêntico e controverso, sempre dividiu opiniões sobre sua trajetória como político populista, sua administração "personalista" como prefeito de Maceió ou seus textos como escritor, poeta e contador de casos.

Figura 44: Imagem de Sandoval Cajú em seu livro *Sonhos e Pesadelos*.



Fonte: Cajú, 1986.

Nascido em 16 de novembro de 1923 na cidade de Bonito de Santa Fé, pequena localidade do semiárido da Paraíba, Sandoval Cajú era de família humilde, tinha avós pequenos latifundiários agricultores. Seus pais, Tamires Guarita e José Cajú se estabeleceram na cidade de Bonito, onde além de proprietários de cartório, seu pai foi prefeito entre 1959 a 1962. Sandoval trabalhou como tabelião no cartório da família, e foi incentivado pelo pai a seguir seus estudos fora, porque na pequena localidade só existia até o curso primário. Dessa forma, deixou a família em 1941, contando com 17 anos de idade, para tentar se estabelecer numa cidade maior (CAJÚ, 1991).

Com o intuito de melhorar de vida e completar seus estudos, percorreu algumas capitais do Nordeste, numa tentativa frustrada, tentou chegar à cidade do Rio de Janeiro, como o próprio descreve num trecho de seu livro "O Conversador", transcrito a seguir:

Estive por algum tempo em Fortaleza; depois em João Pessoa e no Recife; muito jovem ainda, não logrei o êxito almejado. Aos 17 anos, em 1941, tentei chegar ao longínquo Rio de Janeiro. Era época de transportes precários e onerosos; de sorte que, ao aportar na Bahia, o já minguado recurso financeiro de que dispunha, evaporou-se, e eu acabei empancado ali, indo enfrentar o cabo da pá e da picareta, na construção da base aérea (hoje, aeroporto 2 de julho), distante 36 quilômetros do centro de Salvador; lugar inóspito e selvagem que não oferecia a mínima condição de se abrir um livro para estudar. (CAJÚ, 1991, p. 96).

Dois anos depois Sandoval voltou à cidade natal onde se apresentou para servir ao exército na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Logo após esse período decidiu morar em João Pessoa, capital da Paraíba, onde se engajou para trabalhar como voluntário na campanha para governador do Estado de Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Mello desempenhando várias atividades durante o pleito que em caravana percorria cidades do sertão paraibano, região já conhecida por Sandoval. Na primeira oportunidade exibiu seu "talento no manejo do verbo" destacando-se como orador em discursos proferidos em comícios. Pelo feito, o candidato, após eleito, prometeu a Sandoval um posto em seu governo (REVISTA GRACILIANO, 2011, p. 12).

Vislumbrando um futuro promissor, Sandoval pensou em uma maneira de "matar o tempo" até assumir o cargo prometido e resolveu visitar o Recife. Depois de passear um pouco pela cidade, chamou-lhe a atenção a estação "Great Western", que

iluminada pela comemoração de seus 100 anos de operação no Nordeste, exibia, em seus quadros negros, os horários de partida dos trens para várias localidades, incluindo Maceió, cidade que não conhecia. Sem pensar muito comprou o bilhete e chegou à capital de Alagoas onde, além de passear, intentava visitar seu irmão Genival Cajú que estudava na Faculdade de Direito de Alagoas. Passaria duas semanas na cidade para então voltar à João Pessoa, para assumir o cargo prometido.

Em Maceió, o recém-chegado Sandoval, percorre a cidade dos anos de 1940, interessado, para além das belezas urbanas, em saber sobre os pormenores políticos da época. Apesar do pouco estudo, mas contado com a experiência dos anos que trabalhou no cartório da família, Sandoval conseguiu um posto de escriturário no Departamento de Obras e Viação do Estado de Alagoas – DVOP. Assim, em apenas 15 dias já estava empregado e havia conquistado a confiança do diretor-geral do referido órgão público. Quanto mais se aproximava a data da volta para a Paraíba, mais se sentia “anestesiado e inerte “. Estimulado pelo irmão que lhe falava das boas condições de ensino dos colégios em Alagoas, Sandoval resolveu não mais voltar para seu Estado de origem e se estabeleceu em Maceió (AZEVEDO, 2018). Como descreve em trecho de “O conversador”:

E ruía por terra tudo aquilo que me parecia inabalável; sem risco de desmoronar, devido ao firme propósito de realizar o sonho mais almejado e ambicioso de toda a minha vida: voltar a Paraíba na data aprazada e assumir o posto funcional a mim reservado pelo eminente Governador Oswaldo Trigueiro. (CAJÚ, 1991, p. 121).

Com relação aos estudos, concluiu o curso ginasial e secundário, para, em seguida, trilhando o caminho do seu irmão, frequentar a Faculdade de Direito de Alagoas onde se formou bacharel em ciências jurídicas e sociais (REVISTA GRACILIANO, 2011).

Depois de exercer algumas atividades na cidade, trabalhou como locutor da Rádio Difusora, onde apresentou alguns programas de grande sucesso, tornando-se figura pública, conhecido principalmente pelo modo peculiar e linguagem que utilizava para apresentar essas atrações. Na emissora, a primeira do Estado, pertencente ao então governador Silvestre Péricles, Sandoval apresentou os programas: “Palito de Fósforo”, “Traga Centavos e Leve Cruzeiros” e ainda “Feira de Atrações”.

Em 1951, voltou à Paraíba onde desempenhou a função de locutor chefe da Rádio Tabajara e apresentou os programas “Quartel General do Rádio”, “Páginas Poéticas” e “Papos Noturnos”. Exercendo a função durante seis meses, quando foi então demitido das funções na Rádio Difusora de Alagoas.

Retornando à Maceió, algum tempo depois, Sandoval Cajú assumiu o cargo de locutor na recém-instalada Rádio Progresso, onde a partir de 1958, a convite do radialista pernambucano Edécio Lopes, então diretor de programação, apresentou o programa “Tribuna do Povo”, “um programa do povo, pelo povo e em função do povo” – *slogan* repetido pelo locutor ao anunciar a atração radiofônica (REVISTA GRACILIANO, 2011).

O “Tribuna do Povo”, era transmitido diariamente ao meio-dia e tinha como objetivo ajudar as comunidades carentes da cidade através de soluções práticas para resolução ou encaminhamento de questões vivenciadas no cotidiano da população, denunciando os problemas de infraestrutura, abastecimento de água e energia elétrica dos bairros da periferia da cidade. O programa foi um sucesso e chegou a atingir 95% de audiência. Em grande parte dos lares de Maceió ouvia-se a voz de Cajú na hora do almoço. O radialista era sucesso nas várias classes sociais da população, desde as mais baixas até as elites que acompanhavam o programa (REVISTA GRACILIANO, 2011). Assim, depois de sua importante trajetória na área das comunicações, anuncia que era candidato ao cargo de prefeito de Maceió, em janeiro de 1960.

O lançamento da candidatura de Sandoval à prefeitura foi emblemático para a cidade, principalmente por alguns aspectos: o fato de um “forasteiro” conseguir esse feito num Estado onde, até então, todos os governantes provinham de famílias locais; e o fato de Sandoval Cajú ser descendente de uma família de origem desconhecida dos alagoanos e do mesmo ter chegado ao Estado sozinho se fazendo conhecido por seu trabalho.

Nesta época normalmente os políticos que governavam o Estado provinham de famílias relacionadas à produção econômica, ligados às oligarquias agrárias ou comerciais, mediante pactos políticos ou laços familiares, fato que Sandoval Cajú soube usar durante sua campanha para se diferenciar dos oponentes políticos, ressaltando sua independência e, o mais importante, sua autonomia por nunca ter

exercido mandato político antes e, desta maneira, não ser associado ao estado precário em que se encontrava a cidade e por estar, como ele mesmo costumava dizer, “acima do bem e do mal” (CAJÚ, 1991). Como ressalta Esdras Gomes, um dos entrevistados:

Lembro sim. Lembro. Em 61, meu filho, nos anos 60, eu já trabalhava. Eu moleque, já. Eu me lembro de Sandoval Cajú. Eu conheci Sandoval Cajú onde eu trabalhava, ainda, na *Gazeta de Alagoas*. Conheci o Sandoval Cajú. Era uma figura fantástica! Ele chegava e fazia a festa. Ele gesticulava muito. Ele gesticulava, ele falava com as mãos. Era um caricato nato. Entendeu? Tinha um amigo meu, que trabalhava comigo que dizia que foi a coisa mais alegre a que Paraíba produziu. [risos] o Sandoval era paraibano, não é? E ele... eu me lembro da campanha dele, em cima de um caminhão. Ele em cima de um caminhão, ele arrastava uma multidão [...] O comício do Sandoval era impressionante! Impressionante! E nós vamos chegar lá, uma coisa que eu vou lhe dizer: o comício de Sandoval era um programa de auditório. E ele antes de entrar pra política, a Rádio Progresso na época era a única rádio que nós tínhamos nesse tempo, né? E ele tinha um programa chamado *Palito de Fósforo* e era muito frequentado por estudantes com aquelas brincadeiras de auditório e tal. Eu lhe confesso que eu nunca fui, mas eu tinha amigos meus de aula que não perdiam um programa de Sandoval Cajú. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

3.2 De locutor a prefeito. Comícios, discursos e populismo: “vim de branco para ser mais claro”³¹

Candidato a prefeito pelo Partido Democrata Cristão (PDC), Sandoval Cajú teve como adversários no pleito os candidatos apoiados pelas forças políticas e econômicas da época. Eram eles: O médico Jorge Quintela, Cleto Marques apoiado pelo governador Muniz Falcão e pelo prefeito Abelardo Pontes Lima, e Joaquim Leão apoiado pelos comerciantes e por Ary Pitombo então proprietário da Rádio Progresso, que a despeito a decisão de Sandoval em não apoiar seu candidato, cancelou o programa “Tribuna do Povo” (Figura 45 e Figura 46)

³¹ Expressão utilizada repetidamente pelo político durante a campanha para a prefeitura de Maceió, quando, de cima de um caminhão começava seus discursos com a seguinte frase: -Vim de branco para ser mais claro! (Ticianeli Edberto, site História de Alagoas; Sandoval Cajú, "O conversador"). Esta informação também está presente na Revista Graciliano (2011, p. 7).

Figura 45: Primeira página da edição do Jornal de Alagoas de 2 de outubro de 1960 ³².



Fonte: Acervo Público de Alagoas, 2020.

Figura 46: Candidatos à Prefeitura de Maceió em matéria do Jornal de Alagoas de 2 de outubro de 1960 ³³.



Fonte: APA, 1960 (apud AZEVEDO, 2018).

O candidato Sandoval Cajú contava, no início, apenas com o apoio dos amigos e poucos recursos. Em entrevista ao radialista Edécio Lopes, no programa Manhãs Brasileiras em 1985, Cajú, lembrando daquele momento, disse: “Nós entramos na campanha com gosto de gás, como se diz na gíria, e tivemos que fazer 147 comícios. Não estivesse programada essa enormidade de comícios, é porque o

³² A imagem foi conseguida no acervo do Arquivo Público de Alagoas, enviada por e-mail devido a instituição está fechada ao público, visto os cuidados exigidos pela pandemia vigente. Também não foi possível ter a imagem escaneada, apenas fotografada, devido o scanner da instituição estar quebrado.

³³ Candidatos derrotados por Cajú na campanha eleitoral de 1960, conforme descrito no Jornal de Alagoas na edição anterior à vitória de Cajú (da esq. para a dir.): Jorge Quintella, médico, ex-vereador e atual Deputado Estadual pela União Democrática Nacional (UDN); Cleto Marques Luz, ex-vereador por duas legislaturas e atual deputado Estadual; Joaquim Leão, comerciante que aspira à Prefeitura Municipal de Maceió, do Partido Democrata Cristão (PDC); **Sandoval Cajú, conhecido por suas tiradas hilárias, trata a todos pelo epíteto de "colega", é candidato à prefeitura** (AZEVEDO, 2018, grifo nosso).

candidato, naturalmente caiu no gosto do povo” (REVISTA GRACILIANO, 2011, p. 24)(Figura 47 e Figura 48).

A partir de setembro de 1960, as edições do Jornal de Alagoas trazem em frequência diária a publicação da campanha de Sandoval Cajú à prefeitura: uma fotografia do candidato e uma curta legenda apresentando-o como “candidato do povo”, com Vinicius Cansanção Filho como vice, associado à candidatura de Silvestre Péricles ao Governo do estado. [...] Distribui, ainda, material promocional de campanha: agendas de telefones de emergência, agendas telefônicas, pentes e chaveiros. [Além do] santinho distribuído durante a campanha, descrevendo-o como o “candidato do povo”. (AZEVEDO, 2018, p. 50).

Figura 47: Peça publicitária da campanha eleitoral de Sandoval Cajú no Jornal de Alagoas de 10 de setembro de 1960. Em destaque, trecho da propaganda do candidato ³⁴.



Fonte: Acervo Público de Alagoas, 2020.

Figura 48: "Santinho" distribuído durante a campanha eleitoral de Sandoval Cajú em 1960.



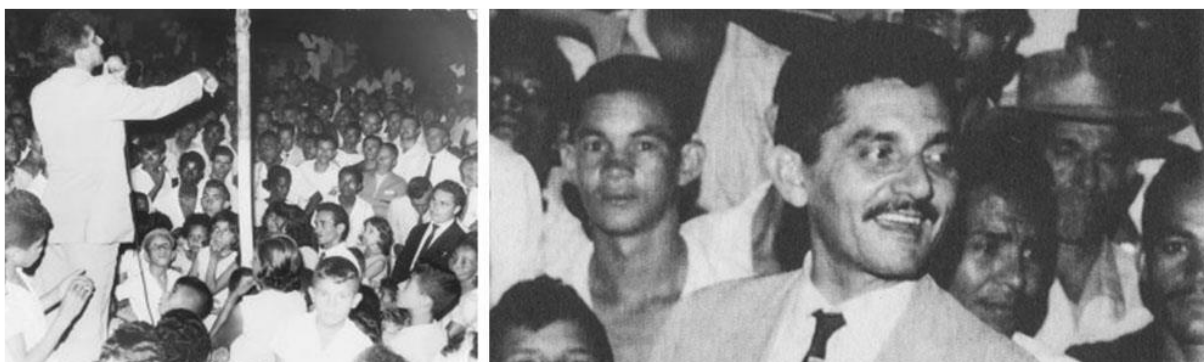
Fonte: Revista Graciliano, 2011.

³⁴ A imagem foi conseguida no acervo do Arquivo Público de Alagoas, enviada por e-mail devido a instituição está fechada ao público, visto os cuidados exigidos pela pandemia vigente. Também não foi possível ter a imagem escaneada, apenas fotografada, devido o scanner da instituição estar quebrado.

Assim, durante a campanha, o “candidato do povo, pelo povo, para o povo”³⁵ se dirigia aos bairros de Maceió em cima de um caminhão ou de um carro aberto e falava ao povo. Os comícios foram gradativamente mais frequentados e sua popularidade cresceu no decorrer da campanha. Seus discursos eram acalorados e repletos de bordões, frases de efeito e “tiradas” estratégicas populistas que dialogavam com o ideal de prosperidade e “modernidade” já presentes nos anseios das comunidades da cidade.

O político utilizava um bordão que repetia em todos os discursos que proferia, nos quais prometia devolver o sorriso à cidade, ou “transformar” Maceió na “Cidade Sorriso”, referindo-se ao descaso das sucessivas administrações públicas para com Maceió, suas ruas e sobretudo, suas praças (Figura 49).

Figura 49: À esquerda, Sandoval Cajú, de branco, em comício para a prefeitura de Maceió; à direita, Sandoval Cajú em campanha, 1960.



Fonte: CEPAL, 2011; MISA, s/d.

Durante a campanha, Sandoval realizou comícios em praticamente todos os bairros da cidade, dos nobres aos mais populares. Na Ponta Grossa realizou alguns com grande participação popular, os moradores do bairro ainda lembram da presença do político nas ruas do local e das promessas de campanha:

Lembro muito de um comício dele na Ponta Grossa, ele chegava num carro aberto, descia e começava a ir nas casas das pessoas chamando elas para o comício. Ele ia andando e as pessoas iam seguindo ele nas ruas e ia juntando muita gente, depois ele subia na boleia de um caminhão e falava. Ele dizia o que estava errado no bairro e o que ele ia fazer se fosse eleito, ele falava muito bonito, e sempre era muito aplaudido no final. [...] Parecia adivinhar o que as pessoas queriam, ele prometia que a vida ia ser melhor e que todo mundo ia ter ruas e praças bonitas, ele prometia que a cidade ia voltar a sorrir [...] Sandoval fazia muitos comícios, eu lembro de vários que ele noticiava no rádio, ele sempre passava na Rua Santo Antônio onde eu

³⁵ Frase bordão do “santinho” (Figura 48).

morava, ou a pé ou num caminhão acenando para as pessoas que ficavam nas portas de casa. (R. FERNANDES, 75 anos, 2020, informação verbal).

Sandoval Cajú criara para si um “personagem” que surpreendia com falas que se tornaram emblemáticas para a história da política alagoana, como a que proferiu em seu discurso de fim de campanha em comício na Praça Deodoro, de onde destacamos esse trecho:

Maceioenses, viemos de Bebedouro [bairro da cidade]. A massa que se comprimia na Praça Lucena Maranhão era incontável e fez várias manifestações de apoio e solidariedade a esse candidato. Não resta dúvida que seremos vitoriosos, mas falta o teste final. Estamos vivendo um regime democrático e à nossa frente se encontra a figura do fundador da República, Marechal Deodoro da Fonseca... Invocando a “participação” do Marechal Deodoro, Sandoval deixou a multidão atônita e curiosa ao indagar: Deodoro, estás ou não ao nosso lado nessa campanha democrática? Decorridos longos segundos, Cajú desfechou: Quem cala consente! Agora, só perdemos essa eleição se o cupim roer as urnas! O público explodiu numa ruidosa gargalhada seguida de estrondosa salva de palmas. (REVISTA GRACILIANO, 2011, p. 26).

Em um dos depoimentos coletados para a pesquisa, o entrevistado Esdras Gomes descreve também um outro comício do então candidato Sandoval Cajú, destacando o aspecto populista desses encontros com o povo:

Eu fui a um comício que ele fez na Praça do Pirulito. Fui com seu bisavô. Fui eu, vovô... Rinaldo... Rinaldo foi com a gente pra ver um comício de Sandoval na Praça do Pirulito. Rapaz... era um programa de auditório. Ele contava história, ele gesticulava, falava mal de quem ele queria e aplaudiam ele...! Esse comício que eu fui é... é... Como é que se diz, meu Deus? Foi o último comício dele que ele fez antes da eleição. Aquela Praça do Pirulito, ela ficou tomada de gente. Ficou tomada de gente. E eu achei... eu me lembro que tinha... naquele tempo não tinha os shows, não é? Showmícios como chama hoje. Mas ele tinha um sócia dele, chamava Dartagnan Marcelino. Esse nome eu não me esqueci, que depois se tornou o assessor dele e esse cara imitava o Sandoval. Ele imitava o Sandoval em tudo. Era uma figura! E depois que Sandoval deixou o governo, eu não sei se ele largou... entendeu? Pra onde foi... entendeu? E o Sandoval Cajú, ele, no meu ponto de vista, ele foi um dos políticos mais injustiçados do estado de Alagoas. Você sabe por que caçaram o mandato dele? Com medo que ele se candidatasse a governador e ganhasse. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

Segundo o teatrólogo Pedro Onofre, amigo de Sandoval e colaborador de campanha, o discurso muitas vezes irreverente e diferente do que até então a população estava acostumada a ouvir foi o grande diferencial da campanha para a prefeitura. Em entrevista à Revista Graciliano em 2011, Onofre lembra que aos poucos, os comícios foram se tornando maiores, até “ganharem status de shows”. Milhares de pessoas passaram a acompanhar as performances do candidato, que foi se dando conta das dimensões que a campanha tinha tomado. Destaca Onofre:

A ficha foi caindo aos poucos para ele. Nos últimos dias da campanha, ele foi perdendo aquele ar brincalhão, foi sentindo naturalmente, o peso da responsabilidade de assumir a Prefeitura de Maceió. Aquele comediante, aquele palhaço, como todos chamavam, começou a desaparecer dele. Sandoval ficou mais introspectivo, mais preocupado. Já se via Sandoval Cajú em silêncio, pensativo, coisa que era impossível (REVISTA GRACILIANO, 2011, p. 25).

O entrevistado Rogério Gomes Ferreira também destaca esse fato, descrevendo dois comícios que compareceu em dois momentos diferentes da campanha:

Eu fui a dois comícios de Sandoval Cajú, um logo no início da campanha na Praça do Pirulito e outro já no final da campanha na Praça Deodoro, no primeiro não tinha muita gente ainda e as pessoas iam mais para ver o locutor, sabe ele era conhecido no rádio então as pessoas iam para ver o programa de rádio ao vivo. Ele estava em pé num pequeno tablado e falou muito, o discurso era muito forte porque ele misturava assuntos sérios de coisas que Maceió precisava mesmo, com tiradas engraçadas e diferentes. Muita gente ia para se distrair, ninguém imaginava que ele ia ganhar a eleição. Eu mesmo nem gostava tanto dele, achava ele um falastrão, mas no segundo comício que eu fui a coisa já era outra, já tinha muita gente, muita gente mesmo, eu nem consegui chegar perto, fiquei só ouvindo de longe e o povo aplaudia muito. Ele conseguiu mudar dentro da própria campanha, era como se ele já tivesse repetido tanto aquilo que parecia sério, apesar das brincadeiras e zombarias ele parecia mais forte e mais decidido. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Sandoval ganhou a eleição em 3 de outubro de 1960, derrotando os candidatos considerados como favoritos ao pleito por serem apoiados pelas elites políticas e econômicas do Estado (Figura 45 e Figura 46), conseguindo maioria de votos em todas as urnas apuradas, tanto em sessões localizadas nos bairros considerados de elite na época, como o Farol e a Pajuçara, como também nas urnas dos bairros populares, e periféricos, onde obteve expressiva votação. Como o mesmo afirma em "O Conversador": "Obtivemos maioria de votos em todas as 222 urnas eleitorais para prefeito de Maceió! –fato inédito na história política de Alagoas, em todos os tempos!" (CAJÚ, 1991, p. 150).

O Sandoval Cajú, ele tinha um eleitorado muito grande na Ponta Grossa. O povão, Ponta Grossa, Vergel do Lago, Levada, tudo aquilo ali era Sandoval Cajú. Trapiche da Barra. Contanto que você pode ver que as primeiras praças que ele construiu como prefeito foram lá na Ponta Grossa. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

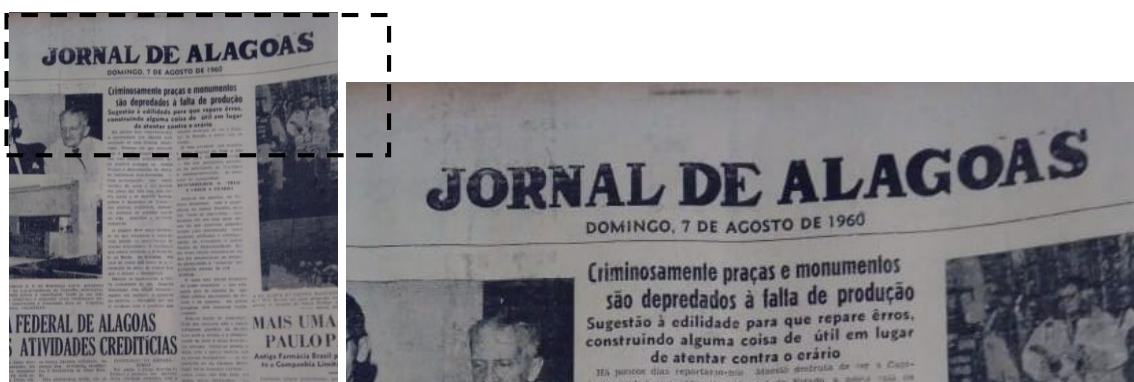
Comenta o jornalista Esdras Gomes.

Ganha a eleição e reafirma que cumprirá a enfática promessa de campanha: restituir o sorriso a Maceió. Essa promessa estava ligada ao que Sandoval tinha noticiado e via na imagem dos cartões postais da Maceió do início do séc. XX,

produzidos a partir da “Oligarquia Malta” (1900-1912) “quando as transformações urbanas, declaradamente com intuito modernizador passaram a ocorrer com maior ênfase, especialmente nas praças e espaços públicos, que foram embelezados à moda eclética e reformados sob esta ascendência estilística” (FERRARE; LEÃO, 2016, p. 137). Tendo como objetivo transformar a velha capital da colônia numa cidade exemplar da República recém-instalada, limpa, repleta de símbolos do progresso, ligados à modernidade. Quando, portanto, Maceió conquista o epíteto de “Cidade Sorriso” (FERRARE; LEÃO, 2016).

Após os anos da década de 1940, os espaços públicos representantes deste período modernizador, não haviam recebido nenhum implemento em suas características físicas ou reformas significativas. Desatualizados e abandonados pelo poder público, nos anos 1960, as praças e logradouros públicos, apresentavam-se sem manutenção ou em estado avançado de degradação física, necessitando de prementes reformas e cuidados (Figura 50). A cidade transparecia o abandono de sucessivas gestões públicas malsucedidas, como afirma o radialista Edécio Lopes em entrevista a Sandoval Cajú falando da Maceió dos anos 1950: “Eu achei Maceió uma cidade horrível, uma cidade suja e feia. Era uma cidade triste, um paradoxo com a alegria do povo. Sou testemunha dessa história” (REVISTA GRACILIANO, 2011, p. 32).

Figura 50: Matéria publicada no Jornal de Alagoas de 7 de agosto de 1960 com o título "Criminosamente praças e monumentos são depredados à falta de produção: sugestão à edilidade para que repare erros, construindo alguma coisa de útil em lugar de atentar contra o erário". Em destaque, recorte da matéria mencionada mostrando seu título ³⁶.



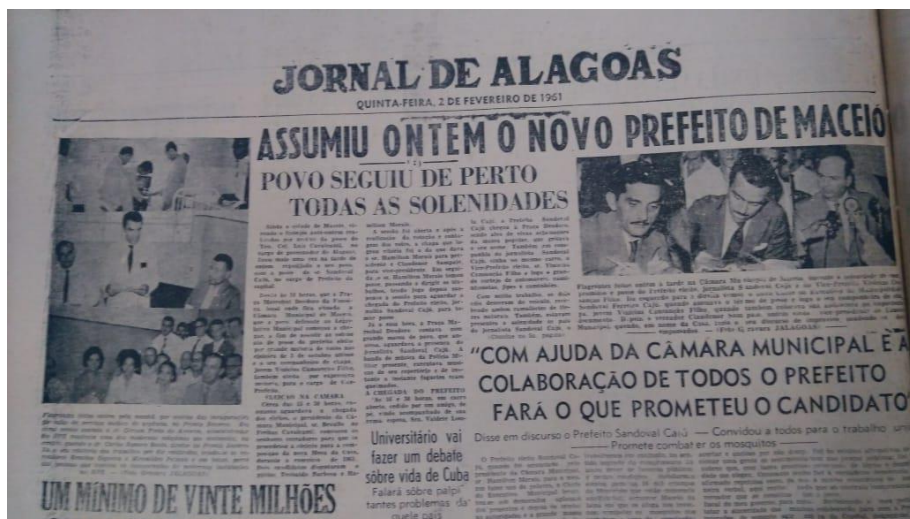
Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2020.

³⁶ A imagem foi conseguida no acervo do Arquivo Público de Alagoas, enviada por e-mail devido a instituição está fechada ao público, visto os cuidados exigidos pela pandemia vigente. Também não foi possível ter a imagem escaneada, apenas fotografada, devido o scanner da instituição estar quebrado. Todas essas dificuldades impediram a transcrição total ou parcial da matéria.

Em seu discurso de posse, Sandoval Cajú expõe o que pretende fazer nos próximos anos de seu mandato frente à prefeitura, enquanto reafirma o desejo de cumprir o prometido em campanha. O trecho a seguir, foi encontrado em o Jornal de Alagoas de 02 de fevereiro de 1961 (Figura 51) e transcrito pela pesquisadora Myllena Azevedo em sua dissertação de mestrado:

COM AJUDA DA CÂMARA MUNICIPAL E COLABORAÇÃO DE TODOS O PREFEITO FARÁ O QUE PROMETEU O CANDIDATO – (...) Nesta hora em que, por força da vontade soberana do Povo, assumo o cargo de Prefeito da Capital do Estado de Alagoas, não trago comigo outro pensamento a não ser o de cumprir, com eficiência e dignidade, o mandato para o qual fui eleito a três de outubro de 1960. (...) É necessário que (...) trabalhemos em conjunto, no sentido sagrado do cumprimento do nosso dever de homens públicos e, nessas condições, instalarmos escolas para as 16 mil crianças do Município que estão crescendo analfabetas; arrancar Maceió da lama em que se afoga nos invernos; combater os mosquitos que perturbam o sono da população; acudir as vidas que correm perigo – voltando as nossas vistas para o Hospital de Pronto Socorro; diligenciarmos no tocante ao problema de água e luz aos bairros pobres que estão às escuras e com sede... Higienizar, arborizar e pavimentar a cidade são também problemas que devemos enfrentar, com as duas mãos, buscando a solução imprescindível para melhorar o aspecto da metrópole, oferecendo, destarte, mais conforto e bem-estar aos seus dignos habitantes. (...) para que esta terra sinta o surto de progresso que há muito almeja, para que Maceió cres[ç]a (sic), suba e se desenvolva, pois, é por isto que 170 mil pessoas esperam de nossa parte. (JORNAL DE ALAGOAS, 1961 apud AZEVEDO, 2018, p. 55).

Figura 51: Matéria do Jornal de Alagoas publicada em 2 de fevereiro de 1961, mostrando a posse do então Prefeito Sandoval Cajú ³⁷.



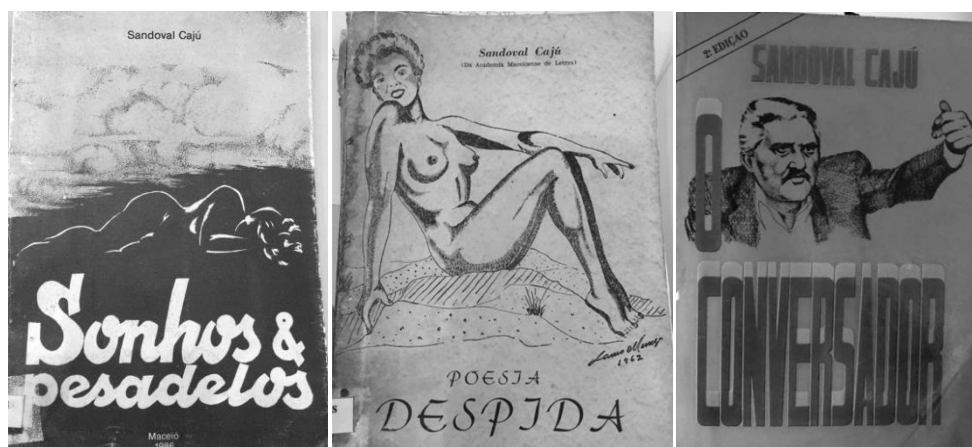
Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2020.

³⁷ A imagem foi conseguida no acervo do Arquivo Público de Alagoas, enviada por e-mail devido a instituição está fechada ao público, visto os cuidados exigidos pela pandemia vigente. Também não foi possível ter a imagem escaneada, apenas fotografada, devido o scanner da instituição estar quebrado.

O período de Sandoval Cajú como prefeito é marcado pela execução e entrega a população de inúmeras obras embelezadoras e higienizadoras para a cidade, como também de obras de infraestrutura que Maceió tanto precisava. Com o seu mandato cassado, Sandoval Cajú foi deposto pelo regime militar em maio de 1964. Posteriormente, o político jamais conseguiu se recolocar em qualquer cargo eletivo, o que, teria deixado o mesmo cada vez mais ressentido e triste, como o próprio descreve em trecho do seu livro, O Conversador, “Já faz alguns anos que eu desisti das disputas políticas. E, enquanto perdurar o *status quo*, permanecer inalterada essa anômala situação continuarei ausente das competições eleitorais” (CAJÚ, 1991, p. 292).

Sandoval Cajú, além de político, radialista, jornalista e bacharel em direito, foi escritor, membro da Academia Alagoana de Letras, autor dos livros: A Despedida (1963), Poesia Despida (1963), Guanabara (1965), A Embaixatriz e a Simpatia (1969), Sonhos & Pesadelos (1986) e O Conversador (1991), ficou conhecido por sua personalidade expansiva, seu modo peculiar de falar e discursar, e por ser o “prefeito das praças”, título divulgado pela imprensa (Figura 52).

Figura 52: Fotos das capas de três livros de Sandoval Cajú.



Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 2020; acervo pessoal, 2021.

Segundo o escritor e jornalista Maurício Melo Junior, autor do artigo “Sonhos poéticos, pesadelos políticos”, onde descreve a trajetória do político, “o mundo pragmático da atualidade não comporta o doce populismo de Sandoval Cajú”. Então o homem que “vestia branco para ser mais claro”, como Cajú, referindo-se a si mesmo proferiu em discursos durante sua campanha para prefeito de Maceió, tornou-se cada vez mais recluso, voltado para a literatura, “escreveu textos onde descreve sua

decepção com o mundo da política, vindo a falecer em 1994, junto a família e amigos mais próximos” (REVISTA GRACILIANO, 2011 p. 7). Como comenta o Jornalista Esdras Gomes, a seguir:

A lembrança que eu tenho é muita coisa. Muita gente ficou revoltada. “Por que Sandoval saiu?” “É comunista!” Todo mundo era comunista em 64. Hoje em dia procuram a caça aos corruptos, antes era caça ao comunista. E Sandoval Cajú, botaram na cabeça que ele era agitador, que era comunista, e muita gente não aceitou isso. Sandoval Cajú, morreu com uma grande mágoa. Mágoa dos políticos de Alagoas. E ele citava o nome de todos os que foram responsáveis pela cassação dele.

Ele citava. Eu passei muito tempo sem encontrar com Sandoval. Eu vim ver Sandoval depois, quando a menina dele, a filha dele, debutou – 15 anos –, na Fênix. E ele foi, ele tava lá com ela, eu fui. Dançar a valsa com a filha, nos 15 anos dela. Mas eu perdi contato com Sandoval por muitos anos. Fui encontrar com Sandoval, já quando eu estava, eu estava... No Correios de Maceió? Não. Tava no Jornal de Alagoas. Ele teve uma noite lá à procura do Rodrigues de Gouveia que era muito amigo dele. Ele queria uma matéria sobre alguma coisa e ele esteve lá com o Gouveia e depois ele puxou conversa com a gente, nós saímos juntos, fomos até o Bar do Chopp. Ele disse: “Eu vou pagar uma rodada de chopp pra esses maloqueiros.” Aí ficou lá, conversou um pouco e saiu. Aí depois não, depois, como ele começou a escrever foi quando eu fiz contato com ele, que ele me procurou mais. E como eu já tava na imprensa oficial, que ele foi fazer o livro *Conversador*. Ele chegou lá com o desenho da cara dele feito por um cara chamado Ezequiel e ficou lá com uma maçaroca de papel desse tamanho, aí disse: “Ôi, meu filho, cadê o Zacarias?” Eu disse: “Zacarias tá em Recife.” Ele disse: “Eu tô querendo publicar esse negócio. Agora eu quero um orçamento que é pra não me roubarem.” Aí começou, fez aquela cara dele, começamos a conversar.... Eu disse: “Sandoval, o livro é tudo isso, agora eu quero também uma capa, quero fazer uma capa bonita, com essa cara minha.” Que era um desenho, uma caricatura dele. Eu disse: “Vamos fazer o seguinte...” Aí eu chamei o Carlinhos, sentamos lá num birô e ele começou a falar sobre o livro, papapa... foi quando eu vim ter contato com Sandoval depois de muitos anos. É que ele se recolheu. Isso deve ter sido lá pelos anos 80, por aí. E eu queria muito bem a ele. Eu só não, o pessoal de imprensa quase todo gostava muito de Sandoval. Ele era o prefeito das praças de Maceió, a imprensa falava dele assim. Todo mundo na minha época era revoltado com a cassação dele. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

3.3 Construindo a “Cidade Sorriso”: o discurso populista na gestão do prefeito e as apropriações na cidade de Maceió.

Teu porte sedutor, insinuante,
Embevece e cativa o visitante
E conquista o amor de nós, daqui! ...
Quem te vê – mesmo pela primeira vez –
Se apaixona! (Evitar, não há maneira...)
Pelos primores que hoje encontra em ti!
-II-
No azul esverdeado dos teus mares,
No verde-escuro dos teus coqueirais,

No azul de anil do céu que outros lugares
Jamais tiveram e nem terão jamais!
Na alva areia das praias que possuis,
Vê-se o símbolo augusto da candura...
- se fosses, Maceió, pessoa humana,
Para mim, que de ti tanto se ufana,
Não haveria mais bela criatura! ...

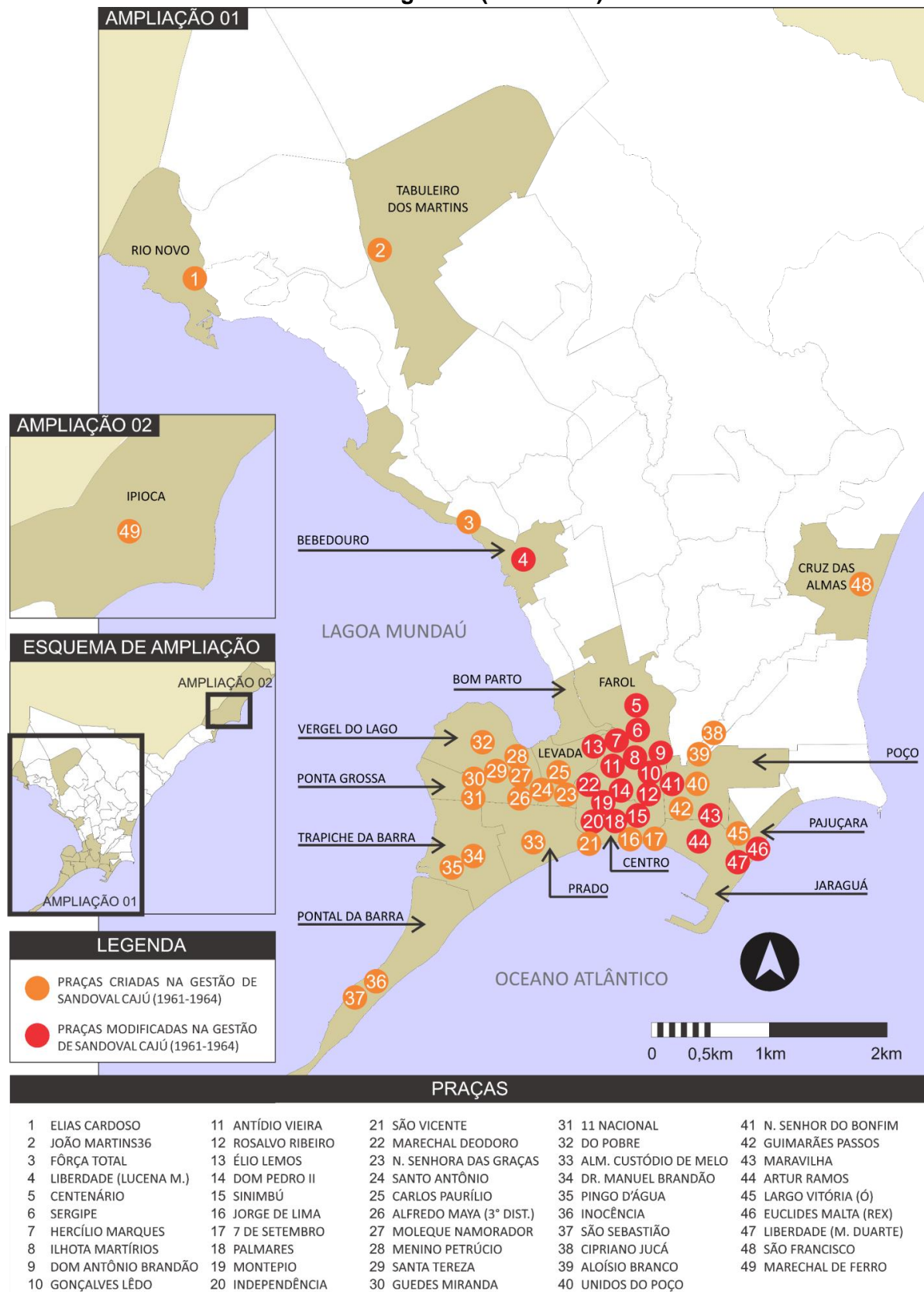
"Cidade Sorriso" – Sandoval Cajú, 1963
(CAJÚ, 1986, p. 188).

No poema "Exaltação", escrito pelo então prefeito Sandoval Cajú, no qual descreve a cidade que tanto o encantava, pode-se perceber, nas entrelinhas discursivas, tanto a vontade de tornar Maceió o palco de uma administração, onde as obras embelezadoras fossem a tônica, como também que, ao olhar a cidade, Cajú convidava o visitante a conhecer as suas belezas naturais. No poema, o político-poeta, apresenta uma atitude positivista enquanto ressalta as cores e as belezas de sua "Cidade Sorriso".

É fato que, durante sua administração na prefeitura de Maceió, Sandoval efetuou significativas mudanças na paisagem urbana da cidade, entregando à população 49 praças, sendo 22 delas modificadas e 27 novas praças criadas (Figura 53 e Tabela 1), além de obras de infraestrutura como a abertura e calçamento de ruas e colocação de meio-fio em calçadas, implantação de equipamentos urbanos como a agência de Correios, e a coleta municipal, além de hospitais e postos de saúde, escolas, pontos de ônibus com marquises e lavanderias públicas distribuídos em vários bairros da cidade.

Permeados de significados e reflexos de seu discurso populista de campanha, esses espaços apresentavam linguagem modernista arquitetônica e paisagística particularizadas, evidenciadas em sua morfologia e imagética. Eram compostos de materiais simples, mas com forte apelo formal e estético, como dito anteriormente: o azulejo colorido, o concreto e o marmorite.

Figura 53: Localização das praças nos bairros de Maceió entregues por Sandoval Cajú em sua gestão (1961-1964).



Fonte: Acervo pessoal, 2021. Adaptado de Azevedo, 2018.

Tabela 1: A autoria das praças da gestão Sandoval Cajú distribuídos em distritos e bairros de Maceió³⁸.

DISTRITOS/BAIROS	PRAÇAS	MODIFICADAS	CRIADAS	1961	1962	1963	1964
RIO NOVO	RIO NOVO (ELIAS CARDOSO)		•				•
TABULEIRO DOS MARTINS	JOÃO MARTINS		•			•	
BEBEDOURO	FÔRÇA TOTAL		•	•			
	LIBERDADE (LUCENA MARANHÃO)	•			•		
FAROL	CENTENÁRIO	•					•
	SERGIPE	•					•
	HERCÍLIO MARQUES	•		•			
	ILHOTA DOS MARTÍRIOS	•					•
	DOM ANTÔNIO BRANDÃO	•			•		
	PARQUE GONÇALVO LÊDO	•			•		
	ANTÍDIO VIEIRA	•					•
CAMBONA (ATUAL BOM PARTO)	ROSALVO RIBEIRO	•			•		
	HÉLIO LEMOS	•			•		
CENTRO	DOM PEDRO II	•					•
	SINIMBÚ	•			•		
	JORGE DE LIMA (SINIMBÚ)		•		•		
	7 DE SETEMBRO		•		•		
	PALMARES	•			•		
	MONTEPIO (DOS ARTISTAS)	•			•		
	TIRADENTES (INDEPENDÊNCIA)	•			•		
	SÃO VICENTE (JOAQUIM LEÃO)		•		•		
LEVADA	MARECHAL DEODORO	•				•	
	NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	•		•			
PONTA GROSSA	SANTO ANTÔNIO		•	•			
	CARLOS PAURÍLIO		•	•			
	ALFREDO DE MAYA (3º DISTRITO)		•			•	
	MOLEQUE NAMORADOR		•	•			
	MENINO PETRÚCIO		•		•		
	SANTA TEREZA		•		•		
	GUEDES DE MIRANDA		•	•			
VERGEL DO LAGO	11 NACIONAL		•		•		
	DO POBRE (LEONEL BRIZZOLA)		•	•			
PRADO	ALMIRANTE CUSTÓDIO MELO		•			•	
TRAPICHE DA BARRA	DR. MANUEL BRANDÃO		•		•		
	PINGO D'ÁGUA		•		•		
PONTAL DA BARRA	INOCÊNCIA (CAIO PORTO)		•		•		
	SÃO SEBASTIÃO				•		
POÇO	CIPRIANO JUCÁ		•				•
	ALOÍSIO BRANCO (BOMBA DA MARIETA)		•			•	
	UNIDOS DO POÇO		•		•		
	NOSSO SENHOR DO BONFIM	•					•
	GUIMARÃES PASSOS		•	•			
JARAGUÁ	MARAVILHA	•			•		
	ARTUR RAMOS (RAIOL)	•			•		
PAJUÇARA	LARGO DA VITÓRIA (DO Ó)		•		•		
	EUCLIDES MALTA (DO REX)	•			•		
	MANOEL DUARTE (LIBERDADE)	•			•		
CRUZ DAS ALMAS	SÃO FRANCISCO		•		•		
IPIOCA	MARECHAL DE FERRO		•		•		

³⁸ Tabela síntese produzida com base nas tabelas desenvolvidas pela pesquisadora Myllena Azevedo (2018, p. 61, 62 e 151). É sabido que durante sua gestão (1961-1964), Cajú entregou à população 58 praças, entre reformadas e construídas, contudo, na tabela só consta as informações de 49 praças, as praças que tiveram confirmação da autoria de Sandoval Cajú pelas documentações pesquisadas por Azevedo (2018).

TOTAL DE PRAÇAS MODIFICADAS	22
TOTAL DE PRAÇAS CRIADAS	27
TOTAL DE PRAÇAS ENTREGUES À POPULAÇÃO POR SANDOVAL CAJÚ (1961-1964)	49

Fonte: Acervo pessoal, 2021. Adaptado de Azevedo, 2018.

Estabeleceu, desta forma, com a população da cidade, diálogos de representatividade ora de aprovação, ora de reprovação, devido principalmente aos símbolos utilizados nessas arquiteturas e à presença da insígnia do “S” de Sandoval ou de “Sorriso” como o político insistia em declarar. Sempre presentes, os “S” pareciam demarcar a força de sua administração, e assim, solidificar sua personalidade em suas falas prenunciadas no seu programa de rádio “Tribuna do Povo”. Como pode-se examinar nos trechos abaixo, colhidos de depoimentos:

Todas as praças de Sandoval tinham sempre os “S” dele nos bancos, nos escorregadores, no ponto de ônibus, nos monumentos, na calçada, onde dava ele colocava um “S”. Na verdade, eu achava meio exagerado. Porque todo mundo sabia que era “S” de Sandoval, e não precisava aquilo não. As pessoas comentavam o tempo todo que era feio, que era propaganda política. Ficava até uma espécie de chacota, ei, vai sentar no Sandoval... essas coisas. Eu votei nele porque na época era a única opção que a gente tinha de um político diferente, que falava sobre modernização e etc., mas eu não gostava muito do estilo exagerado das praças, quando era uma praça que ele fazia toda até que ficava bom, mas tinha outro problema que era a mistura do que ele fazia nas praças que já existiam que eu não gostava. Mas para a época foi bom porque as praças do centro estavam todas largadas e muito sujas. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Eu gostei do que Sandoval fez, era diferente do que a gente estava acostumado a ver, era muito diferente, eu gostava daquele monte de azulejo colorido e dos desenhos das fontes e dos monumentos. O “S” que ele botava nos bancos era uma brincadeira até, parecido com o que ele era mesmo, um brincalhão. Quando Sandoval foi reformar a Praça do Centenário – não sei se você sabe dessa história –, a Praça do Centenário tinha uma estátua do General Góes Monteiro. Então ele reformou e construiu o mapa de Alagoas e na Praça do Centenário, no centro da praça ainda existe lá, uma estátua do General Góes Monteiro olhando pra entrada de Maceió. Sandoval Cajú não teve problema: manteve a estátua, só que ele construiu um mapa de Alagoas. Tem lá, botou numa fonte. Construiu um mapa de Alagoas e colocou a estátua do General Góes Monteiro de costas pra o estado [risos] perguntar, “mas por quê?” Porque esse cara nunca fez nada pelo estado de Alagoas. [Risos] De costas e ainda tá lá. Ele continua de costas pro mapa. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

A Cidade Sorriso. Sandoval falava assim, Maceió, hoje, do jeito que tá esburacada, é uma Cidade Sorriso numa boca sem dentes. Eu vou botar uma chapa nova nela [risos]. Ela vai sorrir pra todo mundo. Cidade Sorriso numa boca sem dente, porque só tem buraco. E ele conseguiu fazer isso. Ele calçou as ruas. Na época não se pavimentava como hoje, mas o que ele calçou de rua naquela Ponta Grossa ali por dentro, no Trapiche da Barra, aquele meio de mundo não tá no gibi. Fez muita coisa! (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

No Parque Gonçalves Ledo. Pronto. O Parque Gonçalves Ledo, aquilo era uma desgraça, aquilo era um pardieiro. O bonde passava por dentro dele.

Sabia disso? Pois é, o bonde passava dentro do Parque Gonçalves Ledo. Ele vinha, subia a Ladeira do Brito, passava pelo Parque Gonçalves Ledo e seguia. Ele ia até a Praça Centenário, terminava lá. E o Sandoval Cajú quando fez aquilo, ele pensou em fazer ali um parque cultural. Foi tanto que ele construiu uma escola lá dentro. Aquela escola foi ele quem construiu. Organizou, fez aquela... tudo aquilo foi Sandoval Cajú que fez. De um lado e outro. Aquela balaustrada de concreto que tem do outro lado [não entendi] foi ele quem fez também. Foi Sandoval que fez. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

Olhe, sobre as ações dele, eu ouvia falar. Os "S", a Praça Moleque Namorador, os bancos com o S, porque tinha a Praça Moleque Namorador e pertinho tinha uma outra praça. Tinha uma delegacia, inclusive, em frente. Do 3º Distrito. Essa praça era cheia de bancos com os azulejos e o famoso "S" que ele usava. Eu gostava e achava bonito, diferente. De sorriso. Era, era... [risos] bem-humorado, né! Ele dizia isso num tom meio gozador a respeito, né? Mas, a respeito nós ouvíamos falar da marca, sabíamos assim da figura, cultivávamos a ideia dele, que era uma figura muito comunicativa, com discurso eloquente, mas eu não sei... (OLIVEIRA FILHO, 65 anos, 2020, informação verbal).

Na ênfase que dava ao embelezamento das praças, o novo repertório, por vezes se tornava excessivo na opinião de alguns, embora fosse apreciado pela maioria, pela inédita feição moderna implantada às praças, tanto as modificadas, quanto às novas, construídas em terrenos, antes baldios, em várias partes da cidade.

Portanto, criticado por priorizar obras de embelezamento ou "aformoseamento" da cidade, o prefeito realizou em sua administração obras estruturais de menor impacto inicial, mas que contribuíram para a mudança morfológica do espaço urbano de Maceió. Enfim, Sandoval construiu/consolidou, em seu mandato, o ideário de uma nova Maceió, a "Cidade Sorriso".

O trecho abaixo ³⁹, mostra matéria de retrospectiva da gestão de Sandoval Cajú. Enfocando o "aspecto desolador" de como se encontrava Maceió antes da administração do prefeito e lista as obras realizadas pelo mesmo até então. Percebe-se, a numerosa lista de implementos realizados em apenas dois anos de mandato.

(...) ASPECTO DESOLADOR: Infelizmente não podemos deixar de registrar o aspecto tristíssimo da capital até 1960. Logradouros públicos inteiramente depredados, graças ao abandono em que viviam. Ruas esburacadas; artérias diversas afogadas em densos lamaçais; águas estagnadas gerando focos (sic) de mosquitos perturbadores; por outro lado, uma população desassistida nos seus menores vexames. O Hospital de Pronto Socorro [HPS], órgão da Municipalidade, responsável pelas vidas de duzentos mil habitantes, estavam em dolorosa situação funcional; não dispunha de uma só ambulância para acudir um acidentado; não tinha medicamentos nem outros meios de assistência urgente. Era realmente desoladora a situação. TOTAL MODIFICAÇÃO: Atualmente Maceió se apresenta inteiramente diferente, não

³⁹ Coletado pela pesquisadora Mylena Azevedo (2018, p. 59-60), presente em sua dissertação de mestrado, do Jornal de Alagoas de 07 de setembro de 1963.

há a negar. Dezenas de praças e jardins bem cuidados, uns reconstruídos, outros novos. Nos bairros, nos distritos e no centro da cidade, nota-se um aspecto urbanístico vivo e moderno, alegre e atraente. As ruas limpas com sua pavimentação regular. O setor de assistência médica ampliado e funcionando eficientemente. Basta dizer-se que hoje o HPS conta com uma frota de ambulâncias novas, aparelhagem cirúrgica moderna, medicamentos em profusão; banco de sangue com estoque permanente; coisinha [cozinha], dispensa e refeitório; leitos novos e até ar refrigerado na sala de operações. Muitas vidas em perigo já foram salvas ali, o que não seriam se estivéssemos há dois anos passados. Além do reaparelhamento do HPS central, a Prefeitura de Maceió instalou em Pajuçara um Hospital Infantil de Pronto Socorro; no Jacintinho e no Tabuleiro do Martins dois postos médicos de assistência urgente, além de construir uma Maternidade Popular [no Jacintinho] para as mães de família menos afortunadas, cuja obra vem assistindo as pobres parterientes [parturientes] desde 1º de agosto de 1962.

OUTRAS REALIZAÇÕES MUNICIPAIS – É longa a lista das obras públicas executadas no Governo Sandoval Cajú, entre 1961 e 1963. Num rápido resumo, podemos citar a construção do parque “Gonçalves Lêdo”, (obra turística de envergadura, com balaustradas, escadarias, caminhos de pedra, fonte e painel de azulejos colorido, “Playground”, pracinhas ajardinadas, recanto “Sinto-me Bem”; estátuas metálicas, pavilhão “Euclides da Cunha” com salões de recepção, exposição, biblioteca, estação de sonorização e televisor público). Construção de 16 mil metros de galerias de cimento para escoamento de águas pluviais, oitocentos dos quais solucionavam um gravíssimo problema da Av. Pedro Monteiro, o qual há vinte e um anos molestava seus moradores. Construção do Monumento erigido no coração da cidade, em homenagem ao Comércio, com a estátua de Mercúrio de bronze. Construção de calçamento em várias artérias, sendo as mais longas as do Bom Parto-Cambona, Feliz Deserto, Prado-Trapiche, Payssandú e Salvador Calmon. Assentamento de mais de cem mil metros lineares de meio-fio em muitas artérias de Maceió. Aquisição do prédio do Grupo Escolar do Jacintinho e construção do Grupo no “Carrapato”⁴⁰, local onde estão sendo construídos ainda um abrigo, uma praça e uma ponte de concreto armado. Melhorias em todos os campos santos da cidade. Construção da Av. São Sebastião no interior do cemitério da Piedade, com uma capela e quatorze mausoléus modernos, em vias de conclusão⁴¹(...). Nesta

⁴⁰ “Além de mudar o nome do bairro [que antes se chamava Carrapatinho] o prefeito construiu na localidade um grupo escolar com cinco salas de aula, um posto de saúde e uma praça no núcleo do bairro, as ruas foram calçadas com paralelepípedo e postes de iluminação elétrica foram instalados, além de ser construída uma ponte de concreto sobre o riacho [Carrapatinho] que dava acesso rodoviário ao povoado. Também foi instalado no local um ponto de parada para o trem que passava sem ter parada certa. A instalação desses equipamentos foi exultada pela população do local que pela primeira vez se viu parte de uma ação da prefeitura. Sandoval foi então aclamado como o grande bem feitor do lugar elevando a autoestima de seus os moradores, que percebiam aquelas obras como marcos da modernidade naquele território, antes esquecido. [Como é inferido no depoimento de Maria José Cardoso, moradora do local] ‘Rio Novo só foi moderno e funcionou na época do Sandoval Cajú. Naquela época sim! Aqui teve praça com monumento, teve ponte, tudo de concreto e muito bonitas. Vinha muita gente fotografar. Hoje aqui está tudo acabado e se vive dessa saudade da beleza que ele fez e nem se conservou direito. Derrubaram parte dela. E desde então voltou a ser um bairro sem beleza como era antes dele passar por aqui. [...] O prefeito Sandoval Cajú que muito contribuiu para o crescimento e autoestima que o bairro na época passou a ter depois dos melhoramentos que esse prefeito fez – a ponte, a parada do trem antiga, a praça e a escola” (CARDOSO, 71 anos, 2016, informação verbal). Trecho do artigo “Memórias de equipamentos públicos nos bairros da ponta Grossa e Rio Novo – Maceió/ AL a partir de percepções e representações da 'Cidade Sorriso' idealizada na gestão do Prefeito Sandoval Cajú (1961-1964)” (GOMES; FERRARE, 2020) para o 4º Simpósio Científico 2020, ICOMOS/BRASIL.

⁴¹ “Em meados da década de 1960, o Prefeito Sandoval Cajú, mandou efetuar uma limpeza em todo o cemitério, como também construir o meio-fio e um ossário, e segundo sugestão do auxiliar Rosalvo Lima, as ruas ganharam nomes de santos e foram parcialmente calçadas. Em 1963 foram

administração municipal do Prefeito Sandoval Cajú Maceió está conseguindo diversas obras pioneiras depois de 120 anos na categoria de cidade e capital. Podemos citar, entre outras, a primeira biblioteca municipal "Luiz Lavenère"; o primeiro salão para exposição de trabalhos artísticos "Portinari"; os primeiros 100 compartimentos comerciais de feira livre, no "passarinho"; a primeira Maternidade "N. Senhora do Bom Parto", no Jacintinho; o primeiro Hospital de Pronto Socorro Infantil, na Pajuçara; os dois primeiros Postos Médicos de Assistência Urgente; os primeiros televisores nas praças públicas; a primeira praça para estacionamento de veículos em conclusão, ao lado da Penitenciária, no centro da cidade.

PRÉDIOS NOVOS: foram construídos ultimamente prédios novos municipais para diversos fins, inclusive destinado um deles à repartição federal, mas que vem beneficiar a coletividade: Prédio para Agência do Correio, em Ponta Grossa, junto à Praça Santa Tereza, cuja instalação será hoje inaugurada pelo Diretor Geral do DCT de Alagoas. Prédio do gabinete provisório do Prefeito, também naquele bairro e prédios do Posto Médico e da Coletoria Municipal do Tabuleiro. Os três prédios construídos no interior do Parque Gonçalves Lêdo e o do grupo escolar do Carrapato são construção da Prefeitura que ora constrói o Palácio da Municipalidade, cujo primeiro bloco de três andares se acha em conclusão. Conforme se vê, não é possível negar-se o esforço e o empenho de uma administração que realiza obras em tão curto espaço de tempo, visando o engrandecimento da terra e o bem estar (sic) do seu habitante" (Jornal de Alagoas, 07/09/1963).

OBRAS URBANÍSTICAS: O setor de urbanização da capital alagoana tem sido o mais beneficiado na atual administração pública nos últimos tempos. De dois anos para cá a cidade ganhou dezenas de obras urbanísticas, destacando-se entre elas a construção das Praças "Guedes de Miranda", "Moleque Namorador", "Menino Petrúcio", "Onze Nacional", "Santa Tereza", "Santa Terezinha", "Alfredo de Maya" [Praça do 3º Distrito], em Ponta Grossa; Praças "Dr. Manuel Brandão", "Pingo Dagua" (sic), no Trapiche da Barra; "São Sebastião", "Inocência", no Pontal; "Vitória", em Pajuçara; "Unidos do Poço", naquele bairro; "Sete de Setembro" [atual Sargento Benévides], "Jorge de Lima" no centro da cidade; Cassimiro de Abreu", "Fernando de Noronha", "Pequeno Caçador", "Ruy Barbosa", no interior do Parque Gonçalves Lêdo [no Farol]; "Marechal de Ferro", em Ipioca; "São Francisco", em Cruz das Almas; "Hercílio Marques", na Santa Cruz [Cambona]; "Antídio Vieira", na ladeira dos Martírios [Farol]; "João Martins", no Tabuleiro do Martins; ilha dos Martírios [Centro], tendo ao centro um monumento de concreto armado com a inscrição "Seja Bemvindo a Maceió". A primeira praça construída foi "Fôrça Total", em Bebedouro. Ao lado das inúmeras construções, no campo da urbanização da cidade, no campo da urbanização da cidade, a Prefeitura de Maceió reconstruiu totalmente as praças "Sinimbú", "Palmares", "Montepio", "São Vicente" [atual Joaquim Leão] [todas no Centro], "Art[h]ur Ramos" [Raiol], "Maravilha", Guimarães Passos", "Aloísio Branco", "Manuel [Manoel] Duarte", "Liberdade" [atual Lucena Maranhão, em Bebedouro], "Hélio Lemos", "Euclides Malta" [atual Praça do Rex], "Rosalvo Ribeiro" [no Farol], "Carlos Paurílio", "Santo Antônio", [ambas na Ponta Grossa], "N. S. das Graças" [na Levada], "Centenário" (hoje concluída) e "Deodoro" às

construídos 14 mausoléus oficiais e uma capela na Av. São Sebastião, em memória dos mortos ilustres de Alagoas. Atualmente se encontram 12 desses mausoléus, mas apenas 11 ainda chega a ser possível identificar a quais alagoanos ilustres o Prefeito Sandoval Cajú se refere (Washington Loyola, Armando Wucherer, Craveiro Costa, Orlando Araújo, Antídio Vieira, Padre Sezenando Silva, Sebastião da Hora, José P. A. Sarmiento, Prof. Paulo Sanovillet, Baltazar de Mendonça e J. Seixas de Barros) (CAVALCANTE, 2013, p. 102). Os mausoléus oficiais, mandados edificar pelo prefeito Sandoval Cajú, exibiu um traçado de concepção modernista, bem própria de toda a produção construtiva de equipamentos urbanos àquela fase administrativa do município e que foi capitaneada pelos desenhistas projetistas Lauro Menezes e José da Costa Passos Filho." (CAVALCANTE, 2013, p. 103).

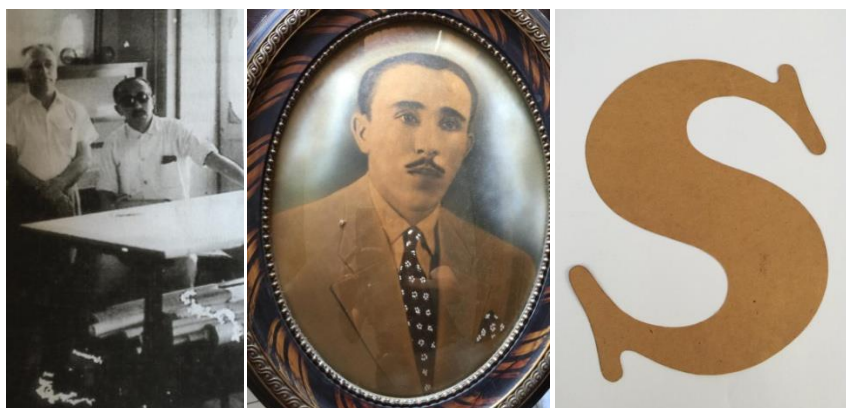
vésperas de conclusão. As duas últimas serão os mais belos logradouros públicos da capital (...) no "Carrapato", local onde estão sendo construídos ainda um abrigo, uma praça [Elias Cardoso] e uma ponte de concreto armado (JORNAL DE ALAGOAS, 1963 apud AZEVEDO, 2018).

A lista acima, de obras distribuídas por toda cidade é volumosa, apresentando um significativo e diverso universo de ramificações contemplado pelo prefeito, além de logradouros públicos criados ou modificados, também apresenta obras de infraestrutura necessárias para a cidade.

Como infere Ferrare (2008) sobre essas interferências arquitetônicas da gestão do prefeito em praças da cidade, com foco, especialmente, nas renovações propostas à época, na Praça Sinimbú localizada na região central da cidade:

Novos usos que geraram novos arranjos funcionais e estéticos. Também o próprio traçado da Praça Sinimbú fora alvo de uma nova proposta de modernização, empreendida a partir de 1961, logo após o início da administração do prefeito Sandoval Cajú, que contou ativamente com a ação de uma equipe de técnicos comandada pelos desenhistas projetistas, Lauro Menezes e José da Costa Passos Filho, funcionários da então SUMOV – Superintendência Municipal de Obras e Viação [Figura 54]. Ao lado do prefeito, esta equipe chegou mesmo a empreender uma espécie de "revolução" estética que 'repaginou' várias praças da cidade e de modo muito particular o espaço definido pela Praça Sinimbú, introduzindo, desde uma ousada disposição de passeios e canteiros sinuosos [Figura 55], bancos circulares sem encostos [Figura 56] e também com encostos [Figura 57], fabricados em marmorite, material em que eram também fabricados brinquedos fixos (FERRARE, 2008, p. 9-10).

Figura 54: (a) Os desenhistas-projetistas Lauro Menezes e José Passos na SUMOV; (b) Retrato de José Passos; (c) Molde em 'papel madeira' do "S", desenhado por José Passos para incrustação no marmorite em que eram executados os bancos e demais equipamentos das praças da gestão de Sandoval Cajú.



Fonte: Acervo pessoal de Josemary Omena Passos Ferrare, 2018.

Figura 55: Exemplos de canteiros marcados por alvenaria alta e delimitador de passeios nas praças: (a) Santo Antônio; (b) Independência; (c) Centenário; (d) Santa Tereza.



Fonte: Acervo pessoal, 2019; MISA, s/d (apud AZEVEDO, 2018); IHGAL, s/d (apud AZEVEDO, 2018); acervo pessoal, 2019.

Figura 56: Exemplos de bancos contínuos sinuosos sem encosto nas praças: (a) Santo Antônio, na Ponta Grossa; (b) Antídio Vieira, no Farol; (c) Guedes de Miranda, na Ponta Grossa.



Fonte: QUAPÁ, 1997 (apud AZEVEDO, 2018); MACEIÓ, 2005 (apud AZEVEDO, 2018); acervo pessoal, 2019.

Figura 57: Exemplos de bancos com encostos nas praças: (a); (b) e (c) Visconde de Sinimbú; (d) Parque Gonçalves Lêdo. Observar os “S” incrustados no marmorite dos bancos.



Fonte: Acervo pessoal, 2019; acervo pessoal, 2019; MISA, s/d (apud AZEVEDO, 2018); MISA, s/d (apud AZEVEDO, 2018).

O impactante redesenho gerava atraentes imagens, até na proposta de abertura do prolongamento da Rua Sargento Benevides, de modo a gerar a fragmentação da praça em duas partes, marcando a menor delas com, *um painel todo em azulejos de cores diversificadas [Figura 58], mostrando através de desenhos a economia local, com uma piscina cuja fonte era um ‘my-joãozinho’*. No verso desse mural estava escrito “LÁ VEM O ACENDEDOR DE LAMPÍÕES DA RUA”; homenagem ao poeta alagoano Jorge de Lima. Assim esta outra pracinha foi denominada JORGE DE LIMA, pois de frente a ela ficava a antiga residência do poeta” (CASTELO BRANCO, 1993 apud FERRARE, 2008, p. 9-10).

Figura 58: (a), (b), (c), (d), (e) e (f) são detalhes do painel existente na Praça Visconde de Sinimbú, localizado no trecho da praça, batizada por Sandoval Cajú, Jorge de Lima.



Fonte: MISA, s/d (apud site História de Alagoas, disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 8 jan. 2021); Ferrare, 2013 (apud AZEVEDO, 2018); Bilú, 2017 (apud AZEVEDO, 2018); Ferrare, 2013 (apud AZEVEDO, 2018); acervo pessoal, 2017; acervo pessoal, 2017.

A praça na sua extensão maior foi dotada de vários brinquedos em alvenaria como escorregadeira adornada com a letra “S” [Figura 59], ícone que, também era encrustado no marmorite do assento dos bancos ou destacado em relevo nas bases em alvenaria dos canteiros. [...] Toda esta nova proposição do uso de painéis de azulejos ilustrados com desenhos

compostos com 'cacos de azulejos' resultaria como um recurso estético que se tornaria símbolo da modernização das praças nesta gestão municipal. (FERRARE, 2008, p. 9-10).

Figura 59: (a) e (b) Exemplos de equipamentos de lazer infantil executados com marmorite na Praça Visconde de Sinimbu com outras soluções de uso do ícone "S".



Fonte: Azevedo, 2015 (apud AZEVEDO, 2018); Revista Graciliano, 2011.

Como explicitado acima, de forma geral, na estrutura morfológica e espacial dos logradouros públicos são observados alguns dos marcos diferenciais da construção de praças na gestão de Sandoval Cajú, como por exemplo: canteiros marcados por alvenaria alta e delimitador entre passeios e vegetação (Figura 55); fontes e painéis revestidos de azulejos coloridos (Figura 60); bancos contínuos sinuosos sem encosto (Figura 56); bancos com encostos (Figura 57); equipamentos de lazer infantil executados com marmorite (Figura 59 e Figura 61); monumentos ligados à cultura nordestina e alagoana (Figura 58 e Figura 62); pontos de ônibus em arcos executados em concreto (Figura 63); jardineiras luminosas revestidas com azulejos coloridos e base em pedra (Figura 64); e a invariável presença do "S" que identifica a maioria dessas arquiteturas (Figura 65).

Figura 60: Fontes e painéis revestidos de azulejos coloridos: (a) fonte com mapa de Alagoas revestido com azulejo na Praça do Centenário ⁴²; (b) fonte com Mijãozinho na Praça Visconde de Sinimbu; (c) painel revestido em azulejo colorido na Praça Visconde de Sinimbu; (d) fonte na Praça Marechal Deodoro.



Fonte: site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 8 jan. 2021); site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 8 jan. 2021); site História de Alagoas (Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 8 jan. 2021); MISA, s/d (apud AZEVEDO, 2018).

Figura 61: Exemplos de equipamentos de lazer infantil executados com marmorite nas praças: (a) Centenário; (b) Santa Tereza.



Fonte: Silva, 1991; Monteiro, 1992 (apud AZEVEDO, 2018).

⁴² Na fonte, no espaço que ladeia o grande mapa de Alagoas dividido em municípios, Sandoval colocou duas estátuas de índios, um homenageando a tribo Caeté (Alagoas) e outro a tribo Tabajara (Paraíba).

Figura 62: Exemplos de monumentos ligados a cultura nordestina e alagoana nas praças: (a) Moleque Namorador; (b) do Centenário. O monumento da figura (b) é composto pelo mapa do estado de Alagoas, com a divisão dos municípios de 1960, revestido por azulejos coloridos e estátuas de índio da tribo paraibana Tabajara (à esquerda) e índio da tribo Caeté (à direita).



Fonte: Acervo pessoal, 2019; MISA, s/d (apud AZEVEDO, 2018).

Figura 63: Exemplos de pontos de ônibus em arcos executados em concreto nas praças: (a) e (b) Santa Tereza; (c) Marechal Deodoro.



Fonte: Acervo pessoal, 2019; acervo pessoal, 2019; Instagram do Maceió Antiga Oficial (Disponível em: <https://www.instagram.com/maceioantigaoficial/?hl=pt-br>. Acesso em: 01 fev. 2021).

Figura 64: (a) e (b) Exemplos de jardineiras luminosas revestidas com azulejos coloridos e base em pedra na Praça Alfredo Maya (3º Distrito), no bairro da Ponta Grossa.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 65: Exemplos da presença (agora residual) do “S” de Sandoval Cajú que identifica a sua atuação em diversas praças de Maceió: (a) e (b) Praça Santa Tereza; (c) Praça Santo Antônio; (d) Praça Alfredo Maya (3º Distrito); (e) Praça Moleque Namorador; (f) Praça do Centenário.



Fonte: Acervo pessoal, 2019; acervo pessoal, 2019; acervo pessoal, 2019; acervo pessoal, 2019; acervo pessoal, 2019; Silva, 1991.

São recorrentes nos depoimentos sobre Sandoval Cajú à frente da prefeitura, sua atitude diferenciada como político, que não permanecia em escritório. Como infere Silva, (1991); “Munidos de caminhões, pás e picaretas, os trabalhadores da prefeitura saem às ruas, juntamente com o prefeito, que acompanha pessoalmente as obras” (SILVA, 1991, p. 245). Desta forma, a cidade se transformou num grande canteiro de obras. Como comenta Rogério Gomes Ferreira:

Quando Sandoval construiu as praças em Maceió, era fácil ver ele na obra, como na época eu trabalhava no centro e sempre passava pela Praça Deodoro e às vezes na Sinimbu, eu via sempre ele lá, ele ficava sentado num banco olhando os trabalhadores na obra, ele foi um político de ir para a obra e conversar com o povo. Eu tinha um amigo que trabalhava na prefeitura que dizia que o prefeito não esquentava cadeira. Era mais fácil achar ele nas obras do que na prefeitura. Às vezes iam até a obra para ele assinar alguma coisa de urgência. Era assim com Sandoval, eu me lembro que na época tinha obra em todo lugar da cidade, ele foi um homem de fazer. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Para a realização desse intento, o prefeito contava com o auxílio, em sua equipe, da Superintendência Municipal de Obras – SUMOV, de dois práticos desenhistas que idealizaram junto com o político o modelo de arquitetura e paisagismo que as praças apresentavam, conforme já mencionado: José da Costa Passos Filho e Lauro Santa Cruz de Menezes (Figura 54), ambos considerados os principais artífices do grande projeto do prefeito, que deste modo explicita seu desejo: “a

experiência de uma Maceió moderna, uma cidade que olha para o futuro sem esquecer o passado” (CAJÚ, 1991, p. 123).

Dessa forma, referendado principalmente pela configuração física específica impregnada nos espaços, monumentos e agenciamentos de espaços públicos do modernismo brasileiro e suas relações com modelos políticos vigentes na época, Sandoval Cajú expunha em suas obras o seu modo de governar. Construir e edificar eram suas metas para mudar a feição da cidade e recolocar o “sorriso” nos bairros de Maceió que estavam abandonados, como o próprio descreve em “O Conversador”: “vendo a cidade ao Deus-dará, e sua boa gente entregue à própria sorte, [...] fazia-se mister interromper a decadência da urbe, mesmo indo às últimas consequências, desafiando gregos e troianos” (CAJÚ, 1991, p. 146).

As arquiteturas da gestão do prefeito, podem ser definidas, portanto como vertentes expressivas da arquitetura moderna clássica brasileira, entretanto, impregnadas de associações e apropriações culturais e sociais. Provindas de vinculações entre a assimilação do vocabulário moderno enquanto expressão da modernidade brasileira, mas, particularizadas quando se procura entender a interferência de atributos regionais ligados ao fazer popular presentes no discurso estético e morfológico e simbólico das mesmas.

Os símbolos encontrados nessas arquiteturas, estabelecem ligações entre o ideário do político, as ideias de desenvolvimentistas da política nacional e os ideais de modernidade presente na população da cidade revelados na formatação de seus elementos constituintes, como os “S” de Sandoval, os temas regionais comumente encontrados em seus monumentos e as feições e materiais construtivos que indicavam modernidade.

Elas seguiram os caminhos da intradisciplinaridade de saberes enquanto realizadas por leigos, dentro de uma proposta política que examinava a exultação do belo como prática na difusão da modernidade.

Recebidas e introspectadas pela população através do teor estético discursivo presente nos cenários propostos e nas paisagens que configuraram, as arquiteturas propostas por Sandoval Cajú apesar de reverberarem opiniões diversas, ora de aceitação ora de discordância na população e em análises produzidas pela academia,

foram de extrema importância para a reflexão da estrutura social, cultural e política de Maceió à época.

Na justaposição das palavras “modernismo” e “popular”, se pode encontrar a própria medida para entendimento mais profundo das associações propostas por aquelas arquiteturas, que refletiram tanto a modernidade como desejo, fruto da exaltação do trabalho, do fazer e do construir como também constituíram discurso particular de enaltecimento do “belo” presente em suas representações temáticas propostas que enfatizavam as belezas naturais da cidade, homenageando escritores, poetas e o imagético popular, estabelecendo, portanto, relações concretas entre historicidades e temporalidades com a vida cotidiana dos moradores da cidade.

Elas, portanto, expõem em seu arcabouço apropriações cotidianas do meio em seu enredo de símbolos e significados, estando, desta forma, presente na memória coletiva da população. Se for examinada, a memória, inserida no contexto social, vista como referência e instituída como apropriação de territórios e espaços.

Desta forma, correlacionadas tanto com memórias de passado histórico, com o presente em forma de discurso político de exaltação à modernidade e com o futuro, como afirmação de desejo de dias melhores, as praças de Sandoval Cajú, tornaram-se lugares de memória representativos para a população da cidade e do bairro da Ponta Grossa, presentes nas lembranças de seus moradores à época, como vamos perceber nas narrativas e relatos coletados sobre esses locais no capítulo a seguir.



4. DAS MEMÓRIAS DO MODERNO POPULISTA DE SANDOVAL CAJÚ, OBRAS E PRAÇAS NA PONTA GROSSA: O COTIDIANO E OS DIAS DE FESTA

Em sua administração frente à prefeitura de Maceió, Sandoval Cajú, “o prefeito das praças”, como foi mostrado nos capítulos anteriores, realizou obras de construção de logradouros públicos, em vários bairros da cidade. No bairro da Ponta Grossa, foram entregues praças novas e reformadas num período de três anos.

Este capítulo mostra as praças do bairro, sua localização, conformação física e elementos constituintes, para então mostrar, através de falas de seus moradores à época, como esses logradouros constituíram importantes territórios presentes nas lembranças destes, portanto na memória coletiva do bairro.

Aborda, ainda, a presença de Sandoval nas ruas da Ponta Grossa, e as relações desenvolvidas entre os moradores do local com essas arquiteturas, enquanto procura entender a representatividade desta nova conformação estrutural para esses moradores, tendo como fonte principal memórias relatadas em depoimentos que reafirmam de forma as vezes direta, outras nas entrelinhas de subjetividades inerentes do método de História Oral, o impacto ocorrido no cotidiano dessas pessoas, quando as praças foram construídas e entregues àquela população.

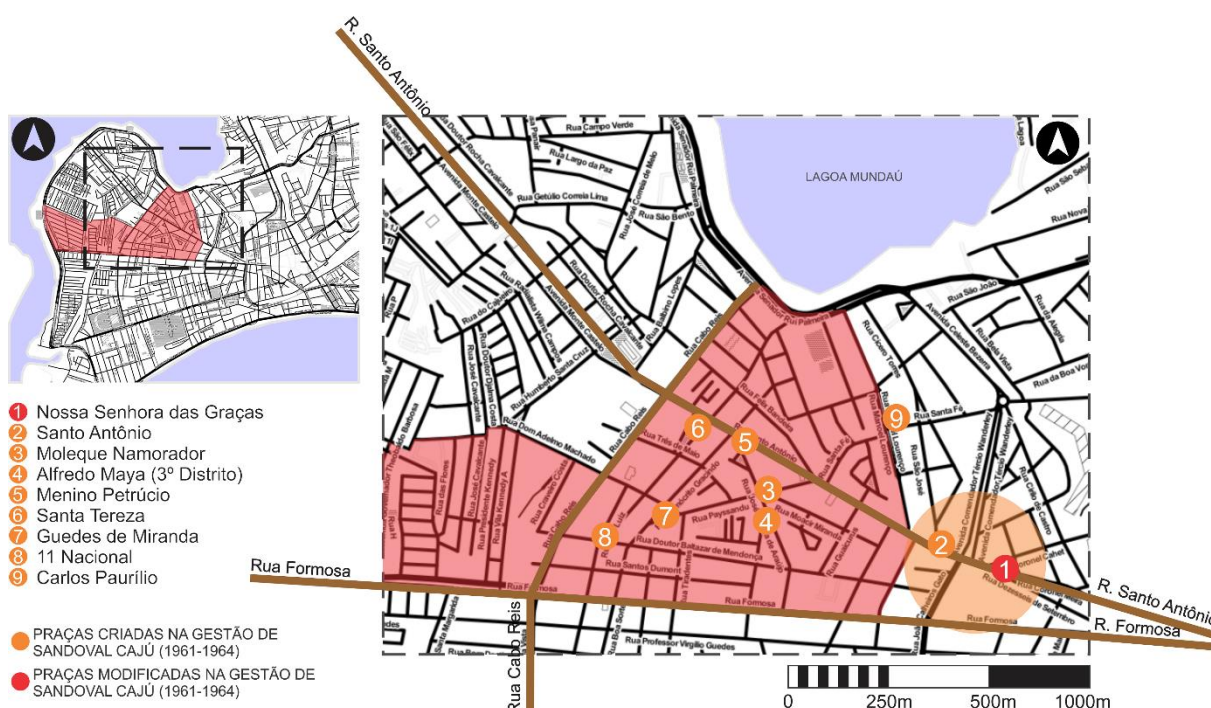
Devido à escassez de registros tanto escritos quanto imagéticos, por se tratar de um bairro periférico, a investigação está principalmente focada nos depoimentos conseguidos em entrevistas realizadas para essa pesquisa e em alguns documentos que reforçam esses relatos.

4.1 As praças de Sandoval Cajú na Ponta Grossa: Novas paisagens

Foram entregues à Ponta Grossa, na gestão de Sandoval Cajú, nove novas praças, entre construídas e reformadas, eram elas: Praça Santo Antônio, Praça Carlos Paurílio, Praça Alfredo Maia (3º distrito), Praça Moleque Namorador, Praça Menino Petrúcio, Praça Santa Tereza, Praça Guedes de Miranda, Praça 11 Nacional e a Praça Nossa Senhora das Graças. Essa última, no limite entre os bairros da Levada e Ponta Grossa, foi incluída na pesquisa devido a sua representatividade para os entrevistados e por estar localizada na Rua Santo Antônio, uma das principais artérias de acesso ao bairro (Figura 66 e Figura 67).

As características morfológicas desses logradouros são as mesmas presentes em “praças do Sandoval” na região central da cidade e em outros bairros. São observados, portanto, como dito anteriormente, os canteiros elevados que delimitam passeios em sua maioria sinuosos, bancos sinuosos sem encosto construídos de concreto rebocados, bancos com encosto executados em marmorite, equipamentos de entretenimento infantil construídos também em marmorite, jardineiras rebocadas e com “S” em relevo ou revestidas por cacos de azulejo e pontos de ônibus com volumetria em arcos e pilares em “V” feitos de concreto.

Figura 66: Mapa da Ponta Grossa com localização das praças de Sandoval Cajú (1961-1964).



Fonte: Adaptado de Stamen Maps. Disponível em: <http://maps.stamen.com/>. Acesso em: 8 jan. 2019.

Essas praças, expoentes da “Cidade Sorriso”, foram um importante marco para a conformação que o bairro adquiriu à época. Elas constituíram uma ruptura no desenho da paisagem da Ponta Grossa, uma novidade, uma inovação, por isso se estabeleceram como exemplares constituídos de modernidade: “ser detentor de modernidade representa ser diferente dos demais, estando sempre atualizado e em constante inovação” (AMARAL, 2018, p. 39).

Figura 67: Algumas das praças de Sandoval Cajú no bairro da Ponta Grossa: (a) Praça Moleque Namorador com o "S" de Sandoval Cajú em monumento central; (b) Praça Nossa Senhora das Graças com caminhos e bancos sinuosos e jardineiras elevadas; (c) Praça Santo Antônio com jardineiras e caminhos sinuosos; (d) Detalhe de banco com encosto em marmorite na Praça Santa Tereza ⁴³.







Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Esses espaços públicos apresentavam simbologia impar que espelhava o caráter populista do prefeito, exibindo em seus equipamentos constituintes o “S” de Sandoval ou de “Sorriso”, como ele preferia dizer. Essa estética personalista era impressa pelos materiais que eram utilizados em suas composições como o azulejo colorido, o concreto armado e o marmorite. Na Tabela 2, a seguir, verifica-se um quadro esquemático no qual consta além de algumas fotos das praças, um resumo das características mais notáveis desses equipamentos⁴⁴.




⁴³ Fotos do acervo do autor, tiradas em 2019, em visita para levantamento dos equipamentos remanescentes nas praças de Sandoval Cajú, na Ponta Grossa. As fotos do acervo pessoal das “praças do Sandoval”, na Ponta Grossa, foram utilizadas devido à dificuldade de se achar registros fotográficos da época tratada na dissertação nos arquivos de pesquisa da cidade, devido a se tratarem de praças em bairro periféricos e ao custo do material para a produção de fotografias nos anos de 1960.

⁴⁴ Algumas imagens do estado atual das praças estão dispostas no final desta dissertação, no “ANEXO A” com a finalidade de melhor mostrar a estrutura espacial destes logradouros públicos.

Tabela 2: Praças de Sandoval Cajú no bairro Ponta Grossa com características existentes e equipamentos remanescentes ⁴⁵.

PRAÇA SANTO ANTÔNIO	BAIRRO	PONTA GROSSA		FOTO ATUAL FONTE: ACERVO PESSOAL (2020)
	PONTA GROSSA	PONTA GROSSA		
	ANO DE INAUGURAÇÃO	1961		
	CARACTERÍSTICAS EXISTENTES E EQUIPAMENTOS REMANESCENTES	<p>(1) Jardineiras elevadas em concreto; (2) Caminhos sinuosos no interior da praça; (3) Bancos retos com "S" encrustado no marmorite do assento e base de concreto; (4) Banco circular central com "S" encrustado no marmorite no assento e base de concreto.</p>		
PRAÇA CARLOS PAURÍLIO	BAIRRO	PONTA GROSSA		FOTO ATUAL FONTE: GOOGLE MAPS (2021)
	PONTA GROSSA	PONTA GROSSA		
	ANO DE INAUGURAÇÃO	1961		
	CARACTERÍSTICAS EXISTENTES E EQUIPAMENTOS REMANESCENTES	<p>(1) Jardineiras elevadas em concreto; (2) Caminhos sinuosos no interior da praça; (3) Bancos retos com "S" encrustado no marmorite do assento e base de concreto.</p>		
PRAÇA MOLEQUE NAMORADOR	BAIRRO	PONTA GROSSA		FOTO ATUAL FONTE: ACERVO PESSOAL (2020)
	PONTA GROSSA	PONTA GROSSA		
	ANO DE INAUGURAÇÃO	1961		
	CARACTERÍSTICAS EXISTENTES E EQUIPAMENTOS REMANESCENTES	<p>(1) Bancos retos com assento em marmorite e base de concreto; (2) Monumento central com "S" e escultura representando o "Moleque Namorador" em ferro fundido.</p>		
	REGISTROS FOTOGRÁFICOS ENCONTRADOS DURANTE A PESQUISA			
	FONTE: FERRARE, 2013; MONTEIRO, 1992 apud AZEVEDO, 2018			

⁴⁵ As informações fornecidas tiveram como base as visitas realizadas às praças, levando em conta os equipamentos e as características originais desses espaços. As fotos da tabela foram tiradas durante essas visitas, visto que não foi possível encontrar, nos acervos públicos, registros fotográficos da época mencionada devido, principalmente, ao fato das praças se localizarem em bairros periféricos. Os únicos registros fotográficos encontrados são das Praças Moleque Namorador, Santa Tereza e Nossa Senhora das Graças.

PRAÇA GUEDES DE MIRANDA	BAIRRO		<p>FOTO ATUAL</p> <p>FONTE: ACERVO PESSOAL (2020)</p>
	PONTA GROSSA		
	ANO DE INAUGURAÇÃO		
	1961		
	CARACTERÍSTICAS EXISTENTES E EQUIPAMENTOS REMANESCENTES		
<p>(1) Bancos com assento em marmorite e base em concreto; (2) Jardineiras elevadas; (3) Caminhos sinuosos no interior da praça ¹.</p>			
<p>¹ Parte da praça foi acimentada, não apresentando mais suas características originais.</p>			
PRAÇA NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS	BAIRRO		<p>FOTO ATUAL</p> <p>FONTE: ACERVO PESSOAL (2020)</p>
	LEVADA		
	ANO DE REFORMA		
	1961		
	CARACTERÍSTICAS EXISTENTES E EQUIPAMENTOS REMANESCENTES		
<p>(1) Bancos sinuosos com assento em marmorite e base em concreto; (2) Bancos retos com assento em marmorite e base em concreto; (3) Jardineiras elevadas; (4) Caminhos sinuosos no interior da praça.</p>			
PRAÇA MENINO PETRÚCIO	REGISTROS FOTOGRÁFICOS ENCONTRADOS DURANTE A PESQUISA		<p>FONTE: site História de Alagoas (disponível em: https://www.historiadealagoas.com.br/. Acesso em 01 fev. 2021)</p>
	<p>BAIRRO</p> <p>PONTA GROSSA</p> <p>ANO DE INAUGURAÇÃO</p> <p>1962</p> <p>CARACTERÍSTICAS EXISTENTES E EQUIPAMENTOS REMANESCENTES</p> <p>(1) Caminhos no interior da praça; (2) Bancos retos com assento em marmorite e base de concreto. Os bancos presentes na praça foram colocados posteriormente (não são equipamentos originais).</p>		

PRAÇA SANTA TEREZA	BAIRRO			FOTO ATUAL FONTE: ACERVO PESSOAL (2020)
	PONTA GROSSA			
	ANO DE INAUGURAÇÃO	1962		
	CARACTERÍSTICAS EXISTENTES E EQUIPAMENTOS REMANESCENTES	<p>(1) Jardineiras elevadas em concreto; (2) Caminhos sinuosos no interior da praça; (3) Bancos retos com "S" encrustado no marmorite do assento e base de concreto; (4) Bancos retos de marmorite com "S" encrustado no encosto; (5) Ponto de ônibus em concreto com cobertura em arcos; (6) Jardineira central elevada em concreto; (7) Escorregadores revestidos com cacos de azulejos coloridos e "S" encrustado com cacos de azulejo ².</p>		
	REGISTROS FOTOGRÁFICOS ENCONTRADOS DURANTE A PESQUISA	<p>(MONTEIRO, 1992 apud AZEVEDO, 2018)</p>	 	
		² Equipamento posteriormente retirado da praça.		
PRAÇA 11 NACIONAL	BAIRRO			FOTO ATUAL FONTE: GOOGLE MAPS (2021)
	PONTA GROSSA			
	ANO DE INAUGURAÇÃO	1962		
	CARACTERÍSTICAS EXISTENTES E EQUIPAMENTOS REMANESCENTES	<p>(1) Bancos retos com assento em marmorite e base em concreto; (2) Jardineiras elevadas; (3) Caminhos sinuosos no interior da praça.</p>		
PRAÇA ALFREDO DE MAYA EM FRENTE AO 3º DISTRITO	BAIRRO			FOTO ATUAL FONTE: ACERVO PESSOAL (2020)
	PONTA GROSSA			
	ANO DE INAUGURAÇÃO	1963		
	CARACTERÍSTICAS EXISTENTES E EQUIPAMENTOS REMANESCENTES	<p>(1) Jardineiras elevadas em concreto; (2) Caminhos sinuosos no interior da praça; (3) Bancos retos com "S" encrustado no marmorite e base de concreto; (4) Floreira revestida em cacos de azulejos coloridos.</p>		

A receptividade desses novos espaços públicos pelos moradores do bairro foi positiva. No local onde foi reformada a Praça Nossa Senhora das Graças, existem relatos de que havia apenas um cruzeiro e que posteriormente foi edificada a igreja, e as outras praças foram construídas em terrenos baldios ainda existentes no bairro naquela época, ou em entroncamentos de ruas aproveitando os espaços desocupados como é o caso das Praças Moleque Namorador, Santo Antônio e Menino Petrúcio. Como explica Edberto Ticianeli em trecho do seu depoimento para essa pesquisa:

A Praça das Graças, ela, na realidade, a praça na Ponta Grossa, por causa da Igreja. Esse poder da Igreja... continua sendo ainda. Mas aquele largo ali que se formou, que é uma característica da Ponta Grossa, com exceção de uma única praça, todas as outras são resultados de espaços vazios na acomodação da malha urbana. Eles ficavam sobrando. (TICIANELI, 66 anos, 2020, informação verbal).

O entrevistado explica ainda a origem da praça, identificando as ruas existentes em seu entorno e descrevendo, em poucas palavras a gênese do lugar:

Indo do Mercado, chamada Antiga Rua da Ponta Grossa com a Rua 16 de Setembro, até chegar ali no chamado Ponte das Águas Negras. Aquele triângulo, aquele triângulo final, foi preservado, como uma espécie de espaço pra ou algum culto ou [não entendido] numa pesquisa que eu fiz depois, ali tinha um cruzeiro, não tinha nem igreja e nem capela. Era um cruzeiro. Tinha um cruzeiro ali. E depois tinha uma igreja e ocupou aquele espaço. (TICIANELI, 66 anos, 2020, informação verbal).

Em seguida fala da localização da Praça Santo Antônio e do largo entre as Ruas Santo Antônio e Payssandú, revelando o que existia antes e como esses espaços foram aproveitados para a construção das praças:

A Praça Santo Antônio, que é logo em seguida, é outro aproveitamento. E assim por diante. Aí você tinha um outro maior espaço, assim, que envolvia as pessoas na Ponta Grossa era um largo, que não chegou a ser praça, que é aquele largo que fica entre a esquina da Rua Payssandú, [...] esquina com a Santo Antônio e a Félix Bandeira. Ali também tinha um cruzeiro e era o terminal do bonde.

Esse largo ficava que era o terminal do bonde durante muitos anos na esquina, nas esquinas da Rua Santo Antônio. Quer dizer, não era esquina da Rua Santo Antônio, ela passava direto. Na Rua Payssandú com a Félix Bandeira. (TICIANELI, 66 anos, 2020, informação verbal).

Nesse trecho, Ticianeli comenta da importância da Praça Nossa Senhora das Graças para o bairro da Ponta Grossa e fala de suas lembranças sobre o local, discorrendo também sobre a localização de outras praças importantes implantadas na gestão de Sandoval Cajú:

Então, aí aquela Praça das Graças era a praça da Ponta Grossa por causa da Igreja, então as primeiras lembranças são dela. Era uma praça mais cuidada, tinha ali a Saúde Pública, que era outro equipamento importante pro bairro. Então, quem era da Ponta Grossa, as pessoas vinham ali pra se encontrar etc. E era passagem obrigatória pra quem ia pro Centro e quem também ia pro Mercado. A Praça das Graças bifurcava: ou você ia pro Centro [...] ou você ia pro Mercado pela rua... Não me lembro o nome... Rua Coronel... Não, qual é? É aquela rua que é a Antiga Rua da Ponta Grossa. Lá no Mercado. Bom. Ali é a Praça das Graças. As primeiras lembranças minhas boas de praça, é aquela dali. Ela foi reformada por Sandoval Cajú. [...] Todas elas, praticamente todas. Aí, depois veio a Moleque Namorador, que na realidade nunca foi uma praça. Ali é como se fosse uma rotatória.

Uma rotatória que ele criou, aproveitou o espaço... aquilo ali é a confluência da Rua Payssandú, Rua da Assembleia ou Moacir Miranda, Rua São Paulo e Rua da Glória. A continuação da Rua São Paulo, que é o chamado Beco da FEB é como o pessoal chama lá Beco da Febre. [...] Então, ali é uma rotatória. Inclusive, ele aproveitou... Você veja o que é a influência do Carnaval. Quer dizer, ele criou a praça pro Carnaval. (TICIANELLI, 66 anos, 2020, informação verbal).

No trecho abaixo, Pedro Cabral conta como eram as brincadeiras antes das praças e como depois da construção das mesmas essas atividades mudaram de cenário, explicando como ele via as praças de Sandoval Cajú e os materiais empregados em seus equipamentos. O entrevistado enfatiza os jogos de bola nas ruas de chão de barro batido antes de serem calçadas por Sandoval Cajú, descrevendo a seguir, como os logradouros em questão passaram a ser o local onde se desenvolviam as brincadeiras dos “moleques” do bairro, que mudaram a forma de brincar, se adaptando aos novos espaços construídos. Lamenta a atual falta de alguns equipamentos nas praças da época, enquanto relembra o que percebia sobre a forma como a comunidade utilizava o espaço das praças na Ponta Grossa.

[...] Na Soledade, que era de terra, a gente jogava mais bola lá, porque era de terra, aquela coisa toda. Então, a praça, quando não tinha, era rua. Quando existia praça, ela passava a ser esse lugar dessas atividades de convivência. Sempre mais, primeiro, contemplativo, de sentar, de conversar, de brincar, mas um brincar... não tinha assim... Afoitezas... governamentais para incentivar práticas esportivas, como hoje nós vemos muitas praças com essa atividade, com skate, não tinha nada disso. Então as praças se resumiam a sentar, circular e admirar plantas ou alguma escultura. Sandoval, eu creio que colocou esculturas não muito, esteticamente e comparativamente com os períodos anteriores... [...] Não fez isso, mas deu ar moderno, que era pregando o que ele vivia, né. Nós vivíamos a modernidade, então, era uma simplificação de arte, de obras públicas; ele adotou, creio, o azulejo por ser um material que daria mais durabilidade aos espaços públicos. A gente sabe que sempre tinha aquelas degradações, o vandalismo, né? (OLIVEIRA FILHO, 65 anos, 2020, informação verbal).

Abaixo, em trecho de seu depoimento, Esdras Gomes fala da presença dos “S” de Sandoval, de como eram as ruas e de como as pessoas se locomoviam pelo

local antes das praças, com ênfase para o entendimento da estrutura espacial do bairro naquele momento. E mais adiante Rogério Gomes Ferreira relembra da alegria dos moradores do bairro pelas mudanças empreendidas pelo prefeito.

A primeira coisa que eu lembro, meu filho, são os S. Toda praça de Sandoval tinha um S. Tinha aquele S, tava lá no meio... Se eu não me engano, eu não sei se eu tô enganado, se eu tiver, me corrija: o Moleque Namorador com a sombrinha fazendo o passo era em cima do S. [...]E todos os bancos tinham um S, que o Sandoval se orgulhava em dizer que era Sorriso. Era o S de Cidade Sorriso. Toda ela tinha. A Praça Moleque Namorador, Praça Santa Tereza, ali na pracinha no Vergel, Guedes de Miranda, nos bancos. Então, ele tentou dar, além de urbanizar... porque aquilo era um espaço podre! Ali só tinha lama! Na Praça Moleque Namorador, quatro casinhas e muita lama. Você saía dali, pegava o Beco da FEB pra sair na Rua Santo Antônio ou então pegava a rua de cá que saía ali no Lux. Porque aquela praça, ela é central. Todas as ruas que tem daquela região ali convergem pra Praça Moleque Namorador. Você já observou isso? [...] A Rua Formosa com aquela [não entendido] que vem de lá – Moleque Namorador; que vem do Prado – Moleque Namorador... Entendeu? Tudo vem pra Moleque Namorador. Aquilo ali era um nada. O caba descia do bonde na Rua Santo Antônio e ia andando, porque não tinha ônibus. Com a construção dali, aí apareceram as lotações, apareceram os ônibus... entendeu? Graças aquela organização naquele pedaço de terra. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

Pela primeira vez, eu vi um prefeito que se lembrou lá da Ponta Grossa, as mudanças foram muitas porque na época o bairro já vinha crescendo e muitas casa eram construídas, também muito comércio novo, mas tudo ali, menos as Rua santo Antônio e a Formosa, ainda era de barro e Sandoval calçou muitas ruas e as praças também ele fez. Foram muitas mudanças em pouco tempo. As pessoas ficaram muito felizes. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

No bairro, o prefeito também realizou obras de infraestrutura como o calçamento de ruas, a exemplo da Rua Félix Bandeira e da Rua Payssandú, além de outras de menor porte que necessitavam de atenção por parte da prefeitura, pois constituíam artérias importantes para o desenvolvimento do bairro. Foi realizada também a construção de uma lavanderia pública e da agência dos Correios próximo à Praça Santa Tereza, um posto policial próximo à Praça do 3º Distrito e um posto médico próximo à Rua Formosa. O bairro também foi dotado de novas calçadas com meio-fio.

A preferência ou ainda, a atenção especial dada por Sandoval Cajú ao bairro da Ponta Grossa se justifica principalmente pelo fato dele ter obtido ampla votação dos moradores do local, se constituindo um importante reduto eleitoral do político, que durante comícios realizados durante a campanha prometeu modernizar o bairro e dotá-lo da infraestrutura que a Ponta Grossa tanto necessitava à época. Importante observar que a comemoração da eleição de Sandoval Cajú foi realizada com festa e banda de música no entroncamento entre as Ruas Santo Antônio e Payssandú,

próximo ao local onde depois foi construída a Praça Moleque Namorador. Como afirma Edberto Ticianeli, no trecho abaixo, extraído de sua entrevista:

Então, foi ali, inclusive, que o Sandoval Cajú, quando ganhou a eleição, fez o Carnaval dele. [...] Fez o Carnaval da vitória eleitoral dele em 61. [...] Na eleição, quando ele tomou posse, ele fez um carnaval ali. Foi por causa desse Carnaval ali que ele, depois, pegou outras sobras de espaços vazios e fez a Praça Moleque Namorador. Um pouco mais adiante, 200 metros depois. (TICIANELI, 66 anos, 2020, informação verbal).

Durante sua gestão era recorrente a presença do político no bairro, supervisionando as obras nas praças, em caminhadas pelas ruas do local ou até sentado em cadeiras nas portas de alguns moradores que recebiam a visita do prefeito para conversar, tomar um copo de água e um “cafezinho”. Essa relação de “intimidade” era uma das características da personalidade de Sandoval Cajú, desde os tempos de locutor de rádio com seu público.

Esse tipo de argumento e postura, como prática em sua gestão, está nas lembranças das pessoas que ali residiam ou que frequentavam seus comícios. Desta forma, manteve viva e representativa sua presença. Esse modo de agir ou mais, de interagir qualifica sua atitude e conduta excepcional como político. Essa forma de acolhimento estabelecia uma aproximação entre o Sandoval prefeito e as pessoas da Ponta Grossa. Como ressalta Rogério Gomes Ferreira em trecho de entrevista:

Ele sempre aparecia lá na Ponta Grossa, era fácil ver ele sentado na porta de alguém tomando água ou um cafezinho e conversando, as vezes eu passava andando e ele fazia questão de cumprimentar, ele falava com todo mundo que passava, e ficava ali conversando. Ele perguntava as pessoas se elas estavam gostando das praças e das ruas calçadas. Eu também lembro de ter visto ele uma vez lá na Praça Santa Tereza com a equipe de trabalho, ele ficava lá na praça e parecia que ele estava comandando tudo da obra, Sandoval era conhecido na Ponta Grossa porque ia muito lá. Sem falar nas festas de inauguração das praças que eram bem grandes, com muita gente e ele falava muito sempre em cima de um palanque, tirava brincadeiras, mas também dizia que estava cumprindo o que ele tinha prometido na campanha. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

As visitas ao bairro também eram frequentes porque lá existia a oficina onde se fabricava alguns equipamentos presentes nas praças, como explica Edberto Ticianeli em trecho de seu depoimento:

Lembro, lembro claramente dele, porque na Rua da Assembleia, atrás do antigo Cinema Lux, era a fábrica dos bancos, dos equipamentos de praça que ele utilizava. O industrial que fazia isso chamava-se Plínio Visgueiro Sampaio. Plínio Sampaio Visgueiro. [...] Ele tinha uma indústria, uma fábrica, que montava essas peças, que fazia tudo, e o Sandoval Cajú ia muito lá, e a gente era amigo dele, dos filhos, das filhas dele. Então a gente via várias vezes ele lá. Quando depois chegou Suruagy chegou também, ele me apresentou. Ele era muito ligado ao mundo político. Pra pegar as ordens, então, depois do

Sandoval, ele se vinculou a Suruagy, quando a gente já fazia as quadrilhas juninas. Então, ele queria aparecer como um... Ele se vendia como um líder popular da Ponta Grossa, sem nunca ter sido. Tudo que a gente fazia, ele dizia que era dele. [não entendido] [risos] E ele fabricava essas peças lá, então eu via o Sandoval Cajú várias vezes. E depois, tempos depois, já na política, eu convivi com Sandoval Cajú, com as filhas dele etc. e conversava com ele, mas já não morava mais lá. (TICIANELLI, 66 anos, 2020, informação verbal).

As passeatas a pé pelas ruas da Ponta Grossa também são lembradas como uma “procissão” política, onde Sandoval e seus numerosos apoiadores desfilavam pelas principais artérias do bairro conversando e cumprimentando as pessoas que ficavam nas portas das casas, como destaca Almira Fernandes:

Ele sempre fazia muito, vamos dizer assim, na Ponta Grossa sempre foi assim, eu acho, muito mais... Ele teve muito eleitor e muitas vezes muita voz. E eu me lembro, assim, das passeatas dele. Isso aí eu já tava em faculdade [...] mais ou menos assim em 61, por aí, ele já era político por lá, ele já passava com as caravanas dele. Aí eu achava muito engraçado, ficava da janela olhando e passava, era mais homens, mas tinha algumas mulheres também, e eles todos num calor danado e eles tudo de terno e gravata andando pela rua. Saíam do Vergel e vinham não sei até onde, mas eu sei que passavam na minha porta. O Sandoval com a turma dele. Nessa época, a gente já era amiga e colega, por causa do movimento de estudante do Divaldo Suruagy e o Divaldo tinha mania de quando chegava lá em casa, ele saía da passeata e entrava um pouquinho, tomava uma água, tomava um cafezinho, uma coisa, um lanche e seguia depois a pé. Eu não sei a pé até onde eles iam, mas era uma verdadeira procissão. E era muita gente! [...] Muita gente. E era tudo assim, quer dizer, ele com os amigos dele, os políticos, tudo de terno e gravata e o pessoal também acompanhando. Mais homens. Disso aí eu me lembro bem. E os comícios sempre ele fazia mesmo depois de eleito. Sempre tinha comícios ali por perto, mas eu nunca fui a nenhum. Eu não fui muito de participação assim desse movimento não, mas me lembro sempre que tinham os comícios do Sandoval. Sandoval era muito falado, era locutor de rádio. (A. FERNANDES, 85 anos, 2020, informação verbal).

Existem registros de que Sandoval Cajú construiu um prédio onde se localizou, por um período, o gabinete provisório do prefeito no bairro, como vemos no destaque do trecho da retrospectiva da gestão do prefeito publicada pelo Jornal de Alagoas na edição de 07 de setembro de 1963.

[...] foram construídos ultimamente prédios novos municipais para diversos fins, inclusive destinado um deles à repartição federal, mas que vem beneficiar a coletividade: Prédio para agência do Correio, em Ponta Grossa, junto à praça Santa Tereza, cuja instalação será hoje inaugurada pelo Diretor Geral do DCT de Alagoas. Prédio do gabinete provisório do prefeito, também naquele bairro [...] (JORNAL DE ALAGOAS, 1963 apud AZEVEDO, 2018, p. 60).

Na Praça Santa Tereza construída por Sandoval, além da nova infraestrutura espacial, dos equipamentos implementados e da agência de Correios, novo serviço para o bairro, também se localizava uma pequena associação de moradores, o Ciclo Operário, mantida pela igreja. A entidade recebia os pedidos de urgência da comunidade e tentava resolvê-los da forma possível, além de prestar socorro aos moradores que tinham suas casas inundadas por cheias da lagoa Mundaú e também arrecadava fundos e doações para as quermesses promovidas pela Igreja de Santa Tereza D'Ávila que se localizava na praça, como discorrem Almira Fernandes e Rosenita Fernandes em trechos de seus depoimentos:

Já depois começou a ter missa na Igreja Santa Tereza, porque tinha a igreja, mas nunca funcionava, aí já depois de eu moça mesmo começou a movimentar a igreja, depois da praça pronta, porque teve o ciclo operário. Foi fundado lá o ciclo operário e o ciclo operário começou a movimentar a igreja, aí eu ia também, às vezes, à missa de Santa Tereza, quando passou a ter missa lá. (A. FERNANDES, 85 anos, 2020, informação verbal).

O que me chamava mais atenção era, (na Praça Santa Tereza) quando ela foi construída, o local parecia maior. Maior, aí a gente se movimentava sem medo. Assim, porque se eu não me engano, foi derrubada alguma coisa quando fizeram a revitalização e lá ficou bem mais amplo, a gente caminhava com o passeio [inaudível] que a gente andava sem medo, os bancos, tinha o ponto de ônibus. Não sei se ele continua, mas tinha. [...] Tinha os Correios, tinha os Correios já pro final da praça... Ficou diferente. Agora eu não me lembro mais; mais detalhes. Sei que chamou a atenção era a praça bem grande, bem limpa, com os bancos novos. Aí era muito bom passear por lá. As quermesses do Ciclo Operário eram famosas, todo mundo ia. (R. FERNANDES, 76 anos, 2020, informação verbal).

Importante observar nos trechos acima selecionados, como as praças trouxeram uma nova conformação física para o bairro, percebida além de seus limites, mas também em seus entornos, e lembrada pelos entrevistados com entusiasmo como uma nova temporalidade, ou mais, um novo panorama morfológico, para o bairro. Uma época de "alegria" em receber aqueles espaços que foram amalgamados a paisagem e logo se transformaram em pontos de integração da população. Nelas passaram a se realizar o encontro cotidiano das pessoas e os passeios no fim de semana.

4.2 As praças como vetores de novas composições em seus entornos e novo cotidiano no bairro.

Conforme vem sendo evidenciado, as praças se tornaram o ponto de encontro dos moradores do bairro, que todos queriam conhecer e frequentar. Era o passeio nos

fins de semana e ponto de encontro para as horas de lazer diário, sendo utilizadas por pessoas de várias faixas etárias, desde crianças que iam brincar nos novos equipamentos como os escorregadores, até os adolescentes que utilizavam os locais para encontros de grupos e namoros, e também para os idosos que passeavam nas praças e ali, entre seus bancos e jardineiras jogavam gamão, baralho e dominó.

Também havia forte apelo dos televisores, que foram colocados na Praça Santa Tereza e na Praça Nossa Senhora das Graças e nos fins de tarde eram ligados, agregando grande número de pessoas que ficavam nos bancos ou levavam suas próprias cadeiras para assistir à programação.

Desta forma, as praças tornaram-se as extensões das próprias casas dos moradores do bairro. O costume de colocar as cadeiras na porta de casa para conversar e ver o movimento, passou também a se realizar nas praças. Como descreve Rogério Gomes Ferreira em trecho de sua entrevista:

Eu lembro das televisões nas praças, tinha uma na Praça Santa Tereza e acho que tinha na Praça Nossa Senhora das Graças, a da Praça Santa Tereza eu tenho certeza porque eu via no final da tarde quando a tevê era ligada juntar um monte de gente para ver a programação da repetidora da tevê Tupy. Na época era uma atração da praça porque quase ninguém tinha televisão em casa, aí o povo ia chegando e se juntando para ver o jogo de futebol e as novelas, ficava tão cheio que as pessoas levavam as cadeiras de casa para a praça, ou ficavam em pé. Somente depois a gente foi ter televisão em casa acho que a primeira lá de casa foi em 1964 ou 65. Mas era mesmo uma atração a tevê na praça. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Reforçando este fato, encontra-se o livro "Arquitetura Moderna, a Atitude Alagoana", que a presença das televisões nas praças de Sandoval Cajú era parte importante do discurso visual desenvolvido pelo prefeito em suas obras localizadas em logradouros públicos. Desta forma, agregava o progresso tecnológico e comunicacional aos "novos" monumentos e equipamentos característicos de sua gestão. Assim, Silva (1991, p. 246) infere: "Uma outra inovação nas praças é a presença do aparelho de televisão. Bem colocado em seu pedestal, atrai a atenção do povo acostumado apenas com a companhia do rádio". A autora traz ainda um trecho de entrevista do político para a pesquisa onde o mesmo diz ter sido o primeiro "homem do Brasil inteiro e quiçá do mundo que colocou a televisão na praça." (SILVA, 1991, p. 246).

Edberto Ticianeli destaca que pouco depois, com a popularização da televisão como equipamento moderno presente nas casas, essas tevês das praças foram gradativamente abandonadas.

Me lembro de uma na Santa Tereza. Quando eu cheguei eu não sei se ainda tinha a televisão, se ainda funcionava ou só tinha a caixa dela. [Não entendido]. Porque quando eu cheguei em 66, a televisão já tinha começado a se espalhar em algumas casas. Então, onde eu morava, a gente ia pra casa em frente, de esquina e subia na janela olhando. Então apareceram várias casas que chamava televizinhos. Ia olhar televisão na casa do vizinho, e isso terminou por acabar com essas televisões. (TICIANELI, 66 anos, 2020, informação verbal).

Esses logradouros públicos rapidamente tornaram-se vetores de diferentes formas de socialização entre a comunidade do bairro. Em seus entornos, começaram a aparecer pequenos negócios que se integravam as funções das praças: sorveterias, casa de jogos, pequenas mercearias, lojas de doces, farmácias e armarinhos que facilitavam a vida dos moradores do bairro. Importante ainda ressaltar, que várias casas existentes nas ruas contíguas e próximas as praças, passaram a ser reformadas, muitas se “adequando” aos novos ares trazidos ao bairro pelas arquiteturas de Sandoval. Como infere Rogerio Gomes Ferreira em trecho abaixo:

Na Ponta Grossa, quando as praças foram surgindo, também mudou o jeito das ruas que ficavam próximas delas, e ao redor delas. As pessoas viram um jeito de ganhar dinheiro e apareceu ao redor das praças e nas ruas próximas um monte de comércio. Era sorveteria nova, armarinhos e mercearias. Farmácia também, tudo pequeno, feito pelos moradores que abriam os negócios na frente das casas. Era bom, porque a gente não precisava ir mais no centro para comprar uma roupa ou um remédio de urgência. Só quando o remédio era difícil de achar. Foi uma novidade muito boa. A ponta Grossa era um bairro central e com as praças ficou ainda mais cheio de comércio pequeno. As casas que arroteavam as praças também foram reformadas ou pintadas. Estava tudo novinho naquela época. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Nos finais de semana, os moradores se dirigiam as praças e lá se encontravam, era a hora de vestir a roupa nova e dar o passeio que antes era feito nas praças centrais da cidade. Lembrado na maioria dos depoimentos coletados o passeio mais efetuado era ir ao cinema Lux, localizado no bairro, e depois ir a uma sorveteria e terminar o passeio numa das praças do bairro.

O cinema Lux (Figura 68) era ponto de encontro dos moradores do bairro. O prédio de arquitetura protomoderna apresentava em sua fachada “elementos retangulares verticais e recortes em ângulo reto” (AMARAL, 2018, p. 300) além de uma marquise larga e na platibanda podia-se observar faixas retangulares de várias alturas repetidas. O cinema foi inaugurado em 1948 e funcionou até 1986 quando foi

transformado em igreja protestante. As tardes no cinema Lux eram famosas, o próprio dono, o Sr. Moacyr Miranda, organizava as filas na entrada, sua sala de projeção contava com mais de seiscentos lugares e a ventilação era feita por grandes janelões que depois foram transformados em portas laterais. O cinema Lux é lembrado por escritores sob o epíteto de “Colosso da Ponta Grossa” (BARROS, 1987). O cine era tão famoso na época que pessoas de outros bairros iam assistir as suas sessões. Pedro Cabral, um dos entrevistados da pesquisa, destaca e descreve, com emoção, as sessões de cinema vivenciadas por ele:

Como fui parar na Ponta Grossa, eu tive duas sortes: uma sorte foi morar vizinho de um cidadão que passava os filmes no Cine Ideal [...] A segunda, foi ter Cine Lux de lado. Então, eu tinha o Cine Ideal, né. Cruzava a Praça Deodoro e o Cine Lux que eu chegava na Santo Antônio, dobrava um pouco à esquerda ou atalhava pela Rua da Assembleia e ia assistir os filmes lá. Então, cinema era uma coisa que me encantava muito e eu ia e gostava desde o cidadão que vendia cachorro-quente numa lata de óleo Bem-te-vi. Um cheiro magnífico! Aquele cheiro de cebola com tomate com não sei o quê e que nós comprávamos aquela rodelazinha de pão francês e ele colocava aquele molho e a gente pedia com aquela palavra que você nunca deve ter ouvido falar: “umisque”. Umisque era pra ele pegar um pouquinho do garfo assim naquela lata que ele servia e colocasse na nossa mão, no punho, um pouquinho mais do molho do cachorro-quente. E a gente saía com aquele óleo escorrendo pelo braço [risos]. Entrava no cinema assim. Então, trocas de gibis na porta do cinema era um dos itens favoritos nossos. Era preciso a gente chegar antes uma hora, ficar ali naquela concentração de troca de gibis, que era uma das leituras favoritas da adolescência, de todo mundo, né. Trocar gibis. Depois do cinema a gente ia tomar um sorvete e depois se encontrar com as meninas na praça. [...] Tava marcado assim quatro horas da tarde, três horas ou quatro horas da tarde, não me recordo mais. A sessão matinê de sábado. Tinha de domingo também. Mas o dono do cine lux saía olhando se ainda tinha lugar e ficava vendo se tinha cadeiras vazias, aí demorava um pouquinho. Só começava quando não tinha mais ninguém na rua [risos]. Mas ninguém se importava, né? [...] Porque dentro do cinema também tinha aquele clima brincalhão, de criança e era uma gritaria que só parava quando tinha uma das coisas que mais também me atraía no Cine Lux: era quando as luzes se acendiam no teto. Luzes coloridas. Sempre me atraiu. Um monte de cores. Lilás, amarelo, vermelho, azul, e o som com a música, tipo aquela música do ET “uuummmm” sabe aquela coisa assim? Então, cada música... cada cor, aliás, era um som desse. [...] Era uma sensação que calava toda criança. Aí, as cortinas iam se abrindo, e aí voltava a gritaria com aqueles, aquelas aberturas de empresa de cinema, então, tinha o condor, aí ficavam: “Xô, xô, xô!” pro condor voar, aí voava... Então, era coisa de criança e cativava todo mundo nesse sentido. [...] Então o Cine Lux foi um momento muito forte, como equipamento, cultural do bairro da Ponta Grossa. Muita gente, vários, como a gente dizia: “os gordinhos” do Farol desciam para assistir filme lá na matinê do Cine Lux. Era um ponto de atração da cidade, não era só do bairro. Era um público imenso e que conseguia captar todo esse público. O filme *Dio como te amo* foi um filme, juro, foi um filme que eu não quis assistir. Eu nunca assisti *Dio como te amo*, mas ele passou, eu acho, mais de mês lá [risos]. Eram dias de sessões lotadas! As mulheres iam, choravam, era um negócio impressionante, assim, aquele filme de choro, né, romântico... (OLIVEIRA FILHO, 65 anos, 2020, informação verbal).

Figura 68: Cinema Lux, prédio com fachada protomoderna.



Fonte: Site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

O proprietário do Cine Lux, figura muito conhecida no bairro, é lembrado com carinho pelo jornalista Elinaldo Barros, também morador da Ponta Grossa, em sua obra intitulada “Recordações de um Cinema de bairro” (1987):

Muitas vezes o vi conversando animadamente numa roda de amigos na porta do então famoso “Bar do Mané Caixão”, localizado na esquina da Santo Antônio com a Santa Fé. Era um pulinho do cinema e lá se comentava política, o futebol no Mutange e na Pajuçara, um “western” com Randolph Scott, uma comédia de Jerry Lewis ou os atributos de alguma beldade do bairro, alguma boneca cobiçada, digna de um samba-canção de Adelino Moreira, na voz de Nelson Gonçalves. (BARROS, 1987, p. 34).

Quando não, ele estava na Sorveteria Riselene, também na mesma esquina, no outro lado, tirando dois dedos de prosa, ou degustando um saboroso sorvete de coco, especialidade do “seu” Guilherme. Ou então, atravessava o salão do **cinema** e se misturava com a plateia, comungando das emoções do retângulo luminoso. Não duvido que ele esteja passando filmes no céu. (BARROS, 1987, p. 36, grifo nosso).

Os moradores passaram a circular pelas ruas do bairro em seus momentos de lazer, saíam para o passeio em direção as novas praças. As caminhadas eram feitas vagarosamente, para se contemplar as ruas calçadas, as novas fachadas das casas, as paisagens ressignificadas por esses novos equipamentos urbanos. No relato a seguir, Esdras Gomes fala de como ele e sua família frequentavam as praças do bairro e de como a Praça Santa Tereza se tornou um centro de diversão da Ponta Grossa, explicando também um pouco do seu entorno e da diversidade do local que congregava vários tipos de usos.

Olhe, eu nunca fui muito de praça. Eu comecei a frequentar praça quando já era molecote [e] comecei a pensar em namorar. Mas a praça da Ponta

Grossa, eu frequentei muito a Praça Moleque Namorador na época de Carnaval. Agora, meu pai era frequentador assíduo da Praça Santa Tereza. Era lá onde tinha o grupo dele que jogava dominó. Dominó e gamão. Ele chegava a jogar gamão por horas e horas ali. Quando eu ia, ia com meu pai, a gente saía passeando pela Santo Antônio até a praça Santa Teresa, ele gostava de ver as ruas calçadas e as casinhas tudo pintada de nova ou reformada. [...] Ah... tinha um senhor que morava lá adiante, na praça, que era muito amigo do meu pai também, que era maçom, que sempre iam pra maçonaria juntos... Tô esquecido do nome dele. Então, meu pai ia pra lá quase sempre. Meu avô também gostava de frequentar aquilo ali e conversava com um, conversava com outro. Porque se tornou uma espécie de *point* de encontro ali daquele pessoal todo, que era a praça maior que tinha. A Praça Moleque Namorador não tanto, porque era pequenininha, passagem de ônibus pra um lado pro outro, não era... Mas a Santa Tereza. [...]Tinha movimento. Todo final de semana ela tinha movimento. O pessoal tava lá pra cima e pra baixo. A barraquinha que vendia pipoca, rolete, não sei o quê... Tinha lá. A molecada brincando no parquinho. Tinha movimento, sim. Tinha movimento. E outra coisa: aquela região, aquela região, também tinha uma vida noturna meio... entendeu? No final da Praça Santa Tereza, do lado esquerdo tinha uns cabarezinhos. Então à noite ali, a madrugada, era animado ali por causa daquilo, né. E na Praça Santa Tereza, esse é outro detalhe... Bom, se eu não contar, você corta. Na Praça Santa Tereza teve a casa de encontro mais famosa de Maceió durante muito tempo. Não lhe disseram isso não? [...] Na Praça Santa Tereza era onde existia a Casa da Regina, que era frequentada por políticos, políticos nossos da época, né? Alguns conhecidos nossos. Entendeu? E o meu pai também era um grande frequentador de lá. Às vezes eu até brincava com meu pai: "Ô pai, que jogo de gamão é esse? Esse jogo de gamão é na praça ou é na casa da Regina? Ele "ihhhh" [risos] Mas naquela região ali e descendo, existia uns inferninhos ali que era uma festa à noite. Outra coisa que chamava muito atenção: é que você descendo a Praça Santa Tereza, você tinha a Rua da Soledade. Cortava. Perto da praça, depois da Praça Guedes de Miranda, ali ocorria muito briga de galo. Tinha uma rinha de galo ali, naquela região. Entendeu? Diziam, inclusive, que tinha sido o secretário influente de Sandoval Cajú que a construiu. Entendeu? Que gostava muito de briga de galo e papapa falavam muito isso. Mas ninguém nunca provou que foi ele ou que não foi. Mas, a Praça Guedes de Miranda, aquilo ali era morto, não tinha nada, Henrique! Era mato e lama durante o inverno! Tornou-se um ponto de negócio. Você sabia disso? [...]Um ponto de negócio. De venda. Venda de eletrodomésticos, tudo naquela praça, tudo naquela praça. Foi o que fez aquilo crescer. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

Em seu depoimento, Rosenita Fernandes fala de como os jovens se reuniam nas "praças de Sandoval Cajú", dos movimentos comunitários do bairro que aconteciam na Igreja Santa Tereza e descreve fatos interessantes de seu cotidiano acontecidos nesses locais:

Lembro sim. Todos os bancos tinham um S. [risos] Eu nunca mais vi um banco com S. [...] mas... era muito bom. Era bom, a gente se reunia ali... O Grupo Sete de Setembro. Aí depois, quando eu comecei a estudar lá só era durante o dia. Depois passou a ter aula à noite. Aí a turma saía da escola e os encontros eram na praça, mas eu ficava só da minha porta, né? Só da minha porta, porque eu estudava no São José. Aí ficava só observando. E uma das minhas irmãs, que sempre foi muito danada, meu pai ficava na porta, esperando que terminasse a aula pra ver se ela vinha pra casa. E ela aproveitava quando saía uma turma grande, ela ia no meio e ia passear na praça. Na Praça Santa Tereza. Ia pra lá, dava uma volta, namorava e papai na porta esperando. Terminava, saía todo mundo da escola, o vigia fechava

a porta e ela não chegava. Papai já sabia: ia buscar na praça. [...] Mas foi um tempo muito bom. Muito bom. [...] Mas, era o passeio. Era o passeio da gente. No sábado ou domingo era o cinema, depois era uma volta na praça. [inaudível] agora, que tava com a praça nova, né? Ainda ia na Guedes de Miranda, tinha a Praça Guedes de Miranda. Eu já não gostava muito, porque ficava mais longe de casa. O negócio era ficar ali na Santa Tereza. [...] Bem... ele, meu pai, sempre foi ligado a uma igreja. Tanto que a Igreja de Santa Tereza, o bispo deixou meu pai responsável por essa igreja. Na frente da igreja tem a Praça de Santa Tereza. Esse era o ponto da turma jovem daquela época. E papai gostava muito de festa, sempre programava e realizava festas nessa praça e era muito bom. [...] Ele sempre estava à frente, ele era o locutor da festa, ele era o organizador, enfim. Ele movimentava nisso aí. E o que é que ele fazia com as famílias pobres? Ele fazia distribuição de alimentos. Não tinha nada a ver com política. Era uma coisa mais da igreja e do movimento social que existia na época ali perto da Praça Santa Tereza. Era um grupo de pessoas. O que era? A gente dava assistência a essas famílias e eu comecei isso com papai com 12, 13 anos. [...] Eu sempre gostei. Tava sempre com ele. [...] Olhe, eu disse que fazia esse trabalho social com meu pai, né? E era ali na rua da Santa Tereza, mas lá depois da Igreja. E eu tinha um namorado [inaudível]. A gente [inaudível] na praça, mas eu tinha uma reunião primeiro. Aí eu disse que ia à reunião, depois a gente se encontrava. E a reunião terminou antes da hora. Quando eu vinha da reunião, encontrei ele com outra. [Risos] Quando eu cheguei, aí disse: “boa noite”, aí disse: “vai me apresentar sua namorada?” [inaudível] Acabei aí e pronto. Acabou-se. Não dava mesmo, né. Era uma pessoa assim, que papai gostava, mas não dava, não dava. Não deu nem tempo de esperar a reunião! [Risos] Isso aconteceu na Praça Santa Tereza [risos] Olha eu lhe contando meus segredos [risos] (R. FERNANDES, 76 anos, 2020, informação verbal).

Importante observar aqui como a Ponta Grossa congregava em seus moradores sentimentos de pertencimento e comunidade e como este fato se refletia no cotidiano no bairro durante a década de 1960. Verifica-se que, apesar da heterogeneidade cultural e social de sua população, que caracteriza diferentes formas de habitar o local, desenvolvia-se uma forte empatia entre as pessoas, as ruas, as praças. Pode-se perceber sentimentos saudosistas na maioria dos depoimentos coletados, portanto, podemos examinar nesses lugares de fala, a afeição com que o bairro é lembrado e constatar, desta forma, como eram estabelecidos os vínculos da população com o meio. Esse extrato de percepções traduz entendimentos sobre a população, o espaço e as temporalidades, como filigranas estruturais que relacionam o corpo com o meio num determinado período de tempo. (RICOEUR, 2007).

Deste modo podemos entender as memórias dos entrevistados não apenas “como um depósito de dados e de informações relativas à coletividade ou à vida individual, devemos pensar na memória como instância criativa, como forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isso assegura a permanência de grupos” (BARROS, 2007, n. p.).

A memória, portanto, pode ser vista não apenas como celeiro de lembranças sem associações possíveis, mas como um território dinâmico a ser investigado onde atuam instâncias culturais, sociais e políticas, onde lembranças e esquecimentos se sobrepõem a todo momento e se ressignificam, enquanto solidificam experiências e acontecimentos importantes para a historiografia, estabelecendo assim fatos que se relacionam e são meios significativos que verificam a memória coletiva (RICOEUR, 2007).

As praças de Sandoval Cajú rapidamente tornaram-se vetores de diferentes formas de socialização entre a comunidade do bairro. Essa empatia existente entre a população e esses logradouros, foi alinhavada desde os programas de rádio onde o então radialista procurava resolver problemas de infraestrutura da cidade, confirmando o discurso populista de campanha do candidato e desta forma, transformado em arquitetura nas praças produzidas na gestão do prefeito. Portanto identificavam a materialização do discurso desenvolvido por Cajú em todo seu percurso até ali. Os “S” distribuídos em vários pontos desses locais foram assimilados pela população sem, no entanto, nunca serem esquecidos.

A modernidade prometida por Sandoval se amálgama aos anseios dos moradores da Ponta Grossa, que, em síntese, desejavam dias melhores, melhores empregos e acesso às comodidades da vida moderna. O bairro, que apresentava uma população heterogênea, abrigando funcionários públicos, pequenos comerciantes, trabalhadores do setor terciário e prestadores de serviços, caracterizava-se como periferia apesar da proximidade do centro da cidade e tinha nas praças a possibilidade de estabelecer novas relações sociais e culturais, como afirma Rogério Gomes Ferreira, em seu depoimento:

Sandoval apesar de ser muito criticado pela oposição, principalmente por encher as praças de “S” nos bancos e em todo lugar que ele podia colocar [risos] , ele na Ponta Grossa, fez muita coisa em pouco tempo, ele mudou o dia a dia das pessoas, era tudo novo e a Ponta Grossa ficou um bairro mais feliz, mesmo com todos os problemas que aquele povo tinha para sobreviver, porque na Ponta Grossa, tinha gente mais pobre que morava mais perto da lagoa, tinha classe média, era um lugar de gente trabalhadora, que trabalhava duro e queria também ter a casa melhor, a rua melhor... sabe, e ele como prefeito fez muita modificação no bairro. Não digo que ficou perfeito mas mudou muito e todo mundo sabia disso, até quem não gostava dos “S” e do jeito brincalhão e as vezes estranho dos discursos dele. Eu não gostava muito daquele monte de “S” fazendo propaganda dele, mas entendi que Sandoval mudou muito a Ponta Grossa e a vida daquele povo sofrido. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Com efeito, as praças se estabeleceram como novos pontos de encontro, nelas foram realizadas as principais manifestações de socialização aglomerativa do bairro nos anos 1960. Nesses locais aconteceram desde festas religiosas até o carnaval, passando por quermesses e reuniões de assembleias de comunitárias.

4.3 O boêmio bairro da Ponta Grossa – festas populares e religiosas

O bairro da Ponta Grossa era conhecido, desde os anos 1940 por suas festas de largo, festas religiosas e profanas. Enquanto a arquidiocese organizava as festas das igrejas Nossa Senhora das Graças e Santa Tereza, onde aconteciam quermesses e procissões religiosas, durante o Carnaval o bairro também apresentava grande movimento devido às festividades acontecidas nas ruas, pequenos blocos carnavalescos saíam empunhando seus estandartes como a escola de samba, famosa no bairro, chamada de “Circulista”. O Carnaval de raia miúda acontecia no bairro onde se realizavam “as danças de cotas como forma de conseguir pagar aos tocadores” (TICIANELI, 2016). Também eram famosas as representações da Paixão de Cristo na Quaresma e as festas juninas que eram organizadas pela própria população do bairro, onde ruas inteiras eram decoradas com bandeirinhas coloridas e eram erguidos os famosos “palhoções” onde uma banda “esquenta mulher”⁴⁶ animava as pessoas que dançavam as quadrilhas e os forrós. Nos anos 1960, estas festividades, foram gradativamente transferidas para as novas praças entregues por Sandoval Cajú, ou tinham as praças como parada obrigatória como vamos ver a partir de trechos dos depoimentos coletados e expostos a seguir.

Nos Carnavais, a Ponta Grossa se transformava no “quartel general do frevo alagoano”, onde ocorria “o carnaval do povo”, títulos instituídos pelos jornais da época. As Festas de Momo tinham como palco a Praça Moleque Namorador. Essas festas levavam para o local grande número de pessoas que se divertiam ao ritmo da dança. A praça nada mais era do que uma rotatória com um canteiro no meio e um monumento com a letra “S” e sobre este, uma escultura em ferro do homenageado. Essa pequena praça, entre ruas era o palco das festas, onde de um lado ficava a

⁴⁶ Ou banda de pífanos.

banda sobre um palanque e as pessoas rodavam em volta da praça dançando ao ritmo do frevo, como destaca Esdras Gomes em trecho de sua entrevista: (Figura 69)

Figura 69: Mapa com percurso dos foliões na Praça Moleque Namorador



Fonte: Adaptado de Google Maps. Disponível em: <http://google.com/maps/>. Acesso em: 25 maio. 2021

Lembro sim. Me lembro de Sandoval Cajú, esqueço nunca! Essa eu tava lá e vi! Tava trabalhando como repórter quando ele fez o primeiro Carnaval na Praça Moleque Namorador. Maceió, naquela época, só tinha um polo carnavalesco, que era na Rua do Comércio. Existia um curso. Você sabe. [...] Era uns carros rodando ali naquela Rua do Comércio, passava na Rua 1º de Março, voltava, ia até a Avenida, era o carnaval dos ricos. Não tinha Carnaval mais em canto nenhum! Porque o Carnaval que existia em Bebedouro, na época do Major Bonifácio, tinha acabado. Não existia praticamente mais nada. Aí o que é que Sandoval Cajú fez? Prestou uma homenagem ao Moleque Namorador, construiu a praça, no centro da praça, onde tem a estátua do Moleque Namorador com a vassoura fazendo o passo, ele armava o palanque e botava duas orquestras de frevo, ali. Começava de manhã vinha até à noite. Entendeu? Eu me lembro dele em cima do palanque, entendeu? De camisa suporte, camiseta... Era uma figura! E o povo acompanhando ele. [...] Eu ia ver, eu gostava de ver. Eu ficava ali, nós ficávamos... Numa ocasião eu fui até com meu pai, nós saímos de casa, ficávamos ali no meio-fio, na casa de um conhecido lá do meu pai, a gente ficava lá e vendo. Era muita gente, Henrique! Aquilo ali ficava... A gente chamava de *Quartel General do Frevo*. Esse nome foi colocado pelo Sandoval Cajú. E o povo ficava lá. Com aquilo, esvaziou muito a Rua do Comércio. A Rua do Comércio perdeu o povão, grande parte, aí ficou mais elitizada, com os desfiles dos carros alegóricos, as troças, tem aquela turma que fazia troça com a política, com isso, com aquilo e os cursos. E uma orquestra só de frevo tocando no centro do comércio, onde era o antigo relógio oficial. Sabe onde é, né? No centro, ali, no comércio, no centro do comércio. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

A pequena praça institui uma homenagem de Cajú a Arlindo Verissimo Ribeiro, nascido em São Luís do Quitunde, em 1919. Homem negro que trabalhou

como jornalista e engraxate, foi sambista, tocador de reco-reco e pandeiro, e foi campeão em todos os concursos de frevo que frequentou, se tornando conhecido no país inteiro como Moleque Namorador (JORNAL GAZETA DE ALAGOAS, 2014)⁴⁷, Figura 70. O prefeito sabendo da existência desse personagem querido do povo inaugurou a praça em setembro de 1961, na confluência de cinco ruas do bairro, onde uma delas já era conhecida por existirem pequenos bares de danças frequentadas pelos moradores próximos. Cajú na ocasião, foi duramente criticado pelo vereador Rosalvo Siqueira que disse em discurso: “Eu sei que o senhor prefeito colocou esse nome porque quer anarquizar a nossa cidade. Todo mundo conhece bem a vida do Moleque Namorador. Era um rapaz que só vivia de farras, fumando maconha” (TICIANELI, 2018).

Figura 70: Moleque Namorador, o "rei do passo", homenageado por Sandoval Cajú em praça no bairro da Ponta Grossa.



Fonte: Site História de Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

Com a popularidade da festa que acontecia na Praça Moleque Namorador, o antigo carnaval do centro tornou-se elitizado, frequentado na sua grande maioria pela burguesia da época. A população dos bairros periféricos preferia ir para os carnavais da referida praça e os do bairro de Bebedouro, organizados pela prefeitura, como lembra Rosenita Fernandes em seu depoimento:

Carnaval ficou muito conhecido, né? Ficou muito conhecida a Praça Moleque Namorador, ficava perto da minha casa e como meu pai não deixava, que eu fosse sozinha, eu tinha uma amiga, que mora ali perto... Então, tinha o primeiro andar, a gente ficava lá vendo toda a folia embaixo. Era muito bom.

⁴⁷ Matéria do Jornal Gazeta de Alagoas, edição de 23 de fevereiro de 2014, consultada na hemeroteca digital do referido jornal, que traça um perfil da figura do Moleque Namorador. Também foi consultado o vídeo produzido pelo canal “Contado Alagoas” de 03 de julho de 2017, disponível no site Youtube (ver <https://www.youtube.com/watch?v=AhDzOaydt7M>, acesso em 10 dez. 2020) e em “Dicionário Histórico e Geográfico de Alagoas” organizado por Francisco Reinaldo Amorim de Barros no verbete carnaval.

A gente saía sem tanto medo. [...] Quando era noite, eu ia pra Praça Moleque Namorador, mas eu não ia pro meio dos foliões não. Eu ficava no primeiro andar da casa da Neurene, lá em cima. Lá no Carnaval, mas lá na casa dela. Ainda hoje ela mora lá. E Carnaval, as vezes tinha assim, alguma coisa de confusão na rua, aí eu ficava assustada sempre, mas não tinha nada assim... As coisas ruins que aconteceram com a gente no Carnaval não tem nada a ver com a Praça Moleque Namorador. Tinha festa lá, tinha Carnaval lá, não tinha confusão não. As famílias mesmo iam pra rua pular Carnaval. Hoje a gente não ver mais isso, né? A gente tem medo. (R. FERNANDES, 76 anos, 2020, informação verbal).

Importantes também eram as festas juninas. Quando várias ruas da Ponta Grossa eram enfeitadas e eram organizadas as quadrilhas, que competiam entre si qual a mais bonita e animada. Essas festas eram frequentadas pelos moradores do bairro e regiões vizinhas, eram conhecidas pela animação. A seguir, um trecho do depoimento de Rogério Gomes Ferreira onde o mesmo fala das festas juninas no bairro e de como essas festividades passaram a acontecer também nas “novas” praças do bairro:

Em junho, no tempo do São João a Ponta Grossa era muito animada, tinha palhoça em muitas ruas, as festas tinham barraquinhas de comida e rolete de cana, eram muito boas. Tinha uma festa junina na Praça Santa Tereza que era muito boa, era organizada e todo mundo ia ver as danças, as quadrilhas e dançar também né. Era muito bom. Lá se encontrava todo mundo do bairro, de jovem a velho, a praça ficava uma beleza, cheia de bandeirinhas coloridas, foi o tempo que a praça era nova, tinha sido feita por Sandoval, antes lá só existia um cruzeiro e mais nada, Sandoval fez a praça, colocou bancos, canteiros e rela-rela, tudo com “S” dele, e também tinha um ponto de ônibus igual aos que ele tinha feito nas praças do centro. Era uma animação só no São João, eu acho que as pessoas ficaram mais felizes depois da praça nova e então a festa era muito boa. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

As festas religiosas eram também de grande importância, organizadas pelos párocos das igrejas do bairro. Na sexta-feira santa uma grande procissão saía da Igreja Nossa Senhora das Graças e ia até a Igreja Santa Tereza D’ Ávila, ambas localizadas em praças da Ponta Grossa. Durante o percurso, o andor do Senhor Morto parava na Praça Moleque Namorador para que os fiéis assistissem a uma encenação da Paixão de Cristo, seguindo depois, até o final do percurso em silêncio, (Figura 71) onde se ouviam apenas o soar de sinos e matracas empunhadas pelos participantes, como explica Rogério Gomes Ferreira em trecho de seu depoimento:

A minha mãe ia para a procissão do senhor morto na quaresma, ela nunca faltava, as vezes levava o Pedrinho, eu não ia não, mas me lembro da procissão passando na porta de casa, as pessoas iam vestidas de preto e em silêncio, só se ouvia o barulho dos passos e das matracas, você sabe o que é uma matraca era um instrumento feiro de um pedaço de madeira e um cilindro de papelão com um cordão unindo que fazia um barulho estranho, parecido com o barulho de um carro de boi, para mim, parecia um barulho triste, fúnebre. A procissão parava próximo da Praça Moleque Namorador

para ter a encenação da Paixão de Cristo e depois seguia até a Praça Santa Tereza. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Figura 71: Percurso da Procissão do Senhor Morto



Fonte: Adaptado de Google Maps. Disponível em: <http://google.com/maps/>. Acesso em: 25 maio. 2021

Foram, portanto, as praças os grandes palcos representativos de congregação da população do bairro à época, e, por conseguinte, vetores do sentimento de comunidade presente na vida cotidiana da Ponta Grossa. Nelas se estabeleceram relações até então, não experimentadas por seus moradores, exemplificadas em entrevista de Almira Fernandes quando destaca algumas festas acontecidas na Praça Moleque Namorador:

[...] sei que ele foi muito endeusado, (se referindo a Sandoval Cajú) até, pelo povo da Ponta Grossa. Me lembro quando ele fez a Praça Moleque Namorador, que por sinal a nossa casa, os fundos da nossa casa, o quintal de nossa casa, nós ouvíamos tudo que se passava na Praça Moleque Namorador, porque dava fundos com fundo com as casas da Praça Moleque Namorador. Isso até bem pouco... não que elas tão há pouco tempo, mas as festas toda vida, as festas na Praça Moleque Namorador, quando a gente ainda morava nessa casa, a gente sempre ouvia tudo do quintal, não precisava nem ir lá. Sempre vinham circos, se alojavam lá. Eu tenho uma de circo, não sei... Eu vou lhe contar. Você corta aí da entrevista. Chegou um circo lá na Praça Moleque Namorador. Era Circo Teatro, mas era um circo assim meio pobre e lá pelas tantas, eu estava fazendo a Semana Santa, a Paixão de Cristo, aí chegou um soldado romano... A gente ouvia, nunca fui

pra lá não. Chegou o soldado romano e disse pra Jesus Cristo: “Teje preso” [risos] Aí o Cristo respondeu: “Ok” [risos] Eu nunca me esqueci. [risos] Foi na Praça Moleque Namorador. Também lá dançava pastoril, em época de Natal, tinha o cêlere pastoril dos estudantes, que era de muita brincadeira, de muita folia e ia muita gente, a gente passava parecia uma procissão, o povo conversando pra ir pra praça pra assistir circo e pastoril e guerreiro e tudo isso faziam pra apresentar lá na praça. No Carnaval, então, era uma coisa certa. (A. FERNANDES, 85 anos, 2020, informação verbal).

Esdras Gomes também fala da Praça Santa Tereza e das múltiplas funções do espaço, quando cita as diferentes configurações e o “espírito democrático” de seus usos, como também do seu entorno, enquanto conta histórias vividas em seu cotidiano no lugar. Neste sentido, evidencia os leilões promovidos pela igreja católica para angariar fundos para a população mais necessitada, a procissão, a festa de Santa Tereza, e ainda um fato interessante acontecido nas redondezas da praça. No relato é observado o perfil heterogêneo das pessoas que utilizavam a Praça Santa Tereza:

[...] Ali eu fui algumas vezes naquela praça, principalmente, eu adorava era ver o leilão. O pessoal dando lance pra comprar isso, comprar aquilo. Muito interessante. E você tinha lá, você tinha a festa de Santa Tereza, né? Tinha também a procissão... Aquilo ali lotava, literalmente, de gente! E tinha a novena, a novena de Santa Tereza. [...] eu me lembro de ter ido muito. Uma ocasião eu fui com a minha mãe, tô me lembrando. Fui com minha mãe, Dona Aurélia, que morava ali em frente, a mãe da Almira. Quem foi mais, meu Deus...? Meu pai não foi, meu pai não foi, e foi mais gente, foi mais gente. As meninas: Raimundinha, todo mundo foi pra lá e a minha mãe foi lá e viu aquilo... Ela adorava aquele negócio! Eu me lembro que eu fui lá numa das vezes foi com ela. [...] Eu me lembro de uma coisa, eu não vou citar a figura, [não entendido] que eu saí um dia e fui no Colégio Hélio Lemos, já tinha o Colégio Hélio Lemos, a praça, e eu fui no Colégio Hélio Lemos pra falar com um amigo meu alguma coisa e tal. Era o que? Um sete e meia, oito horas da noite. Eu fui aí passando na Praça Santa Tereza, tinha uns senhores jogando dominó e gamão, onde meu pai sempre ficava, eu digo: “Eu vou ver se papai tá ali!” Era cedo, e as vezes ele ficava até oito e meia, nove horas. Aí vim, passei pelo outro lado, quando eu atravessei a praça – essa eu não esqueço mais nunca –, uma figura da política daqui, muito alta da política, ia saindo de determinada casa com uma criatura e quando ele me viu, ficou tão apavorado, que pegou o paletó que vinha o paletó, o carro tava do outro lado e jogou o paletó em cima da mulher pra eu não ver quem era [risos] eu abri uma risada, caí na risada, sentei no banco... Pronto, o Neto tava comigo. O neto de Dona Zenita. Ele disse: “O que foi? Rapaz, quem é?” Eu digo: “Deixe pra lá” papa pa. Esse cara ficou tão apavorado que eu não sei como ele não bateu com o carro quando saiu. [Risos] Foi a cena que eu vi mais jocosa na Praça Santa Tereza. O cara era uma figura pública muito conhecida, conhecida mais do meu pai e da minha mãe e papapa, mas me reconheceu e pensou que eu tava olhando ele. [...] Quando eu cheguei em casa embolando de rir, eu fui e contei pro meu pai. Pai: “Você é maluco! Você sabe o que é aquilo ali?” Foi quando eu fui saber que a bendita da casa era a casa da Dona Regina. Entendeu? Que era uma cafetina que só recebia lá políticos, esse povo grande. “Você é maluco!” “Papai, eu tava sentado no banco na frente, eu fui olhar se o senhor tava. O senhor não tava, fiquei com Neto no banco conversando.” “E o que é que você foi fazer essa hora?!” “Mas pai, oito horas da noite.” Depois eu digo quem foi a figura. Agora não digo não [risos] Você conheceu muito. [...]O mesmo espaço, todos ali frequentavam. Entendeu? Todos ali frequentavam. E tinha uma coisa gozada: ali tinha a

praça, tinha a igrejinha, a casa da Dona Regina era do mesmo lado da igrejinha. No lado de cá. Era uma casa comum. Não tinha nada de... entendeu? Pois bem, mais adiante, você tinha, existia briga de galo, jogo de azar... tinha mais adiante, onde hoje, onde até pouco tempo funcionou a fábrica de prego, era parafuso, não sei bem. Aquilo ali era uma espécie de cassino, que muita gente ia jogar baralho, jogar roleta, e a polícia nunca fechou. Fechou porque o dono morreu depois. E segundo dizem, esse negócio vinha funcionando desde a época que lá na beira da lagoa existia o ancoradouro dos aviões, dos hidroaviões, que foi durante a guerra. Entendeu? Essa jogatina já era antiga naquela região. (GOMES, 78 anos, 2020, informação verbal).

No trecho abaixo, Rosenita descreve um pouco de como aconteciam as quermesses na Praça Santa Tereza, promovidas para angariar fundos para as obras assistenciais desenvolvidas pela associação de moradores ligada à igreja:

[...] quando era festa, que a missa era à noite, aí sim, terminava a missa. [...] Ficava na praça. [...] Olhe, a gente tinha uma casinha, uma cabine com serviço de som passando telegrama para as pessoas. [...] Os cabras queriam me paquerar, não tinham coragem de chegar, mandavam um telegrama: “menina vestida assim, assim...” [Risos] “quero lhe encontrar em tal lugar”. Eu nunca fui não, viu Henrique! [Risos] Eu nunca fui não pros encontros. [Risos] “Quero lhe encontrar na cabine telefônica”. [...] Pronto. Aí marcava assim. A gente só via as meninas saindo, né. Até porque, quem ia fazer a locução era o papai. [...] Aí se acontecesse alguma coisa, se fosse comigo, ele não lia, né? [...] Depois, não tinha ninguém mesmo que mandasse. [Risos] [...] Porque o locutor era meu pai. A gente fica tudo na torcida: “vai sair uma pra você”, “essa é pra você” ... Às vezes não saía nada. Mas, tava lá na expectativa. [...] Tinha barraquinhas, tinha a barraca da polícia, né, que fazia. As meninas saíam, trazia os meninos pra ir lá, só saía da prisão se deixasse um dinheiro pra Igreja. [inaudível] Eu nem sei se interior ainda faz, mas sei que [inaudível] eu não participava ainda não que eu não tinha jeito não pra isso. [inaudível] mas tinha essas coisas tudinho. E aquelas coisas de lanche, sabe? As quermesses eram animadas. Eram animadas...eram sempre em outubro na festa de Santa Tereza D’Ávila (R. FERNANDES, 76 anos, 2020, informação verbal).

As praças da Ponta Grossa, nos anos 1960, como visto nos trechos citados acima, estabeleceram relações profundas com a heterogênea comunidade do bairro, pois constituíram simbolicamente, veículos para o ingresso à vida moderna possível naquele local àquela época. Elas foram responsáveis por mudanças nos cotidianos e instituíram novos hábitos, e se configuraram como fonte da modernidade que tanto era almejada por aquela população. Os discursos desenvolvidos pelas arquiteturas presentes naqueles locais, se associaram as construções e reformas que já vinham sendo feitas em casas no bairro e adjacências desde os anos 1950 para conformar uma nova paisagem. Uma paisagem com linguagem de construções modernas!

Projetadas e construídas com elementos icônicos da arquitetura moderna deram ressignificados às realidades locais, através dos materiais empregados, da formatação de seus elementos e principalmente dos temas regionais presentes, nos

agenciamentos e equipamentos das praças da Ponta Grossa, que, em suma, consistiram em representação de modernidade provinda de assimilações do vocabulário modernista em arquiteturas populares.

Compuseram, assim, com as habitações também construídas na Ponta Grossa, um novo cenário, uma nova realidade que se ansiava, de onde se formataram as imagens que reverberam memórias pessoais de moradores. Enfim, constituíram territórios e formalizam o arcabouço de relações onde se distinguem como territórios importantes para a historiografia do bairro e instituídos pela memória coletiva.

4.4 O modernismo populista das praças: de símbolos de modernidade a alvo de esquecimento político

Como já visto anteriormente, as praças construídas ou reformadas pelo prefeito Sandoval Cajú representaram, para a Ponta Grossa, o ingresso num novo contexto social e cultural desenvolvido pela assimilação do novo vocabulário construtivo, funcional e plástico presentes na composição modernista daqueles espaços. Assim, aproximou o bairro dos ideais de um “novo estilo” de vida propagado principalmente pela política desenvolvimentista do Brasil dos anos 1960.

Desta forma, as praças em questão constituíram, naquele momento, o veículo de afirmação progressista do bairro. A estrutura espacial e morfológica desses locais, estavam intimamente ligadas ao espírito que norteava os desejos e as aspirações da comunidade da Ponta Grossa, que crescia em número de habitantes, recebendo pessoas provindas do interior do Estado desde os anos 1950, constituindo um terreno fértil para a assimilação do discurso populista desenvolvido pelo prefeito e transformado em arquitetura em sua gestão.

Sentar-se nos bancos com os “S” ou passear pelas alamedas e caminhos das praças era símbolo de *status* e de uma vida moderna para os moradores da Ponta Grossa. As arquiteturas repletas de símbolos, pareciam ter sido inspiradas pelas construções presentes nas ruas de casas enfileiradas, com fachadas reformadas. Em seu depoimento, Rogério Gomes Ferreira, explica como era a casa de sua mãe à época e em seguida discorre sobre a importância das praças para o bairro:

Lá na Ponta Grossa, muitas casas já tinham azulejo na fachada e aí quando Sandoval fez as praças com azulejo também era normal para os moradores, todo mundo que podia, tinha reformado a casa. A minha mãe mesmo, tinha feito uma reforma grande na casa e colocado uma parede de cobogós de

louça azul na varanda e o piso era de marmorite. Ela também fez a varanda de laje de concreto. [...] Havia quem achasse bonito e também quem não gostava muito dos “S” nas praças, mas sem dúvida, na Ponta Grossa as praças eram a única forma dos moradores se sentirem representados pela classe política da época, antes não tinha esse sentimento, mas depois, as praças eram os lugares preferidos do povo, todo mundo ia no fim de semana, passear. A Ponta Grossa cresceu muito na época de Sandoval, minha mãe e meu avô que eram os cabos eleitorais de Sandoval para a família ficaram muito felizes com as mudanças na Ponta Grossa, viviam dizendo... Eu não disse que esse homem ia mudar as coisas por aqui. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

As praças da “Cidade Sorriso” eram os lugares onde se encontravam os grupos jovens para mostrar a roupa nova comprada para o passeio, as mulheres faziam grupos e os rapazes em outro local admiravam as “belas” e seus novos vestidos. Nos fins de semana iam ao cinema Lux e depois se encontravam nesses locais. As pessoas não precisavam mais ir para o centro nos fins de semana em busca de divertimento, os moradores da Ponta Grossa iam às praças do bairro, andavam nas ruas calçadas e se encontravam nos pequenos comércios que as praças trouxeram para os seus entornos.

A Ponta Grossa mudou muito depois das praças de Sandoval, as praças eram muito utilizadas para tudo, tudo era nas praças, festa, pastoril no fim do ano, Carnaval, forró no São João. Nos fins de semana tinha o encontro dos jovens de tarde, todo mundo de roupa nova para a paquera. As moças ficavam juntas num banco e os rapazes em outro. A programação era ir para o Lux assistir a matinê e depois ir tomar sorvete e passear na praça. (FERREIRA, 84 anos, 2020, informação verbal).

Portanto, a Ponta Grossa teve sua autoestima elevada por essas obras de Sandoval Cajú, o espírito de renovação era sentido na população que habitava o local, circulava nas ruas e praças, e que logo se acostumou com as mudanças na morfologia da paisagem do bairro.

Embora mais simples que as praças entregues pela gestão do prefeito no Centro ou em bairros como o Farol – locais nobres da cidade no período de sua gestão – as praças da Ponta Grossa apresentam sua indelével assinatura em seus elementos constituintes, firmando-se como representantes de trocas e pactos entre o discurso populista do prefeito e o entendimento popular enquanto construção e reverberação com vistas ao novo, ao futuro e à inclusão daquela comunidade nos anos de 1960.

A administração de Sandoval Cajú frente à prefeitura de Maceió foi, entretanto, entendida e revista por estudiosos e opositores apenas como confirmação do que já se esperava, na medida em que compactuava, de certa forma, com a

estrutura política vigente, e apenas se diferenciava de outras gestões anteriores, no discurso, na propaganda e na logística.

Não obstante, no bairro da Ponta Grossa, estabeleceu-se a afirmação popular apesar de não significarem melhorias na estrutura econômica ou na forma de concentração de renda da população de bairros de periferia, que apenas “imaginavam” viver um progresso real, mas na verdade, continuou em situação de atraso cultural, “maquiado” por um discurso de convencimento, alicerçado pelas mesmas práticas sociais tradicionalistas típicas da cultura política alagoana.

Assim, dos sentimentos de aprovação ou reprovação que essas arquiteturas suscitaram, destacam-se, na maioria dos depoimentos coletados, a assimilação e consequente confirmação da essência populista de Sandoval Cajú. Os entrevistados, ao mencionarem o político, sempre o fazem, destacando a forma diferenciada do empreender e governar do mesmo, que enfrentou as associações constituídas entre as forças políticas e econômicas em atividade no estado de Alagoas e em sua capital, Maceió nos anos 1960, contudo, sem se afastar de enquadramentos direitistas.

Os depoimentos salientam o compromisso estabelecido entre o político e a população, evidenciando que Sandoval Cajú acreditava em si mesmo ou na “persona” que criou, realizando o que supunha de melhor para o bairro naquele momento. Como enfatiza Edberto Ticianeli, em parte do seu depoimento quando fala do político, dos “S”, da Cidade Sorriso, da gestão de Sandoval Cajú e do porquê da sua cassação política, realizada pelo regime militar em 1964:

Acho que a palavra que poderia mais definir, talvez seja, espirituoso. Ele tinha grandes sacadas, era bem-humorado, ele era aquele tipo que contestava e ele brincava com as palavras, gostava de um palavreado mais elaborado [...] Então ele tinha isso, mas ele era uma pessoa assim, era contundente quando tinha que criticar. Eu acho que o Sandoval Cajú faz parte de uma relação de políticos que nasceram a partir de personagens criadas em torno dele. Não só ele. Marreco foi a mesma coisa e outros [...] Então, Sandoval, ele, o radialista, quando ele faz aqueles programas de denúncia, de contundência, ele faz um personagem. É que nem Siqueira Júnior agora na televisão. O cara vive um personagem. O Ratinho é um personagem... Acho que o Sandoval Cajú faz parte dessa relação de lideranças políticas que surgiram em torno do verdadeiro Sandoval Cajú [...] você conversando sozinho com ele, você percebia que existia uma pessoa tranquila, entendeu? Que elaborava mais as ideias, sem muito rompantes, nem tiradas etc. Então eu acho que o Sandoval Cajú era desse tipo. A imagem que ele me passou foi essa.

Dos “S”. Quem chamou a atenção pra os “S” não foi nem a gente. A gente via naturalmente aquilo, aquilo era normal, mas a oposição a criticá-lo, por ele usar esses “S” como propaganda, ele não podia ter feito. Ele tava

urbanizando praças e ao mesmo tempo construindo peças publicitárias permanentes do seu nome. Então isso gerou uma polêmica em Maceió na época. [...] Nesse período, do final dos anos 50 ao início dos anos 60, havia um discurso da UDN, que era combater o populismo, populismo. Muniz Falcão[...] que era populista. Muniz Falcão, Getúlio Vargas. Aqui em Maceió, Marreco. Ou seja, todo aquele que tinham votos, muitos, por suas ligações com o povo os militares e os [não entendido] começaram a bombardeá-los. [...] Eles começaram a perseguir os chamados populistas. No fundo eles diziam: “só fica com a gente quem só vai ter voto se a gente der. Quem fizer voto próprio, porque são populistas, nós vamos eliminar”. Isso foi feito claramente sem nenhum problema. Entendeu? Eles eliminaram mesmo politicamente. [...], mas o Sandoval foi vítima desse processo. Entendeu? Não porque ele era corrupto. Ele era desorganizado. Eu nunca ouvi dizer que ele era ladrão. Toda a informação que eu tive é que ele era assim. Ele pegava um pedaço de papel e mandava assim: “Pague mil reais a fulano” e mandava pro tesoureiro da prefeitura. Ele era desorganizado, mas ele conseguia botar a cidade pra funcionar. Pronto Socorro... Ele chegou no Pronto Socorro, tinha um médico criando problema, ele botou o cara pra fora na hora. Mandou botar outro. Entendeu? Não tinha processo ali administrativo. Ele era bagunçado mesmo, ele era o cara que dizia: “Nós vamos fazer”. E do jeito dele deu certo, porque quando ele sofreu os ataques, ele era muito bem visto pela população. [...] Ele fez uma boa gestão. O Sandoval foi um revolucionário. Até essa visão da praça como espaço mais privilegiado, pra passeio etc., já tava morrendo, porque é uma coisa que os urbanistas têm que... Já tem gente estudando isso, mas as praças tão sofrendo uma reutilização, no sentido de... Não tem mais aquela praça dos casais passeando de mãos dadas etc. A violência acabou com isso. As praças eram próximas de áreas de moradia. (TICIANELI, 66 anos, 2020, informação verbal).

Portanto, a importância das arquiteturas de Sandoval Cajú para o bairro, está principalmente ligada, como foi visto nos depoimentos coletados pela pesquisa, nas mudanças imediatas que estas provocaram no cotidiano do bairro, como também na relação estabelecida entre esses exemplares do modernismo alagoano ligados ao populismo com os ideais de progresso que aquela população apresentava nos anos de 1960.

Os pactos estabelecidos entre as praças e a comunidade, se sobrepõem a análises estéticas ou estilísticas, e se estabeleceram em três principais pilares: o **desejo** de melhores condições de vida presentes naquele momento; a **alegria** e o entusiasmo por um futuro melhor e a **gratidão** pela resposta do político aos votos a ele destinados pelos moradores do local. Identifica-se que foram as praças, as expressões que se configuraram como resposta da população à crença de que aquele político poderia significar a melhor opção para o bairro no contexto da época. Assim, as memórias dos entrevistados sobre aquele período, naquele local e contexto, estão ligadas a sentimentos afirmativos e positivistas de contentamento.

Desta forma, através de atravessamentos entre esse sentimento de pertencimento e as praças, se delinearam as lembranças dos depoentes, que durante

as entrevistas citaram a figura política de Sandoval Cajú, como confinante aos moradores do local.

Mesmo os que não achavam as praças de suma importância para o bairro e que o político deveria ter se atido a obras de infraestrutura, ou os que acharam os “S” de Sandoval exagerados, até mesmo esses, não deixaram de observar as mudanças significativas que Sandoval Cajú empreendeu na paisagem do bairro em apenas três anos de mandato frente à prefeitura de Maceió.

Essas lembranças constituídas são importantes arcabouços para a historiografia enquanto revelam lembranças e esquecimentos como um mecanismo de percepções imediatas que ocupam, segundo Bosi (1998, p. 47) o “espaço todo da consciência. [Portanto], a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”, definindo o que de importante ficou desses acontecimentos. A alegria, a gratidão que afloram desses depoimentos “de homens comuns”, dos fatos cotidianos, das recordações pessoais que instituem o ser social, são entendidos como memória coletiva daquela comunidade (LE GOFF, 1990) que através das relações estabelecidas com as praças, evocava melhores condições de vida e vislumbrava a modernidade e conseqüentemente, “procurava salvar o passado para servir o presente e o futuro.” (LE GOFF, 1990, p. 477).

Os esquecimentos sobre alguns aspectos presentes nessas arquiteturas e seus entrelaçamentos políticos, culturais e sociais podem ser examinados, justamente quando analisados os depoimentos coletados, sob a ótica de Ricoeur (2007), observando as quebras de memória e o modo como imagens memoráveis se instituem como fragmentos que vão, finalmente, encontrar medidas de pertencimento no fazer-se ou revelar-se história.

Nesse caso, os esquecimentos que apagam fatores negativos, são provindos do sentimento exultante de pertencimento e felicidade com que a maioria dos entrevistados e conseqüentemente a comunidade do bairro recebeu aqueles espaços, naquela temporalidade, diante da realidade que vivia. As relações estabelecidas entre os atores desse processo e as interligações entre sentimentos e paisagem estabelecidas, formataram lembranças felizes e vibrantes de modernidade. (LARA, 2018).

Assim, podemos examinar as memórias coletadas dos moradores do bairro, como sensibilidades do corpo que agem como mecanismos para formatação das lembranças, com infere Ricoeur (2007, p. 423): “O que é lembrado está profundamente ligado e, portanto, expressa o que foi incorporado e registrado pelo corpo”. As memórias seriam, portanto, provenientes dos embates constantes entre o que é vivido com o que é sentido ou sensibilizado. O esquecimento seria então o que o corpo não registra ou o que prefere não registrar.

As praças de Sandoval Cajú na Ponta Grossa, se constituíram, lugares de memória para a comunidade, estando presentes em suas falas e em suas lembranças como promessas que foram de um tempo de crença no novo, e como abertura de um horizonte para o futuro “moderno”, vivenciado, mas que infelizmente foi interrompido dentro daquelas prerrogativas, por fatos políticos ligados a estrutura econômica e cultural enraizada na política local.

Deposto do cargo de prefeito em 1964 sem motivo aparente, entendido por Cajú como um complô das forças políticas locais para impedi-lo de se candidatar ao governo do estado e, portanto, abandonado por companheiros de política, Sandoval nunca conseguiu se eleger para qualquer outro cargo público, talvez porque, como a arquitetura de suas praças, seu discurso repleto de chavões e frases de efeito tenha se tornado datado, longe dos padrões estabelecidos pelas lideranças políticas que o sucederam, e, dessa forma, não condizente com os caminhos traçados para Maceió: “Seus sucessores empenham-se ativamente em afastar da paisagem da cidade as marcas personalistas de sua gestão empunhando as bandeiras da moralidade política.” (SILVA, 1991, p. 246).

O fato é que as gestões seguintes estavam mais preocupadas em esconder e retirar o “S” de Sandoval das praças do que de dotar esses espaços de novos equipamentos que fizessem com que a população continuasse ocupando esses locais.

A Ponta Grossa dos anos 1970, continua crescendo em número absoluto de moradores, até os anos 2010, quando o bairro começa a ter números menores de moradores que, estimulados pelos novos vetores de crescimento da cidade, se mudam para outros bairros, e assim, sua população decresce e envelhece.

As praças receberam sucessivas “releituras” que se ativeram, principalmente, na pintura de seus equipamentos, procurando esconder ou “escamotear” a simbologia discursiva presente nos conjuntos. Muito do repertório arquitetônico de Sandoval Cajú se perdeu pelo mau uso ou pelas inúmeras tentativas de “soterramento” a que foi submetido por anos de descaso por parte do poder público. Dessa forma, citamos Silva (1991, p. 246) quando afirma: “Assim, essa arquitetura identifica pactos políticos e anseios solidários no rumo do novo, e poderia ser mantida enquanto testemunha viva de pedaços de uma história acontecida se fosse descartada uma visão maniqueísta da memória”.

O esquecimento a que esses logradouros foram expostos pelas gestões posteriores à Cajú, são inversos ao sentimento que foi observado nos depoimentos coletados pela pesquisa, neles, as praças permanecem na memória das pessoas de forma quase poética, como já foi dito anteriormente, como o lugar onde em um período de tempo, essas pessoas experimentaram a modernidade.

As possíveis críticas negativas ao discurso populista da “Cidade Sorriso” transformado em arquitetura, ou o que essas falas possam conter de adverso, se desfazem na medida em que os relatos produzem e espelham significados concretos de afirmação quanto à representatividade desse epíteto e o que pode ser analisado de seu arcabouço formal e simbólico.

As arquiteturas das praças, quando relacionadas com o período em que foram produzidas, em sua estrutura formal e morfológica, nos temas regionalizados que expressam seus elementos, traduzem fielmente o discurso do prefeito enquanto estabelecem relações com os ideais daquela comunidade, desejosa de modernidade. O círculo se fecha quando voltamos para os conceitos fundantes desta pesquisa e fazemos as associações necessárias entre objetivos, metodologia e conceituação, com efeito, para a decodificação destas prerrogativas no objeto de estudo e como essas se alinham as reflexões expostas em concordância com a temática levantada, contextualizada e expressa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um longo caminho percorrido desde a Maceió da Republica, até o bairro da Ponta Grossa nos anos 1960, guiado pela perspectiva da modernidade revisada sob vários aspectos, responsáveis pelo delineamento da “Cidade Sorriso” de Sandoval Cajú e as praças produzidas em sua gestão no referido bairro, percebeu-se, sob vários pontos de vista relacionados com o tema, que os elos e conexões que unem lugares e lembranças de pessoas são bases que podem abarcar significados, temporalidades e historicidades.

Incorporadas no contexto histórico como concretização do discurso populista desenvolvido pelo político, as praças entregues à população da Ponta Grossa, apesar de enquadradas, a priori, como lócus de *marketing* pessoal devido a simbologia personalista e estrutura de seus elementos constituintes, estabeleceram importantes relações com a comunidade e constituíram relevantes e novas paisagens, enquanto instituíram-se lugares de memória e, por conseguinte, memória coletiva do bairro. A memória seria, nesta perspectiva, vista como referência ou instituída como particular apropriação de territórios.

Portanto, verifica-se que, se alicerçadas pelas lembranças dos moradores do bairro como marcos constituídos de representatividade, essas arquiteturas foram vetores da modernidade tanto almejada e deseja por aquela comunidade. Se entendidas não somente observando-se suas características estéticas e construtivas ligadas ao modernismo popular, mas o que representaram como fonte de novas perspectivas de vida para o cotidiano daquelas pessoas.

Se examinadas através dos registros de vivências, expostos nos relatos de moradores do bairro à época, suas sensações e sentimentos, as praças representaram uma quebra concreta no cotidiano da Ponta Grossa, sendo responsáveis por profundas mudanças de paradigmas, enquanto propuseram novos vínculos entre pessoas, o meio sociocultural e a estrutura presente em ruas e entornos destes locais.

Os depoimentos expõem um enredo de significados, apropriações cotidianas e registram, sobretudo, um sentimento coletivo que relaciona as praças criadas ou reformadas no “tempo de Sandoval”, às casas que já eram construídas ou

reformadas na Ponta Grossa desde os anos 1950, que também eram revestidas de azulejos e cobogós pela mesma busca, daquela comunidade heterogênea, vinda do interior do estado ou nascida no próprio bairro, por dias melhores de vida e ascensão social.

A esse ponto pretende-se sintetizar focalizando três pontos-chaves que vão indicar os entrelaçamentos encaminhados por essa pesquisa: o que significava modernidade para aquelas pessoas; como se deu o contato com o modernismo popular ou modernismo possível naquele local e ainda; e como se estabeleceu o contato ou ainda, como foi recebido o discurso populista de Sandoval Cajú transformado em arquitetura.

O modernismo simbólico na "Cidade Sorriso" é resultado da assimilação e apropriações do vocabulário modernista clássico, disseminado e reverberado pelas políticas desenvolvimentistas de 1950, e constituíram importantes marcos regionalizados com simbologias e feições próprias, expostos a realidades econômicas e estruturais e, portanto, se revelando em apropriações locais.

Produzido por práticos, apresentam uma engenhosa reflexão do modernismo academicista, porém examinam outros conhecimentos e saberes, que se interpõem entre a concretude e a simbologia, redimensionando essas arquiteturas. As praças em questão, portanto, se instituíram entre o populismo e o popular enquanto representatividade dessas instâncias.

As reflexões propostas sobre as arquiteturas de Sandoval Cajú e as relações estabelecidas entre essas paisagens com a população do bairro da Ponta Grossa nos anos 1960, examinam, a partir do arcabouço metodológico experimentado, evidências para afirmação desses locais como lugares de memória, a partir das falas de entrevistas além de pesquisa de documentos para instituição desse intento e, portanto, representativo para a memória coletiva do bairro.

A partir do que foi exposto acima, a pesquisa desenvolveu considerações importantes para a construção de um pensamento sobre o legado modernista-populista de Sandoval Cajú, no bairro da Ponta Grossa, alicerçado principalmente em entrelaçamentos entre o tempo, a história e a memória.

Desta forma, foram formalizadas as várias camadas e interposições que constituem instâncias conceituais para o entendimento da representatividade dessas

arquiteturas para a comunidade do bairro e para a cidade, como promotoras de apropriações cotidianas e representantes de um sentimento de pertencimento que relaciona a paisagem com o novo e com a esperança de dias melhores.

Perguntas ainda podem ser propostas como desdobramentos para uma possível extensão da pesquisa. Como a academia se relaciona com a produção de arquitetura popular no Brasil? Como nomear as arquiteturas de Sandoval Cajú, Arquiteturas modernistas populares-populistas? Que desdobramentos essas arquiteturas trouxeram para à produção contemporânea de espaços públicos em Maceió? A Ponta Grossa seguiu buscando alcançar novas modernidades ou contentou-se com a que Cajú lhe esbanjou?

Enfim, existem questões que podem ser aprofundadas em outras oportunidades, através de outros olhares e perspectivas diversas. O universo de desdobramentos desse objeto de estudo é significativo e pode propor múltiplos olhares e outras perspectivas.

O fato é que, após deposto do cargo pelo regime militar, sem justificativa aparente, Sandoval Cajú, tomou-se um homem ressentido, voltou-se para a literatura, e para a família, foi candidato ainda uma vez a deputado estadual, mas nunca mais foi eleito. Os moldes de seu discurso populista tornaram-se distantes do que se esperava de um político contemporâneo, como as arquiteturas por ele entregues em sua gestão nos anos 1960, foram (e estão) considerados datados e ingênuos. Fora de moda.

A profusão de recursos estilísticos presentes nessas arquiteturas, o azulejo, o marmorite, o concreto pintado e o conteúdo simbólico foram embuçados por seus sucessores na política. Até finalmente serem soterrados por novas “camadas e camadas e camadas” de massa corrida tinta e concreto.

Hoje, ao se visitar umas das praças reformadas por Sandoval Cajú no centro da cidade,(Figura 72) ou ao se percorrer a Ponta Grossa, a pé, tem-se uma sensação de abandono (Figura 73) . As vias, algumas ainda com o calçamento ou mesmo praças executadas pelo político, apresentam-se longe do ideal de “formosura” propalado pelo seu envolvente discurso. Esses espaços públicos não sorriem mais, talvez tenham lhes caído os ‘dentes’ que embelezavam o sorriso, e talvez por isso mesmo, permaneçam agora, calados. Em “S”íntese: os sorrisos foram “S”oterrados, “S”emi

apagados, "S"ilenciados... Entendidos os 'dentes' aqui como o anseio à plenitude da Modernidade. Mas, afinal, onde esteve a Modernidade almejada? No discurso ou no construído no bairro sob a sua tônica?

Figura 72: Situação atual da fonte na Praça Sinimbu, localizada na região central de Maceió, reformada por Sandoval Cajú durante sua gestão.



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 73: (a) detalhe de banco circular na Praça Santo Antônio – Ponta Grossa; (b) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, onde observa-se o banco com encosto pintado de vermelho e os caminhos com jardineiras altas pintadas em verde; (c) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, onde observa-se jardineira circular alta com “S” semi soterrado; (d) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, banco sem encosto destruído; (e) e (f) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, banco com encosto e detalhe do estado atual deste equipamento; (g) Praça Santa Teresa – Ponta Grossa, detalhe do ponto de ônibus pintado em azul; (h – k) estado atual de algumas construções nos arredores da Praça Santa Teresa – Ponta Grossa.





Fonte: Acervo pessoal, 2019, 2020,2021

REFERÊNCIAS

AMARAL, Vanine Borges. **Expressões arquitetônicas da modernidade em Maceió**: uma perspectiva de preservação. Maceió: FAPEAL: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

_____. **Expressões arquitetônicas da modernidade em Maceió**: uma perspectiva de preservação. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2009.

AZEVEDO, Myllena Karla Santos. **As praças da gestão Sandoval Cajú na “Cidade Sorriso”**: Maceió, Alagoas, 1961-1964. 2018. 207 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

BARROS, Elinaldo. **Recordações de um cinema de bairro**. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas – EDUFAL, 1987.

BARROS, José D’Assunção. **Memória e história**. Rio de Janeiro: Editora Celta, 2007. *E-book Kindle*.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Coleção Obras Escolhidas, v. 1).

BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. Arquiteturas da recordação e do esquecimento: por um reconhecimento das manifestações modernas soteropolitanas. *In*: ARQUIMEMÓRIA: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO, 4., 2013, Salvador. **Resumos** [...]. Salvador: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2013, p. 33.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **A escrita da história – novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1991.

CAJÚ, Sandoval. **O Conversador**: memórias. 2. ed. Maceió: Serviços Gráficos de Alagoas S/A – SERGASA, 1991.

_____. **Poesia despida**. 3. ed. Maceió: [s.n.], 1963.

_____. **Sonhos e pesadelos**: poesias. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL, 1986.

CAMARGO, Monica Junqueira de. **Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke**. 2000. 208 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)

- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto. Desafios da imagem: cartões postais como fonte na pesquisa histórica. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO*, 1., 2000, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: [s. n.], 2010. p. 1-33.

CAMUS, Albert. **A peste**. São Paulo: Editora Record, 2005.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CARDOSO, Maria José. Depoimento [mar. 2016]. Entrevistadora: Josemary Omena Passos Ferrare. Maceió: Ministério da Cultura: IPHAN, 2016. 1 arquivo .doc. (6 páginas). Entrevista concedida para o IPHAN e faz parte do Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC.

CARVALHO, Rafaela Cristina dos Santos. **A Proposta de salvaguarda das Unidades Especiais de Preservação (UEPs) de Maceió: uma avaliação após 11 anos de instituição do instrumento urbanístico**. 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2017.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia** (FGV de Bolso). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. *E-book Kindle*. (Coleção FGV de bolso).

CAVALCANTE, Regina Barbosa Lopes. **A preservação do Cemitério Nossa Senhora da Piedade como patrimônio para Maceió/AL**. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2013.

CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)**. São Paulo: Editora Jorge Zahar, 2006. *E-book Kindle*.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. 2. ed. Maceió: Serviços Gráficos de Alagoas S/A – SERGASA, 1981.

DEFESA do nosso patrimônio artístico e histórico. **O Jornal**. Rio de Janeiro: [s. n.], 30 out. 1936.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo e identidades**. São Paulo: Autêntica Editora, 2017. *E-book Kindle*.

DIEGUES JUNIOR, Manuel. Evolução urbana e social de Maceió no período republicano. *In: COSTA, Craveiro*. Maceió. 2 ed. Maceió: Serviços Gráficos de Alagoas S/A – SERGASA, 1981. p. 197-219.

_____. **O engenho de açúcar do Nordeste: documentário da vida rural**, n. 1. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico IBGE, 1952.

DUARTE, Rubens de Oliveira. **Orla lagunar de Maceió: apropriação e paisagem.** 2010. 190 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2010.

FERNANDES, Almira Gouveia Alves. Depoimento [out. 2020]. Entrevistador: Henrique Eugênio de Carvalho Gomes. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2020. 1 arquivo .mp4 (50 min). Entrevista concedida para a pesquisa sobre o bairro Ponta Grossa.

FERNANDES, Rosenita Gomes. Depoimento [out. 2020]. Entrevistador: Henrique Eugênio de Carvalho Gomes. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2020. 1 arquivo .mp4 (69 min). Entrevista concedida para a pesquisa sobre o bairro Ponta Grossa.

FERRARE, Josemary Omena Passos. Permanências modernistas na Praça Sinimbu - Maceió: em análise e proposta de preservação. *In: DOCOMOMO N - NE, 2.*, 2008, Salvador. Anais [...]. Salvador: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2008. p. 1-17.

_____. O palacete dos Machados. *In: Projeto de restauro do prédio do Museu Théo Brandão.* Maceió: FAU-UFAL, 1999.

_____. **Traçados modernistas e popular em equipamentos urbanos de Maceió:** a experiência da gestão Sandoval Cajú. Maceió: FAU-PPGAU, UFAL, 2018. (PPT – material didático).

FERRARE, Josemary et al. **Inventário do Patrimônio Arquitetônico em Porto de Pedras - Alagoas.** Maceió: FAU-UFAL/PROEX, 2005. (Projeto de Extensão).

_____. **Inventário do Patrimônio Arquitetônico no município de VIÇOSA – ALAGOAS.** Maceió: FAU - UFAL. 2012. (Projeto de Extensão - Etapa 1).

_____. **Mapeamento do acervo arquitetônico:** registro e memória de São José da Laje. Maceió: FAU-UFAL/PROEX, 2018. (PROJETO DE EXTENSÃO- ETAPA 1)

FERRARE, Josemary Omena Passos; LEÃO, Tharcila Maria Soares. As praças como símbolos da modernidade os projetos de Rosalvo Ribeiro durante a Era Maltina (1900-1912) em Maceió -AL. *InSitu*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 133-153, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/situs/article/view/453>. Acesso em: 23 maio. 2020.

FERREIRA, Rogério Henrique Gomes. Depoimento [mar. 2020]. Entrevistador: Henrique Eugênio de Carvalho Gomes. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2020. 1 arquivo .mp3 (76 min). Entrevista concedida para a pesquisa sobre o bairro Ponta Grossa.

FERREIRA, Rogério Henrique Gomes. Depoimento [ago. 2020]. Entrevistador: Henrique Eugênio de Carvalho Gomes. Maceió: Universidade Federal de Alagoas,

2020. 1 arquivo .mp3 (65 min). Entrevista concedida para a pesquisa sobre o bairro Ponta Grossa.

FORTES, Cynthia Nunes da Rocha. **Um porto atlântico colonial da América Portuguesa**: a participação de Jaraguá na formação do território alagoano e na gênese da cidade de Maceió. 2018. 390 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

GOMES, Henrique Eugênio de Carvalho; FERRARE, Josemary Omena Passos. Memórias de equipamentos públicos nos bairros da Ponta Grossa e Rio Novo – Maceió/AL a partir de percepções e representações da “Cidade Sorriso” idealizada na gestão do prefeito Sandoval Cajú (1961-1964). *In*: SIMPÓSIO CIENTÍFICO ICOMOS – BRASIL, 4., 2020, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ICOMOS - BRASIL: IEDS, 2020.

GOMES, José Esdras Ferreira. Depoimento [set. 2020]. Entrevistador: Henrique Eugênio de Carvalho Gomes. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2020. 1 arquivo .mp4 (77 min). Entrevista concedida para a pesquisa sobre o bairro Ponta Grossa.

GUIMARAENS, Dinah; CAVALCANTI, Lauro. **Arquitetura kitsch suburbana e rural**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HOLANDA, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**: censo demográfico 1950 / sinopse - população residente. 1950. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**: censo demográfico 1960 / sinopse - população residente. 1960. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**: censo demográfico 1970 / sinopse - população residente. 1970. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**: censo demográfico 2000 / sinopse - população residente. 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**: censo demográfico 2010 / sinopse - população residente. 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

IVO JUNIOR, Floriano. **Crônicas e depoimentos**. 2. ed. Recife: Editora de Pernambuco, 1992.

LARA, Luiz Fernando. **Excepcionalidade do Modernismo brasileiro**. Organizado por Abílio Guerra, Luiz Fernando Lara e Silvana Romano Santos. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2018.

LEÃO, Tharcila Maria Soares. **Urbanizar a vegetação: o ideário dos agentes construtores da Maceió – AL no século XIX**. 2018. 323 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LE VEM, Michel Marie et al. História Oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (Org.). **Os desafios contemporâneos de História Oral – 1996**. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

LINDOSO, Dirceu Accioly. **Uma cultura em questão: a alagoana**. Maceió: Editora de Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL, 1981.

_____. **Interpretação da província**. Maceió: Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas – SECULT, 1985. (Cadernos de cultura, n. 2).

LUCCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura moderna e brasileira: o constructo de Lúcio Costa como sustentação. **Arquitextos**, São Paulo, ano 6, n. 063.07, Vitruvius, set. 2005. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/437>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MATTOS, Melissa Laus; AMORA, Ana Maria Gadelha Albano. Arquitetura moderna no Brasil para além dos centros. **CADERNOS PROARQ**, Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Rio de Janeiro, v. 35, p. 105-119, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTEIRO, Juliana Aguiar Cavalcante. **“Protorracionalismo” em Maceió: um panorama urbano da Maceió de 1934 a 1959**. 2018. 217 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2018.

NASCIMENTO, Bárbara Thomaz Lins do. **A imagem do lugar e seus reflexos: um estudo do bairro da Levada.** 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In: Les liex de Mémoire.* Paris: Editions Gallimard, 1984. p. 18-42.

OHTAKE, Ricardo. **Oscar Niemeyer.** São Paulo: Publifolha, 2007.

OLIVEIRA FILHO, Pedro Cabral. Depoimento [set. 2020]. Entrevistador: Henrique Eugênio de Carvalho Gomes. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2020. 1 arquivo .mp4 (105 min). Entrevista concedida para a pesquisa sobre o bairro Ponta Grossa.

OLIVEIRA JUNIOR, José de. **É subúrbio isso aqui: urbanidade e memória dos moradores do bairro de Ponta Grossa – Maceió – Alagoas.** 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, 2009.

ORWELL, George. **1984.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PEIXOTO, Fábio Costa. A metrópole e a patrimonialização do território: a análise dos bairros de Santa Tereza (Rio de Janeiro) e Alfama (Lisboa). **Revista Tamoios**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 58-75, jul. 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos LEPAARQ: Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, Pelotas: Editora da UFPEL, v. II, jul./dez. 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Editora Vértice, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significação na História Oral: a pesquisa como um experimento de igualdade. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.

REVISTA GRACILIANO. Sandoval Cajú: o personagem, o povo e a cidade. Maceió: CEPAL: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, ano IV, n. 8, abr./mai. 2011. ISSN 1984-3453. Bimestral.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. Architecture et narrativité. **Urbanisme**, n. 303, p. 44- 51, nov./dec. 1998.

RIO, Vicente del; GALLO, Haroldo. O legado do urbanismo moderno no Brasil: paradigma realizado ou projeto inacabado?. **Arquitextos**, São Paulo, ano 1, n. 006.05, Vitruvius, nov. 2000. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.006/958>. Acesso em: 07 jan. 2021.

ROMÃO, Viviane da Silva; SANTOS, Alexandre Felipe de Vasconcelos; BADIRU, Ajibolalsau. Ocupação de Maceió traçada desde o Porto de Jaraguá até o Plano Diretor. *In*: GEOALAGOAS - SIMPÓSIO SOBRE AS GEOTECNOLOGIAS E GEOINFORMAÇÃO NO ESTADO DE ALAGOAS, 4., 2016, Maceió. **Anais** [...]. Maceió: [s. n.], 2016. p. 1-14.

SANDOVAL CAJÚ: além do conversador. Direção: Pedro da Rocha. Produção Executiva: Vera Rocha. Maceió: Boca da Noite, Cinema e Vídeo, 2011. 1 vídeo (55 min).

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia – HUCITEC Ltda., 1993.

_____. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 1994.

SÊGA, Christina Maria Pedrazza. O Kitsch está Cult. **Revista Signos do Consumo**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 53-66, 2010. Revista eletrônica da Universidade de São Paulo - USP.

SILVA, Denise Lages Vieira da. **Do arquivo técnico aos álbuns de família: o morar no bairro do Farol na Maceió dos anos 1940 e 1950**. 2017. 270 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2017.

SILVA, Maria Angélica da. **Arquitetura moderna: a atitude alagoana**. Maceió: SERGASA, 1991.

SOUZA, Júlio Cesar Oliveira de. Onde moram os pobres na cidade? A produção de espaços informais na cidade de Maceió, Alagoas. **Revista OKARA: Geografia em debate**, João Pessoa: DGEOC/CCEN/UFPB, v. 9, n. 3, p. 363-379, 2015. Disponível em: <http://www.okara.ufpb.br>. Acesso em: 18 ago. 2020.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A metamorfose das oligarquias**. Curitiba: HD Livros, 1997.

TICIANELI, Edberto. Depoimento [out. 2020]. Entrevistador: Henrique Eugênio de Carvalho Gomes. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2020. 1 arquivo .mp4 (80 min). Entrevista concedida para a pesquisa sobre o bairro Ponta Grossa.

_____. Maceió, os primeiros anos de sua história. **Memória Urbana**. [Maceió]: [s. n.], 5 dez. 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/maceio-e-os-primeiros-anos-de-sua-historia.html>. Acesso em: 18 ago. 2020.

_____. História dos bondes elétricos em Maceió. **Memória Urbana**. [Maceió]: [s. n.], 9 set. 2019. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/historia-dos-bondes-eletricos-em-maceio.html>. Acesso em: 18 ago. 2020.

_____. Moleque Namorador, o Rei do Passo. **Memória Urbana**. [Maceió]: [s. n.], 20 jan. 2016. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/moleque-namorador.html>. Acesso em: 18 ago. 2020.

_____. Vergel do Lago, dos sítios até a Virgem do Pobres. **Memória Urbana**. [Maceió]: [s. n.], 6 ago. 2018. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/vergel-do-lago-dos-sitios-ate-a-virgem-dos-pobres.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VÁZQUEZ RAMOS, Fernando Guillermo. Desafios para a preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico modernos em São Paulo: o Docomomo no início do século 21. **Arquitextos**, São Paulo, ano 19, n. 219.00, Vitruvius, ago. 2018. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.219/7039>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ZUFFO, Élda Regina de Moraes. **Pioneiros modernos**: verticalização residencial em Higienópolis. 2009. 300 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Guia de entrevistas e entrevistados

Foram realizadas para essa pesquisa 7 entrevistas de história oral temática dessas entrevistas apenas 1 foi realizada de forma presencial, as outras 6, devido a pandemia pelo novo Coronavírus e as consequentes medidas adotadas de distanciamento social, se realizaram em encontros de forma remota, como também nos foi preconizado pelo Conselho de Ética em nota recebida junto com a aprovação da pesquisa. As entrevistas foram gravadas em vídeo e posteriormente transcritas para depois serem extraídos os trechos que estão presentes nesse trabalho de pesquisa.

Os entrevistados foram escolhidos a partir de uma rede de contatos que foi estabelecida aleatoriamente, somente foi observado que essas pessoas deveriam ter residido no bairro entre as décadas de 1950 a 1970, com o intuito de estabelecer um panorama da vida cotidiana do bairro da Ponta Grossa um pouco antes da construção das praças, o período de campanha do então candidato Sandoval Cajú e sua gestão frente à prefeitura de Maceió entre os anos de 1961 a 1964, como também buscando informações de como esses espaços tão significativos para o local foram vetores de mudanças de hábitos e de usos de seus entornos e configurações adquiridas pelo bairro afim de entender o confronto desses espaços com esses moradores.

Essas adequações visaram principalmente entrecortar as possíveis demandas de entrevistados que não poderiam ter entrevistas registradas nesse momento.

As entrevistas foram realizadas mediante consentimento prévio dos entrevistados e a partir de um roteiro aberto onde algumas perguntas-chaves podem ser redirecionadas ou modificadas com a finalidade de extrair depoimentos significativos e histórias de vida que além de contribuir para o êxito do que essa pesquisa pretende, expor fatos historiográficos do local num sentido amplo entendendo que as informações colhidas são fontes de relevância para a instituição da memória coletiva dos moradores da Ponta Grossa no período recorte, (1950- 1970) e a relevância para esses, das praças do prefeito Sandoval Cajú como representantes, enquanto lócus, dos anseios de modernidade que a comunidade do bairro apresentava na época.

A presença das praças como motor para a mudança de costumes cotidianos, constituindo variadas formas de associações e novos modos de socializações, presentes nas lembranças e nos esquecimentos dos entrevistados constituindo um mosaico dinâmico representativo das relações estabelecidas entre o espaço, a comunidade e o tempo, instituindo territórios e sedimentando o ser social.

Foram observadas as memórias dos entrevistados como também seus esquecimentos como uma instancia móvel e sempre em mutação que irá determinar o que realmente transborda e constitui história, como também as diferentes camadas dessas memórias que instituídas de lembranças, historicidades e temporalidades.

O Guia de perguntas estabelecido foi o seguinte:

O Guia de Perguntas

Projeto: MEMÓRIAS DE PRAÇAS DO BAIRRO DA PONTA GROSSA - MACEIÓ/AL:
o discurso populista transformado em arquitetura na "Cidade Sorriso" idealizada na
gestão do prefeito Sandoval Cajú (1961-1964)

Autor: Henrique Eugênio de carvalho Gomes

Orientadora: Prof. Dr. Josemary Omena Passos Ferrare

- 1- Quando e onde nasceu?
- 2- Qual sua escolaridade?
- 3- Qual sua atividade profissional?
- 4- Poderia me contar um pouco da sua infância?
- 5- Quando veio para a Ponta grossa?
- 6- Porque veio morar no bairro?
- 7- Qual era seu endereço?
- 8- Como era sua casa?
- 9- Sua casa foi reformada em algum momento?
- 10- Porque ela foi reformada?
- 11- Quem participou da reforma?
- 12- O que os vizinhos acharam da reforma?
- 13- O que você achou da reforma?
- 14- Você (o senhor ou a senhora) lembra do período de campanha política de 1961?
- 15- Você (o senhor ou a senhora) lembra de Sandoval Cajú?
- 16- Você (o senhor ou a senhora) foi a algum comício dele?
- 17- Porque foi?
- 18- O que achou?
- 19- Você (o senhor ou a senhora) votou em Sandoval Cajú?
- 20- Sim, porque?
- 21- Não, porque?

- 22-Como era a Ponta grossa antes das praças feitas por Sandoval Cajú?
- 23-Você lembra de Sandoval Cajú no bairro depois da eleição?
- 24-Você frequentava alguma praça em especial?
- 25-Porque?
- 26-Com quem você ia na praça?
- 27-As pessoas do bairro iam nas praças?
- 28-Existiam festas nas praças? Quando?
- 29-Você tem recordações de algo que aconteceu com você nas praças?
- 30-O que você achava da aparência das praças naquela época?
- 31-Como ficaram as praças depois da saída de Sandoval Cajú da prefeitura?
- 32-Você (o senhor ou a senhora) lembra de alguma reforma que foi feita depois nas praças ou em alguma praça?
- 33-Como você (o senhor ou a senhora) vê essas praças hoje?
- 34-Você (o senhor ou a senhora) ainda frequenta as praças hoje?
- 35-Porque?
- 36-Você tem mais alguma coisa a acrescentar a essa entrevista?

Os entrevistados:

Entrevistas gravadas em vídeo com transcrições disponíveis

Almira Gouveia Alves Fernandes, nascida em 24 de agosto de 1936 na ponta grossa, Maceió Alagoas, cursou serviço social na escola da arquidiocese de Maceió, foi professora dessa escola, sendo a primeira assistente social que colou grau em alagoas.

Duração da entrevista – 49min. e 53 s. – 27 de novembro de 2020

Edberto Ticianeli Pinto, nascido em 19 de outubro de 1955 em Pão de Açúcar- AL, graduado em comunicação social pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, com especialização em Marketing, Jornalista e Editor do Portal História de Alagoas.

Duração da entrevista – 01h, 19 min. e 51 s. 21 de novembro de 2020

José Esdras Ferreira Gomes, nascido em 01 de dezembro 1943 em Anadia- AL, graduado em jornalismo. Jornalista registrado no ministério do trabalho, aposentado.

Duração da entrevista – 1h e 17 min. outubro de 2020. 05 de outubro de 2020

Pedro Cabral de Oliveira Filho, nascido em 17 de junho 1956 no Distrito de Fernão Velho, Maceió –AL, graduado em arquitetura e urbanismo pela universidade federal de alagoas, UFAL, foi professor da UFAL e hoje aposentado trabalha como arquiteto, atuando na arquitetura hospitalar e é artista plástico.

Duração da entrevista – 1h, 45min. e 54 s. 10 de outubro de 2020

Rosenita Gomes Fernandes, nascida em 2 de janeiro de 1945, no Bairro do Prado, Maceió- AL, Psicóloga, formada pelo CESMAC, desenvolveu trabalho social como Psicóloga, hoje, aposentada.

Duração de entrevista – 1h e 09 min. 01 de outubro de 2020

Entrevista gravada em áudio com transcrição disponível

Neusa da Silva Santos, nascida em 14 de outubro de 1941, em Maceió – AL, massagista, aposentada do serviço público como faxineira.

Duração da entrevista – 48min. 23 de agosto de 2020

Rogério Henrique Gomes Ferreira, nascido em 16 de setembro de 1937, em Anadia-AL, Professor universitário aposentado, com mestrado pela fundação Getúlio Vargas em Educação, trabalha como artista Plástico.

Duração da entrevista – 2h e 48 min.

APÊNDICE B – As entrevistas

ENTREVISTA - Almira Gouveia Alves Fernandes

Duração da entrevista – 49min. e 53 s. – 27 de novembro de 2020

Henrique: Boa tarde, D. Almira.

Almira: Boa tarde, Henrique.

Henrique: Boa tarde. Eu tô fazendo uma gravação para o meu projeto de pesquisa da Universidade Federal de Alagoas para a dissertação *Memórias das praças do bairro da Ponta Grossa – Maceió a partir de percepções e representações da cidade sorriso idealizada na gestão do prefeito Sandoval Cajú* que foi de 1961 a 1964. Eu tô gravando essa entrevista. Posso gravar, D. Almira?

Almira: Pode sim, não tem problema.

Henrique: Tá, muito obrigado pela entrevista, muito obrigado por esse tempo que a senhora tá dispondo pra gente falar um pouco e conversar um pouco. Eu vou começar a fazer algumas perguntas pra senhora, tá certo?

Almira: Certo.

Henrique: D. Almira, quando foi que a senhora nasceu e onde?

Almira: Eu nasci em 24 de agosto de 1936, na Ponta Grossa, Rua Santo Antônio, 468. Fim da linha do bonde, na Ponta Grossa, onde o bonde virava a linha e voltava pra cidade de novo.

Henrique: Muito bem! Qual a sua escolaridade, D. Almira?

Almira: Eu tenho nível superior, fiz Serviço Social, com muito gosto e prazer!

Henrique: Que bom! A senhora fez na UFAL?

Almira: Não, naquele tempo não tinha UFAL.

Henrique: Certo.

Almira: Era uma escola da Diocese, mas era com todos os direitos cabíveis. Depois foi que eu já estava ensinando na escola quando a escola passou pra universidade.

Henrique: Certo. E a senhora trabalhou algum tempo como assistente social?

Almira: Toda vida. Quando me formei, eu fiz estágio antes rural, o meu trabalho de conclusão de curso foi sobre rural, eu fui da primeira turma da escola. Na época eu fiz um trabalho de conclusão de curso nas margens do Rio São Francisco, no Sumaré e me formei e logo depois de formada, eu fui para o estado. Fui a primeira assistente social a ser nomeada, aliás, fui a primeira assistente social que colocou grau e a primeira

que foi nomeada para o estado. Aí, fui para o departamento de serviço social, onde cheguei a dirigir o departamento até quando casei. Quando casei que vim morar em Arapiraca, aí então tá com 54 anos, então eu continuei trabalhando como assistente social e professora aqui no município de Arapiraca. Aí era sempre na saúde e na educação.

Henrique: Certo. Me fale um pouco da sua infância, D. Almira, no bairro da Ponta Grossa.

Almira: Onde eu nasci, e logo pequena, com meses de nascida nós nos mudamos, mas para a mesma rua. Era uma casa que já era de meus... de minha mãe, aliás das minhas tias, irmãs de minha mãe. Meu pai era marítimo, voltou pro mar e então a gente foi viver com minhas tias, porque ficava melhor pra mamãe, a mamãe só com duas filhas, aí foi viver com as minhas duas tias na mesma rua, número 573 e a minha irmã, eu que era novinha recém-nascida e a mamãe, e as minhas duas tias e meu pai que vinha em casa uma vez por mês, porque ele era marítimo.

Henrique: Ele era o que marítimo?

Almira: Ele era da Marinha Mercante, não era da Marinha de Guerra. Ele viveu toda a Guerra no mar, foi herói de guerra, tudo isso, mas era Marinha Mercante. E aí, no...

Henrique: Só um pouquinho. Quando eu interromper a senhora, é porque o áudio não ficou bom, aí pra senhora repetir, tá certo?

Almira: Sim, você... foi no fim aí que eu disse que me criei na Ponta Grossa, estudei na Ponta Grossa, Rua Santo Antônio, 573. E tinha um grupo escolar na minha rua, Grupo Escolar Sete de Setembro, que hoje é Guiomar de Almeida Peixoto, com muita razão, porque D. Guiomar foi a diretora do grupo de toda a vida. Então, eu muito pequena fui pro grupo apesar de não ter jardim infantil, mas a gente tinha uma amizade, meus pais tinham uma amizade muito grande com o pessoal da escola, os professores, aí me levaram ainda pra poder me alfabetizar apesar de não ter ainda lá o jardim infantil, mas eu fiquei sempre estudando lá desde a carta do ABC. E lá eu fui até o fim do 4º ano primário. E aí eu fiquei, fui estudar, fazer missão e fui para o Instituto da Educação. Todos os dias eu pegava o bondinho bem perto da minha casa, há poucos metros e ia ter aula de educação. Às vezes duas vezes no dia [não entendido]. Eu ia de bonde. Da Rua Santo Antônio para onde é hoje a Secretaria da Educação.

Henrique: Certo. E quais são as primeiras lembranças que a senhora tem do bairro da Ponta Grossa, quando criança, assim, das brincadeiras ou de alguma coisa assim que a senhora se lembre sobre o bairro?

Almira: O que mais me marca no bairro, falando assim da minha infância, é a convivência no Grupo Escolar, que era em frente à minha casa, nós éramos só duas filhas mulheres, mamãe prendia um pouquinho a gente, prendia um pouquinho não, prendia sempre [risos]. E, a gente estudava no Sete de Setembro e era uma convivência muito boa, que lá me botavam pra declamar, pra falar, pra discursar, aqueles clubes de leitura que se fazia lá, era uma escola muito movimentada. Eu tive um primário muito bem feito e muito movimentado que eu passei no Grupo Escolar Sete de Setembro, eu guardo muitas recordações. Sempre fiquei em casa, não era

muito de ficar na rua, ficava mais em casa mesmo, mas sempre na Ponta Grossa e missas a gente tinha a Casa do Pobre, que ainda hoje existe, no fim da rua, não era muito distante, então sempre dia de domingo a gente ia pras missas na Casa do Pobre e lá eu fiz parte também da Cruzada Eucarística, movimento de igreja e ia sempre lá, a mamãe também era muito amiga das irmãs de caridade, eu tinha duas primas freiras e aí a gente tinha uma amizade muito grande com as irmãs de caridade que dirigiu a Casa do Pobre, no fim da nossa rua.

Henrique: A senhora ia na missa na Igreja Santa Tereza?

Almira: Ia também. Já depois começou a ter missa na Igreja Santa Tereza, porque tinha a igreja, mas nunca funcionava, aí já depois de eu moça mesmo começou a movimentar a igreja, porque teve o ciclo operário. Foi fundado lá o ciclo operário e o ciclo operário começou a movimentar a igreja, aí eu ia também, às vezes, à missa de Santa Tereza, quando passou a ter missa lá.

Henrique: Certo. A senhora lembra mais ou menos o ano disso, de quando começou a ter missa na Santa Tereza mais ou menos?

Almira: As missas na Santa Tereza eu já era, eu já estava formada ou estudando... Eu já tava na Universidade, quer dizer eu não estava mais fazendo o primário e nem o ginásio, que todo ginásio e científico eu fiz no Instituto da Educação, depois eu passei um ano em Porto Alegre fazendo curso de Orientação Educacional e Direção do Ensino Primário, mas quando eu voltei apesar de ter tido um bom curso, de ter me destacado no curso, sem vaidade nenhuma posso dizer que me destaquei, mas quando eu voltei por causa de política, mudança de governo na época, eu não fui nomeada como deveria ter sido pra aproveitar o curso que eu fiz lá em Porto Alegre. Era um curso de direção de escola e orientação, naquele tempo não tinha orientador educacional [trecho não entendido]. Mas como eu não tinha [não entendido] eu continuei porque já ensinava nas [não entendido] de Bebedouro, no Bom Conselho...

Henrique: Ensinava onde?

Almira: No Colégio Bom Conselho [trecho não entendido].

Henrique: Sim...

Almira: Aí, eu continuei ensinando lá, um ano mais, quer dizer, passei um ano em Porto Alegre, o outro ano eu passei ensinando lá e aí foi quando foi criada a Escola de Serviço Social. Eu fui da primeira turma, fiz o vestibular, passei e fui fazer Serviço Social. Mas assim...

Henrique: Muito bem.

Almira: A rua, as maiores lembranças na parte do Grupo Escolar e também, como você falou, lembrou aí da Igreja de Santa Tereza e a Casa do Pobre onde eu trabalhei até com os meninos, fiz teatro de fantoches com eles, naquele tempo a Casa do Pobre tinha velhos e crianças então eu fiz o trabalho com as crianças antes mesmo até de fazer Serviço Social. Fiz o teatro de fantoches, esse teatrinho a gente apresentava nas festas de aniversário aí da cidade, eu tenho até algumas reportagens da época ainda. E foi muito interessante também essa ligação nossa com a Casa do Pobre, a gente ia a pé lá de casa pra Casa do Pobre, porque não era muito longe.

Henrique: Eu sei disso.

Almira: Diga lá.

Henrique: D. Almira, me diga uma coisa, como era a casa que a senhora vivia? Quais são as lembranças que a senhora tem da casa? Como era a fachada assim, a cor da casa, como era?

Almira: A casa não era em centro de terreno, era casa de vizinhos conjugados, mas ela era pequena, só tinham dois quartos, mas quando a mamãe veio morar com as duas filhas e meu pai que só vinha em casa, é verdade, uma vez por mês quando muito por ser marítimo, mas aí a casa ficou pequena. Aí foi reformada, com a gente mesmo morando e fizeram outro banheiro, mais dois quartos. Ficou uma casa comprida, aquela casa de corredor comprida. Uma sala grande na frente, um corredor comprido, quatro quartos, depois uma sala de jantar, uma copa, uma cozinha, banheiro e tinha outro banheiro também. Mas era uma casa antiga e ao modo daquele tempo. Era toda em tijolo, mas era assim: um quarto atrás do outro por comunicação e não era em centro de terreno.

Henrique: E a frente da casa, a senhora se lembra dela como era?

Almira: Lembro. De começo ela era de... como é que se chama? De biqueira. Depois logo foi reformada e ficou: era uma porta e uma janela grande, aliás, a janela era dividida em duas, como se fossem duas janelas menores e a porta de entrada. As cores variavam muito, mas geralmente mamãe gostava... a casa por dentro era toda branca, mamãe não gostava de cores na casa, meu pai também não. Branca com as portas verde clarinha.

Henrique: Eu lembro...

Almira: E o teto forrado. Você lembra, né? O teto era estucado, era aquelas lajes, e pintava também de branco. Agora, a frente da casa às vezes era azul, às vezes era verdinha. Era assim, mudava [trecho não entendido]. E tinha uma parte de pedra, como se fosse assim, aplicado pedras na frente da casa, uma parte grande da casa, até a janela tinha pedra, porque aí evitava muita sujeira porque o pessoal encostava e sujava e tal riscava. Aí quando foi feita a reforma da casa, foi colocado pedra na frente da casa até a janela, até a altura da janela. Uma coisa que me lembra muito da Rua Santo Antônio é a época da Guerra. Eu era muito criança, mas a gente viveu muito a Guerra, primeiro porque o meu vivia no mar e a gente tinha que viver a Guerra porque ficava na preocupação vendo a hora de que o abrigo que ele trabalhava pudesse ser bombardeado. E, nessa época, fizeram no Vergel do Lago, depois da Casa do Pobre, era um terreno desocupado que ia sair na beira da lagoa e eles fizeram nesse local, eles fizeram o quartel do Exército. Então eu me lembro muito bem da movimentação, asphaltaram toda a nossa rua e passavam muitos carros do Exército. O primeiro acidente de trânsito que eu vi foi lá na porta da Casa do Pobre, de um oficial do Exército que ia numa moto e um carro pegou, foi horrível. Essa impressão eu tenho até hoje. Mas, assim, o pessoal do Exército fez muita amizade também com o pessoal da escola, do Grupo Escolar e eles até forneciam sopa para os alunos que iam lanchar no Grupo, o Exército fornecia sopa e era uma movimentação muito grande na rua. Quer dizer, essa movimentação do Exército fez muito movimentar a rua e melhorar a

rua. Era uma das poucas, eu acho que única rua de Maceió que era asfaltada, era a nossa Rua Santo Antônio. Teve esse detalhe.

Henrique: Sim.

Almira: E depois disso, quando acabou a guerra ficou abandonado lá, chamavam os galpões do Exército e o povo tomou conta, invadiu. Nesses galpões eu cheguei a trabalhar depois como estudante de Serviço Social organizando...

Henrique: De serviço social?

Almira: Era uma pobreza, um descaso muito grande e os galpões eram divididos por esteiras, aquela coisa toda, muitas famílias morando. Então nós fizemos um trabalho lá e foi muito engraçado, porque na época eu era estudante de Serviço Social, tinha orientação do pessoal da escola, dos assistentes sociais da escola e foi fundada lá, quando eu estava estagiando, a Sociedade dos Amigos do Vergel do Lago (SAVEL), não sei se ainda existe, se não existe mais, mas eu era estudante de Serviço Social e fui quem formei com o grupo lá, o grupo de moradores do Vergel.

Henrique: Que ano era esse, D. Almira?

Almira: olha, 54... peraí, deixa eu fazer as contas... 51, 52...

Henrique: Mais ou menos...

Almira: 55, 56, por aí assim. Porque eu terminei... Eu fui pra Porto Alegre em 55, 56, 57, 58... 57 por aí assim. Mais ou menos 57. Aí foi feita essa Sociedade, foi muito interessante, porque como sempre o Serviço Social não manda fazer nada. A gente vai pedir, reunir a comunidade e saber o que é que a comunidade pretende, o que a comunidade quer fazer. A gente tem que seguir os ditames da comunidade, embora a gente dê uma orientação, mas... E quando a gente pensava que eles fossem pedir médico, que fossem pedir mais médicos, enfim, o DENERU dava assistência lá, o posto do DENERU funcionava na Casa do Pobre e lá eles tinham assistência médica para fazer tratamento com clonidina para esquistossomose, essa coisa toda, dos moradores. E o nosso trabalho também era ligado ao DENERU.

Henrique: DENERU?

Almira: DENERU, Departamento Nacional de Endemias Rurais.

Henrique: Como é? Departamento Nacional...?

Almira: Departamento Nacional de Endemias Rurais.

Henrique: De Endemias Rurais. DENERU. Ok.

Almira: É. Endemias Rurais. E na época quando a gente pensou que a comunidade ia solicitar mais médicos, mais gente pra trabalhar no posto lá mesmo, não, eles pediram para iluminar o cruzeiro lá, que existia lá na beira da lagoa. Aí nós fizemos com eles o trabalho pra iluminar a cruz, fizemos o trabalho pra iluminar a cruz e logo depois foi que se começou a fazer um trabalho social mais para a comunidade, para o que a comunidade precisasse, porque o que eles acharam mais importante na

época, a primeira solicitação deles foi a iluminação de uma cruz grande que tinha lá na beira da lagoa. [trecho não entendido]. Foi eu que quis, foi eu que pedi. Depois eu deixei o trabalho lá, mas continuou. Eu tenho uma colega, que ainda hoje, da minha turma de Serviço Social, da primeira turma, que fez inclusive, ela fez o trabalho de conclusão de curso dela lá no Vergel, na beira da lagoa. Pena que ela não está mais em condições de dar uma entrevista, de conversar, porque ela está doente, tá com Alzheimer, mas tem um trabalho muito interessante que foi iniciado lá no Vergel. Quer dizer, o Vergel movimentou muito aquilo ali, a comunidade que foi criada e a época da guerra com o Exército lá e depois mesmo quando terminou, quer dizer, aumentou muito a população e muita gente se socorreu nessas casas, nesses galpões do Exército e foi muito mais movimentado. Aí começou o Bar das Ostras, passava muita gente por ali pra ir pro Bar das Ostras e a rua ficou muito movimentada depois dessa fase pós-guerra, mesmo com a saída do Exército, a rua ficou muito mais movimentada.

Henrique: Voltando só pra complementar, a senhora lembra qual foi a época que a sua casa foi reformada? Qual era o ano mais ou menos?

Almira: Ah, mas foi logo. Eu nasci em 36, minha mãe se mudou pra lá ainda em 36 e ela deve ter sido reformada 38, 40, por aí assim. Nós não saímos de casa, a reforma foi toda feita com a gente morando. Agora, sempre era conservada, pintada e tal, mas a reforma mesmo que aumentou e tudo foi na época que eu era pequena, muito pequena, quase não me lembro assim dos trabalhos, da reforma assim [inaudível].

Henrique: A senhora sabe que em 1961, Sandoval Cajú, ele se candidatou para ser prefeito de Maceió, né?

Almira: É, é.

Henrique: A senhora tem alguma lembrança dessa época, alguma lembrança de Sandoval na Ponta Grossa? Alguma lembrança de Sandoval como político?

Almira: É... não... Ele sempre fazia muita, vamos dizer assim, na Ponta Grossa sempre foi assim, eu acho, muito mais... Ele teve muito eleitor e muitas vezes muita voz. E eu me lembro, assim, das passeatas dele. Isso aí eu já tava em faculdade, isso realmente já foi muito depois.

Henrique: Sim.

Almira: Não me lembro mais nem quando. E eu me lembro...

Henrique: Sim, já em 61.

Almira: É, mas antes disso, eu ainda em Maceió, porque eu casei foi na época, eu acho, mais ou menos, eu terminei meu curso de Serviço Social em 60, eu sou da primeira turma e mais ou menos assim em 61, por aí, ele já era político por lá, ele já passava com as caravanas dele. Aí eu achava muito engraçado, ficava da janela olhando e passava, era mais homens, mas tinha algumas mulheres também, e eles todos num calor danado e eles tudo de terno e gravata andando pela rua. Saíam do Vergel e vinham não sei até onde, mas eu sei que passavam na minha porta. O Sandoval com a turma dele. Nessa época, a gente já era amiga e colega, por causa do movimento de estudante do Divaldo Suruagy e o Divaldo tinha mania de quando

chegava lá em casa, ele saía da passeata e entrava um pouquinho, tomava uma água, tomava um cafezinho, uma coisa, um lanche e seguia depois a pé. Eu não sei a pé até onde eles iam, mas era uma verdadeira procissão. E era muita gente!

Henrique: Muita gente?

Almira: Muita gente. E era tudo assim, quer dizer, ele com os amigos dele, os políticos, tudo de terno e gravata e o pessoal também acompanhando. Mais homens. Disso aí eu me lembro bem. E os comícios sempre ele fazia. Sempre tinha comícios ali por perto, mas eu nunca fui a nenhum. Eu não fui muito de participação assim desse movimento não, mas me lembro sempre que tinham os comícios do Sandoval. Sandoval era muito falado, era locutor de rádio.

Henrique: A senhora chegou a ouvir algum programa de rádio de Sandoval?

Almira: Olha, Henrique, eu devo ter ouvido. Não era muito... Tinha rádio em casa e tudo, mas eu sempre fui muito ocupada, fazia muita... Estudava, trabalhava e tudo. Trabalhava como estudante, como estagiária e nunca tive oportunidade de assim, de me deter em programa de Sandoval não, mas sei que ele tinha programas e que ele fazia os programas que eram muito "falado", muito concorrido, muito assim, elogiado pelo povo. Eu nunca fui de acompanhar, nem de seguir nem nada, mas sei que ele foi muito endeusado, até, pelo povo da Ponta Grossa. Me lembro quando ele fez a Praça Moleque Namorador, que por sinal a nossa casa, os fundos da nossa casa, o quintal de nossa casa, nós ouvíamos tudo que se passava na Praça Moleque Namorador, porque dava fundos com fundo com as casas da Praça Moleque Namorador. Isso até bem pouco... não que elas tão há pouco tempo, mas as festas toda vida, as festas na Praça Moleque Namorador, quando a gente ainda morava nessa casa, a gente sempre ouvia tudo do quintal, não precisava nem ir lá. Sempre vinham circos, se alojavam lá. Eu tenho uma de circo, não sei... Eu vou lhe contar. Você corta aí da entrevista. Chegou um circo lá na Praça Moleque Namorador. Era Circo Teatro, mas era um circo assim meio pobre e lá pelas tantas, eu estava fazendo a Semana Santa, a Paixão de Cristo, aí chegou um soldado romano... A gente ouvia, nunca fui pra lá não. Chegou o soldado romano e disse pra Jesus Cristo: "Teje preso" [risos] Aí o Cristo respondeu: "Ok" [risos] Eu nunca me esqueci. [risos] Foi na Praça Moleque Namorador. Também lá dançava pastoril, em época de Natal, tinha o célere pastoril dos estudantes, que era de muita brincadeira, de muita folia e ia muita gente, a gente passava parecia uma procissão, o povo conversando pra ir pra praça pra assistir circo e pastoril e guerreiro e tudo isso faziam pra apresentar lá na praça. No Carnaval, então, era uma coisa certa.

Henrique: É verdade.

Almira: A praça, porque ficava a minha casa, no quintal da minha casa eu ouvia todo o movimento da praça.

Henrique: A senhora chegou a frequentar alguma praça de Sandoval Cajú? Por que você sabe que ele fez cinco praças ali na Ponta Grossa, né? Desde ali da Praça das Graças que ele reformou...

Almira: Reformou a Praça Santo Antônio.

Henrique: A Praça Santo Antônio, não é? A Praça Moleque Namorador, a Praça Santa Teresa e outras praças bem famosas.

Almira: Bem famosas, mas também eu nunca frequentei praça, não era assim muito de frequentar praça, mas conhecia todas elas e inclusive, lá em casa, mamãe tinha duas "casa" de aluguel em duas praças feitas por ele ali na Ponta Grossa. Eu não sei mais nem o nome. Sei que uma era... Todas as duas...

Henrique: Guedes de Miranda?

Almira: Guedes de Miranda não. Guedes de Miranda e a Moleque Namorador não. É depois. Eu acho que uma era na Guedes Miranda. Você tem razão. É a outra eu não sei, era ali mais pra rua... Não sei, não lembro mais... Assim... Depois que minha mãe morreu, minhas tias, a gente vendeu, meu pai se desfez das casas. Eram casinhas de aluguel, ajudava na... Mas eu nunca frequentei praça, pra dizer a verdade, nem... Agora, na Praça Santo Antônio eu lembro que a gente passava, era caminho. Na Praça das Graças, eu tinha uma madrinha que morava lá, madrinha Lourdes. Também frequentava assim: ia pra casa dela, via o movimento, as vezes ia na Igreja das Graças e sei que foram reformadas por ele. Sei que ele, as praças todas, os bancos das praças tinham aquele "S" e o caju. Era a marca registrada dele.

Henrique: Pois é. Ele...

Almira: O "S" bem grande...

Henrique: Isso. Ele colocava os "S" de Sandoval, mas dizia que era de sentar.

Almira: Era. Exatamente. Mas todo mundo dizia...

Henrique: De subir. Todo mundo dizia...?

Almira: Tinha um caju, ele botava um desenho de um caju. Muitos eram com um "S" ou com caju e outros só tinham o "S". Eu me recordo um pouco.

Henrique: Ele dizia nos comícios dele que iria devolver ao povo de Maceió o sorriso, devolver à cidade de Maceió o sorriso...

Almira: A Cidade Sorriso.

Henrique: Porque o emblema dele era "Cidade Sorriso". A senhora tem alguma lembrança sobre a "Cidade Sorriso"?

Almira: Não, a "Cidade Sorriso" eu acredito que não começou com ele, ele já pegou essa "Cidade Sorriso", porque sempre Maceió foi a "Cidade Sorriso", apesar de dizer que é a "Cidade Sorriso", mas é a cidade sorriso desdentada. [riso]. As piadas de rua, porque uns são contra, uns são a favor, mas...

Henrique: Como é? A cidade... como foi? Eu não ouvi...

Almira: Cidade sorriso, mas desdentada, sem dente. Diziam muito isso. Os que não eram do lado dele.

Henrique: Sim.

Almira: Diziam que ele não tava transformando Maceió, porque ele dizia que tava transformando Maceió, devolvendo a Maceió Sorriso. Era a Cidade Sorriso. Aí o pessoal dizia: Cidade Sorriso, mas desdentada. Os que eram contra ele.

Henrique: Nas suas lembranças, nas suas memórias, a senhora era a favor ou contra Sandoval? O que é que a senhora achava? Como a senhora pensava? O que a senhora pensava de Sandoval na época?

Almira: Olha, eu nunca fui, vamos dizer assim, fã do Sandoval, também não tinha nada contra, não tinha uma opinião má formada sobre ele, nem também acompanhava aquela exaltação do povo por ele. Sabia que ele era populista, também sabia, notava, o quanto ele gostava, quer dizer, de aparecer e de fazer, tudo junto, mas que ele era uma pessoa diferente, ele era uma pessoa que movimentava realmente a comunidade e que se tornava muito popular. Isso aí ninguém pode negar. Mas eu nunca fui... Na época, também, eu não era muito de política. Até hoje eu não sou. [riso] E apesar de sempre ter tido grandes amizades com os políticos, mas eu nunca fui de acompanhar político, nem de ir pra comício, nem nada disso, sempre fui mais reservada. E, com o Sandoval não foi diferente. Acho que eu nunca tive a oportunidade de votar no Sandoval e achava que ele era um político de destaque, muito popular, mas eu nunca tive, assim, nunca votei nele, nem nunca me dediquei às campanhas, os trabalhos dele não. Apesar de sentir que ele era diferente.

Henrique: A senhora lembra, por exemplo, de algum fato que acontecia nas praças, essas festas... A senhora chegou a ir a alguma quermesse da Praça Santa Teresa, organizada por Seu Raimundo, pai de Raimundinha?

Almira: Não. É, Seu Raimundo por causa do Ciclo Operário. Em várias vezes a gente lá em casa deu prendas pra Igrejinha de Santa Teresa, e às vezes até mesmo já noivando com meu marido, a gente ia muito mais, porque ele chegava mais tarde, aí eu não ia às outras missas que eram mais cedo, eu ia muito pra Igreja Santa Teresa. Tanto que na nossa época de namoro, noivado e até mesmo depois de casada, a gente ia muito à Igreja Santa Teresa, porque era um horário mais, não era uma missa tão cedo quanto era na Casa do Pobre, aí a gente ia pra Igreja Santa Teresa. E sabia das quermesses, sabia do Ciclo Operário também movimentou muito, ninguém pode negar. O Ciclo Operário era todo animado aquilo ali. E eu já fui da Secretaria de Saúde, trabalhando aí em Maceió, na Secretaria Municipal de Serviço Social que era Secretaria de Saúde e Serviço Social. E eu tinha muito, assim, aproximação com o pessoal do Ciclo Operário por causa de verba, de ajuda, de coisas. Nosso movimento social, de serviço social. Mas eu frequentava a Igreja Santa Teresa, mas nunca fui de frequentar as festas, essas coisas assim não. Às vezes quando era pra fazer uma palestra, alguma coisa, eu ia, mas eu não acompanhava. Nunca fui do Ciclo Operário.

Henrique: Quando a senhora ia pra missa, a senhora depois ficava ali vendo como era o movimento na praça?

Almira: Não, a gente chegava na hora da missa, assistia a missa e voltava. Realmente eu nunca ficava vendo, nunca fui de frequentar o movimento da praça não. Eu era meio estranha, não era muito de frequentar o movimento do bairro não. Ficava muito em casa, e eu era do movimento universitário, depois a gente passou também a ir à

missa da [não entendido], que era na Igreja do Livramento, depois que eu comecei a fazer Serviço Social, e aí, depois voltei a frequentar a missa da Igrejinha de Santa Teresa quando achei que não tava mais movimentando pra cá e, também, até mesmo depois de casada, durante o tempo de namoro e noivado, aproveitei muito ali a Santa Teresa, mas sem fazer parte do movimento do Ciclo Operário nem também do movimento de praça, agora não lembro [barulho externo] festas e coisas erradas.

Henrique: No período que Sandoval foi prefeito, porque ele foi deposto pelo regime militar, em 64, as praças ele reformou e fez essas praças novas. Aí depois que ele saiu da prefeitura, depois que ele foi deposto, a senhora tem alguma lembrança de como ficaram as praças? A senhora acha que elas foram meio, vamos dizer, abandonadas pelas próximas gestões?

Almira: Eu acho que sim, eu não sei, eu não morava mais na Ponta Grossa nessa época. Certo? Eu casei em 66. Aí deixei de frequentar, mas sei que as praças caíram muito. Passou muito tempo até desprezadas. Fazia pena. A gente via, porque inclusive mamãe tinha casa de aluguel em duas delas, e a gente via o quanto elas ficaram abandonadas, assim, largadas pra lá. Hoje eu também nem sei como estão, porque quase não frequento por ali mais. Às vezes, a gente passa assim de carro pra matar a saudade e às vezes, eu ia, quando ainda tinha a D. Dulce lá na rua. Amiga da sua avó.

Henrique: Sim.

Almira: Ainda sei porque final de ano ia fazer visita a D. Dulce. Isso aí a gente gostava de fazer. Mas, ia só na casa dela e voltava. Também tinha a Zezé...

Henrique: Sim.

Almira: Esposa do Dr. Dilson, minha prima e aí eu passava na casa da Zezé e na casa da D. Dulce e pronto. Era só, que eram as grandes... Mamãe também mudou-se de lá, depois que eu casei e aí a gente perdeu muito a ligação. Às vezes me dava saudade, aí eu, a última vez que eu fui a Maceió eu pedi pra o motorista: "vamos passar pela Rua Santo Antônio", aí quando a gente chegar lá, a gente passa lá só pra olhar os resquícios, as lembranças. Uma outra casa que a gente tinha, que era de aluguel, a casa da D. Dulce. A casa da D. Dulce, antes de ser dela, foi de um casal, que por sinal eu fui madrinha até de uma das filhas deles, desse casal, que ele era telegrafista da Cruzeiro do Sul. E os aviões, antes, na época que eu nasci os aviões ainda pousavam lá no Vergel.

Henrique: Sim.

Almira: Ainda tinha a casa da Cruzeiro do Sul, onde existia toda parte de delegacia, de tudo. E Seu Euclides, que era o telegrafista da Cruzeiro do Sul, morava nessa casa lá no Vergel. Depois ele construiu aquela casa que foi da sua avó e se mudou pra ela com a família. Era um pessoal bem moreno, assim, mas muito um pessoal, uma gente muito boa, muito fina. E eu fui madrinha da filha mais nova dela, que também era uma das vizinhas, antes da sua mãe. Depois saíram, elas foram morar pro sul, não sei pra onde e os filhos cresceram, mas a gente sempre... E ali era muito engraçado, porque a gente pra ir à praia, juntava as meninas da D. [não entendido], eu e minha irmã e

minha mãe e a gente saía cedinho pra ir à praia, pra ir tomar banho de mar. Não era nem na Avenida, era mais puxando pro lado do Ouricuri.

Henrique: Sim.

Almira: E eu me lembro muito bem que a gente ia por aquelas ruas por ali por trás, aí também depois a gente teve uma época, que tinha uma tia de papai que morava ali no Prado e a gente ia para a casa da minha tia visitá-la, porque papai passava pra Maceió, ficava mais meses em Maceió e também a gente ia por ali por trás, pelo... mas eu não tenho, nunca fui de frequentar mesmo as praças.

Henrique: Se eu dissesse assim: D. Almira, com uma palavra me defina o bairro da Ponta Grossa, ou as memórias que a senhora tem do bairro da Ponta Grossa. Que palavra lhe vem à mente?

Almira: Eu quero muito bem ao bairro da Ponta Grossa. Pra mim é uma grande satisfação ter nascido, me criado, me educado, casada, porque eu saí de lá casada na Ponta Grossa. Não tenho nenhum constrangimento de dizer que nasci e me criei na Ponta Grossa. Era um bairro muito movimentado, tinha bonde, depois veio ônibus e depois, assim, mamãe não queria sair de lá nunca, porque ela dizia que era perto de tudo.

Henrique: É verdade. É um bairro central, né?

Almira: Pois é. Tinha igreja, tinha mercado perto, ela ia e vinha pro mercado quando queria, sem precisar nem de transporte e por ali se tinha tudo: padaria, se tinha bons armazéns, tinha um senhor ali, que era Seu Manoel, chamava Seu Manoel do Caixão, não sei por quê. E D. Olívia, que tinha uma boa mercearia ali em frente quase... depois do Cine Lux. Em frente, quase em frente à casa onde eu nasci. Uma boa mercearia, onde a gente encontrava de tudo pra comprar, perto de tudo, também pertíssimo da nossa casa e hoje é uma padaria, parece, eu nem sei mais o que é logo depois, mas era um terreno baldio e era muito interessante, porque fazia todo ano uma chegada e eu tenho uma lembrança muito forte disso aí, porque eles construíam um barco bem grande de taipa, todo coberto de argila, todo estavado e a chegada dançava ali em cima. E às vezes a gente ia olhar da esquina, mamãe levava a gente pra olhar a chegada – um folgado natalino muito interessante.

Henrique: Conheço, conheço.

Almira: Na Rua Santo Antônio faziam e a gente sempre dançava. Esse Seu Manoel Caixão, que tinha esse armazém, ele tinha uma venda, como chamava, era muito sortida e ele sempre patrocinava, ajudava nessas apresentações de folgedos. Antes mesmo do Sandoval Cajú construir a Praça Moleque Namorador e outras praças. Então eu sempre me orgulhei de ser filha da Ponta Grossa.

Henrique: Como?

Almira: Eu sempre me orgulhei de ser filha da Ponta Grossa.

Henrique: Eu também.

Almira: Eu nunca tive a menor... Pessoas que moravam ali de quem eu trago muitas recordações: D. Zenita e Seu Raimundo, do qual eu sou madrinha logo de duas filhas. Do outro lado tinha uma senhora que foi embora pro Rio, mas a gente um dia, a gente, eu e minha irmã, com os meus meninos e os dela, nós saímos da Tijuca pra visitar essa senhora que morava no Rio de Janeiro, no fim do mundo. A gente rodou tanto pra chegar lá, minha irmã dirigindo, que quando a gente chegou só deu tempo de falar com ela e voltar. D. Dora. Mas pra você ver assim, como as famílias que se juntavam e realmente tinham uma convivência, se queriam bem... E eu me lembro também dali do Sete de Setembro, na época que tinha enchente lá no Vergel, na beira da lagoa, aí colocava essas famílias que tinham perdido as casas e as casas estavam molhadas, no Grupo Sete de Setembro. E daí a mamãe, a D. [não entendido], essa senhora que era vizinha a gente... sua avó veio depois. Ali pela vizinhança pra arranjar coisas pra levar pros flagelados lá da enchente. Depois, eu já fazendo serviço, já trabalhando como assistente social do estado [não entendido] noutra ligação e aí ainda houve, ainda trabalhei em duas enchentes como assistente social e aí o pessoal descobriu que a minha casa era em frente ao grupo, aí pronto. E corria tudo lá pra casa. E eu tive uma experiência desse tempo, uma experiência assim que eu... coisa extra, que eu vou lhe contar.

Henrique: Claro.

Almira: Eu cheguei à noite, cansada, depois de um dia todo de serviço, serviço de enchente que a gente viajava pra o interior pra ver as coisas, os mantimentos, pra ver o que precisava e tudo e cadastrava todo mundo e quando eu cheguei em casa, vieram me chamar nas carreiras, eu fui ao Sete de Setembro e tinha uma mulher passando mal. Cheguei, era um parto e eu acabei fazendo o parto. [risos] Ainda bem que assistente social, a gente tem noções de medicina social e deu pra fazer o parto até quando a parteira chegou, eu já tinha pega não pega, peguei o menino, como se diz. Isso não me esqueci. Na época das enchentes, também, aquela parte ali toda vivia bem diferente, porque todo mundo colaborava, todo mundo ajudava o pessoal que vinha da beira da lagoa com a casa cheia d'água e ficava passando dias e dias, o colégio ficava sem aula e se dava assistência. E eu me recordo muito, de pequena, ainda, a mamãe ia com a gente dia de domingo à tarde pra passear lá na beira da lagoa e comprar ovos, porque vendiam muito, as mulheres criavam pato, galinha, tudo e vendia ovos, então a gente saía de tarde, mamãe era um passeio pra mim e minha irmã. Ia, comprava ovos lá no Vergel, na beira da lagoa. A gente sempre chamava beira da lagoa, não se chamava nem Vergel do Lago, porque Vergel do Lago, esse nome Vergel do Lago já veio depois da guerra, depois que o Exército acampou por lá, construiu e tudo. Só tenho lembrança boa da Ponta Grossa. Não vou dizer a você que tive nada que me aborresse. Fiz o Primário...

Henrique: Ainda volta de vez em quando, né?

Almira: Como é? Oi?

Henrique: Tanto que a senhora volta de vez em quando só pra dá uma olhadinha...

Almira: Volto, volto, volto, volto. Pra dá uma olhadinha e me emociono. É bom demais. Não tenho vergonha, nenhum desprazer por ter morado na Ponta Grossa, por ter sido filha da Ponta Grossa e criada na Ponta Grossa.

Henrique: Oi?

Almira: Diga.

Henrique: A senhora falou alguma coisa, eu lhe interrompi. Desculpe.

Almira: Não, não. Acho que não foi nada de importância não.

Henrique: Muito interessante que cada uma das pessoas que eu entrevisto tem uma visão diferente. Esse conjunto dessas [áudio cortado] de cada pessoa que vai enriquecer o meu trabalho, porque o meu trabalho é sobre memória, sobre recordação e a senhora me traz aí várias recordações muito interessantes sobre o bairro da Ponta Grossa, sobre de como era morar no bairro da Ponta Grossa no período que a senhora...

Almira: Morar perto de tudo, perto do Centro. Eu ia de bonde, porque quando eu comecei a fazer o ginásio com 11 anos. Naquele tempo, 11 anos era pequena.

Henrique: É verdade.

Almira: Não tinha nem tamanho. É, pois é. Onze anos, aí eu ia de bonde. Mamãe ia sempre levar a gente no bonde. Eu. Minha irmã era a mais velha, já fazia Instituto de Educação. Minha irmã foi da primeira turma que terminou o primário no Sete de Setembro. Eu fiz o primário um pouco tempo depois. Mas a gente pegava o bondinho ali, ia e descia perto do Instituto de Educação, quando chegava no Instituto de Educação pegava outro bonde e voltava pra casa. Descia no ponto do bonde pra ir pra casa. E aí a gente comprava aqueles passes de bonde, mamãe comprava, todo dia a gente levava passe de bonde pra entregar o motoristazinho e o outro cobrava, o cobrador ficava batendo: "tê tê tê tê" o sininho dentro daquele caminho. É uma lembrança muito grande. As irmãs da Casa do Pobre, as freiras, vinham de charrete da Casa do Pobre, com aquela roupa, naquele tempo era aquela roupa escura de camponesa francesa, que é a ordem de São Vicente e elas vinham com aquela roupa escura, de lã, não sei como é que aquelas irmãs aguentavam e aqueles chapéus que chamavam "corneta" na cabeça, chamava atenção.

Henrique: Corneta?

Almira: Era conhecido como "corneta", chamavam o chapéu delas.

Henrique: Corneta?

Almira: Os chapéus. Era bem assim. Corneta, corneta.

Henrique: Sim.

Almira: Aí elas vinham com aquela roupa comprida e pesada, de lã. Eu não sei como é que elas aguentavam o calor. E eu tive amigas que foram freiras lá, e eu tive também depois a graça de passar em Paris, na casa das irmãs de caridade, onde a Nossa Senhora apareceu... Por sinal, hoje é o Dia da Medalha Milagrosa, hoje é o Dia de Nossa Senhora das Graças.

Henrique: É verdade.

Almira: Hoje eu passei o dia todo me lembrando. E aí na Casa do Pobre, onde a gente frequentava a Igreja, sempre, depois que eu fiz a primeira comunhão, uma causa pobre. Eu fiz um grupo na Casa do Pobre. Eu fiz... me crismei no dia de hoje. Sempre nas festas de lá era no Dia da Medalha Milagrosa, por causa da Igreja ser consagrada a Nossa Senhora das Graças e a Santa Catarina, ela morreu, foi quem assistiu, quem recebeu as aparições de Nossa Senhora. Então, eu tenho boas recordações, excelentes recordações, não me envergonho e pelo contrário, me orgulho da Ponta Grossa.

Henrique: D. Almira, eu gostaria muito em agradecer esse tempo que a senhora dedicou à minha pesquisa. A sua participação e a sua brilhante entrevista com todas essas recordações e essa emotividade tão grande. Muito, muito obrigado e qualquer coisa que eu precisar, se eu precisar de alguma data ou de alguma coisa que eu lembre depois, eu volto a falar com a senhora.

Almira: Pois não, Henrique. Eu tô às suas ordens. Lembro de você, lembro do seu pai quando mudou pra lá com seus tios. Às vezes até [não entendido] com seu avô e na sua avó. Antes dos 11 anos de idade, papai que adoeceu e aí ele deveria aplicar e às vezes faltava, eu endoidei, ele: “menina, vou aplicar”. Aí peguei a seringa, eu era quem preparava, quando ela chegava lá tava tudo pronto. Aí papai disse: “aplique, minha filha”. Pronto, aí eu comecei a aplicar injeção até hoje [risos] depois do Serviço Social, a gente ainda fez mais um estagiozinho pra aplicar injeção na veia e eu me lembro que eu ia muito, ia às vezes na casa da sua avó que ela me pedia pra aplicar injeção no seu avô, na sua avó, aliás, na sua bisavó.

Henrique: Sim.

Almira: Sempre foi uma amizade muito grande e sempre foi uma pessoa que eu quis muito bem e eu lembro ela com mamãe e se davam muito bem. Passava uma ali, mamãe passava ligeirinho ali pra um, mamãe já bem de idade e passava ligeirinho ali pra casa da D. Dulce e era eu acho... que era a única que ela frequentava no fim da vida dela, antes dela se mudar pra cá, morar mesmo comigo. Então tenho recordações muito boas...

Henrique: Elas sempre se frequentavam muito, não é?

Almira: É.

Henrique: D. Zenita, minha avó, [não entendido], não é?

Almira: É sim.

Henrique: A turma da conversa, elas se gostavam muito. Eram famílias muito unidas.

Almira: É. Muito amiga da D. Dulce mexia muito comigo quando eu comecei a namorar com [não entendido] dá certo [não entendido] mexia, porque ela dizia: “dessa vez ela não colocou ou cara pra correr” [risos] [não entendido] era sim uma amizade muito grande delas. Ela ficava [não entendido] dizendo como era que eu chegava e descia do fusquinha pra namorar e D. Dulce era uma pessoa muito alegre, muito... uma pessoa... meu Deus, eu queria muito bem à D. Dulce, muito bem mesmo.

Henrique: Eu também, eu também. Muito obrigado, D. Almira e a gente vai se falando e qualquer coisa ou alguma informação, uma coisa que eu precise ou que eu tenha esquecido ou data, porque quando eu vou depois fazer revista, aí eu falo pra senhora.

Almira: Pois é, eu tô às suas ordens. O que eu sei e o que eu posso lhe informar, o que você quiser, o que estiver ao meu alcance tá às suas ordens.

Henrique: Tá joia, D. Almira. Muito obrigado. Eu vou parar aqui de gravar, mas vou continuar.

Almira: Eu que agradeço você se lembrar de mim pra fazer essa entrevista de recordar, me fazer recordar e lembrar tanta coisa boa da minha infância e da minha juventude. Antes de terminar, eu queria falar uma coisa...

Henrique: Muito obrigado...

Almira: Eu queria só lhe perguntar uma coisa.

Henrique: Diga

Almira: Esta entrevista, como é que tá Jandira, sua tia? Ainda tá bem?

Henrique: Eu vou só parar aqui de gravar aqui e a gente continua conversando. Só um momento.

Almira: Tá certo. Obrigada.

ENTREVISTA - Edberto Ticianeli Pinto

Duração da entrevista – 01h, 19 min. e 51 s. 21 de novembro de 2020

Henrique: Boa tarde, Professor Edberto. Essa pesquisa, essas perguntas que eu vou fazer, elas fazem parte do guia de pesquisa de perguntas do projeto *Memórias das praças do bairro da Ponta Grossa, em Maceió-AL, a partir de percepções e representações da Cidade Sorriso*, idealizada na gestão do Prefeito Sandoval Cajú, de 1961 a 1964. Eu queria pedir a sua permissão pra poder gravar nossa conversa, nossa entrevista.

Edberto: Está autorizado, permito a gravação

Henrique: Obrigado. Professor, como é seu nome completo?

Edberto: Edberto Ticianeli Pinto.

Henrique: E quando e onde você nasceu?

Edberto: Eu nasci em Pão de Açúcar, Alagoas, Sertão, em 19 de outubro de 1955.

Henrique: Certo. Qual é a sua escolaridade?

Edberto: Eu tenho Ensino Superior e uma graduação incompleta em Engenharia Civil, incompleta, e uma graduação em Comunicação com especialização em Marketing.

Henrique: Certo. E hoje, qual a sua atividade profissional?

Edberto: Eu sou jornalista profissional e sou editor, principalmente, do portal História de Alagoas.

Henrique: Muito bem. Eu queria saber o seguinte: você pode me contar um pouco sobre a sua infância?

Edberto: Posso.

Henrique: Claro.

Edberto: Então. Eu nasci em Pão de Açúcar, em 1955, nas terras de uma avó. Meu pai casou em São Paulo, e eu vim na barriga da minha mãe; meu irmão já era nascido, o Agberto. E nós chegamos em Pão de Açúcar em 55, há tempo de eu nascer lá e eu fui morar numa fazenda, que meu pai foi chamado pra administrar, da minha avó – uma neta de portugueses com holandeses –, ela tinha uma origem desse tipo. Minha mãe é filha de italianos, em São Paulo. Meu pai casou com ela em São Paulo. Nós ficamos até 1960 em Pão de Açúcar. Cinco anos eu vivi lá. E viemos pra Maceió em 60, em função de conflitos políticos lá com meu pai e um grupo muito violento, famoso, e a gente veio pra Maceió um pouco brigado com a família e passamos um período muito ruim aqui de situação financeira, uma crise muito séria. De 60 a 66, quando minha avó faleceu, meu pai herdou um dinheirinho. A gente morava nos fundos de uma casa no Centro da cidade. Nesse período eu fui vendedor ambulante, trabalhei em tudo que você possa imaginar. Engraxate... e depois nós fomos pra Ponta Grossa. Em 66 meu pai comprou uma casa lá na rua... esquina com a Rua [não entendido]

com a Rua Santo Antônio. Chegamos lá em 66 e eu continuei trabalhando. Eu era vendedor ambulante, vendia refresco nas feiras de Maceió, na Feira do Passarinho, passei vários anos ali. Depois comecei a consertar fogão e estudando com muita dificuldade, eu consegui chegar até a... passar em Engenharia Civil. E... eu estudava [não entendido] e consertava fogão, pra você ter uma ideia. Foram uns estudos muito atabalhoado, porque eu tive que parar muitas vezes pra trabalhar... Não tinha condição, na minha época de escola era muito ruim. Mesmo assim, eu só queria ter uma boa adolescência ali na Ponta Grossa, jogando futebol com o time de lá, as festas etc., o Carnaval. Eu só conhecia o Carnaval pra trabalhar, porque eu vendia refresco. Garrafinha de Ki-suco. Mas, então, na Ponta Grossa, eu tive pela primeira vez contato com o Carnaval na Moleque Namorador. Tinha começado quatro anos antes, quando eu cheguei lá, e isso foi um pouco da minha infância, início da minha adolescência, já, ali na Ponta Grossa. Fiquei na Ponta Grossa até 1983, quando casei e fui morar no Sobral, depois fui morar no Trapiche, ali próximo. Mas eu ainda tenho relação lá. Eu tenho contado aqui na Ponta Grossa, porque minha mãe morou lá até o começo desse ano e nós temos ainda uma casa lá e vou lá sempre. Ainda tenho essa relação com a Ponta Grossa.

Henrique: Eu também nasci na Ponta Grossa.

Edberto: Ótimo [risos]

Henrique: Na Rua Santo Antônio. Ali perto do Cinema Lux.

Edberto: Então nós fomos vizinhos.

Henrique: anrã... Me diga uma coisa, professor: quando você mudou pra Ponta Grossa, você tinha quantos anos?

Edberto: Eu tinha dez anos, pra completar onze, por aí. Dez pra onze anos.

Henrique: E quais são as suas primeiras lembranças do bairro da Ponta Grossa?

Edberto: Bom, a gente morava nos fundos de uma casa que tava ameaçando cair, de taipa, no Beco São José, nos fundos da Eletrônica Marcone, do Téo Viana. Ele praticamente nos deu de graça pra morar nos fundos, lá a gente viveu seis anos. Na Ponta Grossa era uma casa mais velha ainda, mas uma boa parte de tijolo, a casa muito antiga, era uma casa de 30 metros de esquina por quatro. Depois meu pai comprou a vizinha. E assim, na Ponta Grossa é aquela história: você chega pra fazer novas amizades e com pessoas diferentes [não entendido] e pessoas também nem tão ricas assim. Tinha gente [não entendido] com dinheiro. [não entendido] residência no Centro da cidade [não entendido] não tinha comércio, nem serviços. Mas na Ponta Grossa eu tive que conviver [não entendido] que eu já convivia no Centro, porque quando eu trabalhei na Praça Deodoro, engraxando ou vendendo e na Feira do Passarinho, no Mercado, eu convivia com pessoas pobres, eu convivia com pequenos marginais de Maceió da época, [não entendido] esse povo todo. Então eu não tive, assim, o impacto das relações sociais tão grande. Mas é claro que você morando num bairro é diferente do Centro da cidade, onde você brinca praticamente no final de semana quando não tem ninguém. E a gente chegava na Ponta Grossa, numa rua de terra, você imagina, né? Quando eu saí do Centro da cidade, as ruas já estavam calçadas, bloquetes. As primeiras experiências, o Beco São José. Então era rua de

barro, jogando bola na rua, galera ia pra lagoa pescar, tomar banho, aquela redondeza ali, jogava futebol, e no Centro da cidade era muito difícil. Então, há uma cultura dos bairros populares de maior liberdade pra essa prática desse tipo de brincadeira. Ali foi muito melhor pra mim nesse sentido e pra trabalhar também, porque eu conseguia chegar no Mercado... Eu estudei no Colégio Estadual, mas por exemplo, eu saía da Ponta Grossa a pé pra onde hoje é o Cesmac, ali na Cônego Machado. Ali funcionou o Estadual Anexo. [não entendido] [interrupção – falha na conexão] O Estadual suspendeu o Ginásio e ficaram chamando Estadual Anexo e era aqui na Cônego Machado. Esse prédio depois passou pro Cesmac e hoje é aquele grande edifício do Cesmac lá. Tá ouvindo?

Henrique: Agora tô. [risos]

Edberto: Então, aí eu caminhava muito, era aquela coisa de entregar botijão de gás... Eu comecei, antes de começar a consertar fogão, eu entregava era bujão de gás, era vendedor de doce. Então eu batia a Ponta Grossa inteira, eu vendia nas mercearias, procurava eles e tal e fiquei muito conhecido na região. Eu era vendedor ambulante e consertava fogão e eu ia nas casas entregar o botijão, aproveitei e fui [não entendido] devagarzinho e terminou que foi a profissão que me manteve durante alguns anos.

Henrique: Qual era o seu endereço na Ponta Grossa?

Edberto: Rua Santo Antônio, 345. Esquina do Lux com a Rua Guaicurus.

Henrique: Sim, sei onde é. Sei onde é. Minha avó morava um pouquinho depois, ali, na 564, um pouquinho depois do Cinema Lux.

Edberto: Sei, sei. Onde morou [não entendido] grande, né?

Henrique: Isso. Quais são as suas lembranças na sua casa na Ponta Grossa?

Edberto: Olhe, era uma casa muito pobre, uma casa velha, é... por exemplo, quando eu, pouco antes de eu me casar foi que instalou-se, por exemplo, caixa de descarga lá em casa. Era um balde que ficava lá. Chuveiro elétrico nunca teve. Era uma casa muito pobre mesmo e nós conseguimos um período viver melhor, que foi até 70, quando a gente conseguiu montar uma pastelariazinha, e minha mãe fazia muito pastel. Uma pequena indústria de pasteis e suco. Comida barata, comida popular. Mas aí eu tive alguns problemas de saúde na família, dos meus irmãos. Meu pai preocupado com a saúde dele, resolveu [não entendido] era novamente. A clínica não era uma das melhores daqui não, entendeu? Tinha um conforto absolutamente nenhum. Então era uma casa muito pobre, não é. Não era o melhor lugar para se ter boas lembranças não. Muito pobre.

Henrique: Mas você me disse que o seu pai comprou o terreno vizinho.

Edberto: Foi. Foi exatamente quando a gente começou a vender pastel, em 67, 68, ele ganhou um dinheiro e comprou a casa vizinha por um preço bem barato. Pra você ter uma ideia, a casa de esquina foi dez mil, ou dez milhões de cruzeiros na época, eu não lembro. Da herança dele. A vizinha, ele comprou por seis. E juntou as duas em uma só. E pronto. E aí... Mas era tudo improvisado. Era um galpão emendado no outro, uma coisa muito... Não tinha cara de casa, de habitação. Era um antigo armazém que foi adaptado. Entendeu? Era um negócio muito improvisado. Só tinha

um quarto. Eu e meus irmãos, a gente dormia ao lado dos botijões de gás, no galpão. Então, não era quarto, era muito, muito ruim.

Henrique: Você tem lembrança de como era a fachada? Se tinha azulejo na fachada? Alguma coisa assim?

Edberto: Tenho. Tenho até foto. [não entendido] Era de reboco antigo, um casarão alto, grande. Devia ter sido um local... Me informaram, quando a gente chegou, que era uma mercearia na parte da frente e a parte de trás era uma um armazém que virou uma sinuca. A gente foi morar nesse local, pra você ter uma ideia. Tudo improvisado. Meu pai construiu lá uma meia parede pra fazer um quarto e a gente jogou as camas num canto onde dava e foi viver, ficando lá. E não tinha muito conforto não. Depois ele construiu nos fundos, banheiro e muito antigo, com caixa d'água [não entendido]. Então não era uma casa boa não. E a fachada era muito sofrida. As portas de madeira grandes! Eu me lembro que pra fechar elas, não tinha ferrolho, cadeado, chave. Fechava ela e colocava uma tramela por trás. Um pau que você enfiava num canto e no outro e fazia um movimento no outro canto e fechava. Pra você ter uma ideia. Não tinha nem tranca. Tranca metálica, nada, ferrolho.

Henrique: Quando você foi pra Ponta Grossa, quais são as suas lembranças das praças? Por exemplo, a Praça Santa Teresa, ou a Praça Moleque Namorador... Quais são as suas primeiras lembranças das praças? Ou aquela lá, Nossa Senhora das Graças, que ali fica no final da Levada, ou a Santo Antônio.

Edberto: A Praça das Graças, ela, na realidade, a praça na Ponta Grossa, por causa da Igreja. Esse poder da Igreja... Continua sendo ainda. Mas aquele largo ali que se formou, que é uma característica da Ponta Grossa, com exceção de uma única praça, todas as outras são resultados de espaços vazios na acomodação da malha urbana. Eles ficavam sobrando. No próprio largo, a Praça das Graças e a Igreja,

[Interrupção]

Indo do Mercado, chamada Antiga Rua da Ponta Grossa com a Rua 16 de Setembro, até chegar ali no chamado Ponte das Águas Negras. Aquele triângulo, aquele triângulo final, foi preservado, como uma espécie de espaço pra ou algum culto ou [não entendido] Numa pesquisa que eu fiz depois, ali tinha um cruzeiro, não tinha nem igreja e nem capela. Era um cruzeiro.

Henrique: Tinha um cruzeiro.

Edberto: Tinha um cruzeiro ali. E depois tinha uma igreja e ocupou aquele espaço. A Praça Santo Antônio, que é logo em seguida, é outro aproveitamento [não entendido] E assim por diante. Aí você tinha um outro maior espaço, assim, que envolvia as pessoas na Ponta Grossa era um largo, que não chegou a ser praça, que é aquele largo que fica entre a esquina da Rua Paissandu, ali perto de onde você morou, esquina com a Santo Antônio e a Felix Bandeira. Ali também tinha um cruzeiro e era o terminal do bonde. Ali tinha o cinema.

Henrique: O senhor pode repetir, porque ficou ruim o áudio? Só o finalzinho. Você falou sobre esse largo que tinha, aonde?

Edberto: Esse largo ficava que era o terminal do bonde durante muitos anos na esquina, nas esquinas da Rua Santo Antônio. Quer dizer, não era esquina da Rua Santo Antônio, ela passava direto. Na Rua Paissandu com a Felix Bandeira.

Henrique: Sim.

Edberto: Tá localizado? Quando eu...

Henrique: Sim, completamente.

Edberto: Ali, aquele largo tinha um cruzeiro também ali. Ali era onde fazia o retorno. Ali tinha o cinema. Então, foi ali, inclusive, que eu o Sandoval Cajú, quando ganhou a eleição, fez o Carnaval dele.

Henrique: Fez o Sandoval Cajú?

Edberto: Fez o Carnaval da vitória eleitoral dele em 61.

Henrique: Em 61.

Edberto: Na eleição, quando ele tomou posse, ele fez um carnaval ali. Foi por causa desse Carnaval ali que ele, depois, pegou outras sobras de espaços vazios e fez a Praça Moleque Namorador. Um pouco mais adiante, 200 metros depois.

Henrique: Duzentos metros depois, ali pela Rua Paissandu.

Edberto: Isso. Tá ruim assim o som, é?

Henrique: Eu acho que tem algum problema no áudio. Talvez a internet, alguma coisa assim.

Edberto: Ah tá. Então, aí aquela Praça das Graças era a praça da Ponta Grossa por causa da Igreja, então as primeiras lembranças são dela. Era uma praça mais cuidada, tinha ali a Saúde Pública, que era outro equipamento importante pro bairro. Então, quem era da Ponta Grossa [não entendido] as pessoas vinham ali pra se encontrar etc. E era passagem obrigatória pra quem ia pro Centro e quem também ia pro Mercado. A Praça das Graças bifurcava: ou você ia pro Centro [não entendido] ou você ia pro Mercado pela Rua... Não me lembro o nome... Rua Coronel... Não, qual é? É aquela rua que é a Antiga Rua da Ponta Grossa. Lá no Mercado. Bom. Ali é a Praça das Graças. As primeiras lembranças minhas boas de praça, é aquela dali.

Henrique: Ela foi reformada por Sandoval Cajú.

Edberto: Foi também. Todas elas, praticamente todas. Aí, depois veio a Moleque Namorador, que na realidade nunca foi uma praça. Ali é como se fosse uma rotatória.

Henrique: Uma rotatória.

Edberto: Uma rotatória que ele criou, aproveitou o espaço... Aquilo ali é a confluência da Rua Paissandu, Rua da Assembleia ou Moacir Miranda, Rua São Paulo e Rua da Glória. A continuação da Rua São Paulo, que é o chamado Beco da FEB é como o pessoal chama lá Beco da Febre.

Henrique: É verdade.

Edberto: Então, ali é uma rotatória. Inclusive, ele aproveitou... Você veja o que é a influência do Carnaval. Quer dizer, ele criou a praça pro Carnaval. E como é essa história?

Henrique: Para o Carnaval?

Edberto: Isso. Você chegava num clube, na Fênix, no late, nos anos 40, 50, as pessoas brincavam rodando o salão, porque as mesas ficavam naquele naquela área em torno da pérgula, quer dizer, no salão [não entendido] e então, o cara queria paquerar a menina que tava ali sentada com a família, ele vinha se escorando e rodando e passando ao redor da mesa. Esse hábito de andar em roda em salão... Não chega exatamente a ser uma roda, porque o salão é quadrado, mas quase que uma roda, ele veio pra Moleque Namorador. E foi motivo de muita [não entendido]. É, porque... Aí o formato redondo, com palco armado no meio [não entendido] o personagem, ele reproduziu esse tipo de Carnaval dos clubes [não entendido] como não eram dos blocos de rua. Os blocos de rua é um cortejo. O bloco ele sai em cortejo, um atrás do outro, com estandarte, a orquestra e lá vai o bloco atrás. Quando se armavam os palanques e alguns maratonês, tinha também essas tentativas de reproduzir [não entendido]. A Moleque Namorador tem o formato, eu não sei se foi proposital. Ou seja, ela era redonda, porque era uma rotatória, ou porque já havia uma ideia, então ela foi intencionalmente urbanizada, recebendo o nome do Moleque Namorador, um personagem do Carnaval, então ela foi feita pra o Carnaval. Talvez seja uma das únicas praças de Maceió que tenha tido uma origem diferente do simples espaço de lazer ou de descanso das pessoas.

Henrique: De lazer ou de descanso. Sim.

Edberto: Entendeu? Talvez ela tenha essa origem, até porque, durante o ano, poucas pessoas ficavam lá, porque não tinha espaço. Era tão reduzido que não funcionava como praça. A Moleque Namorador nunca funcionou como praça enquanto eu tive ali. Hoje, alguém bota um gamão pra jogar, alguma coisa desse tipo.

Henrique: Gamão?

Edberto: É, aquele jogo de gamão.

Henrique: Sim.

Edberto: Jogava lá, entendeu?

Henrique: Quais são as suas lembranças dos carnavais da Moleque Namorador? Como eram os carnavais da Moleque Namorador?

Edberto: Olha, o Carnaval da Moleque Namorador, ele surgiu num período crítico em Maceió, porque nós tínhamos em Maceió, estacionados aqui, forças da Aeronáutica... Tá ouvindo?

Henrique: Tô, tô ouvindo.

Edberto: Forças da Aeronáutica, nós tínhamos uma escola de aprendizes de marinho, e claro que o Exército, além da Polícia Militar. Então, esses recrutas, ou esses soldados dessas guarnições, durante o Carnaval, eles brincavam juntos. Então era comum haver conflitos com [não entendido], inclusive. Teve um fato, que aconteceu num Carnaval no Sesc, chegou até rajada de metralhadora. Então, era violento! Então, era preciso depois pra resolver isso que as guarnições de polícia eram formadas por um policial militar, um policial da polícia, da Aeronáutica, da polícia do Exército e da polícia da Marinha. Então, eles fiscalizavam em conjunto pra exatamente eliminar esses conflitos de grupo. Então a Moleque Namorador, por ser essa roda, tinha uma característica no Carnaval e quando chegava uma turma dessa muito afoita, dando chute. Eu tô falando de um Carnaval pesado! Era um Carnaval pesado. Carnaval de bairro. Então, se formava um grupo e dizia: "O pau vai cantar!". Quando decidia isso era só dançar contra a maré, contra o movimento da roda e normalmente era anti-horário. O cara entrava no movimento anti-horário. Você imagina! Ele não andava cinco metros e o pau cantava, porque vinha um grupo de lá, os dois se enfrentavam e era muita briga. Então, a Moleque Namorador ela foi muito popular e violenta, desde o começo.

Henrique: Ficou popular e o quê?

Edberto: Violenta. No Carnaval.

Henrique: Violenta.

Edberto: A orquestra era só frevo. Os carnavais naquela época eram baratos. A prefeitura não investia. Mas tinham aquelas cornetas de som, então as crianças e as mulheres, elas brincavam Carnaval num trecho da Rua Paissandu em direção à Rua Santo Antônio... Tá ouvindo?

Henrique: Tô, tô ouvindo.

Edberto: Em direção à Rua Santo Antônio, ali brincavam as crianças, os jovens... E outro trecho em direção à Praça Guedes de Miranda. Rua Paissandu era como se fosse uma espécie de um tê, de uma tangente. Pronto, a Rua Paissandu era uma tangente da praça e se brincava Carnaval também nela por ser calçada. Mas a gente da Ponta Grossa mesmo da Rua da Assembleia, raramente brincava ali. Nós tínhamos as nossas troças que era muito forte ali. Então, a gente criou as troças, as nossas troças. Eu me lembro que em 71, em 71 a gente criou uma troça, que tinha o banho de mar à fantasia uma semana antes do Carnaval na Avenida. Isso era o grande evento do Carnaval em Maceió era a prévia, nunca foi o Carnaval. O Carnaval era fraco. Nesse período. Então, nós criamos a primeira troça ali que foi, na época, a prefeitura tinha trazido um pouco antes as mulatas da Mangueira para uma apresentação na Praça Moleque Namorador e se eu não me engano, na Praça Bonifácio Silveira, em Bebedouro. E nessa apresentação, num palcozinho, um palanquezinho mal feito, tudo pra levar as mulheres seminuas, disseram até que era de um prostíbulo lá de Pernambuco, mas isso era de sacanagem [risos] e trouxeram essa mulher, a moçada em volta... o palco andava com aquela mulher em cima. Eles carregavam o palco e se deixassem, ela. Isso foi uma confusão danada na imprensa, porque ninguém sabia direito o que de fato eram aquelas mulheres. Isso gerou uma posição, uma crítica. Aí então a gente propôs uma troca: as verdadeiras mulatas da Mangueira. Então era o cabra mais magro, mais feio vestido de mulher em meio a

uma bateria e nós fomos lá, tentamos requebrar sem saber na Praia da Avenida. Saímos a pé, ali da Rua da Assembleia. Nós ganhamos o primeiro prêmio, a primeira troça.

Henrique: Ah, que coisa boa!

Edberto: Ganhos. Aí no segundo ano, aí a turma se entusiasmou. Aí nós fizemos a segunda troça dali foi "A velha debaixo da cama".

Henrique: A velha debaixo da cama?

Edberto: Umas musiquinhas que tinha...

Henrique: Lembro.

Edberto: Então, a gente tinha um colega nosso que ficava numa cama, que nem leva um andor e ele ficava, ele era magrinho, ficava fazendo peripécias, subia, ficava embaixo da cama e [não entendido]. Ganhamos novamente. Aí quando foi em 73, a ditadura já numa situação mais [não entendido] Médici já tava naquele período mais duro e havia a crise do petróleo e a gente sem nenhum sentido político, absolutamente sem nenhum. A gente se reunia ali na porta do [não entendido] no cruzamento da Guaicurus com a Rua da Assembleia. Era um ponto de encontro nosso e tinha a turma das [não entendido] no tempo que a gente morou lá, a turma da esquina. E a gente dizia: "O que é que a gente vai fazer esse ano?" [não entendido] pensando, pensando...

Henrique: Como?

Edberto: A crise do petróleo, pensamos e decidimos aproveitar um carro abandonado que tava lá, perto de uma oficina, sem motor, sem piso, sem nada. Nós arranjamos as rodas pra ele e arranjamos uma vela de uma jangada e colocamos em cima dele, enfiado num buraco do teto dele. Era o carro movido a vento. Só rapaz, que isso foi denunciado, a polícia federal chegou lá, deu uma confusão dos diabos!

Henrique: Eita!

Edberto: Teve até prisão, porque na época, era um professor e ele tinha um mimeógrafo à álcool em casa.

Henrique: Ele tinha o quê?

Edberto: Mimeógrafo à álcool. E ele, disseram que ele era aí comunista, que ele já foi preso... Óia, foi uma desgraça. [não entendido] A partir daí, a gente não brincava na Moleque Namorador. A gente criava uma batucava e saía de casa em casa bebendo e brincando. Passava o Carnaval inteiro. Todos os dias saíamos de manhã e só voltava de noite, percorrendo as ruas, as casas... Entendeu?

Henrique: Percorrendo as ruas da Ponta Grossa?

Edberto: Como?

Henrique: Percorrendo as ruas da Ponta Grossa?

Edberto: Às vezes a gente chegava até a Levada.

Henrique: Mas começava pelas ruas da Ponta Grossa? Aquelas áreas por ali?

Edberto: Exatamente. Nós fazíamos por ali, brincando, bebendo, chegava na casa de um, aí a pessoa oferecia bebida, um tira-gosto... A gente ia pra casa de um, a casa de outro. No final da noite, a gente já tava no bar. [não entendido] oferecer nada, aí os que aguentavam beber mais iam pro bar. E assim no outro dia. Depois a gente é...

Henrique: Me diga uma coisa. Eu vou lhe chamar de professor, porque é uma aula que eu tô recebendo. Você lembra de Sandoval Cajú? Tem alguma lembrança de Sandoval Cajú?

Edberto: Lembro, lembro claramente dele, porque na Rua da Assembleia, atrás do antigo Cinema Lux, era a fábrica dos bancos, dos equipamentos de praça que ele utilizava. O industrial que fazia isso chamava-se Plínio Visgueiro Sampaio. Plínio Sampaio Visgueiro.

Henrique: Plínio?

Edberto: Plínio. Ele tinha uma indústria, uma fábrica, que montava essas peças, que fazia tudo, e o Sandoval Cajú ia muito lá, e a gente era amigo dele, dos filhos, das filhas dele. Então a gente via várias vezes ele lá. Quando depois chegou Suruagy chegou também, ele me apresentou. Ele era muito ligado ao mundo político. Pra pegar as ordens, então, depois do Sandoval, ele se vinculou a Suruagy, quando a gente já fazia as quadrilhas juninas. Então, ele queria aparecer como um... Ele se vendia como um líder popular da Ponta Grossa, sem nunca ter sido. Tudo que a gente fazia, ele dizia que era dele. [não entendido] [risos] E ele fabricava essas peças lá, então eu via o Sandoval Cajú várias vezes. E depois, tempos depois, já na política, eu convivi com Sandoval Cajú, com as filhas dele etc. e conversava com ele, mas já não morava mais lá.

Henrique: Como lhe parecia Sandoval? Como era Sandoval pra você?

Edberto: Acho que a palavra que poderia mais definir, talvez seja, espirituoso. Ele tinha grandes sacadas, era bem-humorado, ele era aquele tipo que contestava e ele brincava com as palavras, gostava de um palavreado mais elaborado e ele como advogado, depois...

Henrique: Talvez ele tenha trazido isso com a experiência como radialista...

Edberto: Isso também. Então ele tinha isso, mas ele era uma pessoa assim, era contundente quando tinha que criticar. Eu acho que o Sandoval Cajú faz parte de uma relação de políticos que nasceram a partir de personagens criadas em torno dele. Não só ele. Marreco foi a mesma coisa e outros. Eu tô agora com... Esqueci o nome dele, ai meu Deus. Que eu tô levantando um material com a família de outro radialista. Como Sabino Romariz fez...

Henrique: Sabino Romariz, sim.

Edberto: É um personagem, um ator. Um grande ator e diretor, viu. É um grande ator. Então, Sandoval, ele, o radialista, quando ele faz aqueles programas de denúncia, de

contundência, ele faz um personagem. É que nem Siqueira Júnior agora na televisão. O cara vive um personagem. O Ratinho é um personagem... Acho que o Sandoval Cajú faz parte dessa relação de lideranças políticas que surgiram em torno do verdadeiro Sandoval Cajú e [não entendido] você conseguia vislumbrar, quebrando um pouco aquela estrada, e [não entendido] você conversando sozinho com ele, você percebia que existia uma pessoa tranquila, entendeu? Que elaborava mais as ideias, sem muito rompantes, nem tiradas etc. Então eu acho que o Sandoval Cajú era desse tipo. A imagem que ele me passou foi essa.

Henrique: Você lembra de alguma particularidade das praças de Sandoval? Por exemplo, dos "S", por exemplo.

Edberto: Dos "S". Quem chamou a atenção pra os "S" não foi nem a gente. A gente via naturalmente aquilo, aquilo era normal, mas a oposição a criticá-lo, por ele usar esses "S" como propaganda, ele não podia ter feito. Ele tava urbanizando praças e ao mesmo tempo construindo peças publicitárias permanentes do seu nome. Então isso gerou uma polêmica em Maceió na época, por quê? Quando eu morava no Beco São José, meu pai foi militante do Partido Comunista Brasileiro. Foi preso, inclusive, em 64. E a gente circulava naquela região, lá em casa vendia muita coisa, e eu conhecia, Luiz Cavalcante, uma vez, parou lá na porta, veio à pé do palácio pra conversar com meu pai e minha mãe. Era o estilo dele. E quando Sandoval Cajú começou a construir as praças, uma delas que ele recuperou foi o Parque Gonçalves Ledo. E lá do Parque Gonçalves Ledo, onde depois foi a polícia mirim, o Mobral, depois acho que o Lyon, o Rotary! Ele instalou uma televisão, ali inaugurou uma televisão pública. Eu tava lá no dia da inauguração com os fogos e carro de som. 62 se não me engano, 63. Então, eu já conhecia o Sandoval Cajú das presepadas dele, essas coisas todas... A Praça Sinimbu, quando ele inaugurou... Então, ele fazia as festas e como eu morava no Centro, eu ia. E na Ponta Grossa não. Teve gente que já tinha feito tudo. A Praça Santa Teresa, a Praça Guedes Miranda, a Praça Menino Petrúcio, que pouca gente conhece, lá no final do Beco da FEB pra sair na Rua Santo Antônio, não é. Talvez, na Ponta Grossa tem uma pracinha, que não sei se dá pra chamar de praça, que era o Jardim Esperança, ao lado do Rodriguez de Melo. Talvez seja a única praça da Ponta Grossa que não seja uma sobra de quadra, que ela é toda retangular, pequenininha. Tá no Jardim Esperança. Talvez seja a única, porque todas as outras, a da Casa dos Pobres é... Já é Vergel ali. É um triângulo. Padre Cícero é um triângulo. Guedes é um triângulo. Santa Teresa... A Santa Teresa foi a segunda grande praça, a Praça Santa Teresa. E também é um triangulozinho que vai... Aí você... Mas ali tinha uma Igreja, ou ainda tem.

Henrique: Sim.

Edberto: [não entendido]. Não é?

Henrique: Isso.

Edberto: Eu não sei se a Igreja garantiu o chamado o [não entendido], o terreirão, na frente ali dela ou foi ao contrário: ela foi preservada e depois surgiu a Igreja. Eu não tenho essa informação, eu não sei. Eu só sei que a ação católica na década de 40 ou 50 tinha ações ali no [não entendido] da escola de samba que se concentrava ali na Praça Santa Teresa.

Henrique: Tinha o quê?

Edberto: A escola de samba. A Circulista. Se concentrava na Praça Santa Teresa na década de 50. Ali era uma praça importante na Ponta Grossa. Talvez a mais importante depois das Graças que é na Levada. Talvez seja a Praça Santa Teresa. A Guedes Miranda depois surgiu como uma feira livre ali de troca e ficou famosa, como a Praça do Rato. [não entendido]

Henrique: Só tinha ladrão. [risos]

Edberto: O pessoal brincava. Mas acho que a Praça Santa Teresa teve assim, um bom momento de festa, algumas coisas melhores lá.

Henrique: Nas quermesses...

Edberto: É, ela teve assim... Depois da das Graças era a praça. Fora a Moleque Namorador, no Carnaval você não procura. A pracinha ali no terceiro distrito. Tem a Praça Carlos Paulino, mas ali já é Levada, não... no final da Loureiro, Professor Loureiro, lá perto da Levada. Todos os triângulos, todo pedacinho de triângulo... A Praça Santo Antônio... Entendeu? Então...

Henrique: É... Não, pode terminar.

Edberto: Não, então é isso. A principal praça da Ponta Grossa, no meu modo de entender foi, no início a das Graças, não era Ponta Grossa, era Levada, mas servia. E na medida que a Ponta Grossa começou a crescer em direção à Cabo Reis [não entendido], aí a Praça Santa Teresa cresceu de influência, foi urbanizada e ela passou a ser um espaço importante. Então depois foi... Só na década de 40, com a segunda guerra mundial é que a coisa avançou em direção a [não entendido] e já virou ponto de atração, de viagens de [não entendido] atraiu a organização, conseqüentemente. Pra você ter uma ideia, em frente à Santa Casa, onde foi construído o Colégio Municipal, era um campo de futebol de um time chamado Brasil, cuja sede era ali na Rua Manaus, por ali, ali na Rua Formosa, naquela região, conseguiu modificar isso. Então era uma região assim, de sítio. Foi com a Segunda Guerra Mundial, com a instalação do cais de hidroaviões lá no final da Monte Castelo... Diz que eles arrombaram a cerca, que abriram a estrada, a Monte Castelo... Você pode olhar, a largura da Monte Castelo não é coisa de brasileiro, é coisa de americano. Da pra perceber ali, né?

Henrique: É verdade.

Edberto: Ali foi durante a Segunda Guerra Mundial. Os americanos que se estabeleceram lá no final, na Base de Brink[?], também. Aí a Ponta Grossa rumou em direção à Cabo Reis que era ali à esquerda. [não entendido], que era a Coreia, a famosa Coreia, que era coisa preconceituosa, foi na época da Guerra da Coreia, matava muita gente e tal. [não entendido] Como diziam que matavam muita gente também naquela região da Ponta Grossa e começo do Vergel, da Cabo Reis, direto pro Trapichão, aí começou a ser chamado de Coreia. Eu morei ali no meio. Quando meu pai tava preso, uma moça levou eu e meu irmão pra [não entendido]. Eu comia da comida da cadeia. Eu ia até meu pai e pegava comida da cadeia e levava pra ela.

Ela era casada com um auxiliar de mecânico de uma das oficinas ali da Ponta Grossa [não entendido]

Henrique: Ela era casada com um quê?

Edberto: Com um mecânico de automóveis, auxiliar de mecânico numa oficina. Nós moramos lá alguns meses, até meu pai ser solto.

Henrique: Você se lembra das televisões que você citou do Parque Gonçalves Ledo nas praças da Ponta Grossa?

Edberto: Me lembro de uma na Santa Teresa. Quando eu cheguei eu não sei se ainda tinha a televisão, se ainda funcionava ou só tinha a caixa dela. [não entendido]. Porque quando eu cheguei em 66, a televisão já tinha começado a se espalhar em algumas casas. Então, onde eu morava, a gente ia pra casa em frente, de esquina e subia na janela olhando. Então apareceram várias casas que chamava televisinhos. Ia olhar televisão na casa do vizinho, e isso terminou por acabar com essas televisões.

Henrique: Pra Sandoval, uma das coisas do discurso dele é que ele foi o primeiro político do mundo a colocar televisão nas praças. Uma coisa que ele repetia sempre nos discursos.

Edberto: E, era ele, o Luiz Cavalcante fez a mesma coisa. Governador da mesma época. No interior do estado, ele começou a fazer. Então [não entendido] inaugurando televisão, aqui na Grande Maceió, Rio Largo, aqui em Santa Luzia, aqui perto. Onde a antena alcançava o sinal, ele ia [não entendido] também, mas a ideia foi mesmo do Sandoval.

Henrique: Esse discurso aí de Sandoval, que você me falou, dessa coisa dele ser populista, desse discurso popular, você tem algum conhecimento sobre ele, sobre os comícios de Sandoval Cajú...?

Edberto: A única vez que eu vi ele falando eu acho que foi em 62, ele já era prefeito, na inauguração da televisão do Parque Gonçalves Ledo. A gente foi. Foi a única vez. Mas eu tinha sete, oito anos de idade. Eu me lembro dele falando, tava o Luiz Cavalcante e eu conhecia bem o Luiz Cavalcante, porque a gente ia pra Praça dos Martírios, ele ficava lá sentado chupando rolete e dando pros meninos rolete, comprava [não entendido], rolete de cana. Então eu conhecia bem o Luiz Cavalcante, e como meu pai vivia na política, né...

Henrique: Eles eram adversários políticos, né? O Luiz Cavalcante e o Sandoval Cajú.

Edberto: Pois é, mas quando eles começaram, eles andavam próximos.

Henrique: Sim.

Edberto: Em 64, foi quando houve o golpe, organizado aqui em Alagoas pelo Major Luiz Cavalcante, foi um dos cabeças do golpe no Nordeste. Aí o Sandoval Cajú foi perseguido covardemente, acusado de ladrão, de corrupto, denunciado em jornais sem prova, foi caçado etc. Uma perseguição a ele que fizeram, assim, digna de algumas coisas recentemente, que aconteceram recentemente. Primeiro você acusa, bota no jornal, o cabra passa como ladrão, depois você não prova mais coisa

nenhuma, o cara já é ladrão. Aí não adianta mais. Foi o que aconteceu com ele. Ele ficou muito magoado, muito magoado.

Henrique: Até a morte ele era muito magoado.

Edberto: Ele ficou porque, as vezes que eu conversei com ele, a gente conversava, ele dizia. Ele não escondia isso não. Eu fui em vereador em Maceió. Eu fui vereador em Maceió por acaso. Fui vereador de 83 a 88. Então eu convivi nesse mundo da política muito de perto. Inclusive com ele. Mas também só tive esse mandato e foi por acaso que eu fui escolhido. Não era eu pra ser o candidato. Era o Ênio. Aí de última hora me botaram, eu me elegi, quando terminou meu mandato eu não quis mais. Cai fora. [risos]

Henrique: Você acha que existiu aí uma coisa política, um arremedo político pra tirar Sandoval da política na época? Talvez porque ele tivesse querendo, se ele fosse se eleger governador do estado?

Edberto: Nesse período, do final dos anos 50 ao início dos anos 60, havia um discurso da UDN, que era combater o populismo, populismo. Muniz Falcão era desse [não entendido], que era populista. Muniz Falcão, Getúlio Vargas. Aqui em Maceió, Marreco. Ou seja, todo aquele que tinham votos, muitos, por suas ligações com o povo os militares e os [não entendido] começaram a bombardeá-los. Eles foram... Castro Filho foi deputado, foi caçado. Castro Filho era outro. Marreco... Eu fui vereador com Marreco, que era [não entendido] teve votos. Eles começaram a perseguir os chamados populistas. No fundo eles diziam: "só fica com a gente quem só vai ter voto se a gente der. Quem fizer voo próprio, porque são populistas, nós vamos eliminar". Isso foi feito claramente sem nenhum problema. Entendeu? Eles eliminaram mesmo politicamente. O Muniz Falcão morreu de câncer logo em seguida. Acho que em 66 e aí os últimos populistas talvez tenham sido, dessa linha, Mendonça Neto, que já apareceu em 74, mas o Sandoval foi vítima desse processo. Entendeu? [não entendido] Não porque ele era corrupto. Ele era desorganizado. Eu nunca ouvi dizer que ele era ladrão. Toda a informação que eu tive é que ele era assim. Ele pegava um pedaço de papel e mandava assim: "Pague mil reais a fulano" e mandava pro tesoureiro da prefeitura. [não entendido] Ele era desorganizado, mas ele conseguia botar a cidade pra funcionar. Pronto Socorro... Ele chegou no Pronto Socorro, tinha um médico criando problema, ele botou o cara pra fora na hora. Mandou botar outro. Entendeu? Não tinha processo ali administrativo. Ele era bagunçado mesmo, ele era o cara que dizia: "Nós vamos fazer". E do jeito dele deu certo, porque quando ele sofreu os ataques, ele era muito bem visto pela população.

Henrique: Muito, muito. Inclusive, apesar dele ser conhecido como o prefeito das praças, ele não se ateve só as praças, ele calçou muita rua, ele fez muito posto médico, muito posto policial...

Edberto: É verdade. Exatamente. Ele fez uma boa gestão. O Sandoval foi um revolucionário. Até essa visão da praça como espaço mais privilegiado, pra passeio etc., já tava morrendo, porque é uma coisa que os urbanistas têm que... Já tem gente estudando isso, mas as praças tão sofrendo uma reutilização, no sentido de... Não tem mais aquela praça dos casais passeando de mãos dadas etc. A violência acabou com isso. As praças eram próximas de áreas de moradia. As principais praças. Por exemplo, Praça D. Pedro II. Ninguém mora mais ali.

Henrique: É verdade.

Edberto: Praça Sinimbu. Ninguém mora mais ali. Praça dos Martírios. Ainda se tem uma ou outra casa. Então, como área de passeio dos moradores da redondeza, ela não existe mais. E infelizmente, o poder público investe nelas como se fosse ainda aquela visão do meio parque, com árvores, com verde e área de lazer, de entretenimento, de relaxamento, mas a praça não faz mais esse papel. E um dia desse, num debate, eu tava dizendo ao grupo que tem que saber ler o que o povo tá fazendo. As vezes ele ensina. Então você chega na Praça da Faculdade, que tem outra origem. A Praça da Faculdade e a Praça da Liberdade, elas sobrevivem como praças, como largos, porque serem áreas de organização militar, treinamento, exercícios, campo de futebol. Se você chegar na Praça da Faculdade não adianta investir fortunas ali. Ninguém vai lá. Mas, o que é que tá acontecendo? Você chega na Praça do Skate, aí tem um bocado de *food trucker* lá, os carrinhos de lanche e um monte de gente indo pra lá e aquilo tá dando uma vida. Ou seja, o lazer hoje tá associado ao hábito de ir comer e beber. Então, se você chega na Praça do Centenário, cria no meio dela uma estrutura onde os carros podem chegar aos *foods trucker*, eles podem chegar, tem um banheiro ali, tem um palcozinho em que sextas, sábado e domingo à noite as pessoas podem ir sentar e tomar uma cerveja, comer um sanduíche, a praça ela vai ser utilizada. Ela tá sendo utilizada. Chega na Ponta Verde, churrasquinho não sei de quê, na praça não sei de onde. Assim de gente! Comendo e bebendo. Ora, é a cidade que tá dizendo assim: "olha, quero uma praça dessa daí". Cabe o agente dizer: Olha, é possível aceitar praça pra esse fim? " Então se for, ou nós vamos normatizar esse uso de solo e como nós vamos prepará-la pra receber esse uso. [não entendido]. Não tem banheiro químico. Tem que ter instalações elétricas pra ligar as [não entendido]. Então, essa rediscussão de praças... Nós estamos tendo visão de praça dos anos 60, do Sandoval Cajú. A praça tá sendo equipada agora tem a mesma coisa que Sandoval fez nos anos 60. É urbanizada etc., aí daqui a três meses ela tá abandonada, sem vigilância, destruída, [não entendido] o que foi investido, um empresário com um monte de dinheiro no bolso e a praça abandonada de novo.

Henrique: Tem o quê?

Edberto: O empresário com um monte de dinheiro no bolso...

Henrique: Sim...

Edberto: E a praça abandonada novamente, sem um vigia, sem um jardineiro, sem nada.

Henrique: Na Ponta Grossa, depois que Sandoval foi retirado do cargo, depois que ele foi deposto pelo regime militar, você tem alguma lembrança das praças, do que aconteceu nas praças nas outras administrações, nas administrações posteriores? Porque aquelas praças eram tão representativas de Sandoval? O que é que você acha que aconteceu depois da retirada de Sandoval do poder?

Edberto: Eu acho que as praças, elas continuaram tendo o mesmo desuso que já tinham antes. [não entendido] A Praça das Graças só enchia na Missa do Galo ou nas missas dominicais. Fora isso, você tinha um caldo de cana, ali do Seu João, no meio da praça. Antes era de um velhinho, cabelo branco, o pai do Edmilson, depois do Seu

João. E tinha um monte de gente esperando pra ir pra Saúde Pública. À noite não tinha ninguém ali. Como não tinha na Praça Deodoro, não tinha em praça nenhuma em Maceió. Então, o que houve depois, que eu vi, foi nenhuma manutenção. De vez em quando a Praça das Graças recebia uma arborização, um gramado, um isolamentozinho na área jardinada...

Henrique: Uma pintura... Uma pintura nos bancos...

Edberto: Isso. Mas assim, a questão chave que era repensar as praças com essa nova realidade, em que as pessoas não querem mais ir pra praça fazer o que faziam antes, isso é o grande problema. É o grande problema. Que não foi resolvido nem na Ponta Grossa nem em bairro nenhum.

Henrique: [risos] É verdade. É verdade. Você frequenta alguma praça, hoje?

Edberto: Nenhuma! [risos] Não, eu não me lembro. Olhe, eu era menino no Beco São José quando eu ia pra Praça dos Martírios por causa da fonte luminosa. De vez em quando a gente ia ver com minha mãe. Por causa do major, que distribuía rolete de cana. E lembro da Praça Deodoro, porque eu ia catar oiti no chão e ia engraxar sapato. A Praça Dona Rosa da Fonseca, que era no Bar do Chopp também eu ia vender minhas coisas ali em frente. Aquele ponto era muito bom, em frente à Feira Aiuvéltica, ali ao lado da Igreja. Pra vender, eu botava minha banquinha pra vender as coisas: uva passa... Ah... eu vendia de tudo. Então, assim, eu me lembro de praça... A Moleque Namorador. Algumas vezes eu cheguei pra... Eu acho... Eu tive na Praça Moleque Namorador brincando Carnaval uma ou duas vezes só. Era muito pesado. Eu era menino. E pronto. E... sim! A Praça da Faculdade no natal. Aí tinha um monte de gente que ia brincar ali, que era a grande praça da Zona Sul no natal. Da cidade, eu acho. A gente ia a pé, porque claro, o cara que morava lá em Mangabeira não ia... tinha que pegar ao menos um ônibus pra ir pra lá, mas pra gente que era da Zona Sul era beneficiado, ou quando foi na Praça do Pirulito ou quando foi na Praça da Faculdade, a gente ia a pé, as turmas, com a rua cheia de gente indo pra lá. Uma outra coisa, que talvez você que estuda isso vai identificar é que, se lá nos anos 30, 40, as pessoas saíam de casa pras praças, como uma ampliação da sua casa, como uma área arejada etc. pra passear, já nos anos 60, o costume vindo do interior, quando Maceió começou a receber muita gente do interior, era ficar na calçada, na rua. Eu não sei se exatamente eu tô sendo preciso nesse período. Talvez haja algum erro aí. Mas, em vez de ir pra praça, as pessoas não iam mais pra praça pra sentar e conversar. Ficavam na porta de casa. Vou lhe dar um exemplo concreto: na Ponta Grossa, ali na Rua Santo Antônio, atravessando a rua onde eu morei, do outro lado, em direção ao Mercado, a casa de esquina morava o chefe Eraldo, que foi da guarda civil, uma figura violenta, inclusive, quando foi delegado, batia em muita gente... Foi ele, inclusive que deu aquela famosa pisa no Donizete Calheiros, que era um deficiente. E ele já veio... O que é que ele fazia toda tarde? Ele pegava uma cadeira, atravessava a rua, chegava na porta lá de casa, no oitão, a casa era grande, a sombra era alta, ele sentava, outros velhos sentavam ao lado dele, trazia... Porque ele trazia os jornais! Ele trazia a *Gazeta* e *Jornal de Alagoas*. Quem queria ler o jornal, era só esperar a tarde. Então ficava assim: 8, 10, 15 pessoas em volta, numa roda, conversando em torno do jornal. Minha mãe fazia um cafezinho pra eles... Aquilo era uma praça! Aquilo ali tava fazendo o papel de praça. Entendeu? Ou seja, de convivência social dos vizinhos nos espaços. Não precisava mais ir pra praça, que era longe. Elas faziam ali mesmo.

Henrique: A Ponta Grossa tem esse costume, de pessoas sentadas na porta de casa, nos degraus, ou pegar as cadeiras e levar pra porta de casa pra ficar conversando, cumprimentando as pessoas que estão passando... Minha avó adorava fazer isso.

Edberto: Então, Ali na Guaicurus esquina com a Rua da Assembleia, a gente se reunia, era tanta gente de noite, chegava a ter 20, 30 pessoas. Ali saía time de futebol, saía o Carnaval, as troças, ali saía o São João, que a gente foi tetra campeão pela Gazeta, organizando o melhor São João da cidade, as quadrilhas. Aquela na Rua da Assembleia. Ali era minha praça, naquela esquina. Então... Era a praça, ali onde eu vivi a praça. Sentado na porta da fábrica de vinagre, na calçada. Ficava até uma hora da manhã ouvindo Rádio Progresso, tal, e tomando uma cachaça, as vezes saía pra ir na beira da lagoa pescar os tiragostozinhos e voltava. Então, a convivência social de praças, ela foi abandonada em troca dessa convivência social de esquinas e calçadas. É o meu modo de ver como aconteceu esse fenômeno. Eu não sei se tem estudos sobre isso, ou não, mas pelo menos merecia ser estudado, porque pra entender os bairros populares, e o esvaziamento das praças, é que as ruas foram sendo espaço de convivência social. Elas foram substituídas por pequenas praças em cada rua. Eu vi isso acontecer, eu vivi isso. Toda a minha vida social, conversar com os amigos pra acertar namoro com as meninas, pra aniversário, pra ir pro baile, pra jogar futebol... Tinha um time de futebol que foi organizado ali que foi nós jogamos segunda divisão no campeonato alagoano. Quer dizer, então ali era um clube, era uma Fênix da vida do bairro. Entendeu? Pessoas próximas... Era muita gente! E um vizinho falava da vida do outro, outros brincavam, mas sempre se administrava ali as coisas. Era todo mundo... Até hoje, até hoje eu vou lá e conheço todo mundo, a gente conversa... Ainda tá lá, a turma da esquina, se você for hoje nesse mesmo cruzamento, toda tarde, na esquina da venda do Regis, no outro lado da rua, tem um bocado de gente sentada. Quatro, cinco, seis, dez! Eu vou lá de vez em quando e fico conversando com eles. As vezes paro o carro e fico conversando. Então essa convivência social de esquina teve em vários lugares de Maceió e isso que substituiu a praça. A praça morreu, também, por causa disso.

Henrique: A praça morreu por causa disso.

Edberto: Também.

Henrique: Também. [risos]

Edberto: A violência também eu acho que também incidiu fortemente sobre... Alguém sair de casa pra ir pra Praça Deodoro, pelo amor de Deus! O cara ia ser assaltado de noite, naquela região ali. Eu montei uns três projetos de revitalização. Eram turnês feitas no sábado à tarde pelos prédios históricos no centro da cidade. Eu cheguei a bolar uns quatro roteiros pra turistas, mas não tinha polícia de lado. Quem p* vai ali pro centro sábado à tarde sem máquina fotográfica com carteira? Quem vai?

Henrique: É verdade.

Edberto: Então esse é um dos problemas sérios dessa nova cidade. Uma cidade insegura, em que as pessoas preferem ficar mais próximas de casa, ou na porta de casa, ou esse tipo de coisa. Na Ponta Grossa, até ficar de noite na porta já não fica mais, porque começou a ter assalto, começou a ter esse problema também.

Henrique: Sandoval falava sempre sobre a Cidade Sorriso, que queria devolver o sorriso a Maceió. Era o *slogan* dele de campanha, era o *slogan* de Sandoval Cajú. Você tem alguma memória disso ou sabe alguma coisa sobre esse *slogan*, sobre esse período?

Edberto: Esse *slogan* é a prova da malandragem do Sandoval Cajú. [riso] No fundo, o “S” que ele botou nas praças, ele precisava justificar. Então o “S” era de sorriso, o “S” era de sorriso. Esse “S” ele pintava de diversas formas. Então, a minha leitura é de que ele, malandramente, criou esse “Cidade Sorriso” pra justificar o “S” nas praças. Na minha visão foi isso.

Henrique: Muito bem. [risos] É, na minha também. [risos] Algumas pessoas falam que as administrações logo posteriores a de Sandoval, elas estavam mais preocupadas em esconder os “S”, por isso que os bancos foram pintados, os escorregadores foram pintados. Eles estavam se importando mais em esconder os “S” do que de dotar ali, aquela praça, de novos equipamentos, né?

Edberto: Era, mas isso já vinha... É o que eu lhe disse: a campanha contra a utilização da marca dele nos bancos, em tudo quanto é lugar do “S”, já vinha antes no governo dele. Então, claro, quando ele foi afastado, [não entendido], corrupto, perdeu o mandato, aí, imediatamente eles foram em cima pra apagar a memória dele. Só que, é outra coisa que ele foi muito competente nisso. Ele equipou as praças com tantas coisas caras e sólidas que pra você tirar, tem que botar outro. E era dinheiro! Então era caro! Ele gastou dinheiro com isso. Então, o cara olhava assim: “Rapaz, eu vou tirar um banco desse forte, que aguenta...” Ainda tem banco aí tranquilo, sendo usado.

Henrique: Muitos.

Edberto: Muitos, eram fortes, eram coisas sólidas. “Eu vou tirar, vou ter que botar outro, porque o povo vai reclamar”. Então, “deixa isso aí”. Então pintava, fazia o diabo. Mas foi ficando, a maioria ficou durante muitos anos.

Henrique: É verdade. Outra coisa: se você ver a planta da praça, a jardineiras circulares, elas continuam as mesmas, as mesmas criadas por Sandoval Cajú. As praças mudaram os usos, passaram por reformas, umas foram reinauguradas várias vezes, mas se você olhar o desenho da praça sinuoso, as jardineiras e os bancos são os de Sandoval Cajú ainda.

Edberto: Ainda. Exatamente. Inclusive, por exemplo: a praça Sinimbu, que ele dividiu em duas, aquela ruazinha ali. Na realidade, ali são duas praças com dois nomes. Poucos sabem disso. Ali tem a Praça Sinimbu e a Praça Jorge de Lima, em frente à casa de Jorge de Lima, onde tinha o mijãozinho. No mijãozinho, atrás do mijãozinho tinha a poesia de Jorge de Lima. Então, ele era um poeta, quer dizer, ele era metido a poeta. Nunca vi grandes obras de poesia dele não, mas ele gostava de poesia e muito. Ele admirava Jorge de Lima, então ele quis fazer uma homenagem a Jorge de Lima.

Henrique: Ele, além de político e radialista, ainda foi poeta e escritor, né?

Edberto: É verdade.

Henrique: Né verdade? Meu tio fez, tio Esdras, meu tio Esdras fez a capa do livro *Conversador...*

Edberto: Eu tenho o livro aqui.

Henrique: Que ele editou tempos depois que já estava fora da política, vamos dizer assim e durante a política, durante os tempos que ele foi político, ele fez alguns livros de poema, inclusive citando os bairros de Maceió e falando um pouco sobre a Cidade Sorriso. Sobre os “S” de subir, de sentar... [risos].

Edberto: Era a cara dele mesmo. Agora, eu nunca vi assim, nenhuma poesia dele. Ele não era um poeta. Ele gostava. Porque ele misturava poesia de origem sertaneja, matuta, tentando dar uma erudição nela e não ficava uma coisa muito... Não conheço nenhuma grande poesia do Sandoval Cajú. Aquele Silvestre Péricles, que também tentou ser poeta, chegou a lançar um livro... Eu tenho o livro dele, inclusive. Não colocaria em nenhuma galeria não.

Henrique: Claro, claro. Com certeza.

Edberto: [não entendido] Ele até que escrevia bem, ele escrevia bem, mas também... O que ele é na realidade, era um grande contador de histórias. É um Carlito Lima, é um grande contador de história. Eu me lembro quando o Carlito Lima foi escrever, eu tinha uma gráfica editora, ele me procurou pra mim editar o livro dele *Confissões de um capitão*. Quando eu li o livro eu disse “não, você não vai publicar comigo não, você vai publicar com uma editora do Sul, por causa da distribuição”. Ele disse: “Rapaz, mas eu não sou escritor”. Eu disse: “E nunca será, mas não se preocupe com isso não. Você é um contador de história. Conte história. Não se preocupe com o rebuscado, a letra, tudo certinho não. Isso aí vai pra academia. Você conte a história, faça só isso. Se preocupe em contar a história. Você é um memorialista. Mas só que esse período que você tá contando a história é uma riqueza”, porque ele revelou os bastidores da vida da carreira militar dele, do golpe militar e ele era um cara que contestava a violência etc. Foi um sucesso o livro dele. Ele até hoje me agradece: “Graças a você que eu perdi meu medo de contar história”. Embora danou-se a contar um monte de história, um monte de porcaria, mas conta história. Era o Sandoval Cajú. Sandoval Cajú quando ele colocou o nome *O conversador* ele queria dizer “o contador de história”.

Henrique: É verdade.

Edberto: Então ele tinha consciência disso. Ele não era um escritor, ele gostava de contar história, sempre gostou. Você sentava com Sandoval Cajú, você não queria mais sair... “Não fique mais um pouco”. O que ele tinha de história pra contar! E era muito bem contada, e sempre tinha aquele *Grand finale*, aquela coisa, ele preparava e você dava a gargalhada, a história engraçada ou um drama... Ele sabia contar história, por isso ele cativava, por isso ele fez sucesso no rádio. Ele sabia construir um enredo, o roteiro pra chegar no clímax, no momento certo. Entendeu? Ele sabia trabalhar com esses sentimentos. Por isso que eu digo: ele era um contador de história. A tradução é *Contador de história: o contador de história*.

Henrique: É verdade.

Edberto: [não entendido] encontrar nele grandes obras, grandes poesias, grandes escritos. Não vai encontrar. Não vai. É o conteúdo. [não entendido] Ele escrevia de tudo, falava de tudo, era uma metralhadora giratória, metralhadora giratória, mas era um grande personagem. É um dos raros personagens. Ele não entrou para a história de Alagoas. Pra você ver como é. Pouca gente sabe que ele foi um grande gestor. Ele [não entendido] por causa das praças, dos "S" e por causa das histórias, as piadas: "eu vim de branco pra ser mais claro", "se eu cair pra frente, eu caio nos braços do povo. Se eu cair pra trás eu caio nos braços de Deus". Aquelas conversas que ele fazia, eu lembro de um comício na Moleque Namorador em oitenta e... Eita meu Deus, agora... Eu vou... 86. Eu acho. 86. E ele resolveu apoiar um jornalista chamado Bernardino Souto Maior a deputado estadual. E ele tinha uma força grande de voto. Só que o Bernardino era uma mala, não tinha voto, era um cara difícil de carregar. E ele chegou na Praça Moleque Namorar, aí o Bernardino dizia pra gente: "Vocês vão ver quando chegar..." Isso foi em 82. "... quando chegar na Praça Moleque Namorador, vocês vão ver quando o Sandoval pedir voto pra mim, eu vou disparar na pesquisa, eu vou lá pra cima, eu vou ganhar a eleição". E todo mundo esperando esse famoso comício na Moleque Namorador e eu era da região. Inclusive lá eu fui carregado nos braços, mas tudo umas armações que a gente fazia, o jogo político. Eu me lembro que na hora H, ele era o último a falar, porque Sandoval Cajú era a maior liderança da Zona Sul. A poeira de ouro, como eles chamavam o povo da Ponta Grossa.

Henrique: Como é que ele chamava?

Edberto: A poeira de ouro. [risos]

Henrique: Por que?

Edberto: Eu acho que essa expressão vem de Silvestre. Ele aproveitou. É poeira de ouro, porque assim, ali o bairro é cheio de poeira, de lama, de poeira, mas ele quis dizer assim: "é pobre, mas é bom, é de ouro". Entendeu? É poeira de ouro no sentido, o povo da poeira de ouro, a pobreza de ouro. Mas aí, quando ele vai falar no final do comício, cheio de gente esperando e o Bernardino [não entendido]. Ele chamou o Bernardino de lado, aí disse: "Olhe, eu estou aqui numa missão. Eu tenho que pedir a vocês o voto pra o Bernardino. Eu sei que ele é um candidato difícil de eleger, eu sei que ele não tem condição..." Rapaz, ele desmontou o cara só ele falando. Fez o Bernardino baixar a cabeça [risos] ele sabia que o cara não se elegia. Então o que ele quis dizer: Olhe, eu não tô colocando minha liderança em risco ao apoiar um cara que vai ser derrotado, porque se ele apoiasse e ele fosse derrotado, quem foi derrotado foi Sandoval. Então, ele deu essa saída como quem dissesse: eu apoio, mas ele não vai ter voto, porque ele é ruim pra peste. [risos] é muito ruim.

Henrique: É ruim pra peste [risos]

Edberto: E aí rapaz, isso virou gozação. O Bernardino... Muitos anos depois, a gente encontrava o Bernardino, a gente dizia: "E o apoio do Sandoval, Bernardino?" "Aquele fi da peste". Ele gostava muito do Sandoval.

Henrique: Eu queria muito agradecer a sua disponibilidade e todo esse ensinamento aí e todos esses fatos e essas filigranas da história de Alagoas que você passou pra mim agora, eu vou tentar utilizar no trabalho da minha pesquisa que eu estou fazendo. É muito engraçado que cada pessoa que eu entrevisto, ela tem uma forma de lembrar

de Sandoval diferente. A convivência com Sandoval diferente. Tem memórias diferentes de Sandoval. E as suas memórias são muito importantes para mim, e depois de transcrevê-las, eu vou lhe mandar a entrevista escrita pra você ler o que você [corte no vídeo] Muito interessante, coisas bem diferentes e...

Edberto: [não entendido] mas se precisar de mais alguma coisa, pode me ligar, pedir qualquer informação sobre isso, porque eu tenho aqui uma biblioteca razoável. [não entendido] história de Alagoas. Minha vida é essa, de manhã, de tarde e de noite. Aí eu tenho algumas informações, e se você precisar, você pode me acionar. Com o maior prazer, é o tipo de trabalho que eu faço com o maior prazer. Você tá tentando, você tá construindo, elaborando um trabalho pra contar história de um personagem importante da nossa história e de características urbanas do bairro, o meu bairro, que eu... Então isso pra mim é muito importante. Pode contar comigo.

Henrique: Obrigado. É muito engraçado que, talvez, aquelas arquiteturas de Sandoval, feitas de pedacinhos de azulejo, a inspiração lhe tenha vindo da própria Ponta Grossa, das casas que na época já estavam já sendo feitas, as fachadas de azulejo, que se você caminhar pelo bairro, você encontra ainda hoje ali.

Edberto: Eu não sabia disso, porque como eu andei pesquisando sobre o mijãozinho e naquele material do mijãozinho, você vê tem um monte de azulejo ali aproveitado. Como Plínio Visgueiro Sampaio fabricava azulejos, marmorite etc. Ele tinha uma fábrica disso. Eu achava que o Plínio aproveitou, ele fazia muito esse aproveitamento de azulejos quebrados, que era mais barato, mas quando eu fui pesquisar sobre o mijãozinho, há um mijãozinho inicial de metal, lá na praça, que tem um igual em União dos Palmares. Acho que compraram mesmo lá. Depois o de Maceió desapareceu, fizeram um de concreto. O pai da Josimeire, que é arquiteta, sabe quem é, né?

Henrique: Sim.

Edberto: [não entendido] morava lá na Rua da Praia. Era o arquiteto elaborador dos projetos que eram executados pelo Plínio, por Sandoval Cajú. Eu tentei falar com ela, ela disse que tava passando um momento difícil lá com umas pessoas doentes na família e eu disse: "Certo, quando você tiver condições, você me liga pra gente conversar". Porque eu já localizei. Eu acho que, talvez, você cure alguma informação ou a origem dessa... Porque o Plínio, ele era só o construtor, mas a ideia era do pai da Josimeire, pelo que eu sei até hoje.

Henrique: Sim, sim. Ela é minha orientadora.

Edberto: Então, [risos] aí eu tô falando besteira. [risos] Porque ela tinha me dito isso. O pai dela, eu acho que o pai dela teve uma influência grande nesse... no que fazer. Eu não sabia que tinha sido inspirado nas casas da Ponta Grossa, porque é muito recente essa utilização de cerâmica nas fachadas. Não é tão nova não.

Henrique: Não é não.

Edberto: Não é nova não. Eu não conheço. Nos anos 60, quando Sandoval Cajú já utilizava, que eu me lembro, lá nos bancos, nas praças... Nos tobogãs não. Os tobogãs eram...

Henrique: Era marmorite.

Edberto: Era marmorite. Exatamente. Ele não usava... Eu me lembro que a gente cuspiam lá e melava os meninos e tudo, era... molhava... na Praça Deodoro [risos] Mas ele já usava isso. Eu não sei se essa informação se fez de inspiração de fachada de casa da Ponta Grossa... Pra mim... Não sei. Se você confirmar isso, pra mim isso é muito importante, porque eu não sabia disso.

Henrique: Eu acho que é um processo, vamos dizer, concomitante. Que aconteceu ao mesmo tempo. Essa mudança dessas fachadas no começo dos anos 50. Vamos dizer que elas são representantes do protomodernismo de Alagoas, que tem um pouco dessa característica herdada dos azulejos das igrejas coloniais, essa azulejaria portuguesa, essa coisa de usar o azulejo também porque evita-se que precisa pintar todo ano. Então eu acho que isso aconteceu ao mesmo tempo, vamos dizer assim. Uma coisa se inspirou na outra. A gente não tem isso documentado ainda.

Edberto: Não tem, né, porque eu na Ponta Grossa não me lembro de ter visto essas fachadas, mas eu não me lembro. Não tô dizendo que não exista não. Não tava prestando atenção nesses detalhes. Tem uma pessoa lá que se você puder conversar com ela, é o Seu Ernande. Ele viu a Ponta Grossa nascer, mas como o período seu é do Sandoval Cajú... Você quer mais esse período, né isso? Ele não vai... Ele tá com noventa e tantos anos, lúcido, com saúde Seu Ernande, um negro, pai de um amigo meu [não entendido] me criei na casa dele. [não entendido] é major da polícia, aposentado, reformado, nós vivemos muito próximos, nós vivíamos ali jogando bola, tudo, e Seu Ernande até hoje quando eu tenho dúvida de informação, eu ligo pra ele. Aí ele me tira. E sempre foi assim "ali tinha um brejo" e tal. Ele sabe tudo. Mas aí se você precisar de mais alguma coisa, pode me acionar, viu.

Henrique: Tá joia, Edberto. Muito obrigado, muito obrigado. Vou parar aqui de gravar. Um momento só.

ENTREVISTA - José Esdras Ferreira Gomes

Duração da entrevista – 1h e 17 min. outubro de 2020. 05 de outubro de 2020

Henrique: Boa tarde, tio. Eu tô gravando essa entrevista para o projeto da minha pesquisa, pra minha dissertação que se chama *Memórias das praças do bairro da Ponta Grossa, Maceió-AL, a partir de percepções e representações da Cidade Sorriso idealizada na gestão do Prefeito Sandoval Cajú*, que foi de 1961 a 1964. Bem, tio, vamos começar devagarzinho a conversar, você vai me respondendo e a gente vai desenvolvendo uma conversa de acordo com as respostas que você for dando, as perguntas que eu for fazendo... ok? Posso?

Esdras: Ok. Pode, pode começar.

Henrique: Você me permite gravar essa reunião?

Esdras: Permitido, pode gravar, já está autorizado.

Henrique: Obrigado, tio. Tio, quando você nasceu?

Esdras: Eu nasci na cidade de Anadia, no Agreste de Alagoas no ano de 1943, ou seja, nasci em plena Segunda Guerra Mundial, o mundo tava pegando fogo. Dizia meu avô que foi por isso que eu nasci azogado [risos] porque foi durante a guerra. Nasci em Anadia, meu pai era funcionário público federal e minha mãe era professora.

Henrique: Qual a sua escolaridade?

Esdras: Henrique, a minha escolaridade, eu sou jornalista profissional, certo?

Henrique: Ok

Esdras: Certo?

Henrique: Certo.

Esdras: Jornalista, registrado no Ministério do Trabalho, com tudo certinho, bonitinho. Aposentado, né?

Henrique: sim.

Esdras: Eu trabalhei, nesta profissão praticamente, eu trabalhei uns 20 anos, praticamente. Depois eu me dediquei mais, eu cansei de ser repórter e comecei a me dedicar, me apaixonei pelo design gráfico e, me envolvi com as artes gráficas e, nesse ramo eu trabalhei 37 anos. Fui pra imprensa oficial, mas antes trabalhei em gráfica particular, mas a minha paixão maior foram as artes gráficas. Com a chegada da Offset, nos anos 60, nos anos 70 em Maceió, Offset era palavrão, se trabalhava com a tipografia, depois é que chegaram as máquinas impressoras Offset e com o progresso foram chegando os computadores ta-ta-tal e hoje você tem essa coisa fantástica que é essa área que eu escolhi. Mas, adorei os anos que eu fiquei como repórter, papelzinho na mão, não tinha gravador, papelzinho e lápis na mão ouvindo as pessoas. Eu adorava o que fazia, comecei como repórter de polícia. A única coisa que eu nunca quis fazer foi política, eu nunca fiz, contanto que eu tinha trânsito livre

entre todos eles, nunca criei problemas com A, nem B, mas foram 37 anos de profissão, uma praticamente ligada a outra.

Henrique: Claro, claro.

Esdras: Eu deixei de escrever pra fazer jornal.

Henrique: Claro... Tio, qual seu nome completo, que eu esqueci de perguntar?!

Esdras: O meu nome é José Esdras Ferreira Gomes, esse nome... o meu nome não ia ser José Esdras, o meu nome ia ser José Bernardo Neto, escolhido pelo meu pai para puxar o saco do sogro. Mas depois quando minha avó soube chamou meu pai e disse "Pedro, por Nossa Senhora, 'José Bernardo' no mundo só basta um, não bote Bernardo não, vamos botar Esdras.", ela era muito católica e colocou José Esdras, mas Bernardo ela não quis de jeito nenhum. Então ficou: José Esdras Ferreira Gomes.

Henrique: Muito bem... Ô tio, me fale um pouco sua infância...

Esdras: A minha infância foi muito linda! Eu tive uma infância com muita liberdade. Primeiro, eu passei muito tempo na casa da minha avó. Minha mãe e meu pai foram transferidos pro interior e eu ficava na casa da minha avó, como eu era mais treloso, né...

Henrique: Isso em Anadia?

Esdras: Isso em Anadia. Só existíamos eu e o Rogério, que é o mais velho. Não sei se você conhece essa criatura?! (risos) Depois é que nasceu o Pedrinho. Pedrinho foi o ponta de rama, nasceu em 1950, quando o meu pai morava na cidade de Atalaia, entendeu?

Henrique: Aham. Então você nasceu em Anadia, depois a família foi pra Atalaia e... (fala interrompida)

Esdras: Não, não, não, não, não. Eu nasci em Anadia, depois meu pai foi transferido para Quebrangulo, porque na época meu pai era do IBGE e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística tava começando a montar a estrutura dele no estado. Meu pai, como era o mais jovem, então, ele instalou a Agência de Estatística em Quebrangulo... aliás, Colônia Leopoldina, que eu não fui lá, Quebrangulo, depois de Quebrangulo foi pra Atalaia e de Atalaia foi morar em São Luís do Quitunde. Eu fiquei lá até os 10 anos de idade, 11 anos quando vim pro colégio interno.

Henrique: você veio pra que colégio?

Esdras: Eu vim pro Colégio Guido. Eu fui interno no Colégio Guido, porque minha mãe não podia vir, nem meu pai. Então meu avô, criatura fantástica, ele um dia chamou minha mãe e meu pai e disse: "Olha, sabe de uma coisa, eu já sou aposentado e meus netos não vão ser criados presos. Eu vou pra Maceió ficar com eles". Foi quando ele veio com minha avó e eu fiquei, eu e Rogério ficamos com ele até que Pedrinho veio também pra Maceió, mas anos depois. Quando minha mãe [não entendido] e meu pai foi transferido definitivamente pra cá.

Henrique: Você lembra o ano que você veio pra Maceió?

Esdras: Eu vim pra Maceió em 1955, pra fazer o exame de admissão, com 10 anos de idade. Aí eu fiz o exame de admissão com 10 anos de idade, com 11 anos eu tava na primeira série do ginásio. Mas, já morando com meu avô e já com liberdade, graças a deus.

Henrique: E seu avô José Bernardo e a sua avó Maria, eles vieram para Ponta Grossa?

Esdras: Exatamente, foi quando meu pai comprou a casa na Rua Santo Antônio e... aliás, nós fomos primeiro para a Rua Formosa, aí depois, que era uma casa alugada, meu pai comprou a casa da Rua Santo Antônio, que era aquele casarão que está lá ainda hoje e nós fomos pra lá. Alguns anos depois é que a minha mãe e meu pai vieram pra Maceió. Ficamos nós quatro lá: eu, meu pai, meu irmão e minha avó.

Henrique: Entendi.

Esdras: Na Rua Santo Antônio.

Henrique: Na rua Santo Antônio...

Esdras: Não, naquela época a Rua Santo Antônio era bem mais romântica, ainda existia aqueles casarões antigos e tal, não existia praça naquela região. Só existia uma praça, que era a Praça das Graças na entrada que era pra chegar na Rua Santo Antônio, que era onde começava a Ponta Grossa. Na época, quando nós chegamos lá, Henrique, ainda tinha bonde. Ainda tinha o bonde que ia até o largo do cinema, perto da casa do seu avô.

Henrique: Que ano era esse, tio?

Esdras: 1960... pera aí, 56, 57, 58... por aí, anos 1959 mais ou menos, 1959, 1960.

Henrique: Que foi quando se mudou para a Ponta Grossa.

Esdras: Isso, quando a gente saiu da Formosa para a Ponta Grossa. Pra Rua Santo Antônio...

Henrique: Pra Rua Santo Antônio...

Esdras: Santo Antônio. Exatamente, ela era famosa pelo terminal do bonde, que tinha um nomezinho: Mané Caixão. Esse senhor, ele tinha uma venda, um estabelecimento comercial, que hoje no local é um posto de gasolina, na esquina para você descer para a Praça Moleque Namorador. Ali era o final do ponto do bonde.

Henrique: Quais são as suas primeiras lembranças da casa da Ponta Grossa?

Esdras: Ah, rapaz, a primeira lembrança daquela casa?! Ela ia da Rua Santo Antônio pra Rua Félix Bandeira, atrás, né?! Ela dava de uma rua pra outra. Ela tinha atrás uma espécie de garagem, e depois eu terminei construindo um apartamento pra mim, mas nunca usei. Ela tinha uma garagem ali, que nunca também recebeu carro. O cara construiu e nunca colocou carro lá dentro, era um depósito. Aí a gente ia ali pra brincar, a gente ficava horas ali, brincando ali naquela garagem. E aquela área do lado, que se tornou o ponto de encontro de todos, né. Foi por isso que foi feita a reforma da

casa e tal, mas eu me lembro bem da casa... do muro da casa. Ele era um muro de tijolo e tinha um portão, era um portão feito de cano, cano de ferro. Pegou o cano, tal, tal, tal e botou um lastro de cano, de alguma coisa, é o que eu lembro da casa. Eu gravei outra coisa: o movimento do jardim da casa do meu pai, daquela área, que não era fechada, era aberta, a gente via todo o movimento da rua, entendeu? Ela não tinha ainda os colégios, ela só tinha ali o Grupo Sete de Setembro, que era mais antigo. Não existia Colégio Hélio Lemos, não existia nada. Era um grupo escolar que só funcionava no período de manhã e à tarde. À noite não funcionava.

Henrique: A casa, ela foi reformada, quando a vovó veio de... Qual foi o motivo que você lembra pra casa ser reformada, ser construída aquela...

Esdras: Ah, quando minha mãe veio pra Maceió. Quando ela veio, aí ela resolveu, né, conversou com meu pai e resolveu fazer exatamente... fechar aquela parte, era antes eram os cobogós, depois tiraram, colocaram aqueles cobogós de louça

Henrique: De louça, isso.

Esdras: E por último a grade.

Henrique: Os brises, lembra dos brises que tinham do lado?

Esdras: Exatamente, ela tinha, toda ela era feita com aquela, eu não sei o nome daquele bagulho lá.

Henrique: São brises.

Esdras: Brises, pois é. Toda ela era com aquilo, depois foi tirado os brises da frente e deixado só no oitão. Foi feito o portãozinho de trás que não tinha, o portãozinho de ferro que passava pra cozinha. Aquele portão foi colocado lá depois. Então na casa, outra coisa: o forro dela, é outra coisa que eu esqueci, ele era todo de madeira, não era aquela madeira tradicional de forro, era compensado, era compensado. Ela aí resolveu tirar aquilo ali, só que na época se usava muito uma coisa chamada estuque.

Henrique: Sim.

Esdras: Você lembra disso?

Henrique: Lembro, eu lembro.

Esdras: Então a casa, ela colocou estuque. Fez primeiro a sala, depois da sala foi feito o quarto, foi feito a sala de visita, aí ela resolveu fazer logo o corredor. Os quartos foram feitos foi na segunda etapa. Então, só tinha concreto armado mesmo na cozinha e no banheiro, o resto era tudo o que se chama de estuque.

Henrique: E na varanda?

Esdras: E na varanda também. Porque na varanda foi feito uma laje, que até na época teve uma época que a gente quis fazer um sótão ali em cima pra ficar, mas meu pai disse: "Não, de jeito nenhum, tá bom como tá, vai ficar aqui embaixo mesmo!" E ficou aquilo que tá lá.

Henrique: Foi trocado o piso também?

Esdras: O piso não.

Henrique: Só da frente, aquele marmorite branco...

Esdras: Aquele piso da casa é original.

Henrique: Ladrilho hidráulico...

Esdras: É original. Eu digo que se eu pudesse tinha arrancado e trazido pra botar na minha casa, que eu achava lindo.

Henrique: Agora na varanda foi feito marmorite no piso.

Esdras: Na varanda foi feito marmorite no piso todo ali. Num é? Foi feito aquele piso de marmorite. Eu me lembro que o serviço era feito no local. Não era comprado as pedras como hoje, né. E era feito com uma máquina lá pra dar polimento e tal. Minha mãe adorava! Ela tinha, a minha mãe tinha doença por limpeza e por arrumação. O design de arrumação da sala, da sala de jantar, não sei se você lembra, ela, cada mês, dois ou três meses ela fazia uma arrumação diferente. Tirava os sofás e botava de um lado, botava do outro. A mesma coisa na sala de jantar. Nos quartos não se fala. A posição de cama ela mudava todo mês quase ela mudava, porque era mais claro... Eu achava aquilo lindo quando chegava, porque parecia que você tava chegando numa casa diferente. A maneira como ela arruma a coisa.

Esdras: Com certeza, com certeza.

Henrique: Talvez influenciada por tia Berenice...

Esdras: Elas eram muito unidas, né? E cada vez que ela conversava uma coisa, ela tinha as ideias dela e dava outras ideias... Pra você ter uma ideia, aquele jardinzinho que ela mexia tanto nele, plantava tanta coisa no mundo! Tinha aquelas caqueiras, aquelas coisas. Aquilo ali era a vida dela! Ela adorava aquilo! Depois que ela partiu, eu fui lá, trouxe o banquinho de concreto que ela ficava sentada embaixo daquele caramanchão que ela adorava. Eu trouxe aquele banco e botei aqui no meu jardim. E eu agora tô me mudando pra Barra de São Miguel e tô levando ele comigo.

Henrique: Muito bem, tio.

Esdras: Vou colocá-lo lá num lugarzinho de destaque, todo dia eu vejo ela sentadinha. E outra coisa que a sua avó adorava: era decoração natalina. Arrumava aquele caramanchão com lâmpadas. Ela botava as lâmpadas nos portões, no caramanchão... Ela adorava! A vida inteira ela fazia isso aqui e quando nós morávamos no interior, ela a mesma coisa, a mesma coisa. Era mexer com planta, com jardim e Natal era a festa que ela mais adorava.

Henrique: Então quer dizer que a casa foi reformada, porque ela queria dar um novo ar...

Esdras: Ela queria dar um novo ar. E eu não sei como ela não mexeu de novo, ainda, naquela casa, porque ela chegou uma época, ela quis fazer... Não tinha aquele

corredor, aquele espaçozinho ao lado da casa? Onde tinha o pé de carambola, que tinha as janelas todas nos quartos?!

Henrique: Sim.

Esdras: Ela ainda pensou em quebrar aquilo ali e fazer ali um jardim interno, coberto... Entendeu? Que desse pro quarto. Ela ainda pensou em fazer isso. Mas terminou desistindo depois e tal e foi a época que meu avô adoeceu também e minha avó já tinha partido, né, e aí ela desistiu de mexer na casa.

Henrique: Então quer dizer que quem bolou toda a reforma foi a vovó mesmo?

Esdras: Tudo foi ela. Tudo foi ela que fez. Da colocação das janelas de vidro, aquele portão grande, aquela porta da sala toda de vidro, tudo aquilo foi ela que quis. Tudo ali foi da cabecinha dela. Ela quando vinha falar com você pra saber, ela já tava com a ideia na cabeça. Já tava querendo aquilo e não adiantava você discutir muito com ela [não entendido] que ela já tava com aquilo lá decidido.

Henrique: E você lembra quem foi que fez? Foi pedreiro, foi mestre de obras, foi algum desenhista...?

Esdras: Não lembro. Nem lembro, Henrique. E agora... Eu lembro quem fez a construção, quem colocou...

Henrique: Aquela parte da varanda...

Esdras: A parte da varanda foi o pedreiro. Eu não me lembro do nome dele, mas ele era um mestre de obras que se dava muito com meu pai. Ele morava, esse mestre de obras morava na Praça Santa Teresa. Disso eu me lembro, agora o nome dele eu não consigo lembrar. Foi ele quem fez aquilo, foi ele que fez o piso. Aquele piso de marmorite lá. Tudo foi ele que fez.

Henrique: Você tem alguma recordação, lembra de como os vizinhos acharam a casa depois da reforma...? D. Zenita, algumas pessoas? Você lembra como?

Esdras: Ahh... O pessoal gostava muito! Minha mãe tinha uma facilidade de fazer amizade com as pessoas muito grande. Então o maior prazer dela era levar D. Léa lá, levar Almira, levar D. Enídia, o pessoal pra ver a casa. Cada reforma que ela fazia era um Carnaval! Mostrava a todo mundo entusiasmada. Entendeu? Mas tudo aquilo era da cabecinha dela.

Esdras: E você, o que achou da casa quando terminou de fazer a reforma?

Esdras: Ahh... Eu gostei, eu adorei!

Henrique: Com aqueles móveis novos da varanda...

Esdras: Os móveis novos da varanda, os móveis novos da sala de jantar, quando ela comprou. Aqueles móveis meio troncho, assim, né? Eu achei excelente! Eu nunca fui muito caseiro, sabe Henrique? Eu sempre fui muito arruaceiro. Eu não vivia muito em casa e vim curtir casa depois que eu constituí família e tal, pa pa pa, mas cada reforma que ela fazia na casa... Agora tinha uma particularidade: ela detestava cores! Todas

as casas onde minha mãe viveu, que eu me lembre, ela adorava cor bege. Aquele begezinho bem clarinho. Pode observar que toda a casa nunca teve uma parede de outra cor. Até as portas tinham a mesma cor. [risos] Ela não era ligada em cores assim. O negócio dela era o bege. “Ô Pedro, botar um begezinho, né?” “Então tá bom, tá certo.” [risos] Ele nunca... Deixava que ela comandasse o barco. Eu não sei o que tem, ela com toda cor bege, que os filhos gostaram tanto de cores.

Henrique: Verdade.

Esdras: Não é verdade?

Henrique: É verdade.

Esdras: Os filhos gostavam tanto de cores. E ela não. Era bege, bege. Branquinho, bege, branquinho. Não mudava isso. A única coisa que ela permanecia, que ela era apaixonada, era aquele piso, aqueles mosaicos. Pra ela, aquelas cores eram suficientes.

Henrique: Mudando um pouco de assunto, tio. Você lembra da campanha política de Sandoval Cajú em 1961?

Esdras: Lembro sim. Lembro. Em 61, meu filho, nos anos 60, eu já trabalhava. Eu moleque, já. Eu me lembro de Sandoval Cajú. Eu conheci Sandoval Cajú onde eu trabalhava, ainda, na *Gazeta de Alagoa*. Conheci o Sandoval Cajú. Era uma figura fantástica! Ele chegava e fazia a festa. Ele gesticulava muito. Ele gesticulava, ele falava com as mãos. Era um caricato nato. Entendeu? Tinha um amigo meu, que trabalhava comigo que dizia que foi a coisa mais alegre a Paraíba produziu. [risos] o Sandoval era paraibano, não é? E ele... Eu me lembro da campanha dele, em cima de um caminhão. Ele em cima de um caminhão, ele arrastava uma multidão, Henrique! O comício do Sandoval era impressionante! Impressionante! E nós vamos chegar lá, uma coisa que eu vou lhe dizer: o comício de Sandoval era um programa de auditório. E ele antes de entrar pra política, a Rádio Difusora na época era a única rádio que nós tínhamos nesse tempo, né? E ele tinha um programa chamado *Palito de Fósforo* e era muito frequentado por estudantes com aquelas brincadeiras de auditório e tal. Eu lhe confesso que eu nunca fui, mas eu tinha amigos meus de aula que não perdiam um programa de Sandoval Cajú.

Henrique: Você ouvia às vezes?

Esdras: Ouvia, ouvia. Pelo rádio eu ouvia. Dava belíssimas risadas com ele. Eu ouvia algumas vezes. Mas minha avó tinha mania por rádio e ela, nós tínhamos um rádio... Parece-me que a marca do rádio era *Mercury*. Um “raidão” preto! E minha avó tinha mania por rádio. Ela ficava sentada, depois que ela terminava todas as funções domésticas dela pa pa pa, ela sentava na hora da *Ave Maria*. Rezava o terço, depois ela ouvia toda a *Voz do Brasil*. Muita coragem, né?

Henrique: É verdade.

Esdras: A *Voz do Brasil*. Ela sentava e ouvia tudo aquilo. E depois daquilo, o rádio pra ela não existia. Ela não via programa de auditório...

Henrique: Ela não ouvia, então, Sandoval Cajú?

Esdras: Não, não. Não ouvia, porque ela era avessa à política. Ela não gostava de política, entende? Ela não ouvia. Agora meu avô, sim! Meu avô era “É Sandová! É Sandová!” E o Sandoval Cajú, ele tinha um eleitorado muito grande na Ponta Grossa. O povão, Ponta Grossa, Vergel do Lago, Levada, tudo aquilo ali era Sandoval Cajú. Trapiche da Barra. Contanto que você pode ver que as primeiras praças que ele construiu como prefeito foram lá na Ponta Grossa.

Henrique: Com certeza.

Esdras: Ele fez a Praça Santa Teresa, que tá lá ainda; fez a Praça Moleque Namorador; fez a Praça Guedes de Miranda.

Henrique: A Menino Marcelo...

Esdras: Fez a Menino Marcelo. Entendeu? Tudo isso...

Henrique: Reformou a das Graças...

Esdras: Reformou a Praça das Graças e reformou a Praça Santo Antônio.

Henrique: A Praça Santo Antônio.

Esdras: Que é o começo da Ponta Grossa.

Henrique: É verdade.

Esdras: Quer dizer, foi o bairro que ele se firmou. Depois ele fez outras coisas no resto da cidade. Inclusive, tem uma coisa que é lá da Ponta Grossa pra eu te contar uma coisa: quando ele foi reformar a Praça do Centenário – não sei se você sabe dessa história –, a Praça do Centenário tinha uma estátua do General Góes Monteiro.

[interrupção externa]

Então ele reformou e construiu o mapa de Alagoas e na Praça do Centenário, no centro da praça ainda existe lá, uma estátua do General Goes Monteiro olhando pra entrada de Maceió. Sandoval Cajú não teve problema: manteve a estátua, só que ele construiu um mapa de Alagoas. Tem lá, botou numa fonte. Construiu um mapa de Alagoas e colocou a estátua do General Goes Monteiro de costas pra o estado [risos] perguntar, “mas por quê?” Porque esse cara nunca fez nada pelo estado de Alagoas. [risos] De costas e ainda tá lá. Ele continua de costas pro mapa.

Henrique: Você chegou a ir a algum comício do Sandoval?

Esdras: Ah! Fui sim! Eu fui a um comício que ele fez na Praça do Pirulito. Fui com seu bisavô. Fui eu, vovô... Rinaldo... Rinaldo foi com a gente pra ver um comício de Sandoval na Praça do Pirulito. Rapaz... era um programa de auditório. Ele contava história, ele gesticulava, falava mal de quem ele queria e aplaudiam ele...! Esse comício que eu fui é... é... Como é que se diz, meu Deus? Foi o último comício dele que ele fez antes da eleição. Aquela Praça do Pirulito, ela ficou tomada de gente. Ficou tomada de gente. E eu achei... eu me lembro que tinha... naquele tempo não tinha os shows, não é? Showmícios como chama hoje. Mas ele tinha um sócia dele, chamava Dartagnan Marcelino. Esse nome eu não me esqueci, que depois se tornou

o assessor dele e esse cara imitava o Sandoval. Ele imitava o Sandoval em tudo. Era uma figura! E depois que Sandoval deixou o governo, eu não sei se ele largou... Entendeu? Pra onde foi... Entendeu? E o Sandoval Cajú, ele, no meu ponto de vista, ele foi um dos políticos mais injustiçados do estado de Alagoas. Você sabe por que caçaram o mandato dele? Com medo que ele se candidatasse a governador e ganhasse.

Henrique: Eu sei.

Esdras: Esse foi o grande segredo: o medo que ele se candidatasse a governador e ganhasse.

Henrique: Quando você foi no comício, você foi por quê?

Esdras: Curiosidade.

Henrique: Você já tinha alguma predileção por ele?

Esdras: Não, não. Porque inclusive naquela época, eu ainda nem votava, mas o meu avô José Bernardo votou nele. Eu fui por curiosidade, mais na onda de moleque de ver, tal. Foi eu, ele e o Rinaldo, nós três pra ver o comício de Sandoval Cajú.

Henrique: Você lembra por que meu avô Bernardo votou nele?

Esdras: Ele achava que ele era um bom homem, que... As promessas dele de urbanizar, de embelezar Maceió. Era uma novidade. Votou pela novidade.

Henrique: Ele falava sobre a Cidade Sorriso, néra?

Esdras: A Cidade Sorriso. [não entendido] Maceió, hoje, do jeito que tá esburacada, é uma Cidade Sorriso numa boca sem dentes. Eu vou botar uma chapa nova nela [risos]. Ela vai sorrir pra todo mundo. Cidade Sorriso numa boca sem dente, porque só tem buraco. E ele conseguiu fazer isso. Ele calçou as ruas. Na época não se pavimentava como hoje, mas o que ele calçou de rua naquela Ponta Grossa ali por dentro, no Trapiche da Barra, aquele meio de mundo não tá no gibi. Fez muita coisa!

Henrique: Em pouco tempo!

Esdras: Em pouco tempo, em pouco tempo. E outra coisa: uma coisa que lhe digo. Sandoval Cajú... Isso eu posso até... Eu não vou jurar "O Sandoval Cajú não era ladrão." "Sandoval Cajú não era corrupto." Tudo o que fizeram com Sandoval Cajú foi olho grande pra ele não concorrer ao governo do estado.

Henrique: Você lembra como era a Ponta Grossa antes da eleição de Sandoval? Como estava a Ponta Grossa nos anos 60, no comecinho dos anos 60?

Esdras: Ah... Aquilo ali era uma tristeza. Você só tinha calçamento até o Mané Caixão, que era aquele largo onde hoje é o posto de combustível [não entendido] pra Praça Moleque Namorador. Da minha casa, o calçamento ia até um pouquinho adiante. De lá acabava o calçamento. Era barro batido. Aquela área ali descendo Rua Felix Bandeira, tudo aquilo ali era mato. Era mato não, era barro. Porque no final daquela rua, no Vergel do Lago, na Rua Formosa, ela se tornou mais larga, porque no final da

rua era onde, durante a guerra, foi construído o campo de pouso dos hidroaviões, que era lá na lagoa. Ainda existe o pedaço da pista velha, lá. Entendeu? Ainda existe lá. Aquela Praça Santa Teresa, não existia não, aquilo ali. Tudo era mato, era barro. Entende? Sandoval Cajú foi quem deu a independência daquele povo. Na minha opinião.

Henrique: Você lembra, depois de eleito, de Sandoval Cajú na Ponta Grossa?

Esdras: Lembro sim. Me lembro de Sandoval Cajú, esqueço nunca! Essa eu tava lá e vi! Tava trabalhando como repórter quando ele fez o primeiro Carnaval na Praça Moleque Namorador. Maceió, naquela época, só tinha um polo carnavalesco, que era na Rua do Comércio. Existia um curso. Você sabe, chegou a ver não, né?

Henrique: Sim.

Esdras: Era uns carros rodando ali naquela Rua do Comércio, passava na Rua 1º de Março, voltava, ia até a Avenida, depois que [não entendido] aquilo ali. Não tinha Carnaval mais em canto nenhum! Porque o Carnaval que existia em Bebedouro, na época do Major Bonifácio, tinha acabado. Não existia praticamente mais nada. Aí o que é que Sandoval Cajú fez? Prestou uma homenagem ao Moleque Namorador, construiu a praça, no centro da praça, onde tem a estátua do Moleque Namorador com a vassoura fazendo o passo, ele armava o palanque e botava duas orquestras de frevo, ali. Começava de manhã vinha até à noite. Entendeu? Eu me lembro dele em cima do palanque, entendeu? De camisa suporte, camiseta... Era uma figura! E o povo acompanhando ele.

Henrique: Você ia para os carnavais na Praça Moleque Namorador?

Esdras: Eu ia ver, eu gostava de ver. Eu ficava ali, nós ficávamos... Numa ocasião eu fui até com meu pai, nós saímos de casa, ficávamos ali no meio-fio, na casa de um conhecido lá do meu pai, a gente ficava lá e vendo. Era muita gente, Henrique! Aquilo ali ficava... A gente chamava de *Quartel General do Frevo*. Esse nome foi colocado pelo Sandoval Cajú. E o povo ficava lá. Com aquilo, esvaziou muito a Rua do Comércio. A Rua do Comércio perdeu o povão, grande parte, aí ficou mais elitizada, com os desfiles dos carros alegóricos, as troças, tem aquela turma que fazia troça com a política, com isso, com aquilo e os corsos. E uma orquestra só de frevo tocando no centro do comércio, onde era o antigo relógio oficial. Sabe onde é, né? No centro, ali, no comércio, no centro do comércio?

Henrique: Sim.

Esdras: Era ali que ficava. Começou como relógio oficial, depois o relógio oficial foi demolido e ficava ali só o palanque com a orquestra tocando. Quando Sandoval transferiu pra Ponta Grossa, diminuiu muito o número de pessoas que ia pra lá. E quem era que ia mais? Quem morava na parte alta, quem morava na Pajuçara... Não existia Ponta Verde. A Ponta Verde é coisa nova, mas era da Pajuçara pra cá. Entendeu? Eu me lembro dele mais de uma vez, mais de uma vez, na Praça Moleque Namorador.

Henrique: E quando as praças foram construídas na Ponta Grossa, você lembra dele em algum momento?

Esdras: Eu me lembro dele em algum momento, mas eu lembro da gente tá no jardim lá de casa e ele passar num carro sem capota acenando pros moradores na inauguração da Praça Santa Teresa. Isso eu me lembro. Eu não fui lá na praça, mas tava no jardim de casa quando ele passou num carro preto... Entendeu? Dando adeus ao povo e tal...

Henrique: Você frequentava alguma das praças da Ponta Grossa, tio?

Esdras: Olhe, eu nunca fui muito de praça. Eu comecei a frequentar praça quando já era molecote comecei a pensar em namorar. Aí eu ia muito pra Praça Deodoro pra ficar no "Quem me quer". Você já ouviu falar do "Quem me quer"?

Henrique: Não.

Esdras: O "Quem me quer" era o seguinte: nas praças, o rapaz que ficava no meio-fio conversando e as meninas passeando. Era chamando de "Quem me quer" [risos] Na hora que a gente ia pra missa, no momento íamos pra missa na Igreja das Graças e saíamos de lá pra Praça Deodoro pra ir pro "Quem me quer". Mas a praça da Ponta Grossa, eu frequentei muito a Praça Moleque Namorador na época de Carnaval. Agora, meu pai era frequentador assíduo da Praça Santa Teresa. Era lá onde tinha o grupo dele que jogava dominó. Dominó e gamão. Ele chegava a jogar gamão por horas e horas ali.

Henrique: Com Seu Raimundo...

Esdras: Ah... Ele, Seu Raimundo... tinha um senhor que morava lá adiante, na praça, que era muito amigo do meu pai também, que era maçom, que sempre iam pra maçonaria juntos... Tô esquecido do nome dele. Então, meu pai ia pra lá quase sempre. Meu avô também gostava de frequentar aquilo ali e conversava com um, conversava com outro. Porque se tornou uma espécie de *point* de encontro ali daquele pessoal todo, que era a praça maior que tinha. A Praça Moleque Namorador não tanto, porque era pequenininha, passagem de ônibus pra um lado pro outro, não era... Mas a Santa Teresa não. Outra praça, uma pracinha que ele fez. Não sei se você tá lembrado da Igreja dos Pobres?

Henrique: Sim.

Esdras: Não tinha o Colégio Hélio Lemos?

Henrique: Sim.

Esdras: Aquela pracinha, pequenininha, comprida, lá, foi ele também.

Henrique: Eu sei disso.

Esdras: Também foi o Sandoval que fez. As vezes a gente ia lá, quando a gente ia pra missa na Igreja da Casa do Pobre, normalmente a gente ficava batendo papo naqueles banquinhos ali. Mas nunca fui muito de frequentar praça. A não ser o "Quem me quer" por um pouco tempo.

Henrique: Mas os moradores da Ponta Grossa, eles frequentavam a praça?

Esdras: Ah... Com certeza! Com certeza! A praça tinha movimento.

Henrique: As praças?

Esdras: Tinha movimento. Todo final de semana ela tinha movimento. O pessoal tava lá pra cima e pra baixo. A barraquinha que vendia pipoca, rolete, não sei o quê... Tinha lá. A molecada brincando no parquinho. Tinha movimento, sim. Tinha movimento. E outra coisa: aquela região, aquela região, também tinha uma vida noturna meio... entendeu? No final da Praça Santa Teresa, do lado esquerdo tinha uns cabarezinhos. Então à noite ali, a madrugada, era animado ali por causa daquilo, né. E na Praça Santa Teresa, esse é outro detalhe... Bom, se eu não contar, você corta. Na Praça Santa Teresa teve a casa de encontro mais famosa de Maceió durante muito tempo. Não lhe disseram isso não?

Henrique: Não, ninguém me disse.

Esdras: Na Praça Santa Teresa era onde existia a Casa da Regina, que era frequentada por políticos, políticos nossos da época, né? Alguns conhecidos nossos. Entendeu? E o meu pai também era um grande frequentador de lá. Às vezes eu até brincava com meu pai: "Ô pai, que jogo de gamão é esse? Esse jogo de gamão é na praça ou é na casa da Regina? Ele "ihhhh" [risos] Mas naquela região ali e descendo, existia uns inferninhos ali que era uma festa à noite. Outra coisa que chamava muito atenção: é que você descendo a Praça Santa Teresa, você tinha a Rua da Soledade. Cortava. Perto da praça, depois da Praça Guedes de Miranda, ali ocorria muito briga de galo. Tinha uma rinha de galo ali, naquela região. Entendeu? Diziam, inclusive, que tinha sido o secretário influente de Sandoval Cajú que a construiu. Entendeu? Que gostava muito de briga de galo e pa pa pa falavam muito isso. Mas ninguém nunca provou que foi ele ou que não foi. Mas, a Praça Guedes de Miranda, aquilo ali era morto, não tinha nada, Henrique! Era mato e lama durante o inverno! Tornou-se um ponto de negócio. Você sabia disso?

Henrique: O que?

Esdras: Um ponto de negócio.

Henrique: Sim, sim.

Esdras: De venda. Venda de eletrodomésticos, tudo naquela praça, tudo naquela praça.

Henrique: É verdade.

Esdras: Foi o que fez aquilo crescer.

Henrique: Qual a sua lembrança do espaço da praça? Eu queria que você falasse um pouco da Praça Moleque Namorador ou do espaço que foi construído ou da Praça Santa Teresa, dos bancos, do que você lembra da conformação, da arquitetura...

Esdras: A primeira coisa que eu lembro, meu filho, são os S. Toda praça de Sandoval tinha um S. Tinha aquele S, tava lá no meio... Se eu não me engano, eu não sei se eu tô enganado, se eu tiver, me corrija: o Moleque Namorador com a sombrinha fazendo o passo era em cima do S.

Henrique: Sim!

Esdras: E todos os bancos tinham um S, que o Sandoval se orgulhava em dizer que era Sorriso. Era o S de Cidade Sorriso. Toda ela tinha. A Praça Moleque Namorador, Praça Santa Teresa, ali na pracinha no Vergel, Guedes de Miranda, [não entendido] bancos. Então, ele tentou dar, além de urbanizar... porque aquilo era um espaço podre! Ali só tinha lama! Na Praça Moleque Namorador, quatro casinhas [não entendido] lama. Você saía dali, pegava o Beco da FEB pra sair na Rua Santo Antônio ou então pegava a rua de cá que saía ali no Lux. Porque aquela praça, ela é central. Todas as ruas que tem daquela região ali convergem pra Praça Moleque Namorador. Você já observou isso?

Henrique: Sim.

Esdras: A Rua Formosa com aquela [não entendido] que vem de lá – Moleque Namorador; que vem do Prado – Moleque Namorador... Entendeu? Tudo vem pra Moleque Namorador. Aquilo ali era um nada. O caba descia do bonde na Rua Santo Antônio e ia andando, porque não tinha ônibus. Com a construção dali, aí apareceram as lotações, apareceram os ônibus... entendeu? Graças aquela organização naquele pedaço de terra.

Henrique: Você frequentava o Cinema Lux?

Esdras: Demais! Demais! Ali, eu me lembro, rapaz... Você sabe que o Cinema Lux, durante muito tempo era um dos melhores cinemas de Maceió [não entendido] foi Moacir Miranda. Depois o Hermani Vox[?] colocou um Plaza, foi quando o Cine Art foi demolido, foi reformado e foi feito o Cine São Luiz. Que antes era o Cine Art. Mas o Cine Lux era um ponto de encontro. Quantas vezes eu fui com uma namoradinha de noite... Era uma beleza aquele cinema.

Henrique: Bonito, néra?

Esdras: Bonito...

Henrique: Arquitetura Moderna...

Esdras: Arquitetura Moderna. Ele foi transformado numa igreja, né? Hoje é uma igreja. Igreja Universal... uma dessas aí. A matinê do Lux era assim...[gesto com a mão] gente que não cabia mais!

Henrique: E festas nas praças, além do Carnaval, você lembra?

Esdras: Henrique, eu lembro das...

Henrique: Das quermesses...

Esdras: Na Ponta Grossa, só na Santa Teresa.

Henrique: Que era organizada por Seu Raimundo...

Esdras: Isso! Só na Santa Teresa.

Henrique: Que falava no alto-falante o correio elegante...

Esdras: Exatamente. Ali eu fui algumas vezes naquela praça, principalmente, eu adorava era ver o leilão. O pessoal dando lance pra comprar isso, comprar aquilo. Muito interessante. E você tinha lá, você tinha a festa de Santa Teresa, né? Tinha também a procissão... Aquilo ali lotava, literalmente, de gente! E tinha a novena, a novena de Santa Teresa. O que esvaziou muito aquilo ali foi a Igreja do Pobre, porque o padre, o vigário era lá na Igreja do Pobre. A pracinha da Igreja de Santa Teresa tá lá ainda, né?

Henrique: Está.

Esdras: Mas eu me lembro de ter ido muito. Uma ocasião eu fui com a minha mãe, tô me lembrando. Fui com minha mãe, minha mãe, Dona Aurélia, que morava ali em frente, a mãe da Almira. Quem foi mais, meu Deus...? Meu pai não foi, meu pai não foi, e foi mais gente, foi mais gente. As meninas: Raimundinha, todo mundo, Mocinha foi pra lá e a minha foi lá e viu aquilo... Ela adorava aquele negócio! Eu me lembro que eu fui lá numa das vezes foi com ela. [interrupção] Agora na Praça Moleque Namorador, eu nunca vi nada de festas. Só o Carnaval!

Henrique: Você tem algum caso, alguma recordação, alguma lembrança de algum acontecimento especial da sua vida que aconteceu em uma daquelas praças? Um namoro, uma coisa engraçada, alguma coisa interessante, que você queira me contar que aconteceu naquelas praças ali da Ponta Grossa?

Esdras: Henrique... não... Eu me lembro só de uma coisa, eu não vou citar a figura, [não entendido] que eu saí um dia e fui no Colégio Hélio Lemos, já tinha o Colégio Hélio Lemos, a praça, e eu fui no Colégio Hélio Lemos pra falar com um amigo meu alguma coisa e tal. Era o que? Um sete e meia, oito horas da noite. Eu fui aí passando na Praça Santa Teresa, tinha uns senhores jogando dominó e gamão, onde meu pai sempre ficava, eu digo: "Eu vou ver se papai tá ali!" Era cedo, e as vezes ele ficava até oito e meia, nove horas. Aí vim, passei pelo outro lado, quando eu atravessei a praça – essa eu não esqueço mais nunca –, uma figura da política daqui, muito alta da política, ia saindo de determinada casa com uma criatura e quando ele me viu, ficou tão apavorado, que pegou o paletó que vinha o paletó, o carro tava do outro lado e jogou o paletó em cima da mulher pra eu não ver quem era [risos] eu abri uma risada, caí na risada, sentei no banco... Pronto, o Neto tava comigo. O neto de Dona Zenita. Ele disse: "O que foi? Rapaz, quem é?" Eu digo: "Deixe pra lá" pa pa pa. Esse cara ficou tão apavorado que eu não sei como ele não bateu com o carro quando saiu. [risos] Foi a cena que eu vi mais jocosa na Praça Santa Teresa. O cara era uma figura pública muito conhecida, conhecida mais do meu pai e da minha mãe e pa pa pa, mas me reconheceu e pensou que eu tava olhando ele, ou querendo [não entendido] Quando eu cheguei em casa embolando de rir, eu fui e contei pro meu pai. Pai: "Você é maluco! Você sabe o que é aquilo ali?" Foi quando eu fui saber que a bendita da casa era a casa da Dona Regina. Entendeu? Que era uma cafetina que só recebia lá políticos, esse povo grande. "Você é maluco!" "Papai, eu tava sentado no banco na frente, eu fui olhar se o senhor tava. O senhor não tava, fiquei com Neto no banco conversando." "E o que é que você foi fazer essa hora?!" "Mas pai, oito horas da noite." "Essa foi a única cena jocosa. Depois eu digo quem foi a figura. Agora não digo não [risos] Você conheceu muito.

Henrique: Então quer dizer que... É muito engraçado quando você me fala que ali tinha esta casa, vamos dizer, da Dona Regina, ao mesmo tempo tinha a quermesse da Igreja, tinham as famílias que iam no final de semana...

Esdras: Exatamente.

Henrique: Toda essa população aí do bairro, ela frequentava a mesma praça, né? O mesmo espaço...

Esdras: O mesmo espaço, todos ali frequentavam. Entendeu? Todos ali frequentavam. E tinha uma coisa gozada: ali tinha a praça, tinha a igrejinha, a casa da Dona Regina era do mesmo lado da igrejinha. No lado de cá. Era uma casa comum. Não tinha nada de... Entendeu? Pois bem, mais adiante, você tinha, existia briga de galo, jogo de azar... Tinha mais adiante, onde hoje, onde até pouco tempo funcionou a fábrica de prego, era parafuso, não sei bem. Aquilo ali era uma espécie de cassino, que muita gente ia jogar baralho, jogar roleta, e a polícia nunca fechou. Fechou porque o dono morreu depois. E segundo dizem, esse negócio vinha funcionando desde a época que lá na beira da lagoa existia o ancoradouro dos aviões, dos hidroaviões, que foi durante a guerra. Entendeu? Essa jogatina já era antiga naquela região. Sempre existiu. Você conheceu o Deodato?

Henrique: Conheci, conheci, conheci.

Esdras: Escultor, pintor... Deodato, durante a guerra, era militar e ele contava história daquela região ali, um negócio espetacular. Já existia a Praça Santa Teresa, mas era uma coisinha desse tamanho (gesto com a mão). O Deodato morou numa casa na outra rua da Santa Teresa, do outro lado da Santa Teresa, do lado que dá as costas pro Vergel, não era do lado da igreja.

Henrique: Sim, sim.

Esdras: Ele morou ali. Era uma rua pública. Ele e um grupo de militares... Que o Deodato ele é do interior, né? A família dele é de Pilar. Ele, pra não ficar na casa do tio, que tinha hora, não sei quê, ele ficou nessa república que moravam vários. E aquilo ali ele disse que era jogatina e coisa que já existia há muito tempo naquela região, em função dos soldados.

Henrique: Interessante isso.

Esdras: Porque era uma base, ali era uma base que os americanos [não entendido] tudo descia na lagoa. E aqueles militares que Deodato foi soldado durante a guerra, mas ele, ele... Como é que se diz, meu Deus? Ele nunca foi pra guerra, ele ficou na beira da lagoa fazendo patrulha. Vinham do interior e mandavam pra lá, porque eram praticamente desqualificados. E pronto, eles moravam, ocupavam a república na Praça Santa Teresa. Isso eu não me esqueci. Ele me dizia que do outro lado [não entendido] não sei o que é que era lá. Era um cassino e os soldados iam pra lá.

Henrique: Jogar.

Esdras: Jogar.

Henrique: Depois da saída de Sandoval da prefeitura, que ele foi deposto do cargo, qual a lembrança que você tem dessa época? De quando ele foi deposto? Você tem alguma lembrança dos comentários, de como a população...

Esdras: A lembrança que eu tenho é muita coisa, ô Henrique. Muita gente ficou revoltada. "Por que Sandoval saiu?" "É comunista!" Todo mundo era comunista em 64. Hoje em dia procuram a caça aos corruptos, antes era caça ao comunista. E Sandoval Cajú, botaram na cabeça que ele era agitador, que era comunista, e muita gente não aceitou isso. Sandoval Cajú, Henrique, morreu com uma grande mágoa. Mágoa dos políticos de Alagoas. E ele citava...

Henrique: Nos livros...

Esdras: Ele citava. Eu passei muito tempo sem encontrar com Sandoval. Eu vim ver Sandoval depois, quando a menina dele, a filha dele, debutou – 15 anos –, na Fênix. E ele foi, ele tava lá com ela, eu fui. Dançar a valsa com a filha, nos 15 anos dela. Mas eu perdi contato com Sandoval por muitos anos. Fui encontrar com Sandoval, já quando eu estava, eu estava... No Correios de Maceió? Não. Tava no Jornal de Alagoas. Ele teve uma noite lá à procura do Rodrigues de Gouveia que era muito amigo dele. Ele queria uma matéria sobre alguma coisa e ele esteve lá com o Gouveia e depois ele puxou conversa com a gente, nós saímos juntos, fomos até o Bar do Chopp. Ele disse: "Eu vou pagar uma rodada de chopp pra esses maloqueiros." Aí ficou lá, conversou um pouco e saiu. Aí depois não, depois, como ele começou a escrever foi quando eu fiz contato com ele, que ele me procurou mais. E como eu já tava na imprensa, que ele foi fazer o livro *Conversador*. Ele chegou lá com o desenho da cara dele feito por um cara chamado Ezequiel e ficou lá com uma maçaroca de papel desse tamanho, aí disse: "Ôi, meu filho, cadê o Zacarias?" Eu disse: "Zacarias tá em Recife." Ele disse: "Eu tô querendo publicar esse negócio. Agora eu quero um orçamento que é pra não me roubarem." Aí começou, fez aquela cara dele, começamos a conversar... Eu disse: "Sandoval, o livro é tudo isso, agora eu quero também uma capa, quero fazer uma capa bonita, com essa cara minha." Que era um desenho, uma caricatura dele. Eu disse: "Vamos fazer o seguinte..." Aí eu chamei o Carlinhos, sentamos lá num birô e ele começou a falar sobre o livro pa pa pa. Foi quando eu vim ter contato com Sandoval depois de muitos anos. É que ele se recolheu. Isso deve ter sido lá pelos anos 80, por aí. E eu queria muito bem a ele. Eu só não, o pessoal de imprensa quase todo gostava muito de Sandoval. Todo mundo na minha época era revoltado com a cassação dele. Eu vou lhe contar um fato de Sandoval que aconteceu aqui em Maceió na Praça Sinimbu: ele colocou na Praça Sinimbu uma estátua do mijãozinho, um menino fazendo xixi. Tinha uma senhora, uma senhora passava lá: "Isso é um depravado! Como é que bota um homem nu!" Aí fechava o olho da menina pra não ver o menino fazendo xixi. E dizia que Sandoval era depravado porque botou um menino fazendo xixi. Revoltada com Sandoval por causa disso. Mas aqui no Farol mesmo, ali na... Como é o nome da praça, meu Deus?

Henrique: Gonçalves Ledo?

Esdras: No Parque Gonçalves Ledo. Pronto. O Parque Gonçalves Ledo, aquilo era uma desgraça, aquilo era um pardieiro. O bonde passava por dentro dele. Sabia disso?

Henrique: Não.

Esdras: Pois é, o bonde passava dentro do Parque Gonçalves Ledo. Ele vinha, subia a Ladeira do Brito, passava pelo Parque Gonçalves Ledo e seguia. Ele ia até a Praça Centenário, terminava lá. E o Sandoval Cajú quando fez aquilo, ele pensou em fazer ali um parque cultural. Foi tanto que ele construiu uma escola lá dentro. Aquela escola foi ele quem construiu. Organizou, fez aquela... tudo aquilo foi Sandoval Cajú que fez. De um lado e outro. Aquela balaustrada de concreto que tem do outro lado [não entendido] foi ele quem fez também. Foi Sandoval que fez. É uma pena, é uma pena. Outra coisa que ele ajeitou foi a Praça São Gonçalo. Agora, ele dizia que tinha ciúmes, que a menina dos olhos dele era a Ponta Grossa. Era a menina dos olhos de Sandoval Cajú.

Henrique: Como ficaram as praças depois que Sandoval saiu e com as, vamos dizer, as gestões seguintes?

Esdras: Olhe, muitas das praças foram mutiladas, muitos dos bancos com o S foram arrancados. Inclusive teve prefeito que arrancou o S! Deixou o banco, mas arrancou o S de Sandoval. Muitos prefeitos que vieram, nenhum deles conservou as praças.

Henrique: Você acha que a Ponta Grossa ficou abandonada?

Esdras: Ficou durante muito tempo. A Moleque Namorador ela quase se acaba, aquilo ali. Quase acaba, quase acaba. Enquanto o primo Visgueiro foi vivo, que ele foi chefe de obra da prefeitura e tal, ele conseguia conservar a Praça Moleque Namorador. Que ele tinha um negócio lá perto, depois disso, acabou. As praças foram mutiladas, teve bancos arrancados, árvores cortadas... Não deram... Pra você ter uma ideia, essa que eu falei anteriormente, o mijãozinho, quebraram todinho, lá na Praça Sinimbu, não existe mais.

Henrique: É verdade, é verdade, é verdade.

Esdras: Ele foi um cara, ele deixou uma marca, ele não só o S não. Ele deixou uma marca. É uma pena, eu acho uma pena.

Henrique: Você tem ido à Ponta Grossa? Qual foi a última vez que você foi na Ponta Grossa, depois que você saiu de lá? Quando foi que você visitou a Ponta Grossa?

Esdras: Depois que minha mãe partiu eu não fui nunca mais.

Henrique: Mas quando foi que você deixou de morar na Ponta Grossa?

Esdras: Eu deixei de morar na Ponta Grossa em 1971. Em 1971, quando eu casei, deixei de morar na Ponta Grossa.

Henrique: Às vezes que você voltou pra ver a sua mãe, como você via o bairro? Como era a Ponta Grossa que você morava com o que você viu depois?

Esdras: Era muito diferente, porque ela foi modernizada. Fizeram as pistas, tiraram o calçamento...

Henrique: O asfalto...

Esdras: O asfalto, não é? Pode ver que a própria Praça Santa Teresa ela foi mexida. Não existe mais aqueles bancos que tinha do lado e do outro. Eu não sei aquela pracinha lá de baixo, porque faz muitos anos que eu não passo ali, como é que está?! Mas a Moleque Namorador, eu tive lá quando meu Deus? Eu tive lá há uns quatro, cinco anos atrás. Tava abandonada. Abandonada lá. Inclusive até a estátua do Moleque Namorador [não entendido] que ela desabou, mandaram consertar... Mas eu não sei, Henrique, honestamente como é que ficou. Eu sei que o bairro, ele perdeu o glamour. O cinema acabou, botaram uma igreja no lugar. Aí aumentou a população de estudantes, que a noite, o grande movimento é em função dos colégios. Tem o Hélio Lemos e tem o de cá. Mas, acabou aquela... O povo... Henrique, o povo não tá mais indo à praça praticamente. O povo não tá mais indo à praça. Você, se você for hoje na Praça Santa Teresa, no fim da tarde, você ainda ver umas pessoas jogando dominó, baralho, naquela parte arborizada, ainda vai, mas as demais tão abandonadas, abandonadas. A Guedes de Miranda á noite, é um movimento grande! Não sei se a polícia acabou com aquilo ou não, porque era a feira do troca, né? Que era a Feira do Rato. Levou fama como a Feira do Rato. Então, o movimento ali era enorme! Enorme! Até meia noite você tinha movimento ali.

Henrique: Continua, tio.

Esdras: Continua?

Henrique: Continua.

Esdras: É, porque ali era um movimento impressionante! Pena que eu não passei mais lá. Eu já corri muito lobisomem por ali à noite. [risos]

Henrique: Me diga uma coisa: se você pudesse resumir a Ponta Grossa nos anos 60 quando você morava lá com uma palavra, qual a palavra que você escolheria?

Esdras: Uma palavra pra Ponta Grossa... Uma só?

Henrique: Uma só. Qualquer uma.

Esdras: Eu poderia lhe dizer que naquela época, ele era um bairro feliz. Existia paz. Você ainda podia ir pra praça sentar, hoje ninguém pode mais ir.

Henrique: Muito bem. É isso. Você quer acrescentar alguma coisa a essa entrevista?

Esdras: Não. O que eu quero acrescentar é o que eu já lhe disse no início. É um protesto meu que tá guardado aqui dentro, pelo que fizeram com Sandoval Cajú. Eu acho que foi... sei lá... foi uma aberração aquilo, de caçar um mandato de um homem que só trabalhou por nossa terra. Ele amava isso aqui! Mas, fazer o quê, né? É da política.

Henrique: Você acha que caçaram porque ele iria ser o próximo governador?

Esdras: Era fortíssimo candidato. Era fortíssimo candidato. Pela força popular que ele tinha. Ele era um candidato de povão, não era de elite, era o povão. Era muita força. Aí os cabas... inventaram que ele era comunista e caçaram o mandato. É a única coisa que eu tenho... eu acho que foi uma injustiça que fizeram com Sandoval. Que ele descanse em paz, lá onde ele tá.

Henrique: Amém. [risos] Obrigada, tio.

Esdra: De nada, filho. Obrigada você. Disponha.

Henrique: Por ter se sujeitado a...

Esdra: Ah... Meu filho. Me perdoe se eu não disse o que você queria.

Henrique: Você disse mais do que eu queria! Você disse tudo!

Esdra: Me perdoe a memória, que já não tá tão boa como tava antes.

Henrique: Oxe! A memória tá perfeita! Tá melhor do que a minha muito!

Esdra: [risos altos]

ENTREVISTA - Pedro Cabral de Oliveira Filho

Duração da entrevista – 1h, 45 min. e 54 s. 10 de outubro de 2020

Henrique: Boa tarde, Pedro Cabral. Essa entrevista é uma das entrevistas que faz parte do projeto *Memórias das praças do bairro da Ponta Grossa, em Maceió-AL, a partir de percepções e representações da Cidade Sorriso*, idealizada na gestão do Prefeito Sandoval Cajú, que foi de 1961 a 1964. Isso faz parte do PPGAL, da dissertação para o PPGAL da UFAL. Boa tarde, Pedro.

Pedro: Boa tarde, Henrique. Tá me ouvindo bem?

Henrique: Perfeitamente. [risos]

Pedro: Eu gostaria de ter sido um melhor professor para você, na época, mas perdoe a juventude. [risos]

Henrique: Foi muito bom... Qual o seu nome completo?

Pedro: Pedro Cabral de Oliveira Filho

Henrique: Certo. E... Quando você nasceu, Pedro?

Pedro: Em 17 de junho, em pleno meio do ano, inverno, por aqui. Em 1956. Tenho 64 anos.

Henrique: Eu sou de 11 de junho.

Pedro: É caramba! Somos vizinhos...

Henrique: Somos geminianos... [risos]

Pedro: Geminianos... exato.

Henrique: Né?! É... Quando você nasceu, você morava aonde? Sua família morava onde?

Pedro: Eu nasci no distrito fabril de Fernão Velho. Eu nasci numa casa, na casa que meus pais moravam. E eles trabalhavam na fábrica. Naquela época era muito comum nascer nas residências e a minha parteira era a vizinha, enfermeira, colega de minha mãe que também era enfermeira. E terminou, também, a minha parteira sendo a minha madrinha. Uma figura adorável que viveu um bom tempo...

Henrique: Que coisa boa.

Pedro: ... E... foi assim, naquela comunidade, aquele espírito de vizinhança, de convivência entre as pessoas de uma pequena comunidade.

Henrique: Qual é a sua atividade profissional, Pedro?

Pedro: Eu sou arquiteto e urbanista. Urbanista hoje não muito por vocação. Eu comecei, inclusive, na Universidade, trabalhando com urbanismo, mas depois eu me desinteressei, em razão de perceber uma influência muito grande de cabos eleitorais

na vida urbanística, nas decisões de Prefeitura, em detrimento das ações dos técnicos. Então aquilo me fez ver que o planejamento urbano no Brasil não iria muito bem. Como não está indo. Hoje não se fala mais em planejamento urbano para as cidades. Então eu fiquei mais dedicado a arquitetura. Dentro do curso de Arquitetura me voltei para os projetos de arquitetura e hoje me dedico muito à arquitetura hospitalar. É uma área que eu tenho um prazer imenso, apesar de muitas dificuldades também, com conjunto de normas, de exigências que tem, que dificulta. Ter as normas é aceitável. O problema são os entendimentos de aceitação por quem julga essas normas e se sente muitas vezes autoritário com esse tipo de análise e aí isso também deixa um pouco triste. Por isso, eu perambulei um pouco pelas artes, porque aí eu faço sem ninguém cobrar muitas coisas [risos]. Isso é um resumo das minhas atividades profissionais.

Henrique: É um grande artista plástico, também.

Pedro: É muita gentileza sua.

Henrique: Não é gentileza não. É constatação.

Pedro: Você e seu pai é que são. Inclusive, a respeito disso, de artista plástico, Henrique, sabe aquela história do academicismo? Como eu vivi no ambiente acadêmico durante 35 anos, eu não me considero um artista plástico, porque eu não tive uma formação acadêmica nas Belas Artes. Então em razão disso, eu fico meio constrangido em dizer que sou um artista plástico. Assim como também dizer que sou escritor, quer dizer, ou poeta... sabe? Alguma coisa assim. Só pelo fato de eu escrever alguma coisa, dizer: "eu me sinto um poeta", "eu me sinto um artista plástico"... por não ter formação acadêmica, eu me recolho por completo nesse tipo de coisa. É um comportamento meu a esse respeito. Apesar de que tem tantos artistas plásticos e não precisaram ter nenhuma Academia na sua formação.

Henrique: Pois é... Com certeza. Você é um deles!

Pedro: Tá, brigado... [risos]

Henrique: Você poderia me contar um pouco da sua infância? Do lugar onde você nasceu e a sua ida posterior pro bairro da Ponta Grossa... Como foi? Se você lembra das datas...?

Pedro: Posso lhe dizer tranquilamente. É... Como eu nasci em 56, a minha consciência, meio de mundo, aconteceu creio que com todo mundo, a partir dos quatro, cinco anos de idade. Você começa a ter uma certa noção de mundo, de lugar, de tempo... E, nos anos 60, então, eu tive esta noção a respeito de onde eu morava e de como vivia. Então, de 56 até 67 eu morei em Fernão Velho. Ou seja, os meus primeiros dez anos de vida foram em Fernão Velho. Aos onze anos eu partir para... Aí minha família se mudou para Maceió, meus pais conseguiram emprego na capital e nós migramos. Eu, na verdade, amava o distrito em que eu morava e todas as minhas amizades que tavam ali e minha mãe brincava comigo que eu dizia que não iria com eles não. Quando chegou a mudança, eu não iria com eles. Mas quando chegou lá o caminhão da mudança, eu fui o primeiro a subir no caminhão [risos]. Aquele impulso "não, não fico aqui sozinho", né? Era mais o medo. Eu fiquei voltando ao distrito... Eu chamo de cidade, porque para mim é como se fosse uma cidade, mas hoje é um

bairro, um dos bairros de Maceió. Era na época um distrito industrial. Mas eu fiquei, ainda, na minha adolescência, voltando lá vez em quando para rever os amigos. Até que consolidei amizade em Maceió e aí fui esquecendo o lugar. Desde então, quase nunca voltei a Fernão Velho. Voltei como professor, levando os estudantes para estudar lá. Inclusive, eu tava pensando que eu ia falar pra você sobre Fernão Velho, aí você me falou Ponta Grossa. Mas como tem um bom tempo, eu coloquei na cabeça que seria Fernão Velho. Mas, justamente, aos onze anos, eu fui morar, em 68, na Ponta Grossa. E fiquei lá três anos. De 68 a 70. 70, 71. Mais ou menos esse período é que eu morei no bairro da Ponta Grossa. Você se refere ao começo dos anos 60 com o Prefeito, não é?

Henrique: Isso.

Pedro: Nesse período de três anos, como eu tinha de 11 a 14 anos, eu posso lhe apresentar algumas memórias que eu tenho de lá, enquanto espaços públicos.

Henrique: Que bacana...

Pedro: ... Que eu vivenciei e que eu sentia como presença.

Henrique: Só um pouquinho: qual era seu endereço na Ponta Grossa? Você lembra?

Pedro: Lembro sim, sim. Lembro sim. Inclusive, uma coisa interessante, Henrique: certo dia, era um período de São Joao, um período desses perto das nossas datas natalícias, e, eu e Gorete resolvemos procurar por fogueiras na cidade. E nós dissemos assim: "eu acho que em Fernão Velho..." Perdão, leia-se Ponta Grossa. "... na Ponta Grossa deve ter algumas fogueiras. Vamos por lá!" E quando nós passamos numa rua, eu disse: "Olha, eu morei nesta rua." Ela disse: "O quê?! Eu morei também nessa rua!". Ou seja, fomos contemporâneos nessa adolescência, só que tínhamos uma diferença de cinco anos de idade. Eu era mais velho cinco anos, então meu grupo em relação a ela...

Henrique: Era diferente.

Pedro: Mas eu morei em duas ruas lá. Num curto período de tempo. Eram casas alugadas e o proprietário era um senhor que ia em Fernão Velho como mascate, e ele tinha essas casas que alugava. Então morei na Rua da Soledade...

Henrique: Sim...

Pedro: Nome bonito...! Rua da Soledade...! Que também tinha outro nome. Na verdade... Todo mundo conhecia como Rua da Soledade, mas era Barão... Rua... Eu me lembrei um dia desse. Há pouco tempo. Daqui a pouco eu me recordo o nome. Mas Rua da Soledade é um nome bem conhecido.

Henrique: Sim!

Pedro: É uma rua que liga o Beco dos Elefantes, que era o lugar onde os circos deixavam os elefantes para tomar banho...

Henrique: Meus pais... Eu nasci no Beco dos Elefantes!

Pedro: Ah! Pronto! É uma que é colega nossa, arquiteta, morava lá. Na época que a gente morava lá, ela morava numa esquina. Assim, entre a Rua da Soledade e o Beco dos Elefantes. Então você conhece bem por ali, não é?

Henrique: Conheço.

Pedro: Então a Rua da Soledade vai... segue direto, depois parece que pega outro nome e vai até a Coreia. Avenida Coreia. Eu morei num quase que cruzamento com a rua... ah... não pode me faltar o nome... Como é o nome daquela rua que é continuação da Rua Manaus? Que sai na Santo Antônio, na esquina tinha a farmácia São Luiz, tinha uma sorveteria... Não é da sua época.

Henrique: Não tô lembrado agora, Pedro.

Pedro: Não é da sua época. O seu pai se lembra.

Henrique: Formosa?

Pedro: Não, não. Rua Cláudio Manoel. O nome da rua: Cláudio Manoel, que liga a Rua Santo Antônio...

Henrique: Sim...

Pedro: ... até a Rua Siqueira Campos.

Henrique: Sim...

Pedro: ... Ela cruza com a Formosa. Ela cruza com a Formosa. Nesse cruzamento tinha uma famosa padaria também: Padaria Formosa. Ali.

Henrique: Verdade.

Pedro: Então, esta é a rua... Primeiro eu morei na Rua da Soledade. Bem pertinho... quase. Só tinha uma casa de esquina, depois era a minha assim, em relação à Cláudio Manoel. Depois fui morar... A partir da Santo Antônio, da Rua Santo Antônio, na segunda quadra. Tem a primeira quadra, que entra à direita é a Rua da Assembleia, que deságua lá na praça, que nós vamos falar, Moleque Namorador.

Henrique: Moleque Namorador.

Pedro: E essa segunda quadra, mais ou menos próximo da Rua da Soledade, do lado direito, é onde eu morei pela segunda vez nesse período que lhe falei: de três anos. Eu me recordo bem, porque a Copa do Mundo é sempre um referencial de datas para mim, a cada quatro anos tem uma Copa do Mundo, não é?

Henrique: Certo.

Pedro: Eu gostava muito de futebol. Gosto. E lembro que assisti a Copa do Mundo lá, em 70. Logo depois da Copa do Mundo, aí foi que eu me mudei para o bairro do Poço. Nesse ínterim, entre a Soledade e a Cláudio Manoel, nós moramos um mês no Prado. Era uma casa que eu gostava, porque era bem ampla, mas meus pais se sentiam meio fora de relacionamentos, nós não conhecíamos ninguém na rua. Era a Rua 21

de Abril. 21 de Abril, algo, alguma coisa assim. Nós moramos um mês e minha mãe conseguiu essa casa da Cláudio Manoel, que era vizinho do dono das duas casas.

Henrique: Sim, sim.

Pedro: Era o Senhor Lucilo, que, outra coincidência da nossa vida. "Seu" Lucilo, que eu falei que era o mascate que ia a Fernão Velho e minha mãe conheceu, é nome de uma rua hoje lá na... ali no Barro Duro, e que a Gorete, minha mulher, morou nesta rua. Umas coincidências [risos]

Henrique: Muita coincidência. [risos] Dessas casas da Ponta Grossa, que você morou, qual delas você tem uma lembrança mais forte, assim?

Pedro: Olhe só, as lembranças, elas nascem de certos momentos que acontecem na nossa vida. A primeira casa foi uma casa em que eu estava assustado, porque pela primeira vez vinha morar em Maceió. Eu tinha dez anos, não conhecia ninguém, não era amigo de ninguém, todo mundo era em Fernão Velho. E eu me lembro que nós, na mudança, "abria" a janela, assim, da sala, olhei a rua e vinha uma garota do outro lado, que morava em frente a mim, ela sorriu pra mim, eu me espantei, me escondi! [risos] A timidez era tão grande! "Calma, ela sorriu pra mim? Ou não, né? Calma!". Aí fiquei com a cabeça baixando [risos]. Então, essa sensação da moradia, de ser as primeiras experiências minhas na capital me trouxeram essa lembrança de uma casa numa capital. Era uma casa bem menor do que a que eu morava em Fernão Velho, mas era uma casa nova e permitia assim, um relacionamento de convivência com a família muito grande. Apesar de que em Fernão Velho, nós tínhamos... Meus pais recebiam muitos parentes e amigos deles de interior que iam para Fernão Velho por vários motivos: emprego, feira, festa de natal, e se hospedavam lá em casa. E minha casa, a casa que nós morávamos era muito festiva. Já essa da Ponta Grossa, que foi a primeira, por ser muito pequenininha, ela não permitia essas recepções. Já a outra casa, a da Cláudio Manoel, era uma casa bem maior. Maior em relação a essa anterior e as vivências minhas foi de uma pequena adolescência, de uma pequena fase da adolescência. Um momento triste da minha vida, porque eu adoeci, tive... eu fui um... Ainda nesse período eu tinha saudades de Fernão Velho e lá, eu numa noite dessas, com os amigos, tinha uma rua inundada e nós fomos puxar, tirar uma tampa de bueiro e eu lá, querendo ajudar, senti aquele cheiro estranho, aquele... E em poucos dias eu adoeci. Eu creio, minha mãe nunca me falou, mas eu creio que tenha sido uma hepatite. Eu quase que morri com essa doença. Fiquei internado. Então foi desse período, 69, em que eu adoeci e fiquei sem, sem uma lembrança assim, muito legal desta casa.

Henrique: Claro.

Pedro: Mas tem a outra casa que era a minha adolescência, aí eu já tinha consolidado vários amigos de rua, vizinhos, da circunvizinhança, isso me deu também já uma certa segurança...

Henrique: Segurança...

Pedro: Na época, de viver numa capital. Então, olhe só, quando eu morava em Fernão Velho, tinha dez anos, eu já vinha estudar em Maceió. Estudei no Guido um ano e... Foi em 67. E eu pegava trem, pegava ônibus, sozinho. Vinha de lá pra cá sozinho com

dez anos de idade. Quando cheguei em Maceió e fui morar em Maceió, eu me senti inseguro, porque eu não queria essa base de amizade.

Henrique: Sim, claro.

Pedro: Mas ela foi se consolidando exatamente e foi me empoderando nesses três anos na Ponta Grossa. Aí sim, aí eu... Por isso que tão belas lembranças. Não é?

Henrique: Claro.

Pedro: Salvo essa história da doença, que eu tive...

Henrique: Da doença...

Pedro: Mas foi coisas de dois meses, três meses, nem me prejudicou na escola, nem nada. Foi um período...

Henrique: Você lembra como era fisicamente a casa?

Pedro: Lembro, lembro.

Henrique: Fachada...

Pedro: É... era uma casa de platibanda com uma porta e a janela. Não mais do que cinco... eu acho que quatro a cinco metros de largura. A casa do proprietário era um pouco mais larga do que essa nossa minha, e o outro vizinho, que era um tenente, uma figura adorada, a família toda eu fiquei amigos, tinham vários irmãos, filhos do tenente, e ficamos amigos o resto da vida, era uma casa quase parecida com a minha. Assim, um pouco mais larga. Não é? Era uma casa com aquele desenho de sala, que nós repetimos muito numa arquitetura que depois eu descobri que é uma arquitetura feita pelos socialistas urbanos na época das favelas em Londres, na Inglaterra, quando antes das vilas operárias, as indústrias precisavam de mão de obra e atraíram muita gente do interior, mas não tinha casa suficiente para moradia. Então, o que é que fizeram? Um desenho de urbanismo e de arquitetura que era, parecia uma espécie de controle social. É incrível, mas tem um livro que trata dessa análise muito boa, que mostra que a casa geminada com a sala, o corredor com os quartos, todos voltados para o corredor, depois a cozinha e lá atrás o banheiro, esse desenho que se reproduz nas vilas operárias que eu morei, na Ponta Grossa, e em várias outras cidades. Casas, inclusive, da burguesia, foram projetadas dessa maneira: a parte social na frente, depois a parte íntima, depois a cozinha que era algo sujo, e o jantar nos fundos, e o banheiro...

Henrique: Lá atrás...

Pedro: Às vezes até no quintal. Às vezes até no quintal.

Henrique: É verdade.

Pedro: Esse desenho tem toda uma ideologia por trás. As portas com postigos eram feitas para que a Igreja, ao fazer visitas, com aqueles movimentos cristãos para verificar se não havia incestos familiares. Pedia para as famílias saírem dos quartos. Eles não entravam na casa, mas pelos postigos, eles olhavam se tinha um pai com a

filha saindo pro corredor, se tinha irmão com irmã morando no mesmo quarto... Então era uma forma de controle velado sobre isso. O desenho todo, as casas geminadas eram casas... Na verdade, antes as casas eram coladas, e aí tinha a questão dos ratos passarem de um telhado para o outro e aí depois eles criaram com isso, os jardins e os recuos laterais. Tudo isso para evitar a questão... para resolver o problema da higiene. Então existe a moral cristã, a questão econômica, porque as vilas, as favelas eram um verdadeiro labirinto e ficava difícil alguém ir lá cobrar de alguém uma venda de alguma coisa...

Henrique: Claro.

Pedro: O mascate que eu falei, chegava lá não encontrava mais. Então eles redirecionaram esse desenho com vilas, que eram casas de um lado e de outro, sem saída. Muitas vilas operárias foram projetadas assim para atender a essas determinações de planejamento urbano daquela época. É bem interessante. Então, eu morei em Fernão Velho numa casa assim, morei na Ponta Grossa em duas casas assim e morei no Poço numa casa assim. Só vim fugir disso quando construí a minha casa [risos].

Henrique: E a fachada da casa, ela era modernista? Porque normalmente eles faziam a mesma estrutura de planta, né? Essa estrutura que se repetia, se repetia... e davam uma cara modernista de azulejo, ou de pedra até a metade... né? Ou uma pintura com cor forte, né?... Elas com platibanda já, né?

Pedro: É verdade. Nas duas minhas casas... Eu tô chamando minhas casas como espírito de moradia, não de dono.

Henrique: Claro. [risos]

Pedro: Não havia, por exemplo, nenhum revestimento. Era pintura mesmo. Agora, o que tinha de acabamento nessas fachadas era um friso que emoldurava a fachada; aquele contorno em alto relevo...

Henrique: Isso...

Pedro: E as vezes tinha uns frisos horizontais também no frontão...

Henrique: No frontão... Isso... Exatamente.

Pedro: Ou abaixo da janela. Às vezes abaixo da janela.

Henrique: Isso. Que já era ali um tratamento pré-Modernista, vamos dizer assim.

Pedro: É, é... Exatamente.

Henrique: Ou Moderno-alagoano, ou Moderno-[palavra não entendida], né?

Pedro: É. Na verdade, esse desenho com platibanda, assim, não triangular, já retangular é um desenho já Modernista, não é? Já é uma iniciativa. Porque antes de você ver a fase, o estilo, o período, é um período acadêmico Classicista, Neoclássico, quase, em que o triângulo preponderava sobre certas... Mas numa arquitetura popular, ou era o beiral aparecendo, as casas simples – o telhado, ou senão tinha uma

platibanda, que já dava um certo statuszinho, mas era um puro retângulo. Às vezes sem uma composição de proporções entre largura e altura, não é? Não havia isso, mas dava pra esconder o telhado, pra chuva não ficar caindo na calçada, aquela coisa toda.

Henrique: Você tem alguma lembrança de Sandoval Cajú?

Pedro: Eu tenho. Eu tenho. Visualmente eu tenho. Não tinha... era na minha adolescência, nós éramos de uma comunidade, a Ponta Grossa, de classe C, popular. Sandoval era um sujeito popular, mas era o prefeito, não é? E essa imagem é sempre um pouco inacessível. As autoridades... Só vi uma vez, por exemplo, uma autoridade circulando na Ponta Grossa, ali pertinho: ou era nos momentos de carnaval, quando chegavam lá num palanque daqueles pra falar, ou num comício, ou então vi Luiz Cavalcante, Major Luiz, que, invariavelmente ele ia até uma barbearia na Rua da Soledade, pertinho de onde eu morava num primeiro momento e sentava lá de terno branco, esperava o barbeiro chegar e conversava com ele e várias vezes levava uma navalha de presente para o barbeiro. Eu soube que ele, costumeiramente, fazia isso: de circular em bairros pobres. Por isso ele era chamado de Luiz Rolete. É o rolete de cana que ele ficava chupando aquelas canas, nos bairros pobres. E foi um governador do estado de Alagoas. Então foi a única autoridade. O Sandoval Cajú, ele era querido na minha infância, adolescência... Na infância, eu ouvi falar assim, eu acho que de rádio, nos comícios.

Henrique: Diz que ele era radialista, também.

Pedro: Ele era radialista. Então, era um bom radialista e nisso ele conquistou muita gente através do rádio. Depois eu vim saber que ele era pai de uma amiga nossa, esposa do médico José Wanderley, mas aí já tinha morrido. Ele já tinha falecido. Mas eu ouvi falar e sabia mais do S, que ele colocava nas praças, nos bancos das praças do que propriamente dos atos que ele fazia. Sabia história, né! Depois que eu fui trabalhar na Prefeitura, trabalhei um tempo lá, os antigos trabalhadores, funcionários contavam boas histórias dele. Histórias pesadas, quentes sobre ele.

Henrique: Você sabe alguma delas? Se lembra de alguma delas?

Pedro: A que eles me contaram, eu não posso não contar. [risos] Mas depois, em off, eu posso lhe contar. [risos]

Henrique: Tá bom. [risos]

Pedro: Mas nada que depreciasse a figura dele não. Era as famosas histórias do machismo que existiam lá na época, naturalmente na época, o uso do poder nesse sentido, mas nada forçado, nada autoritário, nada...

Henrique: Claro.

[interrupção – problemas técnicos]

A gente tava falando sobre Sandoval Cajú, né? Você era pequeno na época da campanha dele pra prefeito, na época que ele se elegeu prefeito, mas você lembra, quando você chegou na Ponta Grossa, de como o bairro... porque a Ponta Grossa foi um dos, vamos dizer assim, celeiros eleitorais de Sandoval... Você lembra de alguma

coisa, de algum caso, ou alguma coisa assim que você tenha lembrança sobre a figura de Sandoval na Ponta Grossa...?

Pedro: Olhe, sobre as ações dele, eu ouvia. O S, a Praça Moleque Namorador, os bancos com o S, porque tinha a Praça Moleque Namorador e pertinho tinha uma outra praça. Tinha uma delegacia, inclusive, em frente.

Henrique: Isso! Praça do 3º Distrito.

Pedro: Do 3º Distrito. Essa praça era cheia de bancos com os azulejos e o famoso S que ele usava.

Henrique: Que ele dizia que era de sorriso.

Pedro: De sorriso. Era, era... [risos] Bem-humorado, né! Ele dizia isso num tom meio gozador a respeito, né?

Henrique: É.

Pedro: Mas, a respeito nós ouvíamos falar da marca, sabíamos assim da figura, cultivávamos a ideia dele, que era uma figura muito comunicativa, com discurso eloquente, mas eu não sei, confesso em dizer mais informações a respeito do resumo...

Henrique: Da figura dele...

Pedro: É... do S... Era uma figura que tinha um bigode, andava sempre de terno e me parece que era alto assim... Eu não, nunca o vi pessoalmente. Só em fotografia, em jornais, e televisão, naquela época quase não existia, né? Só em 70, eu acho que veio aparecer televisão por aqui e aí ele já não era prefeito nem nada. Então, infelizmente, eu não posso lhe ajudar aí na formação, nesse perfil dele.

Henrique: Me fale uma coisa: você frequentava as praças que Sandoval fez na Ponta Grossa?

Pedro: As praças que eu... Eu não sei se todas as praças foi ele que fez...

Henrique: Mas... Pode falar...

Pedro: A Praça Moleque Namorador, eu frequentava só durante os períodos momescos.

Henrique: No carnaval.

Pedro: É. Só no carnaval e mesmo assim, como eu ainda meio criança... Ainda em Fernão Velho, eu me lembro que vim com os meus pais e os amigos dos meus pais a um carnaval na Praça Moleque Namorador, porque era muito falado esse carnaval. Era famoso! Então, eu vim criança, mas com muito cuidado assim, no braço dos meus pais, aquele cuidado todo, e via aquele... o ruído, era muito... o movimento era muito pesado. Já adolescente, nós íamos pra lá no carnaval, a praça se resumia a um moleque... um desenho de um moleque namorador no meio, não tinha bancos, não tinha nada, então era só... em torno dela era um pista e que as pessoas ficavam

pulando carnaval girando nesse círculo. E um palanque que ficava na Rua da Assembleia, onde ali a banda, a orquestra tocava. Então, essa Praça Moleque Namorador, ela ficou famosa só por isso. Nada mais como uso de convivência comunitária, nem nada. Havia uma Praça Santa Teresa, que era um pouco mais distante e essa praça tinha vários bancos, vários bancos. Eu acho que o famoso S.

Henrique: Sim, também feita por Sandoval.

Pedro: Também foi feita por ele, não é? Era uma praça mais com espírito de praça mesmo, com os jardins, as árvores... Em Fernão Velho tinha uma praça que era muito bem cuidada e era bonita, então, eu comparava. A Praça Santa Teresa, o tamanho dela já dava uma extensão e um formato desse, daquela praça das pessoas irem para contemplação. Era o espaço mais contemplativo, de sentar ali e ficar conversando e olhando a paisagem.

Henrique: Meu avô jogava gamão na Praça Santa Teresa.

Pedro: Lá o pessoal jogava gamão, né? Eu não frequentava muito, porque já fugia um pouco do meu... do meu circuito. O meu circuito era... Porque Ponta Grossa é um bairro dormitório, praticamente, é um bairro que as atividades trabalhistas, comércio e serviços tem lá, pontualmente, alguns corredores, mas o Centro da cidade, por ser praticamente vizinho...

Henrique: Próximo.

Pedro: É. Então era um lugar que as pessoas iam até a pé pra lá pra consumir, ou trabalhar. Então, Fernão Velho, o meu circuito era mais esse: Ponta Grossa, Centro. Pra Santa Teresa, só quando a meninada tentava se reunir e queria fazer alguma coisa. Nós alugávamos, por exemplo, bicicleta, aí nós íamos até lá, passava por lá... Essa pracinha do 3º Distrito também não era muito frequentada. Eu creio que, talvez, o fato de a delegacia ser lá nos dava um ar não muito...

Henrique: Amigável [risos]

Pedro: É, não é? [risos] Era pra transmitir a sensação de segurança, mas não era. Pra gente era medo. [risos] Tinha uma rua lá em Fernão Velho que no começo tinha uma delegacia também. E era gente que passava por lá presa, ou gente morta que ia carregada pra lá pra depois ir pra o cemitério ou outro canto e essa imagem me afastava. Então eu não...

Henrique: A Praça das Graças...

Pedro: Sim, a Praça das Graças.

Henrique: Tem a Praça Santo Antônio... Também foram reformadas por Sandoval Cajú.

Pedro: Por Sandoval, né? Então, ele tem...

Henrique: Num perímetro ali de três quilômetros, ele entregou, em três anos de governo, quase quatro, sete praças novas.

Pedro: Sete praças. Olha só que coisa interessante. Sobre elas eu posso falar. E posso acrescentar uma que não é na Ponta Grossa, mas que também foi de nossa vivência, que foi a Praça da Faculdade. O natal, no começo, era na Praça do Pirulito, ainda ouvi George Harrison cantando a nova música dele lá na Praça do Pirulito. Depois o natal foi lá na Praça da Faculdade. E a música passou a ser Roberto Carlos, aquelas coisas, sempre tinha na época de natal, né. Sobre a Praça Santo Antônio e a Praça das Graças, essa um pouco maior, mas para mim eram praças também de cruzamento, de passagens, transitórias, não eram praças de estar. O princípio é esse: geralmente tem o espaço público pra poder você também se relacionar com a comunidade, então, para o lazer, as atividades lúdicas. Mas a Praça Santo Antônio, uma pracinha estreita, que eu creio que só foi mais usada pelos moradores ali em volta. Mas como tinha o trânsito de carros, assim, muito forte por ali, não era uma praça que nos motivava ir pra lá...

Henrique: Ficar?!

Pedro: E ficar, e procurar, porque na verdade, como eu lhe disse, pela proximidade do Centro da cidade, a nossa adolescência corria para a Praça Deodoro, que era o ponto de encontro da juventude, né?

Henrique: O quem me quer.

Pedro: Exatamente. [risos]. Nós íamos para a missa de sábado, que coincidentemente o padre da Catedral foi padre de Fernão Velho, na minha infância, Padre Salomão. Ele tinha essa missa de sábado que chamava a juventude. Os jovens iam pra lá. Quando acabava, nós íamos para a Praça Deodoro. A Praça Santo Antônio...

[interrupção – problemas técnicos]

A Praça das Graças já era uma praça maior e tinha uma vantagem que tinha uma igreja. E a igreja, ela atraía um pouco pela missa, terminava tendo algumas atividades ali. Tinha também um equipamento dentro da praça que era uma sorveteria, também atraía fortemente as crianças, adolescentes. Então, eu quando ia pra Praça das Graças, eu ia, quase sempre passava por ela para estudar no Estadual ou no Cônego Machado. Eu ia a pé e cruzava por ela. Me lembro bem da sorveteria, do posto de saúde e da igreja. Então eram focos de atenção, mas não eram lugar que nós ficávamos. Eu, eu.

Henrique: Claro.

Pedro: Eu e meus colegas da Cláudio Manoel. Nós nos concentrávamos mais na esquina, maloqueiro de rua, nós éramos como Milton Nascimento, do Clube da Esquina. Nós competíamos com a praça nesse sentido. O Clube da Esquina. Então essas são...

Henrique: Você acha que na época, vamos dizer, essa coisa de se encontrar na esquina, no bairro da Ponta Grossa, seria uma coisa do bairro? Entendeu? Que o bairro propiciava? Vocês ficavam num mesmo lugar? O que vocês faziam?

Pedro: Nós tínhamos dois pontos de fuga em espaços grandes: um era a praia, a praia. Assim, diariamente, quando íamos para ir jogar bola na praia, ali da Avenida,

do Sobral e o chamado areião. areião ficava na Levada, ali ao lado, perto da Praça Santo Antônio, perto de onde seu pai morou, tinha o Beco dos Elefantes? Da continuidade em direção à lagoa, tinha um canal e ali em volta tinha um areião, que hoje já desapareceu. Que era um campinho de futebol. [palavra não entendida] quando não jogávamos na rua. Eu tô falando de garoto de 12 anos a 14 anos. Esse é o período. A Praça das Graças quando havia alguma missa, alguma coisa nesse sentido; o carnaval na Moleque...

Henrique: E a esquina? Essa coisa na esquina, de se encontrar na esquina à noite...?

Pedro: Era a maior convivência, a maior convivência. No nosso caso ainda tinha a casualidade nossa, um senhor, ele não tinha mobilidade, ele andava com muita dificuldade, tinha dificuldade nos braços, ele teve um derrame, como se dizia na época, e um senhor simpaticíssimo, e que na juventude, a casa dele tinha um jardim na frente. Tinha um jardimzinho e ele vinha, ficava no muro, um muro com portão baixinho por dentro, e a juventude todinha ficava conversando com ele. Ele era uma alegria tremenda de conversar conosco. Agora me lembrei... Me lembro até do nome dele: "Seu" Ferreira. Era uma figura adorável, que era assim uma espécie de ponte de namoro... A gente dizia: "Seu Ferreira, aquela menina é linda! ". Aí ele chegava e: "Óia, aquele menino ali..." [risos]. Ele era uma ponte assim, né?

Henrique: Ele era o casamenteiro.

Pedro: Era o casamenteiro. Então ele fazia um pouco isso... Então era ponto de encontro. Na esquina, bem perto com a Rua da Assembleia, tinha uma casa que só vivia fechada. Eu creio que não tinha nem morador. Era uma casa com jardim também. Tinha um muro e esse muro servia também para nós ficarmos sentados ali e conversando e ameaçando levar a lixa, a famosa lixa. Não sei se esse termo você se lembra.

Henrique: Lembro. Tinha que ficar encostado no muro.

Pedro: É. Quem saísse, fosse embora antes, o primeiro, levava uma pisa. Tem que sair por último. Era um problema pra sair. Doido pra ir embora e não podia sair.

Henrique: É verdade.

Pedro: Então as esquinas... Nós tínhamos essa esquina da Assembleia e tínhamos a esquina da Soledade. E tinha o "Seu" Tonhê, que também era uma figura bonachona, que ficava... Muito obeso, ele. Ele quase não se movimentava, era também, ficava sentado vendendo algumas coisinhas na mercearia de esquina e contando aquelas anedotas e nós gostávamos, tava ali, então a turma... era outro ponto de encontro, que não nos levava a querer ir pra praça. Ir à praça, só a Praça Deodoro. Era o ponto lá que nós íamos que unia... o quem me quer, né? Ficava olhando ali... [risos]

Henrique: Ô Pedro, seus pais, eles tinham o costume de ficar na porta? À noite, botar a cadeira na porta...? Você lembra?

Pedro: Não, não. O meu pai... Você falou do gamão, né? Na porta, a minha mãe, por exemplo, não fazia isso de ficar na porta, mas meu pai, numa das calçadas de um dos vizinhos... Tinham dois lugares. O filho do proprietário da nossa casa, ele gostava de jogar dominó. Então, o meu pai, sempre ficava. Então, na porta dele era aquela

algazarra de homens sentados, esperando a vez de jogar dominó. Então tinha esse ponto. Havia muita gente, assim, nas janelas. Esse senhor Ferreira, ele ia e ficava na porta que é um jardim. Ele saía da casa e ficava no jardim, na mureta. Tinha vizinho a ele uma família que colocava as cadeiras de balanço, aquelas cadeirinhas de plástico...

Henrique: Isso. De macarrão!

Pedro: De macarrão, assim, não é? Fazendo aqueles... Que ficavam sentados que eu me recordo, mas da minha casa, meus pais não faziam isso. Só o fato de meu pai que jogava dominó, gostava muito de jogar dominó. Eu também terminei jogando dominó. Depois nós fomos morar numa praça no Poço, na Praça da Maravilha e ali, nós jogávamos na praça, aí era na praça. Mas, mesmo lá, meus pais, minha mãe não, não colocava... Porque eles já tinham um terraço, já tinham uma varanda coberta. Então ela ficava nas cadeiras de balanço, mas lá dentro, não na porta. Eu acho interessantíssimo, um dia desse, eu e Gorete passamos aqui pela Quintino Bocaiúva, que é atrás do Bompreço da Pajuçara, **cheia** de gente sentada na calçada...

Henrique: Na porta.

Pedro: Na porta, nas cadeiras tomando cerveja, e a gente achando tudo lindo e eu disse: "Puxa vida, que coisa bela se a violência não intimidasse..."

Henrique: Pois é...

Pedro: Mesmo assim esse pessoal toda noite vai pra porta. Eu acho que o calor, né? Então ali a brisa, o ventinho, né? Aquela coisa toda.

Henrique: Sim, sim, com certeza.

Pedro: Como o Rio de Janeiro, a maior parte das pessoas estão nos bares e na praia, porque os apartamentos são calorentos, são apertados.

Henrique: É verdade.

Pedro: Ali Copacabana, por exemplo...

Henrique: É insuportável.

Pedro: O pessoal vai pra rua pra sentir a brisa, mais pra fugir da opressão do calor, da claustrofobia dos apartamentos, muitas vezes, não é? Na Ponta Grossa...

Henrique: Agora uma visão mais, vamos dizer assim: o que é que você... Você lembra do S, você lembra dos azulejos... O que é que você achava da arquitetura de Sandoval Cajú? Das praças? Qual é a palavra que lhe vem na mente? É lindo, é feio, é mais ou menos, é estranho, é bacana, é bonito...? O que é que aquilo que Sandoval fez lhe remete? O que é que você acha?

Pedro: Olhe, dois olhares aí: o meu olhar de adolescente e o meu olhar já como profissional. Aí como profissional a gente já faz uma crítica mais rigorosa, né?

[breve interrupção]

Como adolescente era uma aceitabilidade de praças, lugar comum. Ou seja, aquele déjà vu: “Eu já vi aquela praça em Fernão Velho... já vi em outros lugares”. Então era uma praça em circulações com jardins ilhados, um caminho, uma calçada em volta, postes de iluminação, basicamente era um desenho que hoje, profissionalmente, eu diria que poderia ser muito mais rico, do ponto de vista de incentivar a convivência, ter atividades esportivas na praça, lúdicas, algo que motivasse, tivesse como... A gente ver praças como em outras cidades, com jovens jogando xadrez, aprendendo a jogar xadrez. Aquilo é uma forma educativa extraordinária, né? Você chega ali tem várias mesinhas, os velhinhos... Eu vi uma proposta de um urbanista em São Paulo de contratar os velhinhos, dos aposentados, para eles nas esquinas, nos fins de semana, nos cruzamentos fechados, eles contarem histórias para as crianças. De uma forma sobre aquele bairro, sobre aquele lugar. Quando o olhar é nosso, o profissional, a gente tem um monte de outras ideias, expectativas, que uma praça naquele tempo, enquanto adolescente, não entendia dessa forma. Um espaço bem arborizado, ou não... essas coisas. Mas não era praça de fazer vergonha. As praças dele eram praças que estavam no padrão, tinha os bancos, aquele ar jocoso das pessoas dizendo: “O banco com S de Sandoval”, não sei o quê... Mas, que chamava a atenção nossa desse termo, mas ele cuidava de colocar bancos pras pessoas sentarem [falas sobrepostas] maltratados, abandonados, espaços assim não.

Henrique: Você tem alguma lembrança das TVs nas praças?

Pedro: Sim, sim. Foi ele também, né?

Henrique: Foi ele.

Pedro: Boa lembrança.

Henrique: Ele se gabava de ser o primeiro político a colocar televisão na praça pública.

Pedro: Praça pública... eu acho...

Henrique: Político do mundo!

Pedro: No mundo [risos] Eu não duvido não, né. Eu não duvido. Mas a televisão era um bem caro, inacessível à grande parte da população. Mas eu me lembro daquelas construções com duas portinhas, altas assim, ficavam no alto, depois o funcionário ia lá abrir, ia e funcionava até uma certa hora e aquele pessoal ali sentava-se, em pé, normalmente em pé, assistindo. Era uma boa...

[interrupção – ruído]

Você me trazendo essas lembranças. Eu acho que o Menino Mijão foi ele também?

Henrique: Foi ele. Foi ele. Na Praça Sinimbu. Na Praça Centenário.

Pedro: A Praça Centenário, né?

Henrique: A própria Praça Deodoro.

Pedro: Praça Deodoro.

Henrique: A Praça D. Pedro II.

Pedro: Eu creio que ele tenha sido...

Henrique: O Parque Gonçalves Ledo...

Pedro: Eu acho que ele foi...

[interrupção - problema técnico]

Fim da gravação

Henrique: Bom, estamos continuando a gravação da entrevista com Pedro Cabral. Essa entrevista faz parte do projeto *Memórias das praças do bairro da Ponta Grossa, em Maceió-AL, a partir de percepções e representações da Cidade Sorriso*, idealizada na gestão do Prefeito Sandoval Cajú, que foi de 1961 a 1964. Vamos retomar a entrevista, vamos retomar a nossa conversa a partir do ponto que a gente já estava. Você tava me falando um pouco da aparência das praças, né Pedro?

Pedro: Sim.

Henrique: De como ela era pra você na época, de como ela depois que você se tornou arquiteto, que você se formou em Arquitetura, como você passou a vê-las de uma outra forma, de uma forma mais crítica, vamos dizer assim. Sabendo que elas tinham coisas boas e coisas não tão boas que elas poderiam propiciar encontros de uma outra forma, propiciar outros usos pelas pessoas... Né? A gente tava falando sobre isso. Né?

Pedro: Exato.

Henrique: Você tem alguma coisa a acrescentar?

Pedro: Me perdoe, eu sou meio prolixo. Eu arrudeio demais pra contar uma história [risos]

Henrique: Acho ótimo.

Pedro: Espero que não esteja lhe perturbando nem lhe tomando tempo. [risos]

Henrique: Nenhum problema. [risos]

Pedro: Tentando resumir aquele meu olhar de adolescente sobre praças era um olhar...

Henrique: Pedro, só um pouquinho. Você pode abaixar um pouquinho a tampa do... Aí! Pra eu lhe ver seu rosto. Aí!! Isso. Perfeito.

Pedro: Ficou melhor agora?

Henrique: Ficou ótimo!

Pedro: Olhe, me perdoe, eu sou... Como é que chama? Uma figura perdida totalmente nessa parte de mídia. Minha mulher adora isso. Eu sou perdido [risos]

Henrique: Que nada. Eu fui entrevistar meu tio essa semana, eu tive que ensinar a ele como baixava o aplicativo, como botava... Ele era um pouco mais velho do que a gente, vamos dizer assim...

Pedro: Olhe, eu gosto de computadores. Eu gosto muito de computadores, de usar projeto por computador, eu uso [não entendi] mais contemporâneo, mas em termos de vídeo, eu sou aquela figura que gosta de ficar atrás da câmara, não na frente da câmara [risos]

Henrique: Entendo perfeitamente.

Pedro: Dar entrevista eu me perco, aquelas coisas todas. [falas sobrepostas] O meu olhar de adolescente era um: era a aceitabilidade, como eu tava dizendo de espaços contemplativos. Saber que a praça, então, era um mero lugar em que as pessoas sentavam para conversar, para descansar, para ver o povo passando. Quando a gente adquiria aquela formação acadêmica urbanística do Urbanismo, do Paisagismo e a gente ver diversas formas, escolas pensando os espaços públicos e diferentemente dos diversos usos, aí a gente faz aquela crítica. Mas a princípio, aquele meu olhar naquele tempo era um olhar de aceitação do que é uma praça. Tem coisas, assim, de lembranças a respeito de praças que causava aquelas histórias, aquelas preocupações, eram histórias contadas com em Fernão Velho, houve um casal de namorados que estava na praça, era uma praça central, ali, e eu morava quase em frente a ela e quase em frente à Igreja e ao cinema. Essa praça, ela tinha aquele desenho de jardins que o *Edward Mãos de Tesoura* se daria bem, que fica recortando aquelas plantas de tal forma que fazia quadrados. Não é?

Henrique: Anrã

Pedro: E no meio tinha plantas ornamentais e árvores. E o casal sentado num banco, ele puxou um pedacinho da planta que estava atrás deles e colocou na boca. Era uma planta venenosa e ele morreu. Então essa história na minha infância me passou, e a praça, então foi um lugar que eu via como um olhar assim de cuidado, de apreensão...

Henrique: Claro, claro.

Pedro: Mas ao mesmo tempo, eu no dia seguinte, eu estava lá jogando o peão, na parte de terra dura, de terrinha, aqueles peões... A praça é o lugar da alegria, convivência, da segurança, e não tem o cruzamento da rua, apesar que eu criança jogava bola na rua. Minha mãe saía desesperada ver. As amigas de minha mãe diziam: "Olha seu filho tá jogando bola na rua." Ela saía do trabalho pra ir atrás de mim. Isso em Fernão Velho. Já em Maceió, na Ponta Grossa, ainda jogava na rua e era uma rua de circulação, um corredor de transporte público.

Henrique: Sim.

Pedro: Mesmo assim ainda jogava. Na Soledade, que era de terra, a gente jogava mais bola lá, porque era de terra, aquela coisa toda. Então, a praça, quando não tinha, era rua. Quando existia praça, ela passava a ser esse lugar dessas atividades de convivência. Sempre mais, primeiro, contemplativo, de sentar, de conversar, de brincar, mas um brincar... não tinha assim... afoitezas governamentais para incentivar práticas esportivas, como hoje nós vemos muitas praças com essa atividade, com

skate, não tinha nada disso. Então as praças se resumiam a sentar, circular e admirar plantas ou alguma escultura. Sandoval, eu creio que colocou esculturas não muito, esteticamente e comparativamente com os períodos anteriores... A gente passa pela Dois Leões, com figuras como Marechal Deodoro... Não fez isso, mas deu ar moderno, que era pregando o que ele vivia, né. Nós vivíamos a modernidade, então, era uma simplificação de arte, de obras públicas; ele adotou, creio, o azulejo por ser um material que daria mais durabilidade aos espaços públicos. A gente sabe que sempre tinha aquelas degradações, o vandalismo, né?

Henrique: Sim. Imagino.

Pedro: E os azulejos, recortes dos azulejos que ele fazia assim... Eu não sei se era esse, ou o arquiteto dele... Não tinha, na época, muitos arquitetos.

Henrique: Não, porque ele não tinha arquiteto. Ele tinha desenhistas.

Pedro: Desenhistas...

Henrique: Que eles faziam parte da equipe dele. Um deles era pai de Josi.

Pedro: O pai da Josi, que era topógrafo.

Henrique: Isso.

Pedro: "Seu" Paulo. Falava no mundo todo [risos] era topógrafo, uma figura admirável! Conversava pra caramba e ele era exatamente, por ter essa formação, ele, certamente desenhava, fazia levantamento das praças, tudo ele que devia colocar aqueles elementos ali. Então, a arquitetura, ela se resumia um pouco nisso, mas muito bom. E a sua lembrança foi muito boa a respeito da televisão chegando, né? E ele inserindo esse equipamento, esse imobiliário urbano, né?

Henrique: Urbano, que fazia com que as pessoas fossem pra praça, né.

Pedro: Fossem pra praça...

Henrique: Que possibilitava com que elas acompanhassem ali a novela, vissem o futebol, né? A minha avó odiava televisão, mas tinha um grupo de amigas que ia pra Praça Santa Teresa, meu avô ficava jogando gamão de um lado e ela ficava na porta da casa de uma amiga, olhando ele, tomando conta, e fazendo crochê, né? [risos]

Pedro: São imagens, lembranças belíssimas, nostálgicas...

Henrique: Nostálgicas.

Pedro: Muito boas, muito boas. A praça tinha, tinha... Não sei... se havia nesta época essa imagem de que, se a mulher fosse pra praça, ela teria uma imagem social de que estava procurando alguma coisa.

Henrique: Isso. Exatamente.

Pedro: Havia, talvez, essa sensação. Então, os homens um pouco mais, né? Quando é na juventude, as mulheres casadas, estou me referindo.

Henrique: Sim, claro.

Pedro: Na juventude não, as meninas iam pra praça, mas sempre juntas, né?

Henrique: Juntas, claro!

Pedro: De mãos dadas, assim, andando, né. Elas circulavam e os homens ficavam encostados, ou no carro, ou em alguma coisa.

Henrique: Isso.

Pedro: Que tinha ali perto, e elas circulavam, né. Era uma forma que nós observamos, não só em Maceió, mas... Eu me lembro que foi eu e Rodrigo Ramalho [inaudível] para Viçosa, uma cidade que tem uma biblioteca federal extraordinária! E nós fomos lá pra ver se conseguíamos trazer livros para a biblioteca nossa e a cidade admirável, assim, isso aí já nos anos 90... 90, eu creio. E sentamos, depois que fomos fazer o trabalho, sentamos na... O hotel era em frente à praça e esta mesma coisa que nós estamos conversando acontecia lá. Aquele movimento circular outro dia eu fui em Pilar e fiquei no carro esperando uma hora de uma reunião e eu vi um cidadão passando, circulando a praça o tempo todo, mas fazendo física. Ele usava a praça, a calçada como um circuito de exercícios que ele fazia com os braços. Ele andava e mexia com os braços. Bom... Uma função que ele usou de uma praça, ou coreto.

Henrique: O coreto.

Pedro: O coreto, na praça do Pilar tem um coreto. Por dois motivos os coretos nas praças. Sandoval bem que poderia ter feito um entretenimento aí...

Henrique: Verdade. Ô Pedro, depois que você saiu da Ponta Grossa, existiu alguma vez ou você lembra alguma vez que você voltou pro bairro por algum motivo já depois de formado e você teve algum contato com as praças... O que eu quero lhe perguntar é o seguinte: como você acha que as praças estão hoje? As praças na Ponta Grossa? Por vários motivos: pela mudança da população, pelos novos hábitos, né? Porque as pessoas vão mais pra praia, não ficam mais nas praças, né? O que é que as gestões posteriores elas fizeram com as praças, né?

Pedro: Houve um momento com que era só a violência humana: assaltos. Principalmente aqui em Maceió e os espaços públicos foram os primeiros prejudicados com isso. As praças, mesmo que você dotasse de elementos atrativos para serem utilizadas, o medo da violência, dos assaltos foi muito forte em Maceió. Ultimamente que tem diminuído. E olhe que as praças, elas seriam sempre procuradas por pais com os filhos, mas essa insegurança os afasta. Então termina os forçando a ficar no edifício e alguns construtores tentam criar essa pracinha dentro do edifício, ali, criar um cantinho pras crianças. Não é o espaço de uma praça. O único lugar que eu vejo em Maceió que adquiriu esse espírito de praça de convivência, que talvez porque haja uma garantia governamental de segurança é a Praça do Skate. Essa praça é aqui na Ponta Verde, que além de ter elementos atrativos, esportivos, como o próprio skate, tem uma quadra de esporte que foi recentemente criada de futebol de salão, de vôlei... Tem outras atividades lá, eu tenho passado por lá mais de carro, então eu... Mas chegara um outro elemento comercial nas praças que são os espetinhos. Porque antes era no máximo uma banca de revista. A banca de revista

era a grande atração. Com internet, essas coisas todas, sofrivelmente, para minha tristeza, inclusive, as bancas de revista [interrupção – ruído] Então, as praças se resumiam à banca de revista, que seria pra mim um elemento muito importante a sua permanência, a sua utilidade, e hoje tem encostado aqueles *trailers* em volta da praça, que geralmente atrai também muita gente. Espetinhos, bebidas etc. Mas, você ver a praça central, do centro da cidade, ele não tem vida. O pessoal vão para lá para atividades de trabalho. Então, a praça ali, no máximo você ver pessoas sujas, a figura triste do “Cheira-Cola” e isso leva as pessoas a se afastarem também, tomar cuidado com essas pobres criaturas que tão aí vagando e a praça é no máximo uma pessoa do interior que chega lá e fica usando ali, esperando talvez alguma coisa, uma hora ser atendida no médico...

Henrique: Você acha que as administrações posteriores, elas abandonaram as praças por um período?

Pedro: Eu creio que sim. Houve um momento que o prefeito, o nosso querido Pedro Vieira, que era morador da Ponta Grossa também, foi prefeito. Talvez seja importante também você entrevistá-lo. O Pedro Vieira, ele andou cercando com gradil as praças. Inclusive Praça Deodoro... Não sei se você se lembra que houve um período que foi até polêmico de fazerem nessas praças um gradil e o argumento dele era exatamente esse: de proteção, de deixar... Então a Praça Centenário estava...

Henrique: Gradeada...

Pedro: Essas grandes praças aí. Mas houve uma contestação. Alguns foram contra, em razão de isso não dar segurança nenhuma. Podia dar segurança em relação à criança correr e... um dos erros de desenho quando a gente ver já adulto, já dentro do campo profissional nosso é que sempre as praças foram projetadas nos loteamentos... Ela surge nos loteamentos como triângulos que eles não sabiam como transformar em lote. Ou então ruas contornando a praça e geram uma insegurança tremenda! Quando você poderia projetar espaços num loteamento em que as crianças pudessem sair das suas casas, chegar nesses espaços públicos sem ter que cruzar com o carro. Há diversos desenhos que mostram essas saídas. As praças, historicamente, não só aqui, na Europa, não sei os grandes parques, eles tinham sempre essa ilha. Era com a circulação em volta. Até mesmo as *ramblas*, em Barcelona, você ver uma via de um lado, uma via do outro a despeito de um corredor muito grande que você pode circular ali tranquilamente, mas você ver os garçons atravessando ali toda hora pra trazer das casas, dos bares que estão construídos ali, estão instalados atravessando pra levar pras mesinhas que estão na praça. As praças hoje estão com mais movimento do que uns cinco, seis anos, dez anos atrás. Eu acho que no começo dos anos 2000 foram tristonhos para as praças. Aí elas perderam esse encanto, a televisão... a oportunidade de ter televisão em casa fez com que ela não fosse mais um lugar de procura. Hoje as praças estão sendo procuradas, porque os jovens com filhos novinhos... A minha filha, por exemplo, é uma, vão com meu netinho... Ela fala: “Rô!” (?). Ele fica ouriçado querendo ir pra pracinha, tem aqueles brinquedinhos [não entendido] a claustrofobia de um apartamento. Eu creio que as praças vão ser retomada, Henrique. Não sei. Mas ainda precisar um item mais forte, talvez seja a segurança. Segurança urbana precisa ser resolvida, precisa ter essa paz de espírito, como aquela história que todo mundo diz: “Vou pra Europa, aí eu ando duas horas da manhã pelas ruas, não tenho medo de nada!”. Então, as praças aqui precisariam ter essa mesma sensação.

Henrique: É porque hoje elas viraram quase que só pra você... cruza a praça pra ir pro ponto de ônibus...

Pedro: Cruzamento.

Henrique: De cruzamento, mas você não tem essa coisa de ficar na praça, né?

Pedro: É um lugar de passagem. Não é um lugar de estar. É o termo. Não é uma sala de estar. É um corredor, não é?

Henrique: É um corretor, exatamente. E eu pesquisando, né, eu descobri que os políticos, logo depois de Sandoval, né, eles estavam mais interessados, talvez, em esconder os S, pintar os bancos, tirar a presença do Sandoval que foi tão forte na praça do que de dotar a praça de novos elementos que fizessem com que aquela praça se renovasse, que aquele lugar, ele se renovasse. Inclusive, uma das coisas que é engraçado observar, que é importante observar, é que as praças feitas por Sandoval, a maioria delas ainda hoje, o traçado da praça continua. Os S eles foram soterrados, né? Por camadas e camadas de tinta. Então, se o político é do partido X e é azul, é azul; depois ele é vermelho, é vermelho; depois é verde, ele é verde... [risos]

Pedro: Olha, você disse uma coisa interessantíssima! Interessantíssima!

Henrique: Mas a base ali que tá o que era continua lá.

Pedro: Continua. Ou seja...

Henrique: Só foi escamoteado, né? [risos]

Pedro: O S do Sandoval não incomodaria ninguém, nem sentando incomoda. Aliás, até sentando esconde o S dele. Agora, incomodou muito mais os outros que, você não consegue se lembrar de nenhum item mais forte do que o S. Ou seja, a gente fala, fala, fala, mas o S é mais brilhante, mais marcante, mais icônico do que qualquer outro equipamento que eles tivessem colocado ali. Não deram... Só fizeram como você diz: tentar apagar pra poder criar uma nova marca que nunca apareceu. Nunca! Nem as cores prevaleceram. Eu não identifico nenhum prefeito que... "O prefeito da cor tal". Nem pela cor, que seria um item marcante. Normalmente essa cor da bandeira do partido dele! Mas nem isso. O prefeito que eu falei se caracterizou como o prefeito das grades. Havia muitas provocações, dizendo que aquilo ali alguém ganhava com os gradis. O Pedro não era uma [não entendido] figura de pensar dessa forma. Ele pensou no aspecto da segurança. Ele acreditou que ia gradear as praças daria uma...

Henrique: Uma segurança pra quem tivesse lá.

Pedro: Para quem tivesse lá. Talvez ele estivesse exatamente com esse espírito de voltar a dar vida às praças. Possivelmente essa era a intenção dele. Mas, não tenho visto ao longo desse tempo, prefeitos preocupado com as praças. Tenho um aspecto a considerar aqui, Henrique: nós vivemos numa cidade que tem mar e tem lagoa. Grandes concorrentes das praças! Numa cidade do interior a praça teria um papel, que não tivesse um rio bonito ou uma praia, ou uma lagoa, a praça teria, exerceria certamente esse papel mais hegemônico. Mas nós temos as fugas. As nossas fugas fazem com que a gente menospreze as praças. Infelizmente. Por isso que eu acredito

muito naquela história de pequenas comunidades e praças que pudessem não ser ilhadas, mas que tivesse um desenho. Mas nossa cidade já está consolidada enquanto desenhos. Os novos loteamentos são muito frios! São aquelas linhas retas com desenhos continuam ilhando as praças. Então, as praças e os parques, nós não valorizamos os parques, nós não temos parques. Aquela área ali do Litoral Norte, no *Plano Diretor*, nós criamos uma barreira de não ser construída durante dez anos. A intenção é que fizesse um grande parque ali litorâneo. Lá no Tabuleiro, em torno da Coca-Cola, uma área imensa ali que podia ser um belo parque municipal pr'aquela comunidade toda, impediria que ela descesse até pra praia [não entendido] mas teria alternativas ali. Se resume a pequenas pracinhas que mal cabe uma árvore [risos]

Henrique: Agora eu vou mudar um pouquinho de assunto. Me fale do Cinema Lux. Você frequentava o Cinema Lux?

Pedro: Uma grande memória da minha vida! Aquele filme *Cinema Paradiso*, ele foi um filme que me comoveu, porque fez me lembrar toda minha infância. Meu avô e meu tio trabalhavam também no cinema. Trabalhavam na fábrica e à noite, ou nos sábados nas sessões matinês e domingos, eles trabalhavam na bilheteria recebendo ingresso e ainda eram [gesto com a mão rolando o filme] os filmes. Eu me recordo de fitas de cinema. O filme cortava, quebrava, né? A máquina rodando, quebrava, aí eles cortavam aqueles pedacinhos e os pedacinhos sobravam, e a gente fazia caixinhas de cinema com a vela e passava aquelas cenazinhas. Então, na minha infância tive isso. Como fui parar na Ponta Grossa, eu tive duas sortes: uma sorte foi morar vizinho de um cidadão que passava os filmes no Cine Ideal [não entendido] pai de umas, de duas amigas minhas, que ficaram amigas, um pouco mais velhas do que eu, que gostavam de mim, me apadrinhavam, sem muitas perversidades, elas me apadrinharam e me davam ingressos para eu ir assistir o filme. Só pra você ter uma ideia, um filme do Renato Aragão, que foi o primeiro filme dele. Eu adorava o Trabalhão! Em preto e branco. Ele me deu dez ingressos pra eu assistir esse mesmo filme [risos] eu ia tanto naquele filme. Então a primeira sorte foi essa. A segunda, foi ter Cine Lux de lado. Então, eu tinha o Cine Ideal, né. Cruzava a Praça Deodoro e o Cine Lux que eu chegava na Santo Antônio, dobrava um pouco à esquerda ou atalhava pela rua da Assembleia e ia assistir os filmes lá. Então, cinema era uma coisa que me encantava muito e eu ia e gostava desde o cidadão que vendia cachorro quente numa lata de óleo Bem-te-vi. Um cheiro magnífico! Aquele cheiro de cebola com tomate com não sei o quê e que nós comprávamos aquela rodelazinha de pão Francês e ele colocava aquele molho e a gente pedia com aquela palavra que você nunca deve ter ouvido falar: "umisque". Umisque era pra ele pegar um pouquinho do garfo assim naquela lata que ele servia e colocasse na nossa mão, no punho, um pouquinho mais do molho do cachorro quente. E a gente saía com aquele óleo escorrendo pelo braço [risos]. Entrava no cinema assim. Então, trocas de gibis na porta do cinema era um dos itens favoritos nossos. Era preciso a gente chegar antes uma hora, ficar ali naquela concentração de troca de gibis, que era uma das leituras favoritas da adolescência, de todo mundo, né. Trocar gibis.

Henrique: A minha também.

Pedro: Então, o gibi e o cinema. O Cine Lux... E tinha histórias engraçadas: só começava quando vendia todos os ingressos, "Seu" Moacir. [não entendido] Imenso, imenso, imenso...

Henrique: “Seu” Moacir era o dono do cinema?

Pedro: Era o dono do cinema, então todo mundo seguia “Seu” Moacir. Ele que passava o filme, aquela coisa toda, um senhor de idade...

Henrique: Então quer dizer que a sessão não tinha horário, né?

Pedro: Tava marcado assim quatro horas da tarde, três horas ou quatro horas da tarde, não me recordo mais. A sessão matinê de sábado. Tinha de domingo também. Mas ele saía olhando assim... e ficava vendo se tinha cadeiras vazias, aí demorava um pouquinho. Só começava quando não tinha mais ninguém na rua. [risos] Mas ninguém se importava, né?

Henrique: Claro, claro.

Pedro: Porque dentro do cinema também tinha aquele clima brincalhão, de criança e era uma gritaria que só parava quando tinha uma das coisas que mais também me atraía. Tanto em Fernão Velho quanto no Cine Lux: era quando as luzes se acendiam no teto. Luzes coloridas. Sempre me atraiu. Um monte de cores. Lilás, amarelo, vermelho, azul, e o som com a música, tipo aquela música do ET “uuummmmm” sabe aquela coisa assim? Então, cada música... cada cor, aliás, era um som desse.

Henrique: Ai que legal!

Pedro: Era uma sensação que calava toda criançada. Aí, as cortinas iam se abrindo, e aí voltava a gritaria com aqueles, aquelas aberturas de empresa de cinema, então, tinha o condor, aí ficavam: “Xô, xô, xô!” pro condor voar, aí voava... Então, era coisa de criança e cativava todo mundo nesse sentido.

Henrique: Com certeza.

Pedro: Então o Cine Lux foi um momento muito forte, como equipamento, cultural do bairro da Ponta Grossa. Muita gente, vários, como a gente dizia: “os gordinhos” do Farol desciam para assistir filme lá na matinê do Cine Lux. Era um ponto de atração da cidade, não era só do bairro. Era um público(?) imenso e que conseguia captar todo esse público. O filme *Dio como te amo* foi um filme, juro, foi um filme que eu não quis assistir. Eu nunca assisti *Dio como te amo*, mas ele passou, eu acho, mais de mês lá [risos] Eram dias de sessões lotadas! As mulheres iam, choravam, era um negócio impressionante, assim, aquele filme de choro, né, romântico...

Henrique: Bem romântico...

Pedro: Mas, interessante a história. Lamentável quando ele fechou, mas tava fechando, né? Todos os cinemas virando igrejas evangélicas, aí...

Henrique: Pois é.

[falas sobrepostas]

Pronto, Pedro, terminamos por aqui. Eu queria agradecer... Agora, antes de terminar, eu só ia pedir pra você me responder uma coisa: se você tivesse que definir com uma

palavra o bairro da Ponta Grossa, como você definiria o bairro da Ponta Grossa? Com uma palavra só. O que é que lhe vem na mente mais rapidamente, assim?

Pedro: Comunidade. Comunidade. É um bairro, que aí eu posso complementar, mas a palavra-chave já disse.

Henrique: Claro, claro.

Pedro: Havia nas ruas um sentimento de vida. As pessoas nas ruas. Você sentia que as ruas, apesar das praças não serem tantas [não entendido], mas as ruas, você sentia vida, né. Vida. Eu falo, eu comparo assim como se fosse a Tijuca no Rio de Janeiro, que todo mundo tem um carinho por ela. O bairro da Ponta Grossa, eu creio que foi um bairro, assim, dessa população que não era rica, mas que tinha uma preparação educacional que sonhava crescer profissionalmente. Então, quase todos ali eu sentia que tinha esperanças profissionais de vida. Claro que não ficavam mais lá. Procuravam galgar ambientes assim mais integrados econômica e culturalmente, mas, creio que quem morou lá tem um carinho pela Ponta Grossa. Não diz "jamais moraria ali". É um bairro que não é sujo. Então é um bairro limpo do ponto de vista de suas ruas. Você não ver os barracos. O pessoal dizia que na Coreia, e é por isso que o nome recebeu Coreia, que é o bairro vizinho. Sabe por que foi chamado de Coreia, não?

Henrique: Não, não.

Pedro: Porque na época que começou a ter aquela população ali, aquele adensamento populacional estava existindo a guerra das Coreias – Coreia do Norte com a Coreia do Sul. O pessoal da Coreia brigava demais na rua [risos] Parece a Coreia. Mas na Ponta Grossa você... Eu tô tentando aqui me lembrar se vi algum momento brigas de rua. Tinha briga de criança, né, aquelas brigas, como sempre brigava no tapa, ali, mas brigas assim, pra causar assim um mal-estar na rua ou um bêbado ou um alguém... Tinha os bêbados alegres, memoráveis, [não entendido] nunca vi provocar ninguém, nunca... Falar mal do povo tinha, né. [risos]

Henrique: Com certeza.

Pedro: Mas um lugar que nunca via violência. Até hoje, eu creio, viu. Até hoje eu creio não exista isso. Até nos barzinhos que tinham lá... Sempre aquela comunidade: pobre decente. Vivendo ali. Sempre

Henrique: Uma comunidade trabalhadora, né?

Pedro: É. Trabalhadora. Tem um amigo meu, nosso, eu acho que você conhece, o nosso poeta adorável, o Fernando Fiúza, ele nunca tinha ido na Ponta Grossa! Ele tava com medo. Eu digo "Meu amigo, vamos na Ponta Grossa!" E fomos pra um bar lá, o Bar do Pelado, inclusive, e ele adorou o bar. Aí ele falou: "É a Maceió profunda" [risos] Então, eu creio que ele perdeu exatamente, porque a Ponta Grossa não é um lugar que você se sinta em insegurança. Nunca... Hoje eu circulo por lá sem... Não tenho andado por lá com essa frequência, né, só vou com alguma necessidade, assim, mas não tenho ido, mas tenho percebido que não há um clima de violência. Havia um conhecimento bom, assim, de vizinhança. Você sabia quem era o dentista ali. Perto

da Praça Santo Antônio tinha um dentista, que é pai até de um arquiteto amigo nosso. Tinha a funerária.

Henrique: Você conhecia as pessoas pelo nome, né?

Pedro: Pelos nomes, assim, uma coisa... Comunidade. É por isso que eu disse. É um espírito de comunidade. Apesar de ser grande, o tamanho ideal, dizem os teóricos, seria no máximo 50 famílias pra você ter uma espécie de condomínio horizontal. Mas o bairro da Ponta Grossa, pelo menos aquele espaço ali, você sente muito mais família, mas você fala... Um dia desses eu fui procurar um sambinha que existia... Existe às segundas-feiras no bairro do Prado. É um samba que tá atraindo muita gente. E eu não sabia direito aonde era e pensei que fui num canto, e eu parei no outro lado, perto do Trapichão, o cidadão lá: "olhe, você entra ali na rua tal, não sei o quê. Você procura seu fulano ali na esquina que ele vai lhe dizer", ou seja, todos os nomes... O Elinaldo estava internado numa casa lá de descanso. Elinaldo Barros. E nós fomos procurá-lo. Eu e Gorete queríamos visitá-lo. E as pessoas na hora disseram: é o lugar tal. Não o Elinaldo, mas sabiam onde tinha essa casa. Parece que tem um [inaudível] muito bom entre as pessoas, né. A Ponta Grossa preserva isso. No meu entendimento. É porque as praças perderam essa função muito nacionalmente. Não é o caso da Europa que você vai pra uma praça. Mas, essas praças poderiam voltar a ter uma grande vida. O que é que poderia atrair as pessoas numa praça dessa? Eu acho que a Praça das Graças tem uma área física que possibilitaria a introdução de vários itens.

Henrique: A Praça Santa Teresa também.

Pedro: A Praça Santa Teresa. A Praça Santo Antônio já sinto aquela história da ligazinha que sobrou ali que ninguém tinha o que fazer. Então fica meio difícil imaginar uma praça... Talvez se fechasse uma rua daquelas e integrasse ela, mas tem os moradores dali que devem ter carro, então pode atrapalhar, não é?

Henrique: É verdade.

Pedro: Mas, a Praça Santa Teresa e a Praça das Graças eu creio que bem poderiam receber um concurso público estudantil de arquitetura pra como motivar... Como tem a Praça do Skate num deram isso? De repente, não... Antigamente tinha o guarda de bairro, né, a guarda de bairro. Era até uma figura conhecida, assim, mas ele mantinha a ordem, assim, a segurança toda ali. Tinha a guarda mirim [não entendido] da guarda mirim [risos] tinha a sede da guarda mirim, a gente passava por lá e dizia apelido com aquela turma e levava carreira daqueles caras [risos] era um tempo de boas lembranças que você me deu essa chance dessa conversa aí com você, Henrique.

Henrique: Pedro, obrigado.

Pedro: Não sei se sua expectativa era essa.

Henrique: Era essa.

Pedro: Eu estou conversando muito mais do...

Henrique: Você disse tanta coisa... Foi tão mais rico do que eu imaginava... Muito!!! Você falou de várias coisas muito legais!

Pedro: Eu senti, pelo que você tava querendo com história oral tinha que ser uma conversa mais memorialística, mais sentimental.

Henrique: Isso.

Pedro: Do que acadêmica. Então, eu me desfiz aqui de uma vida acadêmica e fui aqui conversar com você com lembranças, lembranças...

Henrique: Isso, isso. São memórias.

Pedro: Apesar de, como lhe disse, foram só três anos de convivência lá, né. Uma coisa só pra mostrar essa lembrança, assim, que você me fez agora, eu me recordo que eu estava andando na Rua da Soledade. Não era em frente à minha casa, mas quase em frente, certo. E eu vi os raios tocavam nas casas. A gente [não entendido] "caminhando contra o vento", *Alegria, alegria*, do Caetano, foi a primeira vez que eu ouvi esta música, eu andando nesta rua que eu morei pela primeira vez em Maceió [não entendido] em Fernão Velho e eu parei extasiado. Até hoje ela me soa muito contemporânea, muito...

Henrique: Com certeza. Arrepiam tudo.

Pedro: É. Me arrepiam. É uma letra e a musicalidade dela também. É uma música...!

Henrique: Ela tem "TAM TAM TAM", né?

Pedro: É um caminhar, né? É uma luta!

Henrique: É isso mesmo.

Pedro: Então, essa música, eu parei e fiquei alguns minutos até ela parar de sair do rádio. E foi um momento marcante na minha vida morando ali.

Henrique: Que massa, Pedro.

Pedro: Olhe, se adiante se você precisar de alguma outra informação, talvez mais técnica, mais alguma coisa... Infelizmente não tenho muitas informações sobre o Sandoval, salvo aqui que eu já que todo mundo sabe.

Henrique: Claro.

Pedro: Do S dele, de ser um grande prefeito. Se ele fosse candidato hoje, certamente seria eleito, porque ele criou uma imagem muito positiva da cidade. As praças eram uma das funções fazer e quase ninguém fez, ele fez.

Henrique: 33.

Pedro: 33 praças!

Henrique: Em três anos! [risos]

Pedro: É um sentimento de comunidade, de comunhão muito grande, não é?

Henrique: É verdade, é verdade. Muito obrigado, Pedro. Muito obrigado mesmo! Por você ter aceitado, por você ter dado esse tempo aí pra responder tudo. Foi muito bom! Muito obrigado mesmo.

Pedro: Com o maior prazer, Henrique. Estou sempre à sua disposição.

ENTREVISTA - Rosenita Gomes Fernandes

Duração de entrevista – 1h e 09 min. 01 de outubro de 2020

Henrique: Bem... Eu estou gravando esta reunião, certo, pra fazer uma entrevista com a Dona Rosa. Essa entrevista é pra minha dissertação, quem tem o título *Memórias das práticas do bairro da Ponta Grossa, em Maceió-AL, a partir de percepções e representações da Cidade Sorriso*, idealizada na gestão do Prefeito Sandoval Cajú, que foi de 1961 a 1964. Eu vou fazer algumas perguntas para a Dona Rosa, e a gente vai conversando sobre a vivência dela no bairro da Ponta Grossa, da família, de como eram as coisas no bairro naquele tempo... Esperamos que seja uma entrevista boa para mim e para ela também. Que seja um encontro prazeroso. Boa tarde.

Rosenita: Boa tarde, Henrique.

Henrique: Então... Quando você nasceu?

Rosenita: Eu nasci no dia 2 de janeiro de 1945, no Prado. Fui pra Ponta Grossa em 1954, que eu tinha nove anos. E fiquei lá até 1970, quando casei e fui morar em Arapiraca, mas minha família continuou lá.

Henrique: Muito bem. Qual a sua escolaridade, D. Rosa?

Rosenita: Sou psicóloga, fiz o curso completo e desempenhava minha função, mas, em 1994 eu abracei uma causa social e me afastei da profissão. Em 94 eu passei a desenvolver um trabalho social com crianças com [inaudível]. Aí eu fui trabalhar com voluntária psicóloga, mas depois eu deixei a profissão, porque ficava difícil conciliar a administração da casa e o lado profissional.

Henrique: Claro. Qual o seu nome completo?

Rosenita: Rosenita Gomes Fernandes.

Henrique: Me conte um pouco da sua infância. Como foi a sua infância no Prado? E na Ponta Grossa?

Rosenita: Na Ponta Grossa, ali na Praça Santo Antônio, eu cheguei com nove anos. Eu não tenho muito o que dizer antes disso aí.

Henrique: Claro, claro.

Rosenita: Morava na casa da minha avó, depois em mais duas casas no Prado, mas as minhas lembranças são na Ponta Grossa, a partir dos nove anos de idade e fiquei lá até 1970, quando eu já tinha 25 anos, casei e fui morar em Arapiraca, mas minha família continuou no mesmo local. [inaudível]

Henrique: Você tem quantos irmãos e como era sua família?

Rosenita: Meus pais, eu tinha mais cinco irmãos e hoje só tenho quatro, o segundo, depois de mim, morreu tem quatro anos. Tem Roberto, Márcia, Sônia e eu. Nós cinco.

Comigo, completa os filhos da Dona Zenita e “Seu” Raimundo. Ele ontem fez 29 anos que nos deixou e ela fez sete meses.

Henrique: Eu sei disso. Eu sei disso. Repita os nomes dos irmãos, por favor, que teve uma horinha que deu uma travadinha.

Rosenita: É José Roberto, é Sônia, Sônia Maria, Márcia Eugênia, Fátima Maria e tinha o [inaudível] que faleceu há quatro anos.

Henrique: Então tem uma Eugênia como eu, né? [risos]

Rosenita: Sim, tem. [risos]. Só que bem mais velha do que você. [risos]

Henrique: E como era a Ponta Grossa? Quais são as lembranças que você tem da Ponta Grossa da sua infância? Como era o bairro? Você gostava da Ponta Grossa? Quais são as recordações que você tem desse momento, da sua infância no bairro?

Rosenita: São muitas lembranças, Henrique. Nós fazíamos, formávamos uma família grande, os nossos vizinhos passavam a ser nossos familiares. Nossa ligação maior com os vizinhos em frente à nossa casa: “Seu” Pedro [inaudível] e do lado [inaudível] ficava a família da Dona Léa[?]. Almira, Alreme, o resto das pessoas a gente se dava muito bem. Por que? Porque eu e meu pai fazíamos trabalhos sociais [inaudível]. Ele sempre cultivou muito, principalmente, pra mim ele foi muito forte nisso aí e todo movimento que ele ia, eu estava com ele.

Henrique: Qual era o trabalho social que seu pai fazia?

Rosenita: Bem... ele era [inaudível] a uma igreja. Tanto que a Igreja de Santa Teresa, o bispo deixou meu pai responsável por essa igreja. Na frente da igreja tem a Praça de Santa Teresa. Esse era o ponto da turma jovem daquela época. E papai gostava muito de festa, sempre programava e realizava festas nessa praça e era muito bom. Nessas festas sempre [inaudível] né? Ele sempre estava à frente, ele era o locutor da festa, ele era o organizador, enfim. Ele movimentava nisso aí. E o que é que ele fazia com as famílias pobres? Ele fazia distribuição de alimentos. Não tinha nada a ver com política. Era uma coisa mais da igreja e do movimento social que existia na época ali perto da Praça Santa Teresa. Era um grupo de pessoas [inaudível]. O que era? A gente dava assistência a essas famílias e eu comecei isso com papai com 12, 13 anos. E isso os outros não fizeram muita questão de [inaudível] não, mas eu sempre gostei. Tava sempre com ele.

Henrique: Sempre com ele. E isso foi em que época? Em que ano, mais ou menos?

Rosenita: Ó, eu fui pra lá eu tinha nove anos, em 54. Eu tinha nove anos. Eu com 12, eu já acompanhava meu pai nesses movimentos.

Henrique: Com 12?

Rosenita: Com 12 anos.

Henrique: Então você tem muitas lembranças da Praça Santa Teresa?

Rosenita: Tenho, tenho sim. Praça Santa Teresa, Praça Moleque Namorador... Eu acho que foi a época que chamou mais atenção por conseguir no carnaval começar a funcionar, a ser realizado naquele local até hoje...

Henrique: A praça do carnaval, né?

Rosenita: Carnaval ficou muito conhecido, né? Ficou muito conhecida a Praça Moleque Namorador, ficava perto da minha casa e como meu pai não deixava, que eu fosse sozinha, eu tinha uma amiga, uma amiga, que mora ali perto... Então, tinha o primeiro andar, a gente ficava lá vendo toda a folia embaixo. Era muito bom. A gente saía sem tanto medo.

Henrique: Que coisa boa! Que bons tempos esses, não é verdade?

Rosenita: Ah... Muito bons, muito bons. Eu lembro muito, Henrique, assim, as amizades eram tão assim, sinceras, não é? E hoje a gente conserva todas as amizades daquele tempo. E só existia uma situação...

[interrupção. Problemas técnicos]

Uma coisa que eu lembro muito da época, é... era ele e "Seu" Pedro. "Seu" Pedro um CRB doente e meu pai CSA. E assim, quando jogavam CRB e CSA, eles não se falavam na segunda nem na terça-feira, porque um deles tava [inaudível] o jogo. [risos]

Henrique: "Seu" Pedro foi meu avô, né.

Rosenita: Seu avô. Aí meu pai...

Henrique: CRB doente.

Rosenita: ... Aí meu pai colocava uma flâmula na porta de casa, aqui em [inaudível]. "Seu" Pedro ficava danado com aquela coisa da flâmula [risos], mas quando era do meio da semana pra lá, já esqueceram o jogo e a amizade continuava. Era um tempo muito bom. Minha mãe, sua avó [inaudível] crochê.

Henrique: É verdade.

Rosenita: Outra coisa: meu casamento, Gero e Jenyra foi quem fizeram a decoração da Igreja... Era tudo muito próximo, muito próximo. [inaudível]

Henrique: Você veio pra Ponta Grossa com nove anos, né?

Rosenita: Com nove anos.

Henrique: Isso, e seu primeiro endereço foi na Rua Santo Antônio. Você lembra o número?

Rosenita: O número?

Henrique: Sim.

Rosenita: 567.

Henrique: 567. É... Como era, quais as lembranças que você tem da sua casa, D. Rosa?

Rosenita: Eu lembro de todos os compartimentos da casa. Eu lembro de tudo. Não sei como é que ela está hoje. Eu sei que do lado de fora, eu acho que continua do mesmo jeito. Faz tempo que foi reformada e eu não sei como é que está. Mas eu lembro tudinho da casa.

Henrique: Como foi, como era, quais são as lembranças que você tem da casa? Me fale um pouco. Como se você tivesse chegando na casa, como era a sala, como eram os quartos, relembre isso um pouco pra gente.

Rosenita: Na entrada, a sala tem logo o primeiro quarto, a porta no lado direito. Esse quarto era o meu e das minhas irmãs. No outro quarto tava meu pai, minha mãe e depois é que vinham os meninos, né. Depois tinha a sala de jantar, a cozinha e um quintal grande, onde os dois irmãos pintavam e bordavam [inaudível] aquelas coisas todas, que era o que se fazia na época. **Henrique:** É verdade. É verdade.

Rosenita: Agora, eu sei que a casa foi reformada. Parece que o pessoal [inaudível] alguma coisa assim. Mas, pelo lado de fora, a última vez que eu passei lá continuava do mesmo jeito.

Henrique: Quando você morava na casa, ela sofreu alguma reforma? Seu pai costumava pintar? Como você lembra... Ela mudava de cor de vez em quando?

Rosenita: Meu pai tinha mania de fazer isso. Se não pintasse a casa todo final de ano, ele achava que a situação tinha piorado muito [risos] e ele não se sentia bem se a casa não está pintada. E pintava muito. Agora sempre de azul. **Henrique:** Sempre de azul por causa do CSA.

Rosenita: Por causa do CSA. Tinha que ser azul. A gente ficava torcendo que pelo menos colocasse um azul marinho. Mas ele sempre aceitava opinião, desde que fosse azul. Era isso que se fazia. A casa era alugada, a casa não era nossa, então a gente nunca reformou também.

Henrique: Como era... Quais são as lembranças que você tem da fachada da casa? Como se você tivesse olhando de frente pra casa. Como era ela? Ela aparecia o telhado? Ela não aparecia o telhado...?

Rosenita: A porta de entrada, ela tinha dois degraus, a janela era bem larga e a gente ficava na janela, no janelão, como diziam, pra saber todo o movimento da rua. Era assim. Agora não via telhado não.

Henrique: Ela tinha uma platibanda na frente?

Rosenita: É. Exatamente.

Henrique: Você lembra de... Vocês costumavam ficar na porta? Tinha algum momento que vocês traziam as cadeiras pra porta e ficavam na porta?

Rosenita: Tinha sim. [inaudível]

Henrique: Era um costume da época dos [inaudível]

Rosenita: Era ou mamãe com a Dona Dulce ou papai e “Seu” Pedro... Eu, quando comecei a namorar, sentada no batente, papai na janela tomando conta [risos] mas toda noite a gente sentava no lado de fora, porque era muito quente, não ficava dentro de casa, né. [inaudível] nos assustasse. E depois eu começava a passear nas praças, né. E aí, papai soltava [inaudível] “Vou na Igreja!”, “Vou lá na praça!”. “Vai com quem?”. É sempre as mesmas amigas em que ele confiava. Então a gente dava uma volta na praça... Ali na Moleque Namorador eu só ia quando era carnaval mesmo ou então quando eu ia estudar na casa da minha amiga que morava lá. Ainda mora. [inaudível] bem tranquilo. A gente saía, passeando na Ponta Grossa a pé, sem medo. E quando era festa, quando era festa, a gente fazia as nove noites de festa. Todas as noites, com todas as atrações das festas até de interior que a gente só ver isso se for no interior mesmo, né.

Henrique: A Praça Santa Teresa?

Rosenita: A Praça Santa Teresa.

Henrique: Me lembre uma coisa: quando seu pai fazia essas pequenas reformas de pintar a fachada no final do ano, ele contratava um pintor?

Rosenita: Ele contratava.

Henrique: Vocês tinham sempre o mesmo pintor?

Rosenita: Sempre o mesmo pintor.

Henrique: Você se lembra do nome dele?

Rosenita: Lembro não. Lembro não, mas era sempre a mesma pessoa. Acho que nem está vivo mais. Lembro a pessoa, mas não lembro mais o nome. Mas era sempre a mesma pessoa.

Henrique: Quando seu pai pintava a casa, pintava a frente da casa, qual era o sentimento que você, a família tinha? O que é que isso representava para a família?

Rosenita: Olha, era muito bom! A gente se sentia bem. É que mesmo que as coisas não estivessem tão bem financeiramente, mas, hoje eu vejo que aquilo ali era pra dizer que a gente tava bem.

Henrique: Como?

Rosenita: Mesmo que as coisas não estivessem tão bem financeiramente, se a gente fizesse isso, era como se mostrasse aos outros que estava tudo bem. Papai não admitia, não admitia, deixar de fazer isso todo final de ano.

Henrique: Todo final de ano?

Rosenita: Todo final de ano.

Henrique: Você lembra do período de campanha política do Sandoval Cajú? Você tem alguma lembrança de Sandoval Cajú na Ponta Grossa?

Rosenita: Se eu lembro?

Henrique: Isso. Alguma coisa... Carreatas...

Rosenita: Carreata não lembro não, Henrique. Que eu lembre... [inaudível] Eu não [inaudível] nada, porque foi em 1961. Só tinha 16 anos. [inaudível] não votar. E se eu não estou enganada, foi nesse ano que o papai...

[interrupção. Problema técnico]

Eu não sei se foi no ano que Sandoval Cajú foi candidato e o Nereu foi também. E papai gostava muito de impor o que ele acreditava. E eu sendo a mais velha, ele queria também, já que eu o acompanhava em tudo, ele achou também que podia... Eu podia aceitar e votar no que ele dissesse. E eu gostava de política naquele tempo. Eu piveta, tem um amigo nosso, que quando se candidatava [inaudível] ele ia lá em casa dizer: "Eu preciso de você.". E como eu fazia esse trabalho social, mesmo [inaudível] ainda, eu conseguia votos pra ele, porque ele era médico e eu ligava: "Olhe, tem uma pessoa precisando do senhor." Ele vinha, fazia a consulta e tudo isso. Mas fora da época de eleição, ele fazia em qualquer tempo que a gente precisasse [inaudível]. Era uma pessoa que a gente [inaudível] muito [inaudível] lá na Ponta Grossa, a gente [inaudível]

Henrique: E ele era candidato a quê?

Rosenita: Ele nessa época não era candidato a nada. Ele sempre foi candidato a deputado estadual, que [inaudível] Jorge Quintela. Dr. Jorge Quintela, que é uma pessoa muito ligado a gente... E eu conseguia. Conseguia, porque aquelas pessoas eu fazia já um trabalho com elas e não era a troco de nada, né. E na minha época, isso [inaudível] era o próprio pessoal que tava ali e simplesmente dizia que votava, né. Sei que teve essa eleição, não sei, não lembro se foi do Sandoval... Eu só sei que já estudava no Colégio São José e me lembro da Simone e ele comemorando a eleição do pai, mas ainda não votava. Na última eleição, foi que papai chegou pra mim e disse: "Você vai votar em [inaudível]". Aí eu disse: "Eu não gosto dele".

Henrique: Você vai votar em quem?

Rosenita: Aí ele disse que eu teria que votar, se não me engano, o nome do homem era Nereu. Aí... "Você vai votar nele". Eu disse: "Vou não.". "Como é que você vem dizer que não vai? Ele é meu amigo". Eu disse: "Papai, ele é seu amigo, mas eu não vou votar nele.". Foi a primeira vez que eu fui de encontro à orientação dele, né. Aí ele chegou e disse: "Como é que a pessoa avalia o outro sem nunca ter conversado? Eu vou trazer ele aqui em casa.". Aí eu disse: "O senhor vai trazer se quiser, mas eu não vou votar.". "Né" que ele levou o homem lá em casa. Aí me apresentou... "Esse é meu amigo, é fulano... aí você vai votar nele.". Eu disse: "Papai, eu lhe disse que não vou votar [inaudível]". Papai quase infarta, porque ele não esperava nunca uma reação dessa minha, né. "Desculpe o senhor ter vindo, mas eu não [inaudível]. Eu aprendi [inaudível]. " Aí papai ficou morto de vergonha e o homem saiu tranquilo, né. Eu pelo menos não o enganei.

Henrique: É verdade. Você lembra da presença de Sandoval Cajú no bairro? Na Ponta Grossa, durante a campanha?

Rosenita: Olha, eu lembro muito pouco, Henrique. Eu não lembro de... Eu sei que teve muito movimento já perto da eleição. Já perto da eleição teve muito movimento. Todo mundo só falava em Sandoval Cajú e é tanto que ele foi eleito, né. Mas antigamente, as campanhas eram tão diferentes... E as pessoas, sei lá, quando se envolviam não tinham segundas intenções, né. Eu acho que aquelas pessoas que estavam ali é porque queriam mesmo que fosse, tanto com ele como qualquer outro candidato. Mas, ele marcou [inaudível], ele marcou muito. É tanto que ainda tem a marca dele, né.

Henrique: É verdade. Me falei uma coisa: quando você fala assim “eu não lembro muito, mas eu lembro de alguma coisa de Sandoval Cajú”, o que é que você quando fala o nome Sandoval Cajú, ele lhe remete a quê? O que é que você lembra? Qual a sua primeira lembrança? Ou o que é que você, quando eu digo assim “Sandoval Cajú”, o que é que você lembra primeiro, assim?

Rosenita: Eu lembro que era uma figura diferente. Eu via Sandoval Cajú uma pessoa diferente. A forma dele se expressar, eu achava assim, diferente. Mas, sei que ele passou muito lá na minha porta, né. As pessoas acompanhando e tudo, mas é a marca [inaudível], as praças [inaudível] mais. [inaudível] As praças que ele deixou, que foi uma marca. Depois não foram conservadas. Quantas praças bonitas que a gente tinha, não é Henrique?

Henrique: É verdade.

Rosenita: E hoje a gente ver que é tudo acabado... É tão bom quando a gente passa que ver que rua foi, né? [inaudível] as pessoas passeando na praça. Não precisa, eu sei [inaudível] que espera que seja como antigamente, mas é muito bom encontrar com as pessoas, com as famílias num lugar que a gente se sinta bem, conservar aquelas amizades, mas infelizmente [inaudível].

Henrique: Me lembre uma coisa: você lembra da Santa Teresa antes de Sandoval Cajú e da Praça Santa Teresa depois da reforma de Sandoval Cajú fez nela?

Rosenita: Olhe, exatamente como era antes, eu não sei detalhar. Sei que não chamava atenção. Não chamava a atenção de jeito nenhum. Era uma praça, né? Estragada como as outras, mas depois, não só a Santa Teresa.

Henrique: Você disse que era uma praça...

Rosenita: Como as outras: sem conservação.

Henrique: Sim. Sem conservação.

Rosenita: Sem conservação. Né? Aquela praça que era tão grande, na época era muito visitada. Aquela praça ali da Faculdade de Medicina. A Praça do Pirulito, que na minha época era muito falada...

Henrique: A Praça do Pirulito.

Rosenita: Isso tudo daquela época marcava a gente!

Henrique: É verdade. Então, você lembra da Praça Santa Teresa depois da reforma que Sandoval Cajú fez?

Rosenita: Sim. Lembro.

Henrique: O que você lembra da praça? O que é que vem na sua mente?

Rosenita: Olhe, antes não tinha onde a gente sentar. A gente andava, mas não tinha onde sentar. Quando foi feita a reforma, os bancos eram disputados e as árvores, tudo, eram diferentes. Era diferente. A gente andava sem tanto medo dos buracos, porque existia uma conservação naquilo ali. Aí quando a gente fazia as festas depois dessas praças, passou a vir outras pessoas de outros bairros, era muito mais organizado e muito mais conforto do que era antes.

Henrique: Você lembra dos S de Sandoval?

Rosenita: Lembro sim. Todos os bancos tinham um S. [risos] Eu nunca mais vi um banco com S. Não sei se na Moleque Namorador continua, porque eu vou muito pouco praqueles lados, até porque, a gente morando aqui em cima [inaudível] mas... era muito bom. Era bom, a gente se reunia ali... O Grupo Sete de Setembro. Aí depois, quando eu comecei a estudar lá só era durante o dia. Depois passou a ter aula à noite. Aí a turma saía da escola e os encontros eram na praça, mas eu ficava só da minha porta, né? Só da minha porta, porque eu estudava no São José. Aí ficava só observando. E uma das minhas irmãs, que sempre foi muito danada, meu pai ficava na porta, esperando que terminasse a aula pra ver se ela vinha pra casa. E ela aproveitava quando saía uma turma grande, ela ia no meio e ia passear na praça.

Henrique: Na Praça Santa Teresa?

Rosenita: Na Praça Santa Teresa. Ía pra lá, dava uma volta, namorava e papai na porta esperando. Terminava, saía todo mundo da escola, o vigia fechava a porta e ela não chegava. Papai já sabia: ia buscar na praça. Mas a desculpa [inaudível] como é que estava [inaudível] ela tinha uns encontros [risos] [inaudível] ela já ia pra lá, né. Mas foi um tempo muito bom. Muito bom.

Henrique: É verdade. As famílias iam pras praças também, né?

Rosenita: A gente assim... Como não ficava tão próximo, assim, né? Duas esquinas pra chegar lá. Minha mãe não gostava de sair de casa. Essa só passava na Praça Santa Teresa quando ia na Igreja, né? [inaudível], ia à Igreja, pronto, aí passava por lá. [inaudível] só dava uma olhada, não sentava, ficava só na Igreja. Mas, era o passeio. Era o passeio da gente. No sábado ou domingo era o cinema, depois era uma volta na praça. [inaudível] agora, que tava com a praça nova, né? Ainda ia na Guedes de Miranda, tinha a Praça Guedes de Miranda. Eu já não gostava muito, porque ficava mais longe de casa. O negócio era ficar ali na Santa Teresa.

Henrique: Com que idade você passou a ir pra praça sozinha? Seu pai deixava você ir pra praça sozinha?

Rosenita: Olhe, como ele sempre estava na Igreja, a gente podia em qualquer tempo. Mas quando ele não estava, eu tinha que pedir. E isso foi o quê? 15, 16 anos. E assim, eu acho que eu amadureci muito cedo. Sabe? Eu tomei muita responsabilidade antes da hora. Então ele confiava muito. Ele dizia: "Voltei tal hora". Na hora certa eu voltava. [inaudível] era tanta da volta no mundo [risos] pra chegar em casa, que ele dizia que era pra chegar, né. Agora era [inaudível] muito bom mesmo...

Henrique: Com quem você ia na praça?

Rosenita: Olhe, eu tinha a minha amiga... Quer dizer, essas amigadas, Henrique, tem mais de 60 anos, né.

Henrique: 60 anos?

Rosenita: Mais de 60, porque eu estou com 75. Então, minhas amigadas daquela época e quem está vivo, ainda, continua amigo. E a gente se fala [inaudível]. A Almira, quando eu fui morar lá, Almira tava terminando o Pedagógico e quem me dava o reforço escolar era ela. Hoje, Almira, antes de mim, ela foi pra Arapiraca, e, todos os dias, a gente se fala. Todos os dias. A primeira mensagem que eu recebo no *Whatsapp*, todo dia, é da Almira. [inaudível] Praça Moleque Namorador.

Henrique: Neurene?

Rosenita: Neurene. Ela ainda mora, ela ainda mora lá. Ela é dentista e se aposentou e ela continua lá. Continuamos amigas, nos falamos todos os dias.

Henrique: E vocês chegaram a ir à praça juntas?

Rosenita: Não, porque os pais eram rígidos.

Henrique: Os pais delas eram rígidos.

Rosenita: Muito rígidos. Pronto, ela é irmã do Nelson, pai da Dilane, pai da Dilane.

Henrique: Sim, sim. Conheço.

Rosenita: E ela é a única filha. Que tem seis homens e ela é a única mulher. Então, era muito controlada, né, pelo pai e os seis irmãos. A gente ia às festas quando a gente começou a namorar. Ía às festinhas, mas antes ela não saía tanto não. Estudava no São José também comigo, agora quem ia pra praça comigo era uma amiga que eu tinha que morava depois da Praça Santa Teresa [inaudível] lá em casa, a gente ia pra praça. Tinha também amizade, ainda hoje continua, que é a Madalena Oliveira. A gente ia à Igreja [inaudível] e a gente ficava [inaudível], mas a mãe dela também quando ia embora, tinha que carregá-la. [risos] [inaudível] eu ficava até papai tá por lá, depois ele dizia: "vamos embora". [inaudível] aí eu ficava mais com essa amiga que morava depois da Igreja, que já morreu.

Henrique: Você tem alguma recordação especial que aconteceu na Praça Santa Teresa?

[risos]

Rosenita: Você agora me pegou. [risos]

Henrique: Qual a recordação especial que você tem?

Rosenita: Olhe, eu disse que fazia esse trabalho social com meu pai, né? E era ali na rua da Santa Teresa, mas lá depois da Igreja. E eu tinha um namorado [inaudível]. A gente [inaudível] na praça, mas eu tinha uma reunião primeiro. Aí eu disse que ia à reunião, depois a gente se encontrava. E a reunião terminou antes da hora. Quando eu vinha da reunião, encontrei ele com outra. [risos] Quando eu cheguei, aí disse: “boa noite”, aí disse: “vai me apresentar sua namorada? ” [inaudível] acabei aí e pronto. Acabou-se. Não dava mesmo, né. Era uma pessoa assim, que papai gostava, mas não dava, não dava. Não deu nem tempo de esperar a reunião! [risos] Isso aconteceu na Praça Santa Teresa [risos] Olha eu lhe contando meus segredos [risos] [inaudível]

Henrique: Sua neta tá aí?

Rosenita: Tá ali estudando. É porque quando eu vou fazer coisa on-line, eu tenho que ficar com suporte, né. Porque qualquer coisa, eu peço socorro! Ali ela tá ali deitada no chão, estudando, e olhando pra mim, agora, e rindo [risos]

Henrique: O que você achava da aparência da Praça Santa Teresa? Por exemplo: o que lhe chamava a atenção? Cores, os bancos, o ponto de ônibus...? O que é que você achava da forma da praça? Como era a praça? Quais são as lembranças, as recordações, as memórias que você tem da praça em si?

Rosenita: O que me chamava mais atenção era, quando ela foi reformada, ela parecia maior. Maior, aí a gente se movimentava sem medo. Assim, porque se eu não me engano, foi derrubada alguma coisa quando fizeram a revitalização e lá ficou bem mais amplo, a gente caminhava com o passeio [inaudível] que a gente andava sem medo, os bancos, tinha o ponto de ônibus. Não sei se ele continua, mas tinha.

Henrique: Continua.

Rosenita: Continua? Tinha os Correios, tinha os Correios já pro final da praça... Ficou diferente. Agora eu não me lembro mais; mais detalhes. Sei que chamou a atenção era a praça bem grande, bem limpa, com os bancos novos. Aí era muito bom passear por lá.

Henrique: Me diga uma coisa: você ia pra missa na Igreja Santa Teresa?

Rosenita: Já, ia. Porque tinha um acordo com meu pai: quem não assistisse missa não ia ao cinema. [risos] aí, meio que não quisesse, tinha que ir, porque a gente tinha que escolher: ou missa, ou não vai ao cinema. Pronto! Eu já tava com ele, né, então ia.

Henrique: É verdade.

Rosenita: De livre e espontânea vontade. [risos]

Henrique: Quando você ia à missa, você às vezes ficava ali na praça? Porque muita gente ficava na praça quando ia à missa. Você tem alguma recordação desse tipo?

Rosenita: Não, eu quando ia à missa, eu já chegava mesmo na hora da missa, né. Já chegava na hora e quando terminava, a missa era de manhã, a gente não ia à praça, porque quando terminava dez, dez e meia, não tinha o que fazer na praça e ia pra casa. Quando era festa, que a missa era à noite, aí sim, terminava a missa [inaudível]

Henrique: E você ficava na praça?

Rosenita: Ficava na praça.

Henrique: Quando tinha essas festas, o que é que tinha na festa?

Rosenita: Olhe, a gente tinha uma casinha, uma cabine com serviço de som passando telegrama para as pessoas.

Henrique: Passando telegrama pras pessoas?

Rosenita: Os cabras queriam me paquerar, não tinham coragem de chegar, mandavam um telegrama: “menina vestida assim, assim...” [risos] “quero lhe encontrar em tal lugar”. Eu nunca fui não, viu Henrique! [risos] Eu nunca fui não pros encontros. [risos] “Quero lhe encontrar na cabine telefônica”.

Henrique: Na cabine telefônica atrás da lotérica.

Rosenita: Pronto. Aí marcava assim. A gente só via as meninas saindo, né. Até porque, quem ia fazer a locução era o papai.

Henrique: Ah! Que ótimo!

Rosenita: Aí se acontecesse alguma coisa, se fosse comigo, ele não lia, né?

Henrique: Claro [risos]

Rosenita: Depois, não tinha ninguém mesmo que mandasse. [risos]

Henrique: Que tivesse coragem de mandar. [risos]

Rosenita: Porque o locutor era meu pai. A gente fica tudo na torcida: “vai sair uma pra você”, “essa é pra você”... Às vezes não saía nada. Mas, tava lá na expectativa.

Henrique: E tinha barraquinhas...?

Rosenita: Tinha barraquinhas, tinha a barraca da polícia, né, que fazia. As meninas saíam, trazia os meninos pra ir lá, só saía da prisão se deixasse um dinheiro pra Igreja. [inaudível] Eu nem sei se interior ainda faz, mas sei que [inaudível] eu não participava ainda não que eu não tinha jeito não pra isso. [inaudível] mas tinha essas coisas tudinho. E aquelas coisas de lanche, sabe?

Henrique: Então eram animadas as festas?

Rosenita: Eram animadas. Eram animadas...

Henrique: Acontecia todo ano?

Rosenita: Todo ano a festa de Santa Teresa. Não a Santa Teresinha. Era Santa Teresa de Ávila.

Henrique: Qual era o período da festa?

Rosenita: É outubro.

Henrique: Outubro?

Rosenita: Outubro. Hoje é Santa Teresinha, né, mas a Santa Teresa não sei se é dia 10... eu não lembro mais, mas é mês de outubro.

Henrique: Você lembra quando Sandoval saiu da prefeitura? Como você acha que as praças foram ficando com as outras administrações? Qual era o aspecto, com o tempo, já depois desse período das festas na praça, um pouco antes de você sair da Ponta Grossa? Como estavam as praças?

Rosenita: O que eu acho é que não conservaram. Não houve conservação de jeito nenhum. De jeito nenhum! Eles [inaudível] com ele, saiu todo aquele cuidado que se tinha. Era um marco, era o marco da gestão dele e não foi conservado. A gente via logo depois os bancos tudo quebrado, os matos na praça, tudo acabou. Acabou-se.

Henrique: Você acha que as gestões posteriores, elas não conservaram por que elas tinham, sei lá, outras prioridades?

Rosenita: Acho que um dos motivos é esse. Tinha outras prioridades. E assim, se tinha outras prioridades, mas talvez da gestão. Agora era bom ouvir outras pessoas também, né?

Henrique: Claro, claro, claro.

Rosenita: Que se fosse naquele tempo e procurasse ver o quanto representou e quantas pessoas queriam que fosse conservada, talvez tivesse tomado um outro rumo, né. Agora, o nosso mundo não é ligado a essa questão, mas me incomodava muito ver os bancos quebrados, o mato acabando com tudo, os buracos na grama [inaudível] porque aquilo que não se conserva, se destrói, né.

Henrique: É verdade, é verdade. Você alguma vez, depois de ter saído da Ponta Grossa, chegou a ir na Praça Santa Teresa?

Rosenita: Olhe, eu fui muito pouco, muito pouco mesmo. Fui lá quando papai morreu, porque a gente botou o corpo dele lá na Igreja Santa Teresa. Era o sonho dele. E, depois que eu saí, muito pouco. Passo por lá. Também, poucas vezes passei, mas não tem mais nada do que era. Pra mim não representa mais nada, porque o que tem, na época que me marcou, é mais um espaço que deixou de existir. Não tem sentido mais. Eu não se ultimamente melhoraram, que tem alguns anos que eu não passo lá, mas, as últimas vezes que passei, só vi que tava acabada. A Igreja mesmo, eu acho que nem abre mais, porque eu acho que se olhasse praquela Capela e ela voltasse a funcionar, as pessoas [inaudível] teriam vontade de ir e de, talvez, [inaudível] a revitalização da praça. Mas não existe mais alguma coisa que leve as pessoas a irem à praça. Porque se a Igreja voltasse a funcionar, era um motivo das pessoas irem, né. Se fossem à Igreja, olhavam a praça [inaudível].

Henrique: Ficasse um pouco nela?

Rosenita: Mas como as pessoas não estão mais se ligando nas praças, porque não tem estímulo nenhum. Quem tem criança vai numa praça, se não tem um parquinho... Vai sentar como se os bancos estão quebrados?

Henrique: É verdade. Quando você saiu da Ponta Grossa, você saiu da Ponta Grossa em que ano?

Rosenita: 1970, quando eu casei. Tem 50 anos.

Henrique: Em 1970, você ainda frequentava as praças? Você ainda ia?

Rosenita: Não, porque quando eu casei eu já não tava mais lá. Eu tava fora, só que meus pais moravam lá. Quer dizer, era o meu ponto de encontro com a família era lá. Mas já fazia um certo tempo que eu trabalhava fora de Maceió. Eu trabalhava em Arapiraca e quando eu casei fui morar lá. E quando eu ia pra Maceió era tão corrido que era só pra ficar com eles mesmo. Não fui mais pras praças. [inaudível] lá na Igreja e pra casar, casei no Colégio São José. Há 50 anos.

Henrique: 50 anos. O tempo passa, né?

Rosenita: Rápido! O Hermann já vai fazer 50 anos!

Henrique: É verdade. Quando você, por exemplo, voltou para a Ponta Grossa para levar o corpo do seu pai pra Igreja, como você sentiu o bairro? As suas idas depois pra Ponta Grossa, como é que você sente o bairro? O que é que lhe chama atenção? O que é que você me diria sobre o bairro dessas vezes que você foi, que você já não morava mais lá?

Rosenita: Olhe Henrique, eu sou de me apegar às pessoas e às coisas que acontecem com aquelas pessoas. Claro, comigo e aquelas pessoas. Eu sei que não posso deixar de lado o momento, o local... Por exemplo: eu passo na rua, o que é que eu lembro? A dona Fulana [inaudível] as pessoas. Eu me ligo muito em pessoas e não a locais. É incrível! Quando eu sei que também conta muito o local. Mas eu, as poucas vezes que eu passo lá, aí eu fico lembrando o que acontecia, o que aconteceu, quando eu estava ali com aquelas pessoas. E eu não olhava casa, a casa do mesmo jeito. Olha outra, do mesmo jeito. Mas, as pessoas é que [inaudível] me ligo, porque [inaudível] embora o local onde aconteceu as situações [inaudível] porque quanto mais pra mim são as pessoas.

Henrique: Qual é a sua lembrança mais feliz da Ponta Grossa?

Rosenita: Feliz...? Deixa eu ver... Tem muita coisa que aconteceu, mas muitas coisas que não foram tão boas, mas me marcaram. Coisas boas... É quando eu tava morando fora, que voltava pra lá, levando já meus filhos e que a gente reunia todo mundo, aí são momentos que marcam, que me marcaram muito! [inaudível] o casamento [inaudível] sai de lá, sai da casa deles, né. Também lembro de todos os detalhes. E... e das pessoas. Muitos momentos, assim, marcantes com essas pessoas até hoje faz muito parte da minha vida. Mesmo assim, não estão mais.

Henrique: É verdade. Quando você era moça, nos seus 18 anos, quando você estava ali incluída naquele espaço, quando você era da Ponta Grossa, vamos dizer assim. Porque essa lembrança que você me disse é quase que uma lembrança que você tem depois que você saiu. Mas uma lembrança, assim, boba... Uma lembrança qualquer. O que é que você lembra do bairro da Ponta Grossa que lhe traz felicidade?

Rosenita: O meu pai era muito festeiro. E ele, por nada, inventou de fazer um baile. E esses bailes ele fazia no círculo operário, numa quadra depois da praça. Aí era muito bom! Eu era a primeira a chegar e a última, porque ele só saía depois que saía todo mundo e eu só ia com ele. Aí era bom. E quando já assim [inaudível] muito e as festas que ele fazia em casa. Papai não admitia [inaudível] um aniversário sem uma festa. Ele desocupava o primeiro quarto [inaudível] e montava a festa no quarto. Mas pra não passar a data em branco, ele tinha que fazer uma festa assim. Aí, pense! Com uma radiola e um autofalante. A sorte é que os vizinhos eram amigos, viu, porque se não, tinha sido despejado. Mas essas coisas marcaram muito, mesmo. Era umas coisas boas. Era um período, um tempo muito difícil, né. Papai com seis filhos, só ele trabalhando. Tinha que fazer muita coisa e ele queria sempre o melhor pra gente, mas nesses momentos que a gente podia, que a gente podia fazer alguma coisa era muito aconchegante [inaudível] junto. Os amigos também estavam juntos. As amizades assim, que a gente sentia sinceridade. E as que não eram tão sinceras, a gente ia botava pra escanteio. [risos]

Henrique: E esses bailes, você lembra o ano que aconteciam esses bailes na Ponta Grossa?

Rosenita: Deixa eu ver... Eu tinha 16 anos até me casar. Esses 16 anos, cheguei com nove... 16 anos eu ia! Eu participava, tava com meu pai [inaudível]. Quando eu tava com ele, eu me soltava. Quando eu ia pra festa sem ele, era a pessoa mais comportada do mundo! Porque eu sabia que se dissessem alguma coisa e ele tava comigo, ele dizia que era mentira, né. E se não estivesse, qualquer coisa [inaudível] recebia uma bronca. Então eu era a pessoa mais comportada, porque existia uma confiança muito grande de deixar aí eu ia pra essas festas. Com 15, 16 anos eu tava lá. Não esperava 18 não pra tá numa festa até tarde da noite. A minha mãe não ia, que ela nunca gostou disso, mas eu ia com ele e abria e fechava o salão.

Henrique: E essas festas, elas aconteciam com que periodicidade? Assim, era uma vez por mês, uma vez por ano...?

Rosenita: Ele sempre procurava um motivo: maio, porque tava comemorando o Dia do Trabalhador; perto de São João, porque já tava próximo de São João; e outubro, porque tinha a festa lá da Igreja e depois fazia essa festa, porque ele gostava muito de sair. E aí, ele procurava um dia [inaudível] umas quatro vezes no ano.

Henrique: Muito bem. E quais são as lembranças dos carnavais na Praça Moleque Namorador?

Rosenita: Olhe, eu não tenho... Não tenho boas lembranças não, porque sempre no Carnaval acontecia alguma coisa que a gente ficava... que tirava o brilho do Carnaval pra gente. Mas eu ia sempre e papai também era presidente do clube, do IAPEPEC(?), que hoje é o INSS. Então tinha o clube, e funcionava lá no [inaudível] prédio, que era...

Henrique: Aonde?

Rosenita: Como é o nome daquela praça...? A Praça dos Palmares. Aquele prédio na Praça dos Palmares. Aí, tinha no meio, não lembro mais qual era o andar, um clube. Aí tinha Carnaval ali também e ele era o presidente, a gente ia pra pra lá com ele. Os outros não iam não. Só eu. Os outros saíam pra olhar o Carnaval de rua. Mas a gente também fazia matinê. Quando era noite, eu ia pra Praça Moleque Namorador, mas eu não ia pro meio dos foliões não. Eu ficava no primeiro andar da casa da Neurene, lá em cima. Lá no Carnaval, mas lá na casa dela. Ainda hoje ela mora lá. E Carnaval, as vezes tinha assim, alguma coisa de confusão na rua, aí eu ficava assustada sempre, mas não tinha nada assim... As coisas ruins que aconteceram com a gente no Carnaval não tem nada a ver com a Praça Moleque Namorador. Tinha festa lá, tinha Carnaval lá, não tinha confusão não. As famílias mesmo iam pra rua pular Carnaval. Hoje a gente não ver mais isso, né? A gente tem medo.

Henrique: É verdade. Os Carnavais da Praça Moleque Namorador eles aconteceram depois da gestão do prefeito Sandoval Cajú que fez a praça.

Rosenita: Com a reforma da praça, com a praça. Nem sei se já tiraram o Moleque.

Henrique: Não... tá lá ainda.

Rosenita: Tá lá?

Henrique: Tá lá.

Rosenita: Não sei como não tiraram ainda, né? Porque, era tão bonita aquela praça, pequenininha, mas era bonita. Mas, depois não sei. Aquele pedaço ali da praça, todinho, o Carnaval tomava aquilo ali, era muito animado! É tanto que as famílias sempre brigaram pra manter o Carnaval na Moleque Namorador. Se fosse uma coisa de bagunça que incomodasse os moradores, eles não queriam, né?

Henrique: Claro.

Rosenita: Eles fazem questão de manter.

Henrique: Se eu lhe pedisse uma palavra pra você definir o bairro da Ponta Grossa, qual é a palavra que vem na sua cabeça?

Rosenita: Na minha época era união. As pessoas se conheciam. É muito bom você morar num lugar que você não é mais um. Você é um [inaudível]. Que a gente sentia lá, na época que eu morei, a filha de "Seu" Raimundo, a Raimundinha, isso daí é muito bom você saber que você não é um anônimo. Todo mundo lhe conhece. Existia muita união.

Henrique: Existia muita união.

Rosenita: Se isso não existisse, a gente não tinha como conservar essas amizades. Eram pessoas que tinham passado em nossa vida e não [inaudível]. Não foi o que aconteceu. Mas deixava sua marca.

Henrique: É verdade. Quais as lembranças que você tem da amizade da sua mãe com a amizade da minha avó?

Rosenita: Eu acho que assim: a amiga que a mamãe teve durante toda a vida dela foi a D. Dulce. Se alguém participou da vida da mamãe, foi ela. Eu não lembro da mamãe citar uma amiga antes da D. Dulce. Nunca. A melhor amiga dela. [inaudível] era "Seu" Pedro. E quando papai morreu, "Seu" Pedro chegou pra mim e disse: "Raimundo foi embora, eu agora sou seu pai". Só que logo depois ele foi embora. Aí pra mim foi um baque. Tinha perdido meu pai e "Seu" Pedro. É tanto que eu não lembro de eu ter ido a enterro de alguém que eu tenha me descontrolado tanto como o de "Seu" Pedro. Eu não era filha, não era neta, mas era assim que eu me sentia. Se eu tivesse namorando, ele já procurava saber quem era [inaudível] [risos] acabar. "Essa pessoa não dá pra você". "Estou lhe dizendo: não falei nada com Raimundo, ainda. Agora você vai terminar".

Henrique: O namoro?

Rosenita: O namoro. Porque era uma pessoa que queria meu bem. É difícil, é difícil ter uma amizade desse jeito. Ele era mesmo desse jeito. E foram muitos anos, né? A mamãe, ultimamente, que a mamãe... Eu não esperava que ela fosse agora, né. Ela dizia: "Dulce, a Dulce pensa que me engana. Ela tá com 103 anos. Se você perguntar a Dulce, ela não vai dizer que tem isso." "Mamãe, ela não vai dizer, porque ela não tá lembrando mais." "Não sei, mas você [inaudível] reze pra chegar lá." Ela chegou aos 95, né. [inaudível] das duas. E assim, e eu, embora estivesse longe, [inaudível] Arapiraca quando eu fui era longe. A gente perdia três e meia, quatro horas de viagem. Mas eu ficava tranquila, porque ela tinha [inaudível] as duas eram [inaudível] a rua ligeirinho, mas todos os dias elas estavam juntas conversando. É muito bom a gente saber que tem uma amizade desse jeito.

Henrique: É muito bom.

Rosenita: E os meninos também... Assim, o Pedro muito próximo, né. O Rogério e Jenyra a gente acompanhou no casamento, tudo. [inaudível] A gente tava próximo, tudo, e depois [inaudível] [risos] que eles participaram pra valer [inaudível] eu não sei quem foi ele.

Henrique: Ainda teve o quê?

Rosenita: Um pajem.

Henrique: Ah! Foi eu! [risos]

Rosenita: Eita, mas foi engraçado. Eu disse: "Henrique, você sabe como é que vai fazer no casamento?" "Eu sei. Vou pedir meu pai pra comprar uma espada." "Uma espada pra quê?" "Pra matar o Roberto." [risos] "Ele não é pra casar com você. Quem é pra casar era eu." [risos] Olhe, eu ria tanto! "Você sabe [inaudível] a espada?" "Eu sei, imagino, você sabe." "Eu não gosto dele." "Tá tudo bem." [risos] [inaudível] Deu conta do recado. Mas era muito bom. O tempo passa, mas as lembranças ficam, né.

Henrique: É verdade. Eu queria muito agradecer a você por ter me dado essa oportunidade de entrevistar pra minha dissertação e ao mesmo tempo de relembrar e estar mais perto tanto da sua família quanto do bairro da Ponta Grossa e do clima de

amizade e de união que existiam entre a sua família e a minha família. Eu acho que essa dissertação pra mim ela tá sendo muito importante, porque ela tá me fazendo cavar, buscar minhas raízes. Entender o que eu sou hoje através do bairro da Ponta Grossa, que foi de onde eu vim, de onde nasci, de onde nós viemos. Obrigada.

Rosenita: Ô Henrique, adorei! Adorei conversar com você. A minha neta foi lá pra baixo. Daqui a pouco ela vai me cobrar: "Vó, conta a história aqui". [risos] viu, Henrique. Foi ótimo conversar com você e acho que essas lembranças nos fazem bem. Mesmo as que não foram tão boas, mas elas sempre deixam alguma lição. Essas lições que a gente constrói a nossa vida. Obrigada mesmo. Foi ótimo!

Henrique: E se precisar de algum adendozinho, a gente volta a conversar.

Rosenita: Com certeza. Fique à vontade. Tô aqui pra contribuir e relembrar e conversar com você.

ENTREVISTA - NEUSA DA SILVA

Duração da entrevista – 48min. 23 de agosto de 2020

Henrique: Boa tarde, D. Neusa

Neusa: Boa tarde, Henrique.

Henrique: Boa tarde. Eu tô fazendo uma gravação para o meu projeto de pesquisa da Universidade Federal de Alagoas para a dissertação *Memórias das praças do bairro da Ponta Grossa – Maceió a partir de percepções e representações da cidade sorriso idealizada na gestão do prefeito Sandoval Cajú* que foi de 1961 a 1964. Eu tô gravando essa entrevista. Posso gravar, D. Neusa?

Neusa: Pode oxe!

Henrique: Tá, muito obrigado pela entrevista, muito obrigado por esse tempo que a senhora tá dispondo pra gente falar um pouco e conversar um pouco. Eu vou começar a fazer algumas perguntas pra senhora, tá certo?

Neusa: Tá

Henrique: D. Neusa, quando foi que a senhora nasceu e onde?

Neusa: Eu nasci em 14 de outubro de 1941, na Ponta Grossa.

Henrique: Muito bem! Qual a sua escolaridade, D. Neusa?

Almira: Eu fiz só o primário e um pouco do ginásio depois deixei para ir trabalhar, eu já trabalhei muito de faxineira e depois fiz um curso, quer dizer uma massagista minha amiga me deu um curso de massagem e hoje eu faço massagem em senhoras. Também já fui cuidadora.

Henrique: Que bom!

Neusa: Eu trabalho indo nas “casa” das senhoras para fazer massagem nelas, aí já conheci muita gente, sabe, eu já ajudei muita gente com a massagem que ajuda as pessoas mais velhas que tem problemas nos músculos e nos ossos.

Henrique: Certo. E a senhora trabalhou algum tempo como faxineira?

Neusa: Trabalhei muito meu filho, oxe! Eu trabalhei muito limpando casa de família. Mas depois eu não quis mais aí comecei a fazer massagem nas senhoras das “casa” que eu trabalhava.

Henrique: Certo. Me fale um pouco da sua infância, D. Neusa, no bairro da Ponta Grossa.

Neusa: Eu corria muito por ali tudo. Eu era muito danada e minha mãe vivia me gritando pra eu não sair, mas eu saía e me embrenhava pelas ruas daquele tempo e só voltava pra casa toda suja. Meu pai não me batia, mas minha mãe me dava uns “puxavantes” de orelha (risos)

Neusa: Eu ia pra escola todo dia, tinha uma professora muito ruim, mas eu gostava era de sair de casa e da roupa do colégio que era branca com saia azul, aí eu ia e ficava estudando na sala. Eu não lembro do nome do grupo que eu estudava, mas era ali mesmo na Ponta Grossa, perto da rua Santo Antônio.

Henrique: Certo. E quais são as primeiras lembranças que a senhora tem do bairro da Ponta Grossa, quando criança, assim, das brincadeiras ou de alguma coisa assim que a senhora se lembre sobre o bairro?

Neusa: Era de brincar na rua, de pega e de boneca com as meninas da vizinha e também de se esconder. Era tempo que todo mundo podia ficar na rua, hoje não pode.

Henrique: Verdade. A Sr. Lembra das ruas da Ponta Grossa naquele tempo?

Neusa: Só tinha calçamento até um pedaço na rua Santo Antônio o resto era de barro mesmo

Henrique: Como era a casa que a Sr. Morava D. Neusa?

Neusa: Era pobre, de porta e janela. Mas era limpa. A gente limpava muito a casa.

Henrique: Sim...A senhora lembra da casa como era?

Neusa: Era colorida, mas eu não lembro não muito.

Henrique: A senhora lembra de Sandoval Cajú?

Neusa: Eu lembro dele lá na Ponta Grossa, andando na rua, ele sempre ia. Lembro que tinha muita festa quando ele inaugurava uma praça nova ou quando ele calçava uma rua. Ele calçou muita rua lá. Ele andava pela Ponta grossa o tempo todo.

Henrique: A senhora ia nas inaugurações?

Neusa: Ia não, eu era muito menina. Mas eu ia na praça nova, era bom porque minha mãe fazia vestido novo pra gente ir na praça, todo mundo arrumado. Como, você sabe, pobre não tem dinheiro, ela ajeitava os vestidos velhos pra parecer novo e a gente ia. Dava pra brincar e tomar sorvete todo fim de semana.

Henrique: D. Neusa, a senhora lembra como eram as praças? O que tinha nelas?

Neusa: Eu lembro que tinha banco novo e "rela –rela" pra brincar. Era bom, eu lembro de me "relá" toda (risos)

Henrique: Era bom aquele tempo....

Neusa: Era bom porque todo dia era coisa nova, tinha muito comercio novo. Oxe era bom demais!

Henrique: A Sr. Lembra das festas nas praças?

Neusa: Lembro das quermesses da praça Santa Teresa, mas eu só ia de tarde. Minha mãe não deixava eu ir não, eu era muito pequena. Mas eu lembro que tinha todo ano festa e no São João também tinha e tinha até quadrilha, mas eu só ia ver.

Henrique: Sim.

Neusa: Era um lugar de muita gente boa a Ponta Grossa, tenho amizade com muita gente até hoje.

Henrique: Essas pessoas ainda moram lá?

Neusa: Pouca Gente viu, muita gente saiu de lá pra morar em outros cantos, mas ainda tenho uma amiga que mora lá, que é a Alminda, mas ela coitada tá muito doente, nem vejo mais ela.

Henrique: E ainda hoje a Sr. Vai na praça?

Neusa: Vou mais não Henrique, as vezes eu passo, mas ficar na praça eu não fico mais não, tem muito maloqueiro por lá. O meu irmão mais novo vai, fica lá na jogatina, tem uma jogatina... você sabe o que é né?! Tem lá na praça as vezes e meu irmão vai, mas eu não vou não. Gosto não dessas coisas... Eu nem vou falar o nome aqui... Jogo a dinheiro...

Henrique: Entendi.

Henrique: O que a Senhora achou das praças de Sandoval Cajú?

Neusa: Eu gostava muito, era bom porque ficou tudo organizado, limpo e bonito. Eu lembro que as ruas também ficaram bonitas de calçamento.

Henrique: A senhora então gostou...

Neusa: Gostei muito porque ficou organizado. Olhe nenhum prefeito organizou a Ponta Grossa como ele organizou.

Henrique: A senhora chegou a ouvir algum programa de rádio de Sandoval?

Neusa: Eu não me lembro não, acho que minha mãe ouvia, mas eu não me lembro dessas coisas não.

Henrique: Entendi

Neusa: Eu sou muito ruim de lembrar das coisas. (Risos) Eu nem me lembro quando foi que eu fiz as compras dessa semana daqui de casa. Sou mais ligada em outras coisas.

Henrique: Quando a senhora ia pra missa, a senhora depois ficava ali vendo como era o movimento na praça?

Neusa: Eu ia pra missa todo domingo de manhã e também ainda vou hoje em dia. Eu sou religiosa. Eu ia pra missa e depois minha mãe me levava para casa de uma amiga dela pra eu brincar com a filha dela ou então eu ficava lá vendo televisão porque na minha casa não tinha. Eu gostava de ver televisão.

Henrique: A senhora lembra das televisões nas praças?

Neusa: Lembro não. Tinha né? Eu não lembro não.

Henrique: Sandoval colocou televisão na praça Santa Teresa e na praça Nossa Senhora das Graças.

Neusa: É. Lembro não meu filho.

Henrique: Muito obrigado, D. Neusa, e a gente vai se falando e qualquer coisa ou alguma informação, uma coisa que eu precise ou que eu tenha esquecido ou data, porque quando eu vou depois fazer revisão, aí eu falo pra senhora.

Neusa: Pois é, eu tô às suas ordens.

Henrique: Tá joia, D. Neusa. Muito obrigado. Eu vou parar aqui de gravar.

Neusa: Eu que agradeço você se lembrar de mim pra fazer essa entrevista de recordar, me fazer recordar e lembrar tanta coisa boa da minha infância e da minha juventude. Eu sou ruim de lembrar, eu disse pra você antes, mas se eu ajudei foi bom então.

Henrique: Muito obrigado...

ENTREVISTA - ROGÉRIO HENRIQUE GOMES FERREIRA

Duração da entrevista – 2hs e 48 min

Henrique: Boa tarde, papai, vamos conversar um pouco sobre a Ponta Grossa?

Rogério: Boa tarde, Henrique.

Henrique: Boa tarde. Eu tô fazendo uma gravação para o meu projeto de pesquisa da Universidade Federal de Alagoas para a dissertação *Memórias das praças do bairro da Ponta Grossa – Maceió a partir de percepções e representações da cidade sorriso idealizada na gestão do prefeito Sandoval Cajú* que foi de 1961 a 1964. Eu tô gravando essa entrevista. Posso gravar?

Rogério: Pode sim, não tem problema.

Henrique: Quando e onde você nasceu?

Rogério: eu nasci em Anadia interior de alagoas em 16 de setembro de 1936.

Henrique: Qual sua escolaridade e atividade profissional?

Rogério: Eu sou professor universitário aposentado, tenho mestrado em educação na Fundação Getúlio Vargas, fui professor da Universidade Federal de Alagoas e sou artistas plástico.

Henrique: Quando você veio morar em Maceió?

Rogério: Na realidade eu não sabia se viria estudar em Maceió, a vida era para mim uma incógnita naquele momento, eu tinha cursado até a terceira série do primário em Anadia e depois, com a transferência de meu pai para Atalaia, tinha terminado os estudos no Grupo Escolar Messias de Gusmão em Atalaia e para seguir estudando precisava vir, pois naquela época não existia o curso ginásial em Atalaia e em nenhuma cidade próxima. Meus pais sabiam disso e queriam muito que eu me formasse, então num dia próximo ao meu aniversário que é dia 16 de setembro, meu pai disse, na hora do almoço, me lembro bem desse dia, que eu viria estudar num colégio interno em Maceió e que eu precisava ser um bom aluno pois ele estava fazendo um grande esforço para pagar o colégio e minha vida em Maceió, fiquei apreensivo pois conhecia pouco a cidade e não tinha amigos ou pessoas que pudessem me ajudar. Sabe, me dar um apoio, mas eu queria muito vir para Maceió, era um sonho que iria se realizar.

Henrique: Como foi chegar para morar sozinho em Maceió?

Rogério: Maceió era uma cidade grande, fui estudar no colégio Guido de Fontgalland, que era o melhor colégio da época, era um internato também. Lá, logo fiz amizades com outros garotos e me sentia bem enturmado. Nos fins de semana podíamos sair do colégio para passear, íamos ao centro passear na praça Deodoro que era o ponto de encontro dos adolescentes da época. Nós chamávamos de “footing” porque ficávamos caminhando em volta da praça e paquerando. Íamos ao cinema, tomávamos sorvete e eu sempre guardava um dinheirinho para comprar uma ou duas revistas de cinema, eu adorava ver essas revistas e acompanhar a vida dos astros de Hollywood. Cinema sempre foi um de meus passatempos preferidos, eu colecionava as revistas e sonhava com a vida daqueles astros” Era muito bom também passear

pelo centro nos sábados à tarde, saíamos do colégio que ficava próximo a ladeira da catedral, e íamos andando até a praia da avenida e depois para a praça.

Henrique: Quando você foi morar na Ponta Grossa? E porque foi morar no bairro?

Rogério: Eu já estava morando em Maceió, mas o meu irmão Esdras precisava vir então meu pai decidiu transferir toda a família para Maceió, ele veio algumas vezes para ver casas e percorreu alguns bairros onde poderia comprar a casa, ele gostou muito do bairro da Ponta Grossa porque era um lugar próximo do centro e os imóveis tinham preços condizentes com o que meu pai podia gastar, era um bairro popular de famílias “decentes” e trabalhadoras e tinha também comércios próximos. Tinha farmácia, padaria, mercadinhos e ficava bem perto do bairro da Levada onde ficava o mercado público. A Ponta Grossa na época era um bairro bem interessante, tinha ainda muitos terrenos baldios e muita gente do interior ia morar lá. Como meu pai não poderia se transferir logo para Maceió, meus avós que, na época já estavam aposentados vieram para estruturar tudo até eles, meus pais, se arrumarem por lá. Meus avós acabaram ficando em Maceió até falecerem.

Henrique: Quais suas primeiras lembranças do bairro?

Rogério: São muitas lembranças. Até hoje fico emocionado quando lembro da Ponta Grossa. Lembro do Bonde que ia até o meio da Rua Santo Antônio. Lembro de ir para o centro de bonde e como era bom ir vendo a paisagem até a Levada e de lá para a estação perto da Praça dos Martírios, era um passeio bom do fim de semana e uma “mão na roda” durante a semana pois era bem rápido. Na Ponta Grossa era a estação final, o bonde saía cheio de gente durante a semana, era também cheio de gente com sacos de verduras e frutas que iam para o mercado municipal. Durante a semana as vezes eu preferia sair mais cedo e ir andando até o centro para não pegar o bonde cheio de gente.

A Ponta Grossa, nos anos 1950, estava crescendo, chegava muito vizinho novo por lá, muita gente vinda do sertão para trabalhar no comércio, eu lembro de uns vizinhos que chegaram para morar numa casa que antes estava fechada, era o Sr. Antônio Pinho, ele tinha uma família bem grande com muitos filhos e eu fiz amizade com o Tadeu, filho dele que veio estudar e trabalhava numa loja no centro. Tinha muita gente indo morar lá porque era fácil chegar no centro, naquela época eu acho que era 1954 mais ou menos, a Ponta Grossa já tinha muitas casas nas ruas principais, principalmente na Santo Antônio, na Rua formosa, na Paysandu, as outras ruas ainda eram de barro, só mais adiante, acho que foi o Sandoval que calçou muitas ruas por ali, quando ele foi prefeito. Mudou tudo muito rápido, era praça nova e tudo mais.

No começo dos anos 1950, a Ponta Grossa cresceu muito, porque vinha gente do interior morar no bairro e também muitas pessoas de outros bairros se mudaram para lá. A Ponta Grossa era um bairro popular, mas se localizava bem próximo do centro o que era ótimo, e na minha visão, fez com que o bairro crescesse rápido. Já naquele tempo você via muitas casas sendo construídas e reformadas, todo mundo queria uma casinha reformada e com novos ares. A maioria das pessoas copiava nas casas o que viam nas revistas. Aquele tempo foi um tempo de novos ares na Ponta grossa, porque a gente ouvia as coisas no rádio e via as casas que eram construídas na Pajuçara e no Farol e queria copiar [...] Verdade mesmo, sendo menor né, mas se construiu muito naquela época na Ponta Grossa, e era como se isso fosse levar as pessoas que moravam lá, a serem mais ricas entendeu? Ou a mostrar que também podiam ter uma casa nova e parecida com o que tinha na revista e nos bairros de gente rica.

A Ponta Grossa, era um bairro de gente trabalhadora, morava lá desde feirantes, nas partes mais próximas a lagoa até funcionário público. Eu acho que essa mistura foi que fez com que o bairro crescesse muito. Todo mundo naquela época queria melhores condições de vida, e isso a gente sentia lá. Cada um, como podia, ia reformando sua casa ou construindo uma casa nova. Nessa época mesmo com muita rua de chão batido ainda, a Ponta Grossa se desenvolveu, isso sozinha viu, sem o governo. Faltava muita coisa, como as praças para gente ficar, mas era um tempo que sobrava um dinheirinho pra pintar a fachada da casa ou pra botar um azulejo e muita gente fazia. As pessoas pensavam em trabalhar para ter as coisinhas melhores. O rádio novo, a geladeira da moda, a roupa nova para o fim de semana ir para o cinema e passear. Era isso.

Henrique: tinha muito comercio novo... Você lembra de alguns deles?

Rogério: Na Rua Santo Antônio tinha um armazinho do Sr. Euclides, eu sempre passava por lá para ver as coisas, ele vendia de tudo e ainda servia uma bebida que ninguém sabia como era feita, acho que era com cravo da índia, e eu às vezes passava para tomar um gole. Lá durante o dia, até umas 4 horas da tarde se encontravam as mulheres para conversar e ver os cortes de tecido que a esposa do Sr. Euclides vendia, mas depois das 5 horas os homens iam chegando para tomar a "lapinha" e depois ir para casa. Era um local de encontro principalmente de homens mais velhos, mas tinha uma moçada que se encontrava lá às vezes.

Henrique: Qual era o seu endereço?

Rogério: Eu morei na Rua Santo Antônio número 564, A gente se mudou e minha mãe quis logo fazer uma reforma na casa. Minha mãe era caprichosa e voluntariosa, ela queria que a casa se parecesse com as dos almanaques de decoração que ela via e também das revistas que folheava. Ela queria que a casa fosse parecida com as fotos e os recortes que recebia nas cartas de suas irmãs que moravam fora, uma, a tia Berenice morava em Miami e a outra, a tia Carmélia morava em Recife. Meu pai comprou o bangalô da Rua Santo Antônio, mas ela queria reformá-lo assim que pudessem. Quando mudaram para a casa, depois de uns meses, minha mãe contratou um pedreiro e com as revistas que tinha acesso na época, logo começou a reforma. Ela gostava dos ladrilhos em preto e branco no piso e queria colocá-los na varanda lateral, onde também foi colocado um painel de cobogós de louça azul e ainda uns brises feitos de estuque na lateral. Ela ficou feliz e tratou de aos poucos ir comprando uns móveis bem diferentes para a varanda e para a casa. Os móveis eram simples, mas eram cópias de móveis famosos na época. Minha mãe queria ser uma dona de casa moderna.

Henrique: Então sua casa foi reformada.... Ela queria uma casa moderna... Entendi...

Rogério: Depois que meus pais se mudaram para a Ponta Grossa eu deixei o internato no Colégio Guido e me transferi para o Colégio Estadual onde conclui os estudos, indo depois estudar para o vestibular. Passei no vestibular de letras da Faculdade de Pedagogia e Letras de Alagoas e depois pedi transferência para a UFAL. Na época passei num concurso para ser bancário do Banco do Nordeste, onde trabalhei até terminar a universidade. Eu também, nesse período, dava aulas de inglês particular para ajudar no orçamento da família e também para me manter na universidade.

Henrique: O que os vizinhos acharam da reforma?

Rogério: Eles adoraram, minha mãe fazia questão de mostrar o terraço novo para todo mundo. Minha mãe adorava a Ponta Grossa, adorava ficar na porta, no jardim sentada numa cadeira e cumprimentar e puxar conversa com as pessoas que passavam, todo mundo conhecia a D. Dulce ali na Rua Santo Antônio. Ela também adorava ficar conversando com D. Zenita, a vizinha de frente, e trocar modelos de aplicações de crochê. Também adorava passear com meu pai na Praça Santa Tereza, ficavam sentados lá vendo o movimento.

Henrique: O que você lembra de Sandoval Cajú, qual sua primeira lembrança sobre ele?

Rogério: Minha mãe quando estava dentro de casa ficava sempre com o rádio ligado, foi ela que me chamou a atenção para o programa que o Sandoval Cajú tinha na rádio Progresso, ela adorava aquele homem que falava tão abertamente dos problemas de Maceió e que exigia uma solução dos políticos para esses problemas. Ele falava forte e com um linguajar próprio, cheio de bordões. Foi assim que ele conquistou o voto de muita gente quando se candidatou para a prefeitura de Maceió. Apesar de eu achar ele um pouco estranho. Bem, estranho não, acho que era meio “popularesco”, eu acabei votando nele porque era a nossa única esperança de progresso, sabe, no panorama da política da época. Ele falava que ia devolver o sorriso para a cidade, para Maceió, falava que Maceió estava ao “Deus dará” e que ele ia resolver os problemas que a cidade tinha naquele momento, que não eram poucos, principalmente de estrutura, de calçamento e as praças que estavam largadas e cheias de mato, as que tinham fora do centro, abandonadas.

Minha mãe ficava toda empolgada quando falava de Sandoval Cajú, ela era uma espécie de porta voz dele, falava o tempo todo que ele sim, iria olhar para a Ponta Grossa como ela precisava, que até que enfim um político direito iria tomar conta de Maceió. Ela adorava ir ver de longe os comícios dele na Ponta Grossa e ficava esperando ele passar em carro aberto pela Rua Santo Antônio. Ela fez com que toda família votasse nele. Na realidade a Ponta Grossa estava crescendo muito naquele tempo e precisava com urgência de um governante que olhasse para aquele lugar. E isso foi o que fez com que Sandoval tivesse muitos votos lá na Ponta Grossa, eu mesmo acabei votando nele.

Henrique: Ah, então você votou nele...Você foi a algum comício dele? Porque você foi? O que achou?

Rogério: Eu fui a dois comícios de Sandoval Cajú, um logo no início da campanha na Praça do Pirulito e outro já no final da campanha na Praça Deodoro, no primeiro não tinha muita gente ainda e as pessoas iam mais para ver o locutor, sabe ele era conhecido no rádio então as pessoas iam para ver o programa de rádio ao vivo. Ele estava em pé num pequeno tablado e falou muito, o discurso era muito forte porque ele misturava assuntos sérios de coisas que Maceió precisava mesmo, com tiradas engraçadas e diferentes. Muita gente ia para se distrair, ninguém imaginava que ele ia ganhar a eleição. Eu mesmo nem gostava tanto dele, achava ele um falastrão, mas no segundo comício que eu fui a coisa já era outra, já tinha muita gente, muita gente mesmo, eu nem consegui chegar perto, fiquei só ouvindo de longe e o povo aplaudia muito. Ele conseguiu mudar dentro da própria campanha, era como se ele já tivesse repetido tanto aquilo que parecia sério, apesar das brincadeiras e zombarias ele parecia mais forte e mais decidido.

Henrique: Você conheceu minha mãe nessa época?

Rogério: Conheci a Nyra, num carnaval no Clube Fênix Alagoano, os bailes lá eram famosos, todos os meus amigos iam e começamos a namorar logo depois, ela morava na Rua Buarque de Macêdo, no Centro e eu ia a pé todos os dias encontrá-la. Ficávamos namorando na porta de sua casa sob os olhares atentos dos meus sogros, mas também saíamos para passear no “boulevard” que tinha nas margens do Rio Salgadinho ou íamos ao centro para o cinema ou algumas vezes íamos para a Praia da Avenida, mas sempre com alguém da família dela ou mesmo minha sogra, Dona Olivia, junto. Casamos em 1965 na Igreja dos Pobres no Vergel do Lago e fomos morar numa casa alugada na Ponta Grossa no Beco dos Elefantes, depois meu pai construiu um apartamento que chamávamos de biombo, nos fundos da casa dele, já que o terreno ia de uma rua a outra, da Santo Antônio até a Rua Félix Bandeira, o biombo era bem moderninho e simples, mas era para ajudar aos filhos quando precisassem.

Henrique: O que você achava das praças de Sandoval Cajú?

Rogério: Todas as praças de Sandoval tinham sempre os “S” dele nos bancos, nos escorregadores, no ponto de ônibus, nos monumentos, na calçada, onde dava ele colocava um “S”. Na verdade, eu achava meio exagerado. Porque todo mundo sabia que era “S” de Sandoval, e não precisava aquilo não. As pessoas comentavam o tempo todo que era feio, que era propaganda política. Ficava até uma espécie de chacota. “Ei, vai sentar no Sandoval” ... essas coisas. Eu votei nele porque na época era a única opção que a gente tinha de um político diferente, que falava sobre modernização e etc., mas eu não gostava muito do estilo exagerado das praças, quando era uma praça que ele fazia toda até que ficava bom, mas tinha outro problema que era a mistura do que ele fazia nas praças que já existiam que eu não gostava. Mas para a época foi bom porque as praças do centro estavam todas largadas e muito sujas.

Henrique: Você lembra de Sandoval no bairro? Tem lembrança disso?

Rogério: Quando Sandoval construiu as praças em Maceió, era fácil ver ele na obra, como na época eu trabalhava no centro e sempre passava pela Praça Deodoro e às vezes na Sinimbu, eu via sempre ele lá, ele ficava sentado num banco olhando os trabalhadores na obra, ele foi um político de ir para a obra e conversar com o povo. Eu tinha um amigo que trabalhava na prefeitura que dizia que o prefeito não esquentava cadeira. Era mais fácil achar ele nas obras do que na prefeitura. Às vezes iam até a obra para ele assinar alguma coisa de urgência. Era assim com Sandoval, eu me lembro que na época tinha obra em todo lugar da cidade, ele foi um homem de fazer.

Pela primeira vez, eu vi um prefeito que se lembrou lá da Ponta Grossa, as mudanças foram muitas porque na época o bairro já vinha crescendo e muitas casa eram construídas, também muito comércio novo, mas tudo ali, menos as Rua Santo Antônio e a Formosa, ainda eram de barro e Sandoval calçou muitas ruas e as praças também ele fez. Foram muitas mudanças em pouco tempo. As pessoas ficaram muito felizes.

Ele sempre aparecia lá na Ponta Grossa, era fácil ver ele sentado na porta de alguém tomando água ou um cafezinho e conversando, as vezes eu passava andando e ele fazia questão de cumprimentar, ele falava com todo mundo que passava, e ficava ali conversando. Ele perguntava as pessoas se elas estavam gostando das praças e das ruas calçadas. Eu também lembro de ter visto ele uma vez lá na Praça Santa Tereza com a equipe de trabalho, ele ficava lá na praça e parecia que ele estava comandando

tudo da obra, Sandoval era conhecido na Ponta Grossa porque ia muito lá. Sem falar nas festas de inauguração das praças que era bem grandes, com muita gente e ele falava muito sempre em cima de um palanque, tirava brincadeiras, mas também dizia que estava cumprindo o que ele tinha prometido na campanha.

Henrique: Entendi... Diferente isso dele Né.

Rogério: Eu lembro das televisões nas praças, tinha uma na Praça Santa Tereza e acho que tinha na Praça Nossa Senhora das Graças, a da Praça Santa Tereza eu tenho certeza porque eu via no final da tarde quando a tevê era ligada juntar um monte de gente para ver a programação da repetidora da tevê Tupy. Na época era uma atração da praça porque quase ninguém tinha televisão em casa, aí o povo ia chegando e se juntando para ver o jogo de futebol e as novelas, ficava tão cheio que as pessoas levavam as cadeiras de casa para a praça, ou ficavam em pé. Somente depois a gente foi ter televisão em casa acho que a primeira lá de casa foi em 1964 ou 65. Mas era mesmo uma atração a tevê na praça.

Henrique: entendi. Você acha que as televisões faziam o povo ir mais nas praças? E ficar mais lá?

Rogério: Olhe, eu acho que sim, as praças mudaram muito o bairro. Na Ponta Grossa, quando as praças foram surgindo, também mudou o jeito das ruas que ficavam próximas delas, e ao redor delas. As pessoas viram um jeito de ganhar dinheiro e apareceu ao redor das praças e nas ruas próximas um monte de comércio. Era sorveteria nova, armarinhos e mercearias. Farmácia também, tudo pequeno, feito pelos moradores que abriam os negócios na frente das casas. Era bom, porque a gente não precisava ir mais no centro para comprar uma roupa ou um remédio de urgência. Só quando o remédio era difícil de achar. Foi uma novidade muito boa. A Ponta Grossa era um bairro central e com as praças ficou ainda mais cheio de comércio pequeno. As casas que arroteavam as praças também foram reformadas ou pintadas. Estava tudo novinho naquela época.

Sandoval apesar de ser muito criticado pela oposição, principalmente por encher as praças de "S" nos bancos e em todo lugar que ele podia colocar [risos] , ele na Ponta Grossa, fez muita coisa em pouco tempo, ele mudou o dia a dia das pessoas, era tudo novo e a Ponta Grossa ficou um bairro mais feliz, mesmo com todos os problemas que aquele povo tinha para sobreviver, porque na Ponta Grossa, tinha gente mais pobre que morava mais perto da lagoa, tinha classe média, era um lugar de gente trabalhadora, que trabalhava duro e queria também ter a casa melhor, a rua melhor... sabe, e ele como prefeito fez muita modificação no bairro. Não digo que ficou perfeito mas mudou muito e todo mundo sabia disso, até quem não gostava dos "S" e do jeito brincalhão e as vezes estranho dos discursos dele. Eu não gostava muito daquele monte de "S" fazendo propaganda dele, mas entendi que Sandoval mudou muito a Ponta Grossa e a vida daquele povo sofrido.

Henrique: E as festas? Tinham muitas festas nas praças?

Rogério: Em junho, no tempo do São João a Ponta Grossa era muito animada, tinha palhoça em muitas ruas, as festas tinham barraquinhas de comida e rolete de cana, eram muito boas. Tinha uma festa junina na Praça Santa Tereza que era muito boa, era organizada e todo mundo ia ver as danças, as quadrilhas e dançar também né. Era muito bom. Lá se encontrava todo mundo do bairro, de jovem a velho, a praça ficava uma beleza, cheia de bandeirinhas coloridas, foi o tempo que a praça era nova,

tinha sido feita por Sandoval, antes lá só existia um cruzeiro e mais nada, Sandoval fez a praça, colocou bancos, canteiros e rela- rela, tudo com “S” dele, e também tinha um ponto de ônibus igual aos que ele tinha feito nas praças do centro. Era uma animação só no São João, eu acho que as pessoas ficaram mais felizes depois da praça nova e então a festa era muito boa.

Tinha também as procissões na quaresma. A minha mãe ia para a procissão do senhor morto na quaresma, ela nunca faltava, as vezes levava o Pedrinho, eu não ia não, mas me lembro da procissão passando na porta de casa, as pessoas iam vestidas de preto e em silêncio, só se ouvia o barulho dos passos e das matracas, você sabe o que é uma matraca era um instrumento feio de um pedaço de madeira e um cilindro de papelão com um cordão unindo que fazia um barulho estranho, parecido com o barulho de um carro de boi, para mim, parecia um barulho triste, fúnebre. A procissão parava próximo da Praça Moleque Namorador para ter a encenação da Paixão de Cristo e depois seguia até a Praça Santa Tereza.

Henrique: O que você achava das praças? Você ia nas praças?

Rogério: Lá na Ponta Grossa, muitas casas já tinham azulejo na fachada e aí quando Sandoval fez as praças com azulejo também era normal para os moradores, todo mundo que podia, tinha reformado a casa. A minha mãe mesmo, tinha feito uma reforma grande na casa e colocado uma parede de cobogós de louça azul na varanda e o piso era de marmorite. Ela também fez a varanda de laje de concreto.

Havia quem achasse bonito e também quem não gostava muito dos “S” nas praças, mas sem dúvida, na Ponta Grossa as praças eram a única forma dos moradores se sentirem representados pela classe política da época, antes não tinha esse sentimento, mas depois, as praças eram os lugares preferidos do povo, todo mundo ia no fim de semana, passear. A Ponta Grossa cresceu muito na época de Sandoval, minha mãe e meu avô que eram os cabos eleitorais de Sandoval para a família ficaram muito felizes com as mudanças na Ponta Grossa, viviam dizendo... Eu não disse que esse homem ia mudar as coisas por aqui.

Oxe! Eu ia era muito, mas só no fim de semana eu ia, ficava lá com uma turma, sempre tinha gente conhecida, era bom. A Ponta Grossa mudou muito depois das praças de Sandoval, as praças eram muito utilizadas para tudo, tudo era nas praças, festa, pastoril no fim do ano, Carnaval, forró no São João. Nos fins de semana tinha o encontro dos jovens de tarde, todo mundo de roupa nova para a paquera. As moças ficavam juntas num banco e os rapazes em outro. A programação era ir para o Lux assistir a matinê e depois ir tomar sorvete e passear na praça.

ANEXO

ANEXO A - Imagens do estado atual das praças de Sandoval Cajú no Bairro da Ponta Grossa.

Praça 11 Nacional



Fonte: Google Maps, 2021.



Fonte: Google Maps, 2021.

Praça Alfredo Maya (3 Distrito)



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Praça Carlos Paurílio



Fonte: Google Maps, 2021.



Praça Guedes de Miranda



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Praça Menino Petrúcio



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Praça Moleque Namorador



Fonte: Acervo pessoal, 2020



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

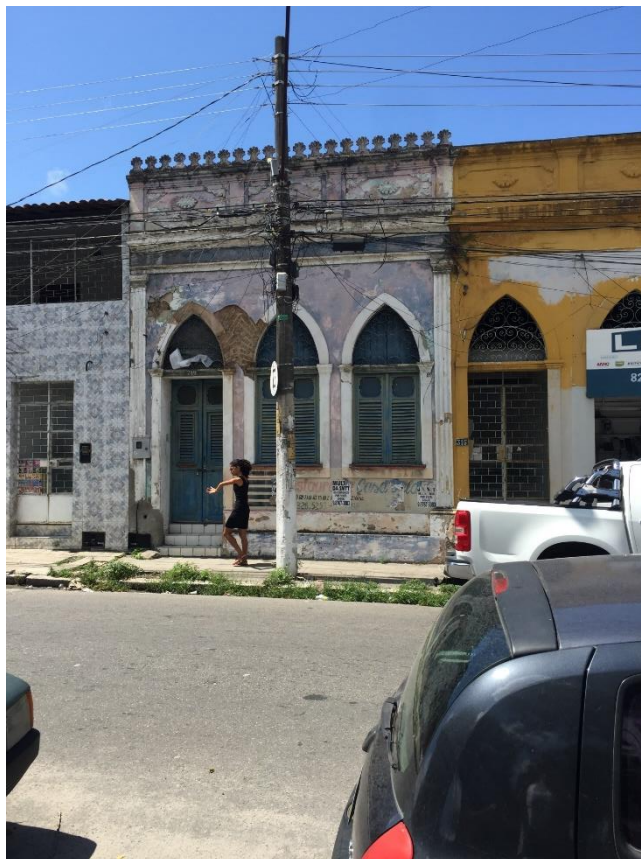
Praça Nossa Senhora das Graças



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Praça Santa Tereza



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Praça Santo Antônio



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.



Fonte: Acervo pessoal, 2020.